

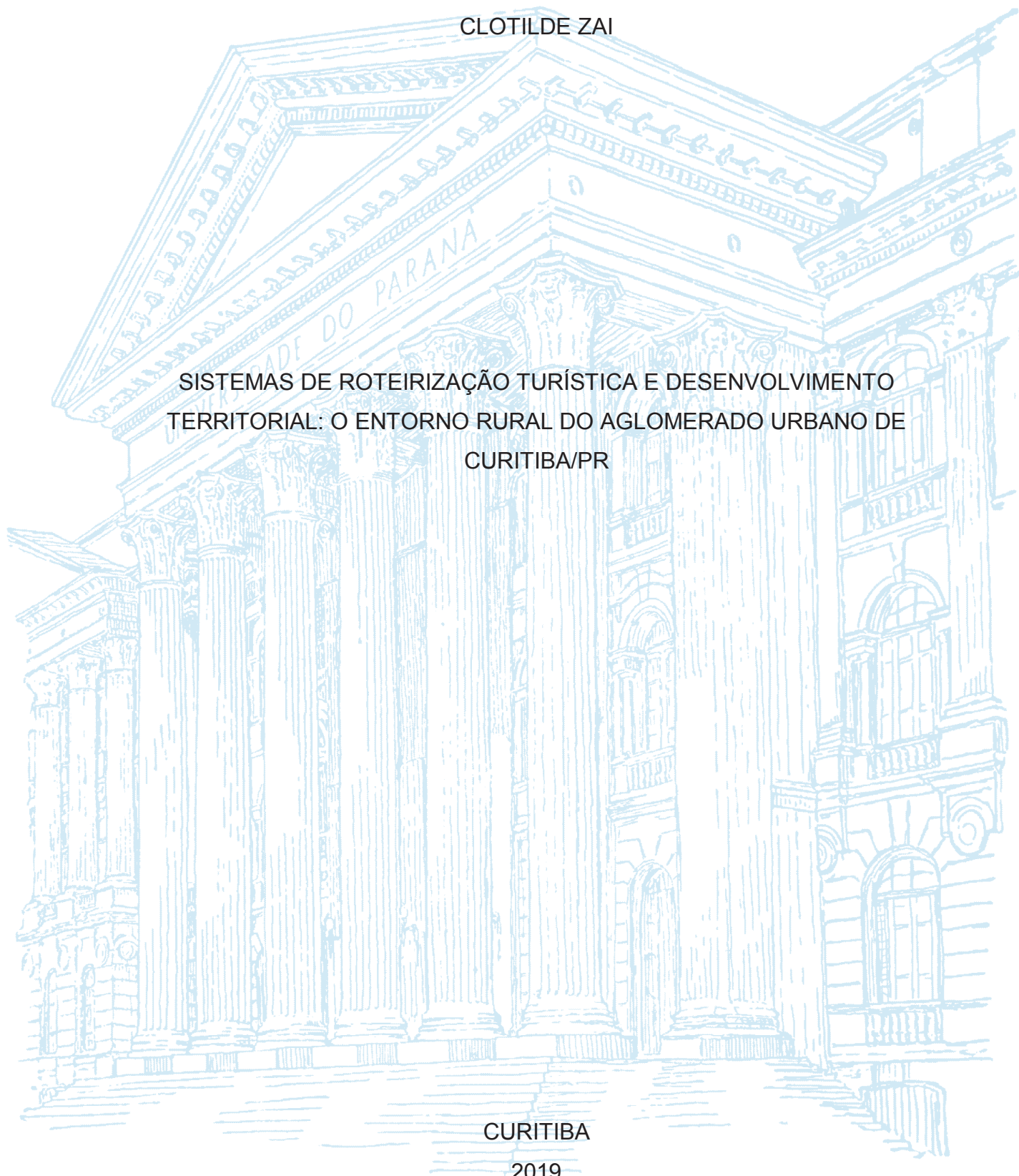
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLOTILDE ZAI

SISTEMAS DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA E DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL: O ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE
CURITIBA/PR

CURITIBA

2019



CLOTILDE ZAI

SISTEMAS DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA E DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL: O ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE
CURITIBA/PR

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cicilian Luiza Löwen Sahr

CURITIBA

2019

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

Z21s

Zai, Clotilde

Sistemas de roteirização turística e desenvolvimento territorial: o entorno rural do aglomerado urbano de Curitiba/PR [recurso eletrônico] / Clotilde Zai. – Curitiba, 2019.

Tese - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2019.

Orientador: Cicilian Luiza Löwen Sahr .

1. Turismo Rural – Paraná. 2. Desenvolvimento territorial. 3. Desenvolvimento rural – Curitiba (PR). 4. Comunidades - Desenvolvimento. I. Universidade Federal do Paraná. II. Sahr, Cicilian Luiza Löwen. III. Título.

CDD: 910.021

Bibliotecário: Elias Barbosa da Silva CRB-9/1894



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA -
40001016035P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **CLOTILDE ZAI**, intitulada: **SISTEMAS DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: O ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA/PR.**, sob orientação da Profa. Dra. CÍCILIAN LUIZA LÖWEN SAHR, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 30 de Agosto de 2019.

CÍCILIAN LUIZA LÖWEN SAHR
Presidente da Banca Examinadora

JOELCIO GONÇALVES SOARES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)
LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHÉ
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - DEP. TURISMO)

MARCELO CHEMIN
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MARUTSCHKA MARTINI MOESCH
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)

A “tese infinita da mamãe”?
é dedicada à Otávio e Helena, amor que transcende!

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos se antecedem a esta tese, pois a construção dela se iniciou com muito barro pisado para chegar às escolas públicas em Mato Rico e com muito pó comido ao ir à faculdade em Campo Mourão. Depois em Curitiba foram mais 13 anos de persistência. Assim, inicio meus agradecimentos:

Aos meus pais pelo incentivo aos estudos sempre. Minha mãe pela acolhida, pela oração, pelas flores. Meu pai que em um ato de superação, por ter frequentado a escola até a terceira série primária multisseriada calçando sapato de palha de milho pra não pisar descalço na geada, sempre me incentivou à estudar. Meus irmãos pela companhia amassando barro, comendo pó, passando frio, dando risada, apostando corrida... quantas histórias à caminho da escola. Lourene, minha irmã, comadre, amiga e fonte de inspiração, gratidão!

Em casa os agradecimentos são para minha fabulosa equipe de campo, os donos do meu tempo, minha inspiração e meu amor. Meu marido Claudinei e amados filhos Helena e Otávio que acompanharam cada minuto da construção desta tese. Várias atividades de campo juntos e muitos momentos tirando a mamãe da tese pra brincar, assistir, dar colo, dormir abraçadinho, fazer fisioterapia, psicopedagogia, fono, tarefa de casa, etc. Cada um cumprindo seu papel. Prometo não levar mais o computador nas viagens de férias! Amo vocês três minha família!

Minha sogra Dona Raquel que cuidou dos meus filhos muitas vezes que precisei. Seu carinho de mãe, sogra e avó é muito precioso e eu sou muito grata por sua presença.

À Professora Cicilian Luiza Löwen Sahr que é muito mais que orientadora e posso passar a vida inteira agradecendo que não será suficiente. Super parceira, compreensiva, preocupada, dedicada, humana. Valeu muito o aprendizado de vida e acadêmico.

Ao professor Wolf-Dietrich Sahr querido por sua dedicação sempre em contribuir com minhas pesquisas e disponibilidade na tradução dos textos.

Aos professores Joécio Gonçalves Soares, Leticia Bartoszeck Nitsche e Marutschka Martini Moesch pela valiosa contribuição na qualificação, empréstimo de materiais e retorno para defesa.

Aos colegas do Lageo – Laboratório de Pesquisas Aplicadas em Geomorfologia e Geotecnologia que nos adotou e emprestou o espaço físico para várias orientações. Em especial à amiga Gisele Neuman que além do

companheirismo de sempre me acompanhou em uma atividade de campo e concedeu entrevista. Ao amigo Ricardo Michael Pinheiro Silveira que foi parceiro de laboratório desde o início do Lageo, amigo além do doutorado, companheiro de boas conversas políticas, das muitas tortas de limão e ainda colaborou com muita competência na elaboração dos mapas da tese.

Às maravilhosas amigas dos dois grupos de mulheres que participo. Não consigo chegar nem perto dos agradecimentos que elas merecem. Gratidão pelas flores, pelas poesias, pelas preces, pelas orações, pelas mensagens, pelos abraços, pelo sarau. Ter amigas quando está bem é ótimo, mas ter vocês no momento mais difícil da minha vida foi fabuloso. Amo demais cada uma e desejo em dobro tudo o que fizeram por mim nestes últimos anos.

À comadre, amiga, irmã Silvana Aparecida Loch por sua presença estimuladora em minha vida. Exemplo de amor verdadeiro e amizade sincera. À Silvana e Luciana Vedovato, também por tirar tantas dúvidas gramaticais durante a escrita da tese.

Aos colegas de Pós-Graduação em especial aos do Grupo Humanidades que fizeram com que esse processo fosse mais humano, mais partilhado, recheado de boas conversas, debates e poesias. Destes, ao querido poeta José Luiz de Carvalho que me presenteou com o magnífico conto “A Menina e a Mulher na Chuva”.

Aos entrevistados que além de contribuírem com a pesquisa, deixaram um rastro de histórias nos bastidores para serem lembradas e contadas. Gratidão pela acolhida, pelas flores, pelos vinhos, pela água, pela proposta de trabalho e por tantas respostas. Vou guardar cada um num lugar muito especial do meu coração. Espero ainda retribuir um pouquinho com as publicações da pesquisa e na devolutiva que faremos em cada roteiro.

À Universidade Federal do Paraná – UFPR, e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia que contribuíram muito com minha formação no mestrado e agora no doutorado. Às secretárias Adriana Cristina Oliveira e Alexandra Gama pela competência no cuidado com a documentação e pela amizade.

À CAPES pelo auxílio financeiro, graças à ela eu e muitos pesquisadores conseguem trilhar com sucesso os caminhos da pesquisa. No meu caso, perto dos filhos, com publicações de resultados e participações em eventos.

À Deus pela vida e por me permitir superar a cada dia.

“Se as coisas são inatingíveis...Ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!
“Das Utopias”, (Mario Quintana)

RESUMO

A Teoria Geral de Sistemas vem se tornando uma alternativa crescente na análise do complexo turístico e o conceito de 'desenvolvimento territorial rural' tem ganhado destaque tanto no debate científico como nas políticas públicas. Buscou-se aqui articular tal teoria a esse conceito. Para tanto, foram adotados cinco sistemas de roteirização turística do entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba, região localizada no Leste do estado do Paraná/Brasil: 'Caminho do Vinho' e 'Circuito Rural Taquaral' no município de São José dos Pinhais, 'Turismo rural nas colônias polonesas' de Campo Largo e Campo Magro, 'Verde que te quero verde' de Campo Magro e 'Circuito italiano de turismo rural' de Colombo. A investigação girou em torno da seguinte questão: Os sistemas de roteirização turística se constituem em experiências efetivas de desenvolvimento territorial rural? A partir dessa pergunta de partida, foi adotado como objetivo de investigação, analisar a articulação entre sistemas de roteirização turística e desenvolvimento territorial a partir da constituição de autogovernança – os conselhos e as associações de roteiros - no entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba. Para operacionalização da investigação e aproximação para com a realidade, utilizou-se uma abordagem qualitativa por meio de aplicação de entrevista em profundidade. Entre os sujeitos entrevistados, se encontram: presidentes e ex-presidentes das associações de turismo, empreendedores associados, agentes públicos ligados à gestão turística, visitantes e comunidade dos roteiros. Observou-se que a agregação do turismo ao sistema produtivo rural local permitiu a utilização de potenciais ainda latentes nestes municípios, propiciando desenvolvimento endógeno e territorial. O sucesso dos roteiros turísticos rurais deveu-se, sobretudo, a localização estratégica destes no entorno da metrópole de Curitiba, cuja população demanda as atividades ofertadas. Vale ainda destacar a importância da atuação do sistema de autogovernança neste processo, que possibilitou a ponte entre a sociedade e o Estado, bem como, a ampliação de uma rede de parcerias e cooperação.

Palavras chave: Roteirização Turística; Turismo Rural; Desenvolvimento Territorial; Curitiba/PR

ABSTRACT

General Systems Theory has increasingly turned out to be an alternative for complex tourism analysis, and the concept of “Rural Territorial Development” has received outstanding attention both in scientific debates and public policies. This research tries to articulate both areas in connection. As such, 5 tourist routes have been selected in the rural surroundings of the urban agglomeration of Curitiba, located in the eastern part of the state of Paraná (Brazil): “The Wine Route” and the “Rural Circuit Taquaral” in the Municipality of São José de Pinhais, “Rural Tourism in the Polish Communities” of Campo Largo and Campo Magro, “Green, I want you Green” of Campo Magro and the “Italian Circuit of Rural Tourism” in Colombo. The project’s research question is: Are these tourism route systems based on effective experiences of Rural Territorial Development? Parting from such a question, the research method tries to understand the interrelation between the systemic characteristics of Tourism Routes and Territorial Development, based on the experience of self-governance – through Route Councils and Associations – in the rural surroundings of the urban agglomeration of Curitiba. A qualitative approach has been used to operationalize the investigation and to get closer to the lived reality, with “in-depth interviews”. Among the interviewees are: presidents and ex-presidents of tourism associations, involved entrepreneurs, public actors connected to tourism activities, visitors and Route communities. It could be shown that the integration of tourism into the local rural productive system has revealed an unknown potential in the municipalities involved, promoting endogenous and territorial development. Such a success of rural Tourist Routes can be appointed mainly to their strategic vicinity to the metropolis of Curitiba, whose population is in need of such possibilities for action. Also, the importance of the system of self-governance should be highlighted in this process, which serves as a bridge between the society and the State, but has also widened the network of partnerships and cooperation.

Keywords: Tourism Route development; rural tourism; territorial development; Curitiba/PR.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DO CAMINHO DO VINHO	22
FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DO CIRCUITO RURAL TAQUARAL	23
FIGURA 3 – LOCALIZAÇÃO DO ROTEIRO ‘TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS’	24
FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DO ROTEIRO ‘VERDE QUE TE QUERO VERDE’	25
FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DO ‘CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL’	26
FIGURA 6 - SISTEMA DE TURISMO SEGUNDO BENI	34
FIGURA 7 – ECOSSISTEMA TURÍSTICO	38
FIGURA 8 - MODELO ECOSSISTÊMICO DO TURISMO	44
FIGURA 9 - SISTEMA DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA.....	46
FIGURA 10 – ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA	81
FIGURA 11 – ESTRUTURA DE COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO.....	83
FIGURA 12 – LOCALIZAÇÃO DOS ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA QUE COMPÕE A BASE DE REFERÊNCIA DO ESTUDO.....	88
FIGURA 13 – ENCARTE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS NO ‘CAMINHO DO VINHO’	99
FIGURA 14 - ENCARTE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS NO ‘CIRCUITO RURAL TAQUARAL’	102
FIGURA 15 – IGREJA UCRANIANA DA SANTÍSSIMA TRINDADE.....	104
FIGURA 16 – PARREIRAL E CANTINA DE VINHOS ZANCHETTA.....	104
FIGURA 17 – ENCARTE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS NO ROTEIRO ‘TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS’	106
FIGURA 18 – RESTAURANTE POLONÊS NOVA POLSKA.....	108
FIGURA 19 – ORQUIDÁRIO RF	108
FIGURA 20 – CASA DO BAMBU	108
FIGURA 21 - ENCARTE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS ASSOCIADOS À ATCM NO ROTEIRO ‘VERDE QUE TE QUERO VERDE’	110
FIGURA 22 – MORRO DA PALHA E PISTA DE POUSO	112
FIGURA 23 - RESTAURANTE GRAMADOS DO PALHA E SEDE DO CLUBE DE VOO LIVRE.....	112
FIGURA 24 – ACESSO, VISTA PANORÂMICA E USUÁRIOS DA LAGOA VERDE	114
FIGURA 25 - ENCARTE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS CADASTRADOS NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL	118

FIGURA 26 – EVOLUÇÃO DA ADEGA BORTOLAN DE 1999 A 2019 NO CAMINHO DO VINHO	140
FIGURA 27 – EVOLUÇÃO DA ADEGA LAUREANTI DE 1999 A 2019 NO CAMINHO DO VINHO	141
FIGURA 28 – RESTAURANTE DOM ERNANE NO CIRCUITO RURAL TAQUARAL	142
FIGURA 29 – VINÍCOLA BUSATO COM TONEIS DE INOX DEPOIS DA REGULARIZAÇÃO NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL	146
FIGURA 30 – CERTIFICADO EMITIDO À ACAMP PELA ALIANÇA EMPREENDEDORA.....	154
FIGURA 31 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA FESTA DO PINHÃO DE 2019 NO CAMINHO DO VINHO	171
FIGURA 32 – INÍCIO DA CAMINHADA DIURNA NA CAPELA NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO NO CAMINHO DO VINHO	171
FIGURA 33 – TRILHAS ENTRE PLANTAÇÕES NA CAMINHADA DIURNA NO CAMINHO DO VINHO	171
FIGURA 34 – SINALIZAÇÃO NA RECEPÇÃO DA CAMINHADA DO CAMINHO DO VINHO	172
FIGURA 35 – SINALIZAÇÃO NAS TRILHAS DA CAMINHADA DO CAMINHO DO VINHO	172
FIGURA 36 – DIVULGAÇÃO DA CANTINA ZANCHETTA COM SEU PRATO DE LANÇAMENTO NA FEIRA DA COLÔNIA DO CIRCUITO RURAL TAQUARAL.....	175
FIGURA 37 – CARTAZ DA FEIRA DA COLÔNIA PUBLICADO NA PÁGINA DA ACAMP	176
FIGURA 38 – FEIRA DA COLÔNIA REALIZADA DIA 16/06/2019 NA COLÔNIA MARCELINO.....	177
FIGURA 39 – CAMINHADA INTERNACIONAL NA NATUREZA EM 2018 NO ROTEIRO ‘TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS’	178
FIGURA 40 – APRESENTAÇÃO DE MÚSICAS POLONESAS NO PALCO DECORADO COM SÍMBOLOS DA CULTURA POLONESA DURANTE A FESTA A FESTA DA BATATINHA E CULTURA POLONESA - 2018	180
FIGURA 41 – GRUPO FOLCLÓRICO POLONÊS ZABAWA POLSKIE SENDO APRESENTADO À COMUNIDADE DURANTE A FESTA DA BATATINHA E CULTURA POLONESA - 2018	180
FIGURA 42 – CARTAZ DA 1ª. ETAPA DO CAMPEONATO PARANAENSE DE VOO LIVRE NO ‘CIRCUITO VERDE QUE TE QUERO VERDE’	181
FIGURA 43 – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA 1ª PEDALADA INTERNACIONAL NA NATUREZA NO ‘CIRCUITO VERDE QUE TE QUERO VERDE’ EM 2017	183
FIGURA 44 – FEIRA DE PRODUTOS LOCAIS NA RECEPÇÃO DA CAMINHADA INTERNACIONAL NA NATUREZA NO CIRCUITO ‘VERDE QUE TE QUERO VERDE’ DE CAMPO MAGRO EM 2018	184
FIGURA 45 - ÔNIBUS DA LINHA DE TURISMO DO CAMINHO DO VINHO	191

FIGURA 46 - SINALIZAÇÃO TURÍSTICA PADRONIZADA NO CAMINHO DO VINHO	191
FIGURA 47 – TRANSFORMAÇÕES COM A PAVIMENTAÇÃO DO CAMINHO DO VINHO	191
FIGURA 48 – INSTALAÇÃO DAS PRIMEIRAS PLACAS DE SINALIZAÇÃO NO ‘CIRCUITO RURAL TAQUARAL’ – ABRIL DE 2019	194
FIGURA 49 – PROJETO DE PLACAS DE SINALIZAÇÃO DOS ATRATIVOS DO CIRCUITO RURAL TAQUARAL.....	194
FIGURA 50 – POSTE PINTADO EM FRENTE A UM EMPREENDIMENTO NO ROTEIRO TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS	196
FIGURA 51 – SEQUÊNCIA DE POSTES PINTADOS NO TRAJETO DO ROTEIRO TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS	196
FIGURA 52 – SINALIZAÇÃO TURÍSTICA PADRONIZADA NO ROTEIRO TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS	196
FIGURA 53 – SINALIZAÇÃO TURÍSTICA DO ROTEIRO VERDE QUE TE QUERO VERDE	198
FIGURA 54 – CASA DO AGRICULTOR NO ROTEIRO VERDE QUE TE QUERO VERDE	199
FIGURA 55 – POSTO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS DO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL	200
FIGURA 56 – SINALIZAÇÃO PADRONIZADA EM FRENTE A EMPREENDIMENTOS CADASTRADOS NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL.....	201
FIGURA 57 – ESPAÇO GASTRONÔMICO FRANCO ITALIANO NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL	202
FIGURA 58 – ORÇAMENTO DE DIÁRIA NA POUSADA MORRO DA PALHA NO CIRCUITO ‘VERDE QUE TE QUERO VERDE’	212
FIGURA 59 – PLACA DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL NO CIRCUITO RURAL TAQUARAL.....	221
FIGURA 60 – LIXO NO ENTORNO DO PARQUE DA UVA APÓS A FESTA EM 2019	227

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS ROTA, ROTEIRO, ITINERÁRIO E CIRCUITO SEGUNDO FIGUEIRA (2013b)	67
QUADRO 2 - DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS ROTEIRO E ROTA/ITINERÁRIO SEGUNDO BRASIL (2007a)	68
QUADRO 3 - ANÁLISE SITUACIONAL PRÉVIA PARA DETERMINAÇÃO DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA SEGUNDO BRASIL (2007a)	69
QUADRO 4 - PASSOS DO PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA SEGUNDO BRASIL (2007a)	70
QUADRO 5 – MUNICÍPIOS E ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA COM ASSOCIAÇÕES E COM REPRESENTAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO	86
QUADRO 6 – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO NO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA QUE COMPÕE A BASE DE REFERÊNCIA DO ESTUDO	87
QUADRO 7 – TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DOS ATRATIVOS, EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS QUE INTEGRAM O ROTEIRO	91
QUADRO 8 - TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS LOCAIS E DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DO ROTEIRO	92
QUADRO 9 - TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO E MERCADO CONSUMIDOR DO ROTEIRO	92
QUADRO 10 - TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DO IMPACTOS DO TURISMO	93
QUADRO 11 – CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	94
QUADRO 12 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO TURÍSTICO ‘CAMINHO DO VINHO’	100
QUADRO 13 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO TURÍSTICO ‘CIRCUITO RURAL TAQUARAL’	103
QUADRO 14 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO ‘TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS’	107
QUADRO 15 – RECURSOS E ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO ‘VERDE QUE TE QUERO VERDE’	111
QUADRO 16 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO TURÍSTICO ‘CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL’ DE COLOMBO	119
QUADRO 17 – ASSOCIAÇÕES DE ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA, SEGUNDO O PERCENTUAL DE ATRATIVOS ASSOCIADOS E PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO - 2019	124
QUADRO 18 – EVENTOS PROGRAMADOS NOS ROTEIROS TURÍSTICOS EM ESTUDO NO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA	169

QUADRO 19- IMPACTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO TURISMO NOS MÚLTIPLOS CASOS	217
QUADRO 20 - CRONOLOGIA DE CRIAÇÃO DOS ROTEIROS, ASSOCIAÇÕES E CONSELHOS DE TURISMO NOS MÚLTIPLOS CASOS	239
QUADRO 21 - CATEGORIZAÇÃO DOS ATRATIVOS QUE COMPOEM OS ROTEIROS TURÍSTICOS DO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA, SEGUNDO SUA PARTICIPAÇÃO NAS ASSOCIAÇÕES	241
QUADRO 22 – VIABILIZAÇÃO DE ESTUDOS, PLANOS E PROJETOS NOS MÚLTIPLOS CASOS	242
QUADRO 23 – EVENTOS PROGRAMADOS NOS ROTEIROS TURÍSTICOS EM ESTUDO NO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA	245
QUADRO 24 – EQUIPAMENTOS, SERVIÇOS TURÍSTICOS E INFRAESTRUTURA DE APOIO NOS ROTEIROS TURÍSTICOS DO ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA	246
QUADRO 25– IMPACTOS DO TURISMO NOS MÚLTIPLOS CASOS	248

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ABBTUR - Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo

ACAMP - Associação dos Produtores Rurais, Artesãos e Empreendedores de Turismo da Campina do Taquaral e Região

ACAVIM – Associação do Caminho do Vinho Colônia Mergulhão

ADETUR - Agência de Desenvolvimento Turístico da Região Rotas do Pinhão

AE - Aliança Empreendedora

AMCAM - Associação de Moradores Comerciantes e Agricultores da Colônia Murici e Região

ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo

APA - Área de Proteção Ambiental

ASSOCIARTE – Associação dos Artesãos e Casa do Artesanato de São José dos Pinhais

ATAM - Associação de Turismo de Almirante Tamandaré

ATCG - Associação de Turismo Caminhos de Guajuvira

ATCM - Associação de Turismo de Campo Magro

ATRCP - Associação de Turismo Rural nas Colônias Polonesas

AUC - Aglomerado Urbano de Curitiba

BNDS - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CAD-PRO - Cadastro de Produtor Rural

CEPP – Colégio Estadual Pinheiro do Paraná

CITUR - Circuito Italiano de Turismo Rural

CLAC - Cooperativa de Laticínios de Curitiba

COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba

COMTUR - Conselho Municipal de Turismo

CT - Centro de Treinamento

ECITUR – Associação dos Empreendedores do Circuito Italiano de Turismo Rural

EMATER/PR – Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural

ETEZR - Estação de Tratamento de Efluentes por Zona de Raízes

FETAEP - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná

FIEP - Federação das Indústrias do Estado do Paraná

FMDT - Fundo Municipal de Desenvolvimento Turístico

FUMTUR - Fundo Municipal de Turismo

FVLP - Federação de Voo Livre do Paraná
GBST - Guia Brasileiro de Sinalização Turística
ICMS-E - Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços Ecológicos
IDH-M - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IGR – Instância de Governança Regional
INVTUR - Inventário da Oferta Turística
IT - Inventário Turístico
MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MTur – Ministério do Turismo
OMT - Organização Mundial do Turismo
PDT - Plano de Desenvolvimento Turístico
PIT - Programa de Interiorização do Turismo
PMCM – Prefeitura Municipal de Campo Magro
PMSJP - Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais
POT - Programa de Orientação de Tráfego
REDTURS - Rede de Turismo Comunitário da América Latina
RMC - Região Metropolitana de Curitiba
SANEPAR - Companhia de Saneamento do Paraná
SEAB - Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMAG - Secretaria Municipal de Abastecimento e Agricultura
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem
SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SETU - Secretaria de Turismo
SICTUR/SJP - Secretaria de Indústria Comércio e Turismo de São José dos Pinhais
SMICTT – Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo e Trabalho
SPL - Setor Produtivo Local
TGS - Teoria Geral dos Sistemas
TRAF - Turismo Rural na Agricultura Familiar
TURISOL - Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário
UC - Unidades de Conservação
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UPVF - Unidade de Produção e Vida Familiar
UTP - Unidade Territorial de Planejamento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1 TEORIA GERAL DOS SISTEMAS, ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: AS ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS	28
1.1 A ABORDAGEM DE BERTALANFFY SOBRE A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS E SUA APLICAÇÃO	28
1.2 O MODELO ECOSSISTÊMICO DE TURISMO COMO CONTRIBUIÇÃO DE BENI E MOESCH	33
1.3 AS REFLEXÕES DE FIGUEIRA EM TORNO DE SISTEMAS DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA	45
1.4 O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E A GOVERNANÇA NA ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA	48
2 ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	57
2.1 ESPAÇO, TERRITÓRIO E TURISMO: ARTICULANDO CONCEITOS	58
2.2 ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA: DISCUSSÕES ACADÊMICAS E OPERACIONAIS	64
2.3 O ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA COMO RECORTE	73
2.5 ELEMENTOS DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA COMPOSIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM PROFUNDIDADE	90
3 APROVEITAMENTO DO POTENCIAL ENDÓGENO: SISTEMAS DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA NO ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA	97
3.1 CAMINHO DO VINHO.....	98
3.2 CIRCUITO RURAL TAQUARAL.....	101
3.3 TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS	105
3.4 VERDE QUE TE QUERO VERDE	109
3.5 CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL	116
4 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL? ESTRATÉGIAS NA ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA.....	122
4.1 ASSOCIAÇÕES E CONSELHOS COMO ESTRATÉGIA DE AUTOGOVERNANÇA.....	123
4.2 PARCERIAS E REDES DE COOPERAÇÃO PARA O TURISMO	137

4.2.1 Transformações no sistema produtivo.....	137
4.2.2 Viabilização de estudos, planos e projetos.....	146
4.2.3 Capacitação e qualificação para o turismo.....	150
4.2.4 Potencialidade de expansão e crescimento	160
4.2.5 Promoção e comercialização	166
4.2.6 Melhoria dos equipamentos, serviços e infraestrutura.....	189

5 A INFLUÊNCIA DE CURITIBA NO SISTEMA DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA DE SEU ENTORNO RURAL E OS IMPACTOS RELACIONADOS.....203

5.1 INTERRELAÇÕES COM O AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA	203
5.2 IMPACTOS DO TURISMO NAS LOCALIDADES.....	216
5.2.1 Aspectos ambientais	219
5.2.2 Aspectos socioculturais.....	227
5.2.3 Aspectos econômicos	232

SINOPSE CONCLUSIVA.....238

REFERÊNCIAS

FONTES DE INFORMAÇÃO VERBAL.....262

APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE TURISMO E REPRESENTANTE DO PODER PÚBLICO .264

APÊNDICE 2 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPREENDEDOR SÓCIO ATIVO/INATIVO

APÊNDICE 3 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DA COMUNIDADE LOCAL 270

APÊNDICE 4 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE VISITANTE 272

APÊNDICE 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

INTRODUÇÃO

A ‘Teoria Geral dos Sistemas’ (TGS) idealizada por Bertalanffy (1973) vem sendo estudada e aplicada nos mais variados campos das ciências sociais. Ela foi incorporada por diversas áreas do conhecimento, ambientada à esfera da geografia, psicologia, administração, comunicação e turismo. Nesta abordagem, é possível estudar o turismo em suas múltiplas dimensões, sem o diminuir ao campo produtivo. Com respaldo no campo epistemológico da Teoria dos Sistemas, busca-se romper com sua compartimentação analítica para a compreensão do fenômeno turístico em sua complexidade.

A Teoria Geral de Sistemas é uma das possibilidades reais existentes para análise do movimento complexo do turismo. Associado a essa teoria, vislumbrou-se articulações possíveis com um conceito que vem ganhando destaque recentemente tanto no debate científico como nas políticas públicas: desenvolvimento territorial rural. A influência das discussões e experiências de outros países marca a atuação do Estado brasileiro e de atores locais na promoção e/ou busca por um desenvolvimento territorial que contemple a recomposição dos territórios, os sistemas produtivos locais e o meio ambiente. Defende Veiga (2002), que para que isso ocorra é imprescindível a adaptação das hierarquias territorializadas, bem como a articulação em rede e novas formas de gestão ou governança. Neste contexto, a roteirização turística torna-se um instrumento para a operacionalização dessa abordagem.

Curitiba é a capital paranaense e o Aglomerado Urbano de Curitiba (AUC) vem crescendo em tamanho e adensamento populacional, se transformando ao longo dos anos e ultrapassando seus limites territoriais. Externamente à mancha urbana dos municípios limítrofes à Curitiba, tem-se áreas com características da ruralidade e inclusive com mananciais que servem de abastecimento para Curitiba e entorno. Pensando na preservação desses mananciais associado ao desenvolvimento da Região Metropolitana de Curitiba (RMC), foi lançado em 1992 pela Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/PR) juntamente com a Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba (COMEC) um projeto de implantação de roteiros de turismo rural e executado os primeiros testes em 1999 (NASCIMENTO; BELTRÃO, 2009).

Com isso, buscou-se o turismo como elemento articulador para o indutor do crescimento e desenvolvimento regional, atuando de forma agregada e integrada com as demais atividades econômicas já existentes, assim como, com as que possam por ele ser viabilizadas no entorno do objeto do planejamento, utilizando-se do que Silva (2006, p. 07) chama de “modelo territorialista e endógeno de desenvolvimento”.

Assim, partindo da articulação entre a abordagem sistêmica e o conceito de desenvolvimento territorial rural, bem como, de exemplos de roteirização turística que foram despontando no entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba ao longo dos últimos 20 anos, estruturou-se a presente investigação. Sua construção gira em torno da seguinte questão, ou pergunta de partida: De que forma os sistemas de roteirização turísticas no entorno do aglomerado urbano de Curitiba vem se constituindo como experiências efetivas de desenvolvimento territorial rural?

Neste contexto, o objetivo central desta investigação é analisar a articulação entre sistemas de roteirização turística e desenvolvimento territorial a partir da constituição de autogovernança – os conselhos e as associações de roteiros - no entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba, região localizada no Leste do Paraná. Nesta busca, foram traçados alguns objetivos específicos: a) analisar as transformações ocorridas após a instalação dos sistemas produtivos locais; b) identificar o potencial natural e cultural nos sistemas de roteirização turística; c) avaliar o processo de gestão ou "governança" dos roteiros de turismo; d) analisar as relações sistêmicas dos roteiros com o aglomerado urbano de Curitiba; e e) verificar os processos de impactos no território a partir da organização do roteiro.

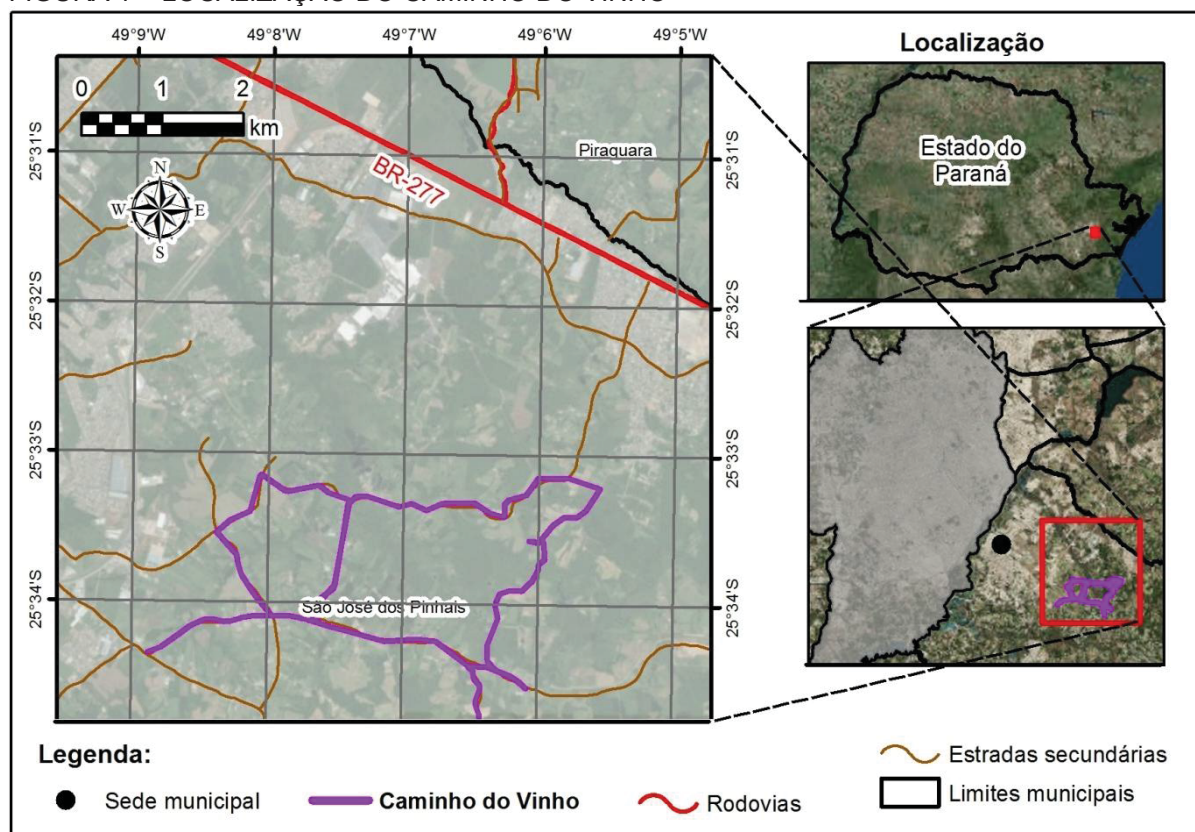
Para a operacionalização da investigação e aproximação para com a realidade, utilizou-se uma abordagem qualitativa por meio do instrumento ‘entrevista em profundidade’ para a coleta de informações. As entrevistas seguiram um roteiro construído a partir de elementos teóricos do desenvolvimento territorial e se desenvolveram num processo dialético de contato com os sujeitos investigados – presidentes das associações, ex-presidentes das associações, empreendedores associados, agentes públicos, visitantes e comunidade.

As investigações se concentraram em cinco experiências de roteirização vivenciados na área rural de municípios do entorno do de Curitiba que possuem associações e/ou conselhos de turismo ativos.

a) Caminho do vinho

O 'Caminho do Vinho' está localizado na Colônia Mergulhão, área rural do município de São José dos Pinhais, entre as Colônias Acyoli, Murici e Rio Pequeno (FIGURA 1). Ele dista 10 km da sede urbana deste município e a aproximadamente a 20 km do centro de Curitiba. O itinerário tem uma extensão de 4,6 km na via principal e 13,3 km nos ramais (NITSCHKE et al, 2010). O acesso ao percurso é um requisito importante (MEYER, 2004), o município é cortado por duas importantes rodovias, a BR-277 que liga Curitiba ao litoral do Paraná e a BR-376 que faz ligação da Capital com Santa Catarina. O 'Caminho do vinho' está situado entre essas duas BRs, com acesso pelo Contorno Leste.

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DO CAMINHO DO VINHO

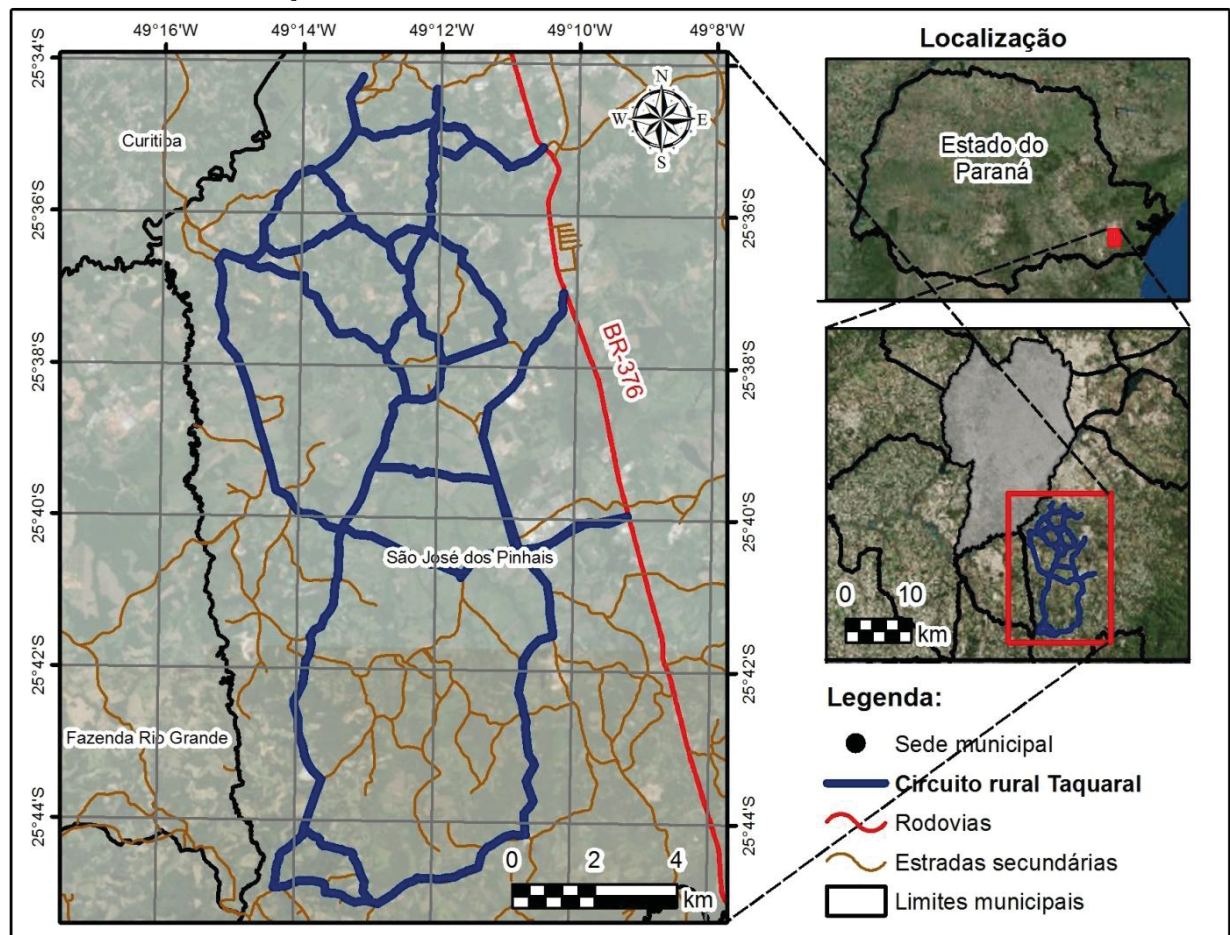


FONTE: ITCG (2015) (Limites municipais)
ORG: A autora (2018); Silveira (2019)

b) Circuito Rural Taquaral

O 'Circuito Rural Taquaral' tem distância aproximada de 10 km da sede do município de São José dos Pinhais e a 20 km do centro de Curitiba. Tem-se acesso (FIGURA 2) ao circuito pela Avenida Rui Barbosa, sentido comunidade Cachoeira. Após o Rio Miringuava, segue-se pela Rua José Zancheta Filho aproximadamente 4 km. Outro acesso ao percurso é pelo Contorno Leste, entre as rodovias BR-277, que liga Curitiba ao litoral do Paraná, e a BR-376, que faz ligação da capital com Santa Catarina.

FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DO CIRCUITO RURAL TAQUARAL



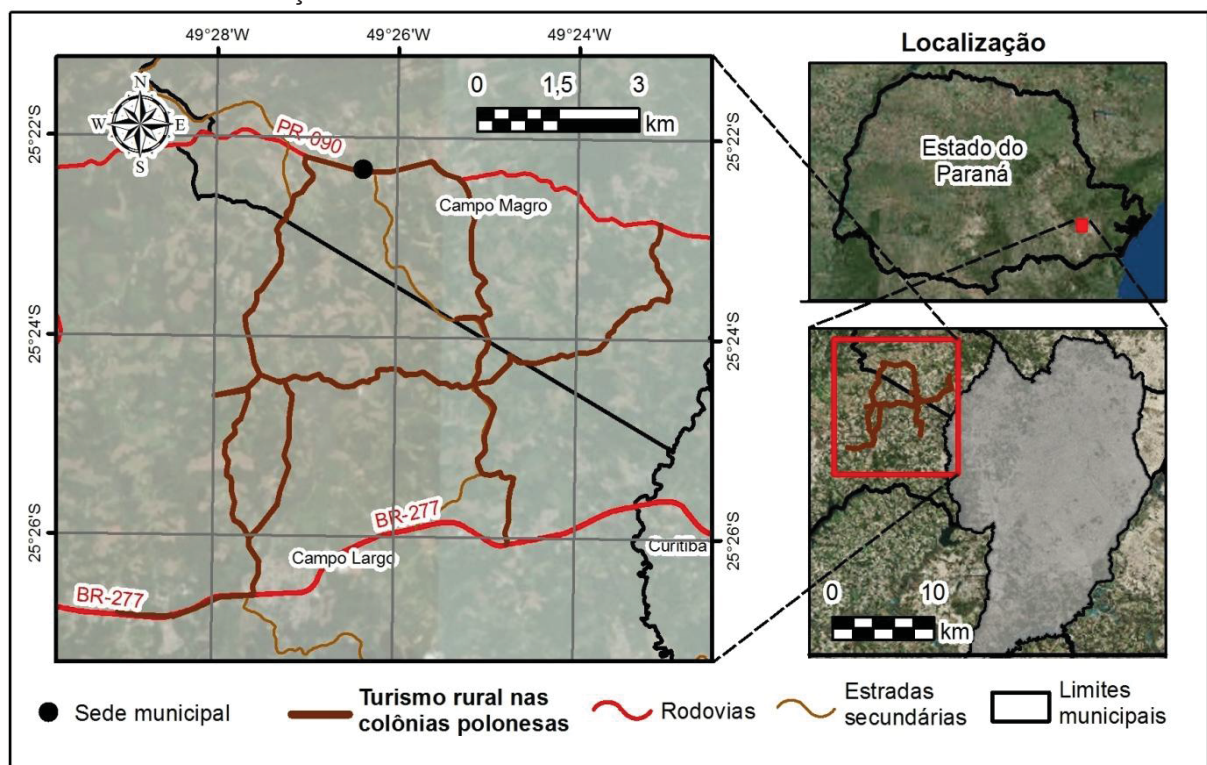
FONTE: ITCG (2015)

ORG: A autora (2018); Silveira (2019)

c) Turismo rural nas colônias polonesas

O roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' está localizado entre os municípios de Campo Largo e Campo Magro, com alguns empreendimentos distante apenas 9 km de Curitiba. Os principais acessos são pela PR 090, chamada também de Estrada do Cerne, que é uma continuação da Av. Manuel Ribas – principal avenida do bairro Santa Felicidade em Curitiba - e pela BR 277, que liga Curitiba ao interior do Paraná (FIGURA 3).

FIGURA 3 – LOCALIZAÇÃO DO ROTEIRO 'TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS'



FONTE: ITCG (2015)

ORG: A autora (2018); Silveira (2019)

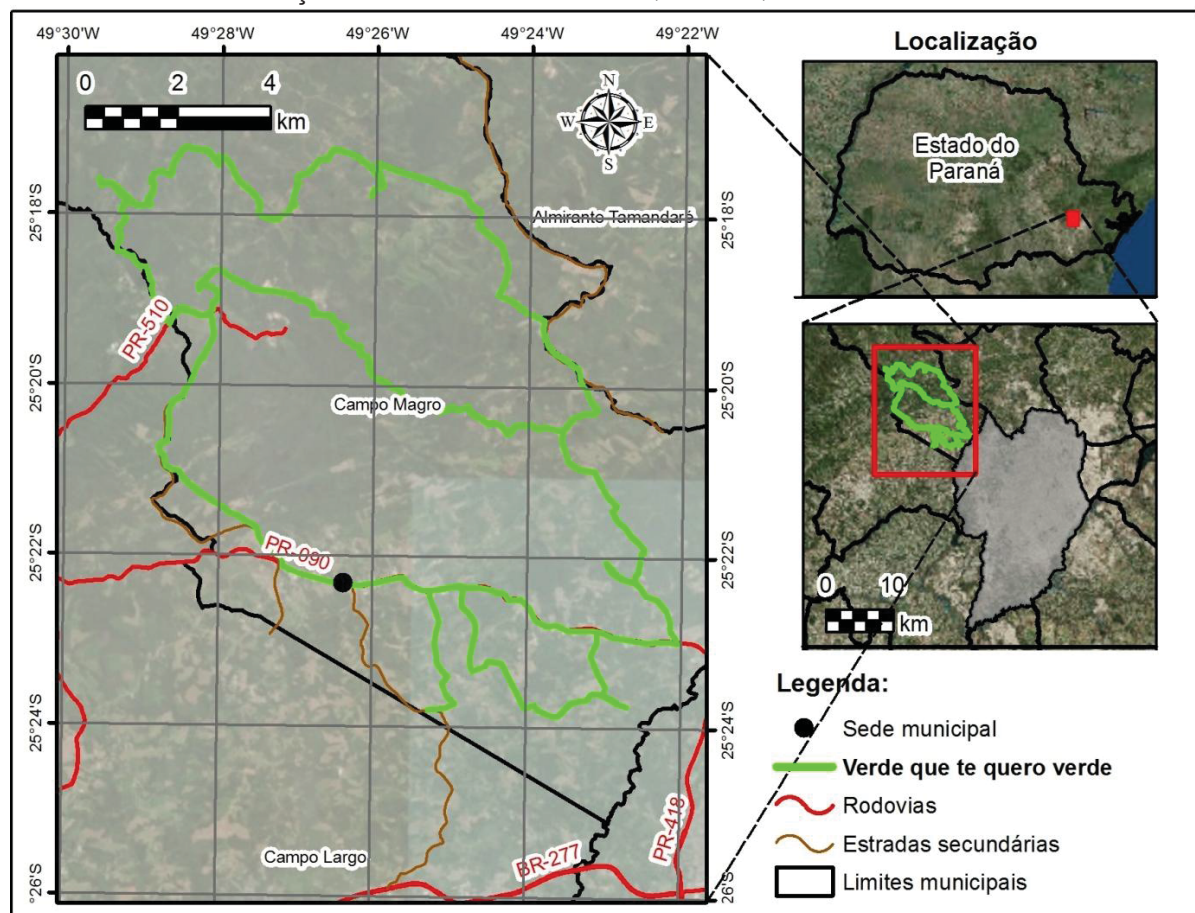
d) Verde que te quero verde

O roteiro 'Verde que te quero verde' está localizado na área rural do município de Campo Magro, sendo grande parte de seu relevo bastante declivoso, numa área com rico potencial natural. Ele abriga dois significativos mananciais para abastecimento público de água, sendo o subterrâneo do Carste e o manancial superficial dos rios Passaúna e rio Verde. Possui duas unidades de conservação, a

Área de Proteção Ambiental (APA) do Passaúna e a Unidade Territorial de Planejamento (UTP) de Campo Magro, que tem o objetivo de assegurar a proteção dos afluentes do Rio Verde (AMAPA, 2017).

O circuito passa pela pequena sede urbana do município e dista aproximadamente 10 km de Santa Felicidade e 22 km do Centro de Curitiba. Os acessos principais são pelo Contorno Norte, ligação entre as regiões sul e sudeste do Brasil, e a PR-090, Estrada do Cerne, que é a continuação da Avenida Manoel Ribas. O circuito tem uma extensão de 42 km (VALLIM, 2016).

FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DO ROTEIRO ‘VERDE QUE TE QUERO VERDE’



FONTE: ITCG (2015)

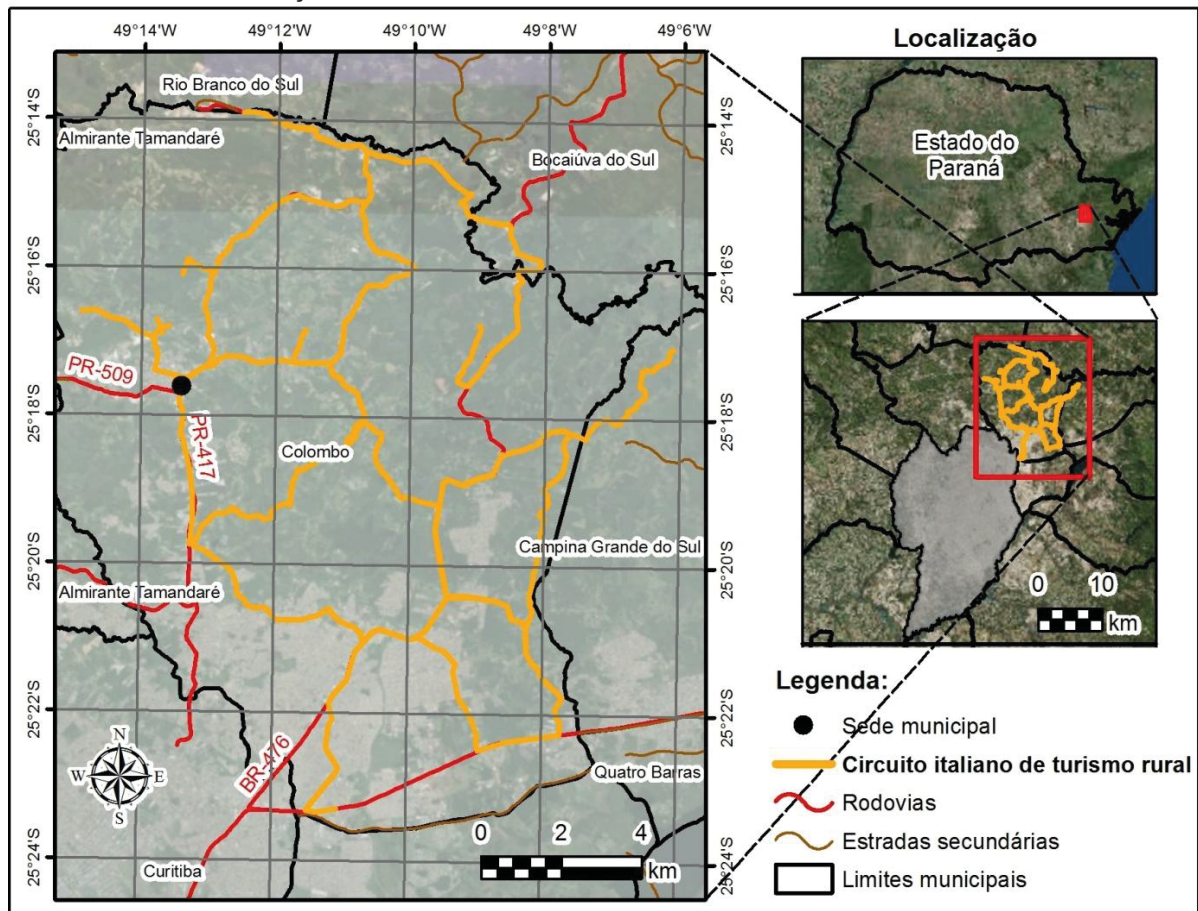
ORG: A autora (2018); Silveira (2019)

e) Circuito italiano de turismo rural

O 'Circuito italiano de turismo rural' abrange todo o município de Colombo, estendendo-se para o município vizinho de Campina Grande do Sul. O roteiro passa pela sede urbana do município, que dista aproximadamente 9 km do Bairro Santa

Cândida e 19 km do Centro de Curitiba. Várias opções de acesso estão disponíveis: BR 116 no sentido São Paulo; BR 476, também conhecida como Estrada da Ribeira; PR 417, conhecida como Rodovia da Uva; e ainda a PR 509 no trecho Contorno Norte, que liga a Rodovia da Uva à PR 92, conhecida como Rodovia dos Minérios (FIGURA 5).

FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DO ‘CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL’



FONTE: ITCG (2015)

ORG: A autora (2018); Silveira (2019)

O trabalho estrutura-se em cinco capítulos, que compreendem os componentes paradigmáticos quadripolares, compostos pelas instâncias - epistemológica, teórica, morfológica e técnica -, propostos por Bruyne, Herman e Schoutheete (1991), bem como, pelos resultados derivados desta imbricação.

O primeiro capítulo contempla a instância epistemológica. São levantadas reflexões acerca da Teoria Geral dos Sistemas, do sistema de roteirização turística e do desenvolvimento territorial. Inicia-se com a abordagem de Bertalanffy (1973) e suas aplicações. Segue-se apresentando as articulações da abordagem sistêmica

ao Turismo, com base nas reflexões de Beni (1998) e Beni e Moesch (2017). Na sequência a análise ao sistema de roteirização turística elaborado por Figueira (2013). O capítulo fecha com a articulação entre os elementos teóricos.

O segundo capítulo contempla a instância teórica e também conceitual, mantendo como foco de discussão o desenvolvimento territorial. Abordam-se questões em torno da roteirização turística como instrumento de desenvolvimento territorial, articulando os conceitos de espaço, território e turismo. Segue-se com discussões acadêmicas e operacionais em torno da roteirização turística e seus atributos culturais, socioeconômicos e ambientais endógenos.

O terceiro capítulo orienta as inquietações epistemológicas e teóricas para as observações empíricas, desenvolvendo-se os componentes metódico e técnico. Nele se identifica o plano de organização dos fenômenos a serem estudados e se apresenta o quadro operatório e prático do objeto de investigação. Contextualiza-se a investigação a partir da Região Metropolitana de Curitiba (RMC), justifica-se a delimitação do espaço de análise ao entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba e a apresentam-se os roteiros de turismo selecionados através do critério governança. Finalizando o capítulo, delineiam-se os roteiros das entrevistas em profundidade.

O quarto e o quinto capítulos sequenciam o polo metódico e técnico, apresentando-se como o momento da construção dos dados. O questionamento sobre a possibilidade de desenvolvimento territorial em sistemas de roteirização turística se concretiza. Toda a análise se estrutura a partir da realidade apreendida nos roteiros turísticos do entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba.

Primeiramente as reflexões giram em torno das estratégias de governança, tendo como foco as associações destes roteiros, suas parcerias e redes de cooperação. Por fim, apresentam-se as articulações externas dos sistemas de roteirização turística em suas inter-relações com o Aglomerado Urbano de Curitiba. Foca-se também nos impactos e benefícios trazidos pelo turismo às localidades em termos socioculturais, econômicos e ambientais.

1 TEORIA GERAL DOS SISTEMAS, ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: AS ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS

A Geografia e o Turismo trilham caminhos teóricos e marcos conceituais convergentes e, algumas vezes, interseccionados. No contexto da ciência geográfica, nacional e internacional, há novos campos de atuação, como é o caso da Geografia do Turismo, os quais geram uma aproximação, contudo, sem negar suas particularidades.

Vera Rebollo et al. (2011) ressaltam a necessidade da Geografia nos estudos do Turismo e também dos estudos sobre as atividades turísticas e seus impactos na Geografia. Se os atrativos turísticos se apropriam do meio natural, cultural e produtivo, da mesma maneira os impactos originados pela atividade causam modificações no território.

A teoria sistêmica é uma das abordagens que permite tanto a aproximação como a interseccionalidade entre a Geografia e o Turismo. Velasquez (2016) afirma que a clássica Teoria Geral dos Sistemas teve consolidação em ambas as áreas do conhecimento. Considerando isso, se elegeu esta como a base estrutural para a construção do presente capítulo, que busca apontar as articulações possíveis entre tal teoria e as categorias: roteirização e desenvolvimento.

Dessa maneira, apresenta-se a seguir, a Teoria Geral dos Sistemas seguindo a abordagem de Bertalanffy (1973) e sua aplicação. Segue-se com a análise dos sistemas com enfoque no Turismo, apoiando-se nas reflexões de Beni (1998) e Beni e Moesch (2017). Aprofunda-se a análise com apresentação de um sistema de Roteirização Turística elaborado por Figueira (2013). Por fim, relaciona-se a teoria à roteirização turística e ao desenvolvimento territorial.

1.1 A ABORDAGEM DE BERTALANFFY SOBRE A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS E SUA APLICAÇÃO

A Teoria Geral dos Sistemas foi apresentada pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy, por volta dos anos de 1930, com aplicações na biologia e na termodinâmica. Porém, a publicação ocorre na década de 1950 quando o autor

lança "*General System Theory*" e esta metodologia começa a ser aplicada por pesquisadores de diversas áreas da ciência como a física, química e biologia.

Para Bertalanffy (1973, p.132),

A inclusão das ciências biológica, social e do comportamento junto com a moderna tecnologia exige a generalização de conceitos básicos da ciência. Isto implica novas categorias do pensamento científico, em comparação com as existentes na física tradicional e os modelos introduzidos com esta finalidade são de natureza interdisciplinar.

Dessa maneira, a Teoria Geral dos Sistemas apresentada por Bertalanffy (1973) sugere constituir um conjunto de ferramentas conceituais e metodológicas apropriadas para gerar um conhecimento da realidade em sua completude e na dinâmica das dimensões e elementos inter-relacionados. O autor buscou com esta teoria, de forma complexa, uma linguagem científica adequada para contemplar diferentes campos do conhecimento (BERTALANFFY, 1973; VICENTE; PEREZ FILHO, 2003).

Bertalanffy (1973, p.62) define os sistemas como “um conjunto de elementos em interação”. Chorley e Kennedy (1971) assinalam onze tipos de sistemas, ponderando a complexidade estrutural de cada um, sendo eles: sistemas morfológicos; sistemas em sequência; sistemas de processos respostas; sistemas controlados; sistemas automantenedores; plantas; animais; ecossistemas; homem e ecossistemas humanos. Destaca-se, entretanto, que tais sistemas e suas inter-relações propiciam uma melhor compreensão da realidade.

Um sistema é caracterizado por: a) seus elementos ou unidades; b) suas relações, quando os elementos dependem uns dos outros por meio de ligações que apontam os fluxos; c) seus atributos, que são as qualidades que a ele podem ser atribuídas, como comprimento, área, volume, composição ou densidade dos fenômenos observados; d) entrada e, e) saída (CHRISTOFOLETTI, 1979).

Segundo Christofolletti (1979, p. 8), um sistema é composto por "matéria, energia e estrutura". A matéria se caracteriza pelo material que será mobilizado por meio do sistema, é aquilo que vai se movimentar. A energia se distingue pelas forças que fazem o sistema funcionar, “gerando a capacidade de realizar trabalho”. Já a estrutura é composta pelos “elementos e suas relações, expressando-se através do arranjo de seus componentes” (Idem, p. 13).

Analizando a abordagem sistêmica no âmbito da Geografia, vê-se que esta, beneficiou e fomentou o desenvolvimento da chamada “Nova Geografia”,

procedendo na sua modelização e numerização. A Nova Geografia surgiu nos anos 1950 em decorrência do contexto histórico mundial relacionado ao período pós Segunda Guerra Mundial. Segundo Christofolletti (1979), a Geografia se revitaliza neste momento devido aos pressupostos do neopositivismo.

A abordagem sistêmica favoreceu também para uma maior verticalização das pesquisas geográficas e para uma descrição com maior precisão de suas áreas de estudo. Abrangeu várias vertentes geográficas, mas teve maior destaque na Geomorfologia. O pioneirismo nesta temática foi com Strahler em 1950¹, quando trabalhou com sistemas de drenagem, considerando-o como um sistema aberto (CHRISTOFOLETTI, 1979). Nos estudos da Geografia Humana e Econômica também fez-se uso dos conceitos da Teoria Geral dos Sistemas, contudo de forma mais generalizada. Pode-se citar o trabalho de Berry² em 1964, sobre as cidades como sistemas dentro de sistemas de cidades (CHRISTOFOLETTI, 1979).

Para Sotchava (1977), ao se usar os geossistemas deve-se destacar não os componentes da natureza, mas as amarrações entre eles. Ao se estudar a paisagem sob esta perspectiva, é imprescindível ressaltar sua dinâmica, estrutura funcional, conexões, e não apenas considerar sua morfologia e subdivisões. Nas palavras de Troppmair (2004, p. 102), um geossistema se constitui num “sistema espacial natural, aberto e homogêneo”. Ele se distingue por sua morfologia, ou seja, pelo arranjo da disposição dos elementos e sua consequente estrutura espacial, bem como, pela sua dinâmica e matéria, que passam pelo sistema e que variam no espaço e no tempo. Ele se difere ainda pela inter-relação de seus elementos e pela exploração biológica da flora, fauna e humana.

Para Limberger (2006, p. 103), o conceito de geossistema expõe diversas “contradições teóricas e grandes dificuldades de aplicação prática”, especialmente no que se refere ao geossistema socioeconômico, em como investigá-lo. O autor revela também que, quando se divide um geossistema em físico ambiental e outro em socioeconômico, se perde o atributo de conexão, que é imprescindível para compor um sistema.

¹ STRAHLER, A. N. Equilibrium theory of erosional slopes approached by frequency distribution

² BERRY, B. J. L. City as Systems within Systems of Cities. In: FRIEDMANN, J. & ALONSO, W. Regional Development and Planning, a Reader. Boston, MIT Press, 1964.

Se o planeta Terra pode ser considerado um geossistema, então, qualquer alteração em um ou mais de seus elementos, que extrapole seu limite de resistência, pode causar desestabilidade e, assim, forçar um reequilíbrio. O mesmo pode ser inferido para qualquer área que integre o planeta. Veado (1998) relata que essa análise pode ser aplicada ao estudo dos impactos ambientais e para a emergência da relação do sistema socioeconômico e sistema ambiental físico. Dessa maneira, por meio da análise de sistemas e sua complexidade é possível oferecer informações sobre a natureza e sua estrutura, bem como sobre os elementos que a compõem. Assim, o geossistema permite revelar a maneira como os elementos influenciam uns aos outros, o papel e função de cada componente e como a ação antrópica modifica a organização espacial de um dado território.

Para Vera Rebollo et al. (2011), as ciências sociais tem se utilizado da Teoria dos Sistemas exatamente pela necessidade de lidar com processos de características complexas, como territórios e economias. Essas realidades pronunciam fatos que, juntos, configuram-se em uma totalidade funcional. Para esses autores, o complexo do 'sistema' pode sofrer algum tipo de 'fratura', quando uma das partes possui algum tipo de anomalia ou quando não existe um comportamento funcional que seja conjunto.

Os geossistemas são sistemas dinâmicos, flexíveis, abertos e hierarquicamente organizados. Desta forma, é possível incorporar também o sistema turístico entre os sistemas dinâmicos que o integram. Para Silva (2006, p.09) "a caracterização do geossistema é fundamental para a determinação da potencialidade turística de um destino receptor". Pode-se complementar ainda, que uma vez implementado, o turismo passa a ser mais um dos sistemas que o compõe.

De acordo com Panosso Netto (2012), o primeiro estudo da teoria geral de sistemas relacionada ao turismo foi feita pelo mexicano Raymundo Cuervo (1967)³ que defendeu o turismo como um sistema de comunicação com capacidade de prestar informações úteis e positivas para promoção da paz, assim como pode ser negativo causando desarmonia nas relações humanas. Para Cuervo (1967, p.33), a comunicação é um ponto forte dentro do sistema turístico. Segundo ele, "se então aceitamos que, mediante a viagem, ocorre uma comunicação, podemos aceitar

³ CUERVO, R. S. **El turismo como medio de comunicación humana**. México-DF: Departamento de Turismo do Governo do México, 1967.

como hipótese válida que o turismo é um sistema, e que podemos determinar para esse sistema uma função dada que, neste caso, é a da comunicação”.

No exterior, a proposta de sistema turístico mais conhecida é a de Leiper (1979)⁴ que buscou apresentar um sistema turístico interdisciplinar com elementos geográficos como a região, que era observada de três maneiras: Por meio da origem dos viajantes; trânsito de origem ao destino; e a região destino. Os outros dois elementos são o turista e a indústria de turismo e viagens. Um modelo simples, mas que consegue mostrar a inter-relação entre seus vários elementos (PANOSSO NETTO, 2012).

Um ‘Modelo Interdisciplinar’ foi apresentado por Jafari (1981). Nele o autor agrega diversas áreas do conhecimento distintas como: geografia, economia, administração, antropologia, ecologia, agricultura e outras. No modelo as áreas do conhecimento são distribuídas em formato de teia. Japiassu (2002), todavia, acredita que este não é satisfatório para transpor as barreiras disciplinares metodológicas na compreensão do objeto do turismo.

Seguindo ainda na relação dos mais tradicionais, Lainé (1984) apresenta a utilização da Teoria Geral dos Sistemas para o planejamento turístico. Já Sessa (1985) revela a ciência dos sistemas para os planos regionais de desenvolvimento turístico. Para ele o Sistema de Turismo tem um caráter global que deve ser reatado a seu desenvolvimento regional.

Molina (2000) propõe que o Sistema Turístico deve ser formado por um conjunto de partes e subsistemas para atingir um objetivo único. O sistema proposto pelo autor é de modelo aberto, pois estabelece relações de entrada e saída. Já Boullón (1997), assim como Sessa (1985) e Cuervo (1967), também apresentou uma reflexão sobre o turismo como um sistema pautado nas questões de planejamento turístico, isso a partir de sua própria compreensão como um fenômeno, resultante do tempo livre e do próprio desenvolvimento dos sistemas de transporte. Velasquez e Oliveira (2016) relatam uma similaridade entre os estudos de Boullón (1997) se comparado com Cuervo (1967) e Leiper (1979), porém com uma robustez mais acentuada.

⁴ LEIPER, N. The Framework of Tourism: Towards a Definition os Tourism, Turist,and the Tourist Industry. In: **Annals of Tourism Research**. Great Britain: Pergamon, v.6, p.390-407. 1979.

No Brasil, o Sistema Turístico mais conhecido, estudado, aplicado e reconstruído é o de Beni (1998), que desenvolveu a sua teoria baseado na obra de Christofletti (1979). Moesch (2004) se inspira na obra de Beni e a recria baseada na Teoria da Complexidade de Morin (2000) chamando-o de Sistema Turístico Orgânico Hologramático. Mais recentemente se apresentam modelos com construção, desconstrução e atualização (BENI; MOESCH, 2015, 2017) do modelo apresentado por Beni (1998). Essa contribuição brasileira é apresentada na sequência.

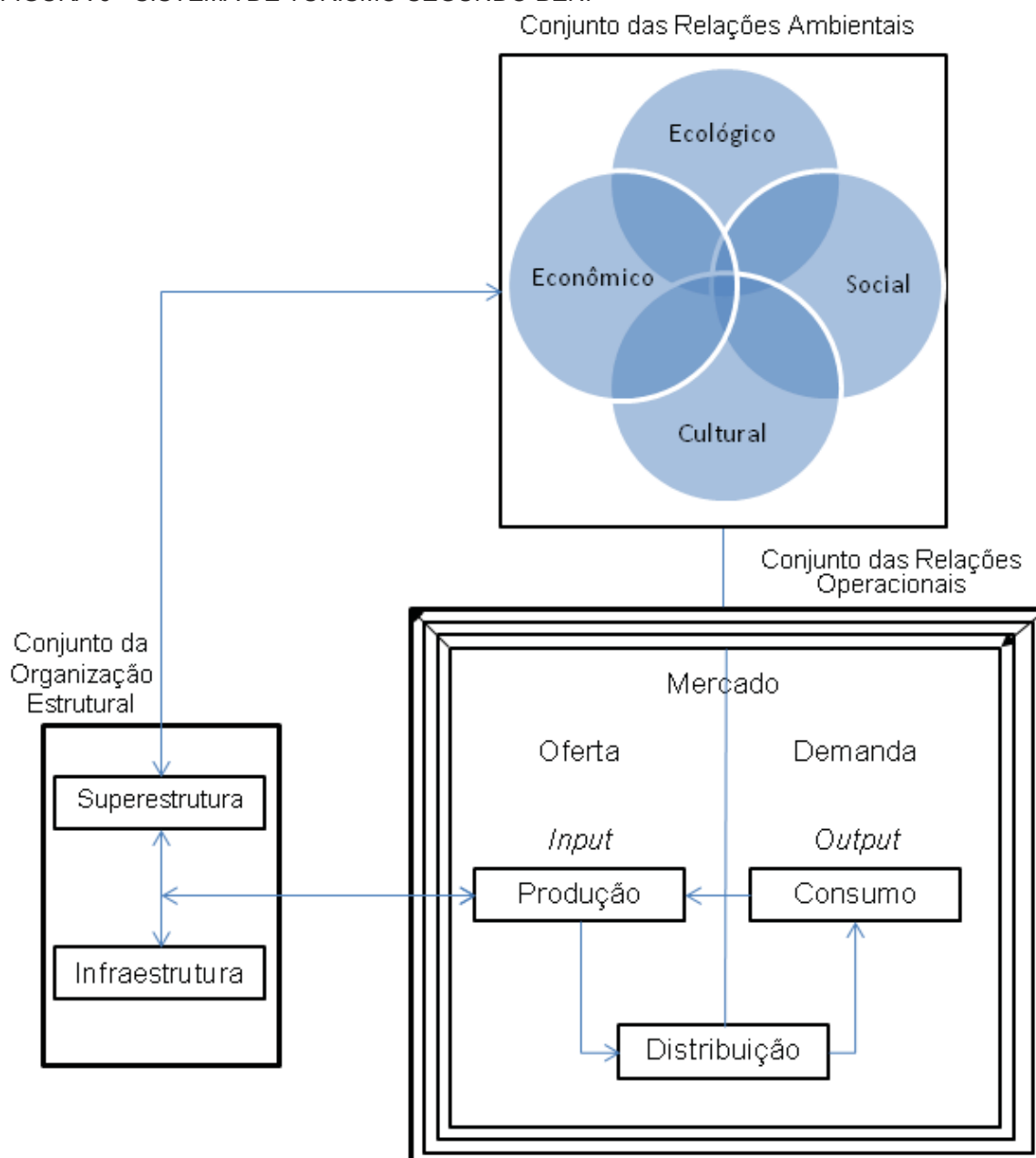
1.2 O MODELO ECOSSISTÊMICO DE TURISMO COMO CONTRIBUIÇÃO DE BENI E MOESCH

O brasileiro Mário Carlos Beni é professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes da USP e atuante em diversos programas de mestrado e doutorado no Brasil e no Exterior. A obra "Análise Estrutural do Turismo" é reconhecida como a mais relevante de suas produções para o estudo do turismo. Nela Beni apresenta, interpreta e explica o fenômeno do turismo baseado na Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy e detalha o modelo referencial para o Sistema de Turismo.

Marutschka Martini Moesch é professora adjunta da Universidade de Brasília/CET, foi orientada por Beni no doutorado em Comunicação Social pela ECA/USP (2004) quando surgiu uma parceria entre os pesquisadores que gerou diversas publicações. Líder do grupo de pesquisa, Políticas Públicas e Turismo, CNPQ e Pesquisadora Destaque 2018 da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo (ANPTUR).

Beni (1998) apresenta o turismo como um sistema constituído por três grandes conjuntos (ou sistemas): relações Ambientais, Organização Estrutural e Ações Operacionais (FIGURA 6). Cada conjunto apresenta seus componentes básicos e suas funções primárias, que os interagem no sistema total. Com isso, o autor retrata o turismo em toda sua complexidade e multicausalidade através de um esquema sintetizador dinâmico que mostra as combinações de forças e energias sempre em movimento.

FIGURA 6 - SISTEMA DE TURISMO SEGUNDO BENI



FONTE: Adaptado de Beni (1998)

O conjunto das Relações Ambientais, segundo Beni (1998), compreende os subsistemas ecológico, social, cultural e econômico. Cada um desses subsistemas é detalhado na sequência.

O subsistema ecológico se coloca diante de um amplo debate mundial relativo à insuficiência de recursos naturais e suas implicações. Ao falar de ambiente, Beni (1998, p. 55) se refere à natureza, que é fundamental para o desenvolvimento da atividade turística, mas também do ambiente construído e

alterado pela ação humana, que pode causar "consequências ao meio ambiente, comprometer a preservação da flora, fauna e paisagens".

Assim, segundo Beni (1998), deve-se controlar o impacto produzido com a atividade turística e quanto maior for o benefício do turismo recebido pelo Estado, maior deverá ser seu compromisso para proteger as características ambientais que promovem seu desenvolvimento. Para Silva (2006, p. 64), "as alterações manifestadas na forma de impactos ambientais locais, atingem o funcionamento do geossistema em micro escala o que é fundamental para a análise do impacto gerado pelo turismo no meio natural".

Levando em consideração que o turismo é, sobretudo, um fenômeno social, que abrange contatos, conflitos, estranhamento e aproximação entre os sujeitos, o subsistema social abrange: a) população autóctone no processo de contato social nas áreas de ocupação turística; b) perfil psicossociológico do turista; c) motivações, expectativas e necessidades do turista; e d) estratificação social dos grupos de turistas. Abordando esses fatores, Beni (1990, p. 31) apresenta os principais elementos da estrutura e mobilidade social e seus efeitos, bem como, suas funções, variáveis e regras de consistência.

O subsistema cultural se banha na herança e no patrimônio cultural. Assim, os elementos apresentados por Beni (1990, p. 31) para compor este subsistema são: a) patrimônio etnográfico; b) legado histórico, arqueológico, arquitetônico e monumental; c) patrimônio artístico, folclórico e artesanal; d) usos e costumes diferenciados. Dessa maneira, o autor contempla tanto os bens culturais colocados à disposição do consumo turístico como os meios de animação do turismo cultural.

O subsistema econômico se apresenta como indutor do desenvolvimento local. Assim, a atividade turística pode apresentar-se como uma grande impulsionadora na arrecadação de impostos e geração de empregos. Integrada a outras esferas econômicas, ela pode promover o crescimento. Neste subsistema, devem ser apreciadas as variadas interferências econômicas do turismo, como: geração de renda, provisão de divisas, criação de empregos, arrecadação fiscal e impactos no custo de vida local (BENI, 1990).

Este conjunto das Relações Ambientais se liga a outro conjunto, o das Ações Operacionais. Este representa o mercado e compreende a oferta, a demanda, o consumo e a distribuição de produtos turísticos. No planejamento turístico é

fundamental estudar as relações operacionais para aprovação da viabilidade, principalmente no que tange oferta e demanda.

O conjunto das Ações Operacionais, segundo Beni (1998), gira em torno dos serviços turísticos, que no momento em que são consumidos, transformam-se em produto turístico. Este, agora se torna oferta e deve ser distribuído no mercado. A distribuição pode ser realizada por operadoras e agências de viagens ou individualmente.

O conjunto da Organização Estrutural engloba os subsistemas da superestrutura e da infraestrutura (BENI, 1998). O subsistema de superestrutura é o conjunto de normas, regras e leis que regulam o funcionamento da atividade turística. Isso inclui o planejamento estratégico do turismo, os indicadores macroeconômicos, bem como a normatização e fiscalização dos agentes operadores do turismo. O subsistema de infraestrutura é composto pela viabilidade de condições de acessibilidade à área de destinação turística e dos serviços, como: a) saneamento básico; b) energia e comunicações; c) serviços de apoio; d) sistema viário e de transportes; e, e) organização territorial urbana.

Portanto, o Sistema de Turismo, representado na FIGURA 6, apresenta três subsistemas inter-relacionados (BENI, 1998). A interligação entre os elementos internos a cada subsistema e destes entre si, sugere que qualquer alteração em um elemento ou subsistema poderá afetar o funcionamento do Sistema de Turismo como um todo.

Para Mill e Morrison (2012), o Sistema de Turismo ultrapassa características de uma simples descrição do turismo e seus princípios básicos. Ele abrange conceitos, princípios e teorias de disciplinas como Geografia, Psicologia, Economia e Marketing que influenciam abundantemente o turismo. Assim como Jafari (1981), os autores descrevem o sistema como a estrutura de uma teia de aranha, que ao se tocar um ponto, as atitudes são sentidas em toda estrutura. Cabe salientar aqui, que o Sistema de Turismo como teia de aranha demonstra também o quão frágil e emaranhada é a constituição do turismo, uma vez que demonstra o elo entre os diferentes componentes de sua cadeia produtiva.

Burns (2002) enfatiza a conveniência de um enfoque sistêmico para as reflexões sobre o turismo, tendo em vista que não se trata de um fenômeno isolado dos ambientes: político, natural, econômico, cultural e social. Assim, a visão

sistêmica permite o entendimento da interligação das diferentes partes do sistema turístico.

Beni (1998) alerta que para compreensão do Sistema Turístico e do sistemismo em geral, é fundamental se munir de uma visão simultaneamente analítica e globalizante, bem como, indutiva, dedutiva e interativa. Deve ser ainda multidimensional, multicompreensiva e multidisciplinar na configuração da totalidade de seu campo de estudo e de suas partes componentes, articuladas entre si.

Binfaré e Sonaglio (2015, p. 12) acreditam que a abordagem sistêmica, dinâmica e interpretativa de Beni não se limita a descrição da situação, mas comprova os "mecanismos pelos quais os vários estágios do desenvolvimento turístico têm sido alcançados e a [contribui para] desvendar as relações que existem entre os componentes do processo". Afirmam as autoras que, por ser o turismo uma soma de recursos naturais, culturais, sociais e econômicos, em uma atividade que compreende um campo abrangente, complexo e relativo, este só pode ser estudado sob o olhar sistêmico.

Para Molina (2001, p. 144), a aplicação sistêmica ao turismo é substancial, pois permite compreender as relações que estimulam o seu desenvolvimento e resultados. Bertalanffy (1977) coloca que os sistemas abertos consistem principalmente nos intercâmbios que cultivam com o meio circundante. Tais intercâmbios são a energia, os materiais e a informação. Esse contexto é absolutamente aplicável no turismo, pois seu sistema expõe sucessivos e permanentes processos com seu entorno.

O Sistema de Turismo de Beni foi amplamente utilizado, criticado e até desconstruído por Noschang (2014). A autora apresenta o turismo enquanto um sistema complexo, pautado em outro modelo teórico, numa tentativa de reconstruir a trama metodológica que leva ao que a autora denomina "Ecossistema Turístico" (p.177) e Beni e Moesch (2017, p.448) chamam de "Modelo Sistêmico Complexo do Turismo" (FIGURA 7).

FIGURA 7 – ECOSSISTEMA TURÍSTICO



FONTE: Adaptado de Noschang (2014)

No modelo de Noschang (2014) tem-se um redesenho do Sistema de Turismo para uma forma circular, enfatizando a relação causa-efeito entre os subsistemas, bem como as inter-relações determinadas dos componentes do sistema, que estão distribuídos em seu entorno na intenção de auxiliar a revelação do turismo em sua complexidade, como um ecossistema.

A reconstrução do Sistema de Turismo a partir da teoria da complexidade permite sair do modelo simplificado e evoluir para um modelo histórico-cultural (BENI; MOESCH, 2017). Como mostrado na FIGURA 6 e detalhado anteriormente, esse sistema inicialmente era constituído por três grandes conjuntos: das Relações Ambientais, da Organização Estrutural e das Ações Operacionais. Já no modelo reconstruído, o anel externo que envolve o Ecosistema Turístico (FIGURA 7) é composto pela territorialidade, pelo setor produtivo local, pelos atores sociais e pelas Instâncias de Governança Regionais (IGRs).

A territorialidade apresentada no Ecosistema Turístico, além de incorporar uma dimensão política, contempla também às relações econômicas e culturais, pois este conceito está “intimamente ligado ao modo como as pessoas utilizam a terra,

como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (HAESBAERT, 2004, p.96). Assim, a territorialidade na dimensão do turismo pode ser uma tática “para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado” (SACK, 1986, p.219).

A parte envolvente do Setor Produtivo Local (SPL), que em alguns casos - como do turismo rural comunitário - é também chamada de Unidade de Produção e Vida Familiar (UPVF), leva em consideração os aspectos produtivos/econômicos da unidade familiar, bem como as relações sociais e o cotidiano das famílias rurais e de seus membros. Neste caso, entender as dimensões econômica e social das famílias é fundamental para entender suas estratégias de sobrevivência.

Noschang (2014, p.104) fala que as “atividades produtivas de toda a organização social realizam-se através de unidades produtoras”, sendo que nestas são articulados os fatores de produção, tradicionalmente conhecidas como “natureza, capital e trabalho, em condições técnicas, historicamente determinadas para a obtenção de bens e serviços”. Beni (2001) expõe que as unidades produtoras provocam o fenômeno da divisão social do trabalho.

O SPL facilmente se liga aos atores sociais que estão inseridos especialmente em determinados campos sociais. MTur (2007a, p.22) chama os atores sociais de “animadores do processo” focando no caso da roteirização turística, que geralmente são dinamizados pelos representantes das IGRs das regiões turísticas, que identificam as pessoas a serem envolvidas, abrangendo os grupos representados pelo poder público, empresários e sociedade civil de maneira equilibrada para garantir que os interesses sejam considerados sob todos os aspectos.

No Ecossistema Turístico, Noschang (2014, p.142) relaciona com os atores sociais ao seu “posicionamento espacial e, na luta social, sua identificação com uma classe social” visto que, estes estão inseridos em seus ambientes cultural, social, econômico, política, artístico e esportivo. Para a autora, para que cada ator social possa ocupar um espaço é necessário que ele conheça as regras envolvidas dentro do campo social e que esteja disposto a atuar.

O último componente do anel externo do Ecossistema Turístico (FIGURA 7) são as IGRs, que são definidas pelo Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil como “uma organização com participação do poder público

[agências locais e regionais de governo, centros tecnológicos, universidades, agências de desenvolvimento] e dos atores privados [empresas e associações] dos municípios componentes das regiões turísticas, com o papel de coordenar o Programa em âmbito regional” (MTur, 2007c, p.16).

No centro do Ecosistema Turístico (FIGURA 7) e de forma hologramática se apresentam os constituintes do todo (vindos do Sistema de Turismo): objeto de infraestrutura; objeto de superestrutura; objeto social; objeto cultural; objeto ecológico; objeto econômico e objeto do mercado.

A análise e desconstrução do Sistema de Turismo realizada por Noschang (2014, p. 131) utilizam como base, linhas que superam os componentes tradicionais desse sistema. Ela buscou "um modo diferente de costurar, tendo como guia as noções operatórias de campo e *habitus* [de Bourdieu], e os princípios da complexidade de Morin"⁵. Para a autora a divisão do Sistema de Turismo em conjuntos e subsistemas "não permite uma análise complexa devido a sua desarticulação entre partes e todo" (p. 131). Ao olhar da complexidade de Morin, é importante notar que o todo não se apresenta como um produto de adição, mas como uma dinâmica interna auto-organizacional, uma ação conjunta envolvendo as diversas partes.

Com relação ao subsistema ecológico no Turismo, Noschang critica o fato de este ser tratado como um sistema teoricamente interdependente, quando deveria estar em equilíbrio com os demais.

Considerando a importância dos recursos naturais para a existência do turismo, ainda que esse não seja o principal fator de atração de determinada destinação, a cada força potencialmente degradadora dos recursos naturais decorrentes do uso turístico deveria haver uma ação, impulsionada pelo homem, de caráter regenerador ou conservador, garantindo assim a manutenção do sistema a médio e longo prazo. Entretanto o que se constata é que, em função dos interesses econômicos, as forças empregadas para a manutenção do subsistema ecológico são desproporcionais em velocidade intensidade em relação ao ritmo de degradação, causando um desequilíbrio no sistema (NOSCHANG, 2014, p. 96).

A autora acredita que o desgaste progressivo do subsistema ecológico enfraquece as possibilidades de exploração do turismo, deprecia a experiência do visitante, demandando investimento, o que torna o turismo oneroso e pouco acessível. Ela relata que ao utilizar o Sistema de Beni (1998) como modelo

⁵ Trata-se das obras Bourdieu (2011) e Morin (1986).

referencial em seu estudo de caso aplicado à Foz do Iguaçu, "foi possível perceber que o modelo estava atrelado a uma concepção de turismo, um tempo e uma lógica mercadológica insuficientes para a compreensão do estado da arte do turismo com suas especificidades e complexidade" (NOSCHANG, 2014, p. 82).

Binfaré e Sonaglio (2015) afirmam que para compreender melhor a visão sistêmica no turismo, da maneira como Beni construiu o Sistema de Turismo, é necessário desfazer o nó e refazer a teia que abrange o sistemismo, o funcionalismo e o estruturalismo, visto que, mesmo que estas em um primeiro momento pareçam similares, abordam o objeto de maneira completamente distinta.

Ao analisar as abordagens sistêmica, funcionalista e estruturalista no âmbito conceitual, evidencia-se a relação de interdependência entre elas. Mesmo que interdependentes, não são abordagens sinônimas. Elas se diferem na forma de olhar o objeto. Ambos os modelos propõem à concepção do todo a partir das partes, mas o fazem de maneira diferente (BINFARÉ; SONAGLIO, 2015, p. 12).

Essas diferentes correntes do pensamento tendem a levar a uma aproximação da compreensão dos fenômenos. Assim é possível entender a concepção de sistema de Beni (1998) e evoluir nas relações em direção a Teoria da Complexidade proposta por Morin (2000, 2002).

A Teoria da Complexidade permite que se estude tanto as partes quanto o todo, porém, numa concepção de incerteza e nunca na busca da verdade absoluta, do homem total (MORIN, 2000, p. 180). Para o autor, a organização é aquilo que constitui um sistema a partir de elementos desiguais, sendo assim constitui, concomitantemente, uma unidade e uma multiplicidade.

Moesch e Beni (2015, p.3) publicaram resultados da reconstrução do Sistema de Turismo com base na Teoria da Complexidade como uma maneira de assessorar a construção epistemológica de "forma tangencial ou direta, para a compreensão da complexidade do Turismo: um fenômeno marcadamente multisetorial em sua produção objetiva, subjetivo em sua prática social e transdisciplinar em sua teoria".

A intenção foi evoluir a partir do ponto de vista sistêmico e de sua dinâmica, visto que existem limitações no modelo inicial do Sistema de Turismo de Beni (1998) para sua aplicação enquanto metodologia do fenômeno turístico. Neste contexto, Moesch e Beni (2015, p. 16) assinalam para o "paradigma holístico da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, expressa por essa discussão, como

necessidade para uma ação na construção da epistemologia do turismo”. A insuficiência do modelo foi percebida na análise dos conjuntos e de seus subsistemas, visto que, a partir de suas partes se buscava explicar o todo, “pois a simples soma das partes não revela a complexidade de suas conexões e a dinâmica das relações” (idem p. 16).

Para os autores, a nova proposta requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o saber-fazer turístico, e do que se quer fazer, sendo que o saber turístico é e será objeto de uma desconstrução constante que requer uma nova *práxis*. Neste contexto, apoiados na Teoria da Complexidade de Morin, apresentam um novo modelo para a reconstrução do Sistema de Turismo, que:

... o apreende como sistema vivo, que se auto-organiza e realiza sua autoprodução, ao mesmo tempo em que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois ele está envolvido em um ambiente externo que se encontra, ele mesmo, integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema. Conforme o princípio da auto-eco-organização tem valor hologramático, assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase totalidade de informação do todo, do mesmo modo, de certa maneira o todo é o todo que nós somos parte, está presente em nosso espírito. (MOESCH; BENI, 2015, p. 09).

Para Morin (2011, p. 33), “o sistema auto-eco-organizador não pode, pois, bastar-se a si mesmo, ele só pode ser totalmente lógico ao abarcar em si o ambiente externo. Ele não pode se concluir, se fechar, ser autossuficiente”. Portanto, torna-se necessário se pensar para além de um sistema, ou seja, para dinâmicas mais complexas e abertas.

O modelo sistêmico de Beni (1998) tem, entretanto, as mesmas limitações que a Teoria dos Sistemas que lhe dá suporte. O autor usa o princípio recursivo e revela que “uma única variável pode, ao mesmo tempo, ser causa e efeito. A realidade não permanecerá imóvel” (BENI, 1998, p. 57).

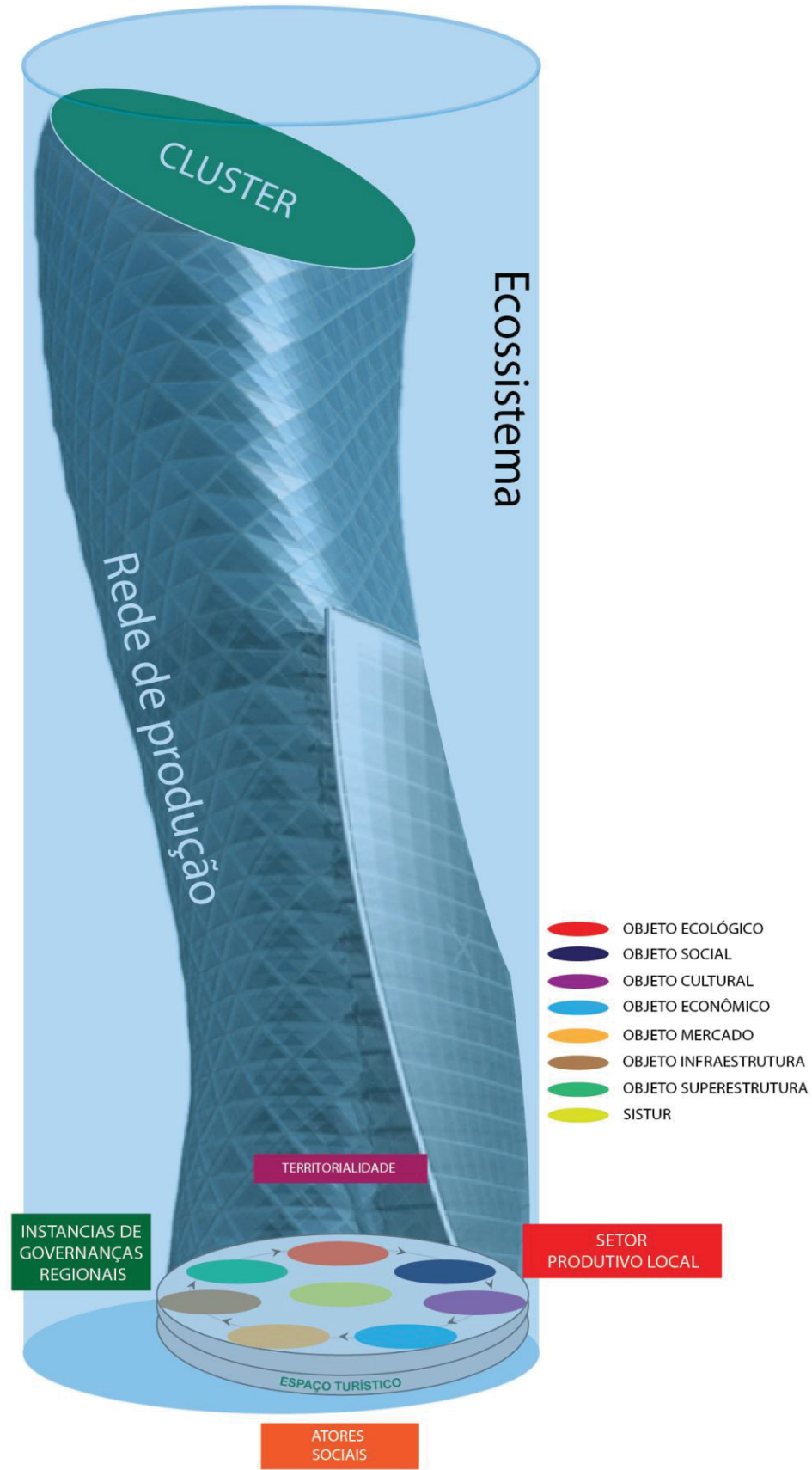
Para Binfaré e Sonaglio (2015), sob o olhar sistêmico o produto turístico se encontrará recoberto de recursividade por meio das características básicas descritas por Beni. O produto turístico, produzido e consumido simultaneamente, faz a causa produzir o efeito e o efeito produzir a causa. Logo, o produto turístico é perecível e estático, dependendo do deslocamento do consumidor, sendo novamente recursivo, causa e efeito.

Para entender o Sistema de Turismo na sua totalidade é necessário, segundo Beni (1998), distinguir as partes, dessa forma, mesmo que artificial é feita a subdivisão em subsistemas. Para o autor as relações entre elementos e conjuntos

produzem uma cooperação fazendo com que o todo seja mais do que uma mera soma das partes. Quando Beni e Moesch (2017) apresentam um sistema baseado na Teoria da Complexidade eles afirmam, entretanto, que a parte contém o todo e se conhecendo a parte, se conhece o todo. Sendo assim, ao subdividir o Sistema de Turismo, os autores garantem que cada uma destas partes também é um sistema complexo, aberto, autônomo, contudo interdependente, o que reflete os princípios dialógicos e recursivos para todo o sistema.

Assim, o modelo Ecosistêmico do Turismo (FIGURA 8) apresentado por Beni e Moesch (2017, p. 449), carrega o princípio da auto-eco-organização e tem valor hologramático, assim como a qualidade da imagem tridimensional, conectando cada ponto em sua totalidade de informação do todo, da mesma maneira, de certa forma “o todo é o todo que nós somos parte”. Assim, a base do novo modelo ecosistêmico (FIGURA 8) é a do Ecosistema Turístico de Noschang (2014) apresentado na (FIGURA 7), que funciona como um “eixo epistemológico complexo” (BENI; MOESCH, 2017, p. 448) sobreposto no espaço turístico em ambiente tridimensional.

FIGURA 8 - MODELO ECOSISTÊMICO DO TURISMO



FONTE: BENI e MOESCH (2017)

O “Modelo Ecosistêmico do Turismo” tem como base o espaço turístico que é recriado no princípio hologramático de Morin (2000). Tanto uma ação positiva quanto uma ação negativa são somadas a outras ações positivas ou negativas, sempre na lógica de que o turista também vai ser “produzido” pelo turismo, seja pelas normas vigentes no espaço ou pelo nível de interação e conhecimento que se dará na relação visitantes/visitados.

Nesta lógica, Beni e Moesch (2017, p.452) entendem “o turismo como um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõe o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva” e, assim, permissivos aos distanciamentos simbólicos do cotidiano. Para eles esse entendimento banhado em subjetividades propõe uma posição a partir de sua complexidade numa “atitude interdisciplinar”, afinal, “turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico”.

Por isso a desembocadura superior do “Modelo Ecosistêmico do Turismo” recebe a palavra “cluster”, no sentido de conjunto, para que esse todo possa transcender aos “códigos capitalísticos” e ressurgir ressignificado com relações impositivas. Neste sentido a visualização hologramática, com elementos ressignificados, permite “trocas energéticas, materiais e informacionais que ocorrem entre o sistema e o ambiente” (BENI; MOESCH, 2017, p.452).

Há, entretanto, autores que defendem a aplicabilidade do Sistema Turístico enquanto metodologia. Figueira (2013a) é um deles, ele aprofunda a discussão em torno da Roteirização Turística como parte do Sistema Turístico, como se verá no próximo tópico.

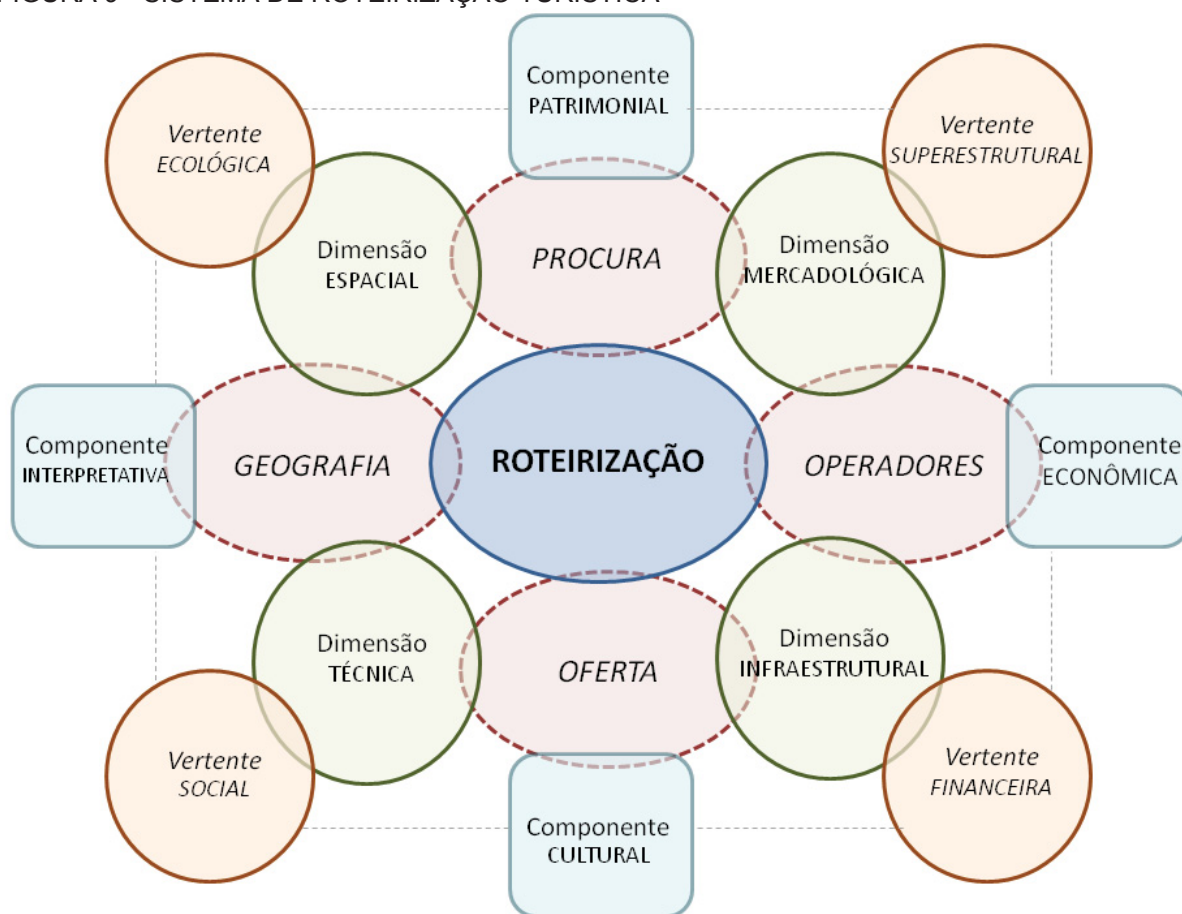
1.3 AS REFLEXÕES DE FIGUEIRA EM TORNO DE SISTEMAS DE ROTEIRIZAÇÃO TURISTICA

Luís Mota Figueira é professor coordenador na Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Tomar - Portugal. O autor apresentou em trabalho de Estágio de pós-doutoramento o “Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural” (FIGUEIRA, 2013b). Nesta obra ele criou um esquema orientado à criação de circuitos, itinerário e rotas, considerando as especificidades de cada um destes

produtos turísticos e citando casos de aplicação. Com isso, revelou a importância de percursos de visitação inseridos no conceito de roteirização do turismo.

Figueira (2013a), numa abordagem sistêmica, desenvolve um Sistema de Roteirização para se aplicar no turismo (FIGURA 9). Este sistema é composto por um conjunto articulado e integrado de dimensões, vertentes e componentes. O autor parte do pressuposto de que a roteirização tem como base de sustentação quatro elementos indicados pela OMT (2001): Oferta, Procura, Geografia e Operação.

FIGURA 9 - SISTEMA DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA



FONTE: Adaptado de Figueira (2013).

Para o autor, esses quatro elementos são a base e o ponto de partida para as ligações estruturantes do processo de roteirização, formando o primeiro elo do sistema.

A Procura determina os potenciais clientes, escrutina produtos e destinos, está atenta e expressa as suas preferências; a Oferta responde à Procura, organiza-se com base nos destinos e nos produtos turísticos, usa medidas de política, depende da governança local e intervenção decisiva dos atores turísticos, e estrutura bens e serviços; a Geografia, espaço turístico, suscita possibilidades/limites em localização de empreendimentos, ordenamento do território, medidas de política, pressões sobre o uso dos solos, etc.; os Operadores, com iniciativas e financiamento, sob instrumentos reguladores e regulamentadores, criam emprego e vendem produtos (FIGUEIRA, 2013 p.128).

Na composição do sistema tem-se ainda um segundo elo que são apresentadas por Figueira (2013a) através de quatro dimensões do turismo: a) Espacial – une os elementos Procura e Geografia buscando por produtos e destinos para potenciais clientes e envolvendo o espaço turístico como possibilidade dentro do ordenamento territorial; b) Mercadológica – faz o laço entre Operadores e Procura dando sustentação à apropriação dos recursos endógenos do território; c) Infraestrutural – se conecta ao papel que os Operadores lhes atribuem e, com apoio na construção da Oferta, tornam-se alicerces ao processo de roteirização; d) Técnica - abrange Oferta e Geografia, sendo a mais perceptível e fundamental na estruturação profissional dos produtos de roteirização em comércio.

O Sistema de Roteirização de Figueira (2013a) evolui ainda para uma integração em quatro vertentes: a) Ecológica; b) Superestrutural; c) Financeira; e d) Social. Essas englobam respectivamente as questões de ordem ambiental, gestão, mercado e relações entre turistas e receptores. Essas vertentes partem de cada uma das dimensões já apresentadas e fecham o terceiro elo com a sequência do processo de roteirização imerso em quatro componentes.

Esses componentes do Sistema de Roteirização de Figueira (2013a) são: a) Patrimonial - associada às vertentes Ecológica e Superestrutural, representa os conteúdos dos objetos materiais e imateriais de cada percurso; b) Interpretativa - possui elos com as vertentes Ecológica e Social, permitindo desempenho de integração e inclusão dos atores; c) Econômica - faz a ponte entre as vertentes Superestrutural e a Financeira; d) Cultural - conectada pelas vertentes Social e Financeira, é fonte de inspiração da maioria das iniciativas de roteirização, visto que expressa a cultura local e acrescenta a “nova cultura” (p. 129) que o turismo carrega para cada destino.

O Sistema de Roteirização apresentado por Figueira (2013a) embora siga a lógica metodológica criada por Bertalanffy (1973) e acompanhe o raciocínio de Beni

(1998) na apresentação do Sistema de Turismo, se aproxima mais do Ecossistema de Turismo apresentado por Beni e Moesch (2017). Figueira interliga todos os conjuntos em círculos de ordem primária, secundária e terciária, tendo a Roteirização como centralidade. Ele consegue lidar com a unidade e multiplicidade ao ligar os elementos com as dimensões associando aos componentes, interagindo com as vertentes e fazendo o fechamento da trama do Sistema de Roteirização.

Para Figueira (2013a, p.128),

olhar o ambiente pela vertente Ecológica, entender a interferência da vertente Legislativa, observar a vertente crítica da viabilidade Financeira e acautelar a vertente de natureza Social, que a abertura de traçados implica, fazem, todas, parte significativa da roteirização.

Diante disso, questões como desenvolvimento territorial e governança passam a se tornar questões centrais na discussão em torno da Roteirização Turística. A questão territorial, fundamental para a compreensão dos processos regionais especialmente no âmbito das identidades, da cultura e do turismo, requer uma análise específica com o objetivo de permitir o avanço necessário à compreensão das dinâmicas sociais e políticas, conforme será analisado no próximo item.

1.4 O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E A GOVERNANÇA NA ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA

Partindo das análises anteriores de que as ciências sociais de forma geral e a Geografia e o Turismo de forma mais específica têm se utilizado fortemente de teorias como a dos Sistemas e a da Complexidade, avança-se aqui na aproximação dessas para com a discussão em torno de desenvolvimento territorial rural⁶ também no contexto da roteirização turística.

Veiga (2002) relata um panorama de transformação da cultura, do trabalho e do lazer e da imprescindível validade do paradigma da sustentabilidade no século XXI e revela que o turismo constitui um fator que envolve a nova sociedade e o modelo territorial. Este novo cenário demanda informações para a compreensão dos

⁶ Importantes debates sobre desenvolvimento territorial podem ser encontrados nos escritos de Stöhr (1969), de Boisier (1996), Ortega (2007), Silva (2006), Bonnal, Cazella e Delgado (2012), Candiottto (2010), Saquet (2011) e Veiga (2002).

processos de produção e consumo turístico, a fim de orientar a gestão territorial do turismo.

O autor também fala sobre a importância da adoção de uma estratégia maior, baseada no conceito de desenvolvimento territorial com relatos de que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 1991 analisou estudos que levantaram as relações entre as políticas nacionais, regionais e locais, concluindo que havia risco no enfoque do desenvolvimento local da maneira que estava sendo conduzido. O autor aponta a necessidade da ampliação desse conceito com uma combinação de políticas governamentais descendentes, ou seja, de cima para baixo, com iniciativas de desenvolvimento endógeno de baixo para cima.

Uma preocupação central para Veiga (2002, p. 24) é entender como as políticas dos núcleos relacionados ao espaço podem, de fato, contribuir para melhorias de estrutura e funcionamento mercadológico num contexto de sociedade que tem objetivos comuns.

... particularmente para a capacidade de geração de empregos produtivos, de adequado aproveitamento de recursos humanos, de melhoria do padrão e da qualidade de vida, de resposta à crescente demanda de amenidades, e de prevenção contra a marginalidade social e a degradação ambiental; enfim, todos os componentes indispensáveis ao bom funcionamento das localidades, cidades e regiões.

Em termos acadêmicos, a abordagem territorial passa a incorporar um enfoque do novo rural, iniciando um processo de maturidade, ao final dos anos 1990 (ABRAMOVAY, 1998; ECHEVERRI, 2002; VEIGA, 2000, 2001). Esse enfoque traz à luz as discussões sobre as atividades turísticas. A centralidade da discussão de desenvolvimento territorial passa a enfatizar o valor dos “atores locais, construindo um projeto capaz de gerar sinergias positivas para o espaço em que atuam, de forma articulada às políticas públicas implantadas pelos Estados nacionais” (CORRÊA, 2009, p. 29).

Para Ortega (2007) a temática do desenvolvimento territorial vem despertando o interesse de distintas áreas do conhecimento, além de organizações públicas e privadas, nacionais e internacionais como o Banco Mundial. As diferentes experiências de “desenvolvimento territorial no Brasil apontam a necessidade de organização e pactuação da sociedade em torno de objetivos comuns e de que essas condições podem ser construídas” (p. 278).

O caminho e o sucesso para o desenvolvimento territorial dependem da percepção e reconhecimento do valor da coletividade e empenho da comunidade em mobilizar as potencialidades locais em torno de um conceito de desenvolvimento arquitetado e construído pela própria comunidade. Para Biesek (2013), é essencial, no processo endógeno, que se tenha disposição de mobilizar, utilizar, construir e valorizar os recursos locais para o aproveitamento e desenvolvimento do território pela comunidade. O potencial de desenvolvimento é compreendido como a quantidade de fatores e recursos no território: localização geográfica, clima, infraestrutura, entre outros.

Nessa linha de políticas públicas descendentes de fomento ao potencial endógeno, o governo federal lançou em 2013 o "Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil". Tal programa apresenta a Roteirização Turística como uma diretriz operacional que tem como objetivo a criação de novos produtos turísticos de qualidade, bem como aumento, diversificação e qualificação dos já existentes (MTur, 2013).

A "cooperação regional do turismo" (ZAGHENI, 2011, p. 90), preconizada pelas políticas emergentes, é apresentada com indicativos positivos, pois esta apresenta diferencial por produzir condições determinantes do sucesso e da competitividade dos destinos turísticos. Para a autora, mesmo que ocorra competitividade na cooperação regional do turismo, ainda assim a avaliação é positiva. Entre as questões que impedem a plena realização da cooperação entre os destinos turísticos, ela destaca a utilização insuficiente de recursos, atores pouco comprometidos com a cooperação local e regional, além das barreiras para troca de informações e comunicação.

Zagheni (2011, p. 90) acredita que, através das redes e de suas múltiplas conexões, "soluções podem ser encontradas e divulgadas, conhecimentos podem ser produzidos e novos rumos são traçados, de modo a estimular o desenvolvimento em regiões turísticas". A autora reforça que a aproximação e a troca de conhecimento entre os participantes fortalecem as ações tanto local como regional, transformando uma ação isolada numa prática difundida, com capacidade de expansão e possibilidade de resultados globalizados.

Nas palavras de Sen (2000, p. 63), "o desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos

serviços públicos e intolerância ou interferência de Estados repressivos". Assim, Biesek (2013) aponta que há desenvolvimento quando os benefícios do crescimento servem à ampliação das capacidades humanas, sendo as mais elementares: ter uma vida longa e saudável, ser instruído, ter recursos necessários a um nível de vida digno e ser capaz de participar da vida da comunidade.

Diante disso, ao se pensar o turismo em roteiros, visualiza-se a necessidade de pensar a base comunitária. Essa questão é fundamental no estudo de fatores estimulantes de desenvolvimento territorial. Tal desenvolvimento, segundo Veiga (2002), pauta-se em três questões centrais inteiramente ligadas entre si: a recomposição dos territórios, os sistemas produtivos locais e o meio ambiente. Desta forma, é necessária a adaptação e recomposição das hierarquias territorializadas superando as antigas estruturas de poder local, dando lugar à articulação e às formas de gestão cooperativas.

O traçado de percursos orientados à atividade turística agrega valor aos territórios e funcionalidade aos atrativos. Segundo Figueira (2013a, p. 122), eles "implicam modificações e intrusões nas paisagens, quer pela reconversão de caminhos antigos em rotas turísticas, quer quando desenhados a propósito". Os atrativos ao seu entorno, são "espaços dispostos lateralmente ao eixo definido de cada percurso" (p. 122) e possuem relevância na eficácia das rotas, podendo se constituir em alternativas para os visitantes.

A reconversão de caminhos antigos em rotas turísticas é bastante utilizada no Brasil. Neste caso, a paisagem, que incorpora a história, transforma-se em atrativo. Exemplo desse processo é a Rota dos Tropeiros, cujo traçado histórico, de representação nacional, vem sendo utilizada como rota turística. A Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral possui em fase de desenvolvimento, o Projeto de Extensão Roteirização Turística de Estradas Históricas (ALVES; BRAMBATTI, 2014), que tem como incentivar o turismo nas Estradas Rio Branco, no Rio Grande do Sul, do Arraial e da Graciosa, em Morretes no Paraná, e do Cambará, em Guaratuba, também no Paraná.

No caso de roteiros desenhados com o propósito turístico, ou seja, não aproveitando traçados históricos, é de fundamental importância um "desenho atrativo e coerente" (FIGUEIRA, 2013a, p. 124), que busque contemplar às exigências da oferta local e conectar destinos turísticos. O autor (p.122) aponta que

o turismo contemporâneo, por meio de atividades sustentáveis, vem congregando "paisagens nas suas dimensões turísticas".

Neste contexto, o lugar passa a ter um sentido, proporcionando aos turistas sensações subjetivas, carregadas de personalidade e emoção. Nas palavras de Yázigi (2002, p.11), no turismo podem ocorrer "ações deliberadas no sentido de criar paisagens carregadas de significados". Neste caso, a percepção de como o lugar é sentido pode ser resultado da influência de fatores externos. O elemento básico do turismo, neste sentido é o ambiente físico e social, que atrai o visitante e/ou cria a infraestrutura para sua experiência (HALL, 2005).

Exemplos destas vivências de turismo são: o "Caminho do Vinho" em São José dos Pinhais (ZAI; SAHR, 2016) e o "Circuito Italiano de turismo rural" de Colombo (ZAI; SAHR, 2018), ambos localizados no entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba. Nestes roteiros os vitivinicultores permitem a participação dos turistas na colheita da uva e na produção do vinho, complementando a visualização à produção vitivinicultora e o consumo dos produtos elaborados sob seu olhar.

Meyer (2004, p. 20) salienta que "as rotas são usadas para transmitir uma imagem unificada de uma região em termos de um tema". Dessa maneira, supõe-se, em muitos casos, que não só a rota em si é temática, mas que a maioria da infraestrutura e serviços oferecidos nesta rota (estrutura, alojamento) carreguem elementos dessa. Para a autora, a criação de uma imagem é crucial para atrair o interesse de potenciais visitantes.

O roteiro "Turismo rural nas Colônias Polonesas" de Campo Largo – PR é um exemplo de criação de imagem turística. Ele carrega a temática da cultura polonesa e incorpora os empreendimentos dentro do tema, embaranhando elementos da cultura, como a arquitetura, a religiosidade, os costumes e a gastronomia. Todos os atrativos possuem traços da cultura polonesa, inclusive com festas típicas e grupo folclórico. Dessa maneira, constrói-se uma imagem unificada para região, que "é fundamental para atrair potenciais visitantes, principalmente num ambiente competitivo" (MEYER, 2004, p.20).

Cooper, Hall e Trigo (2011, p. 21) descrevem que a "imagem é decisiva para qualquer destino turístico" e, principalmente, para o seu marketing. A existência de um planejamento integrado à imagem turística torna possível afetar a percepção individual, bem como, a decorrente escolha pelo local a ser visitado.

Meyer (2004, p. 11) defende que roteiros de turismo naturais e/ou culturais podem cooperar significativamente em termos de desenvolvimento de comunidades marginalizadas. Eles contribuem oferecendo uma série de oportunidades como o aumento da procura de bens e serviços, do número de empregos e renda, do lucro coletivo, da conservação e do rejuvenescimento cultural e natural, assim como, da capacitação e do desenvolvimento da infraestrutura.

Figueira (2013) complementa a abordagem de Meyer (2004) enfatizando que planejar e desenhar traçados inspirados na natureza, integrando-os em itinerários turísticos, promove o consumo do espaço, bem como, da vida natural e cultural de cada destino. Dessa forma, contribui para a troca de valores entre os turistas e a comunidade local, cria maiores e melhores fluxos turísticos, além de viabilizar a sustentabilidade econômica do turismo nas suas várias escalas e objetivos territoriais.

Meyer (2004, p. 15) defende que para a roteirização alcançar seus objetivos, são necessários os seguintes ingredientes: a) redes de cooperação, pensamento regional e liderança; b) desenvolvimento de produtos, infraestrutura e acesso; c) participação da comunidade, desenvolvimento de microempresas e inovação; d) informação e promoção; e f) foco social explícito.

Apesar de se considerar uma temática ainda pouco estudada, as relações entre redes de cooperação no âmbito do turismo vêm ganhando importantes contribuições⁷, pois ponderam além do desenvolvimento local, por meio de redes interorganizacionais, o aspecto regional. As redes podem ser definidas como "estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós" (CASTELLS, 2000, p. 498). Assim, por se caracterizarem como um sistema aberto altamente dinâmico e suscetível à inovação, as redes permitem a criação de identidade própria e, ao mesmo tempo, ficam disponíveis ao ingresso de novos membros.

O sistema turístico agrega diferentes atividades, há a necessidade de compartilhamento de ações que se complementam na oferta de distintos serviços ao usuário. Xavier et al (2012, p. 455) definem uma rede de cooperação em turismo como um "grupo de agentes econômicos, políticos e sociais relacionados ao turismo,

⁷ Ver Olave e Amato Neto (2001), Seben e Silva (2003), Hall (2005), Dredge (2006), Beritelli et al. (2007).

baseados num mesmo território, que se reúne para interagir, cooperar, aprender, trocar e obter *inputs* e *outputs*, de forma a garantir e conquistar mercados e promover inovação, competitividade e desenvolvimento".

Ao se estabelecer um roteiro, é fundamental manter acordos de colaboração entre o governo, o conselho local, as empresas privadas, as associações e as comunidades locais. "A cooperação é vista como o fator produtivo necessário e capaz de aproveitar as energias de todos os envolvidos com o desenvolvimento regional", bem como, para o benefício de criação de emprego e desenvolvimento territorial (MEYER, 2004, p. 16). A autora defende que o poder dos acordos de colaboração tem sido reconhecido no campo do turismo em uma variedade de escalas, ou seja, do local ao global.

No entanto, o estabelecimento de redes de colaboração é uma atividade extremamente difícil, especialmente no ramo do turismo, que é caracterizado por uma infinidade de negócios de pequena escala com, diversas vezes, concorrentes práticas operacionais e metas (MEYER, 2004). Por isso, o Ministério do Turismo (2007c, p. 17), sugere que em "todo processo que envolve planejamento, desenvolvimento e implementação de planos, programas e projetos, é necessário que exista uma organização".

Os atores municipais (poder público, empresários, sociedade civil e instituições de ensino) devem ser organizados em um ambiente denominado de "Instância de Governança Regional". O objetivo principal dessa instância é reforçar a capacidade dos grupos para lidar com seus problemas, objetivos e metas, e para gerenciar seus recursos. Todavia, a estrutura, o formato e o caráter jurídico dessa instância ficam a cargo dos envolvidos, "podendo ser um fórum, um conselho, uma associação, um comitê ou outro tipo de colegiado" (MTur, 2007c p. 17).

Por meio da articulação e da participação dos atores locais envolvidos, tanto de setores públicos como privados, a estratégia em rede de cooperação permite fomentar o potencial turístico local, passando a contar tanto com a redução das diferenças sociais, como com a promoção do desenvolvimento regional (BARRETO; OLIVEIRA; SICSÚ, 2007 e MARTINS et al. 2009). Tem-se, portanto, a governança como um elemento de fundamental importância em termos de desenvolvimento territorial.

Hall (2005) apresenta fatores determinantes para o desenvolvimento local por meio das redes de cooperação associadas ao turismo. São eles: a) redução das

perdas através do uso sustentável dos recursos locais; b) aquisição de bens e produtos locais; c) agregação de valor aos produtos locais para poder exportá-los, com marca própria e embalagem; d) estabelecimento de ligações entre as empresas locais, por meio de redes e alianças; e) atração de recursos externos, através de tecnologia, habilidades e recursos financeiros; f) divulgação a clientes externos por meio da Internet; g) valorização da identidade local; h) contato direto com consumidores através de redes, eventos locais e festivais; i) criação de uma relação duradoura entre consumidor e produtor.

Bernardes et al. (2005) acreditam que a formação das redes de cooperação e governança representa uma função fundamental na consolidação da identidade regional, pois essas demonstram que a população local procura incorporar ao seu princípio cultural, os símbolos, os valores e as aspirações mais profundas da sua região. Tal atitude contribui para o fomento da atividade turística.

Exemplos positivos de redes de cooperação atuantes no Brasil são as de turismo comunitário como: a Rede de Turismo Comunitário da América Latina (REDTURS), a Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (TURISOL) e a Rede Cearense de Turismo Comunitário (Rede Tucum). Todas articulam um conjunto de comunidades, fortalecendo a prática turística comunitária e buscando superar as carências por meio da troca de experiências e de trabalhos conjuntos (URANO; SIQUEIRA; NÓBREGA, 2015).

Entre os exemplos atuantes fora do Brasil tem-se o *Open África* (= África Aberta) e o *Rethinking Tourism Project* (= Projeto Turismo Repensado). O primeiro trata-se de uma rede que permite que pessoas com interesses comuns compartilhem ideias e soluções para resolver os problemas do coletivo. Essa rede tem parceria com a *Center for Afrikatourism* da Universidade de Pretória na África do Sul, que partilha as informações das atividades e auxilia nos resultados da rede. O segundo exemplo é uma rede que compartilha informação entre os povos indígenas para aumentar a tomada de decisão sobre questões relacionadas com o turismo em diferentes partes do mundo (LOURENS, 2007).

Silva (2006, p. 05) analisa a dimensão territorial no planejamento do desenvolvimento turístico comparando dois modelos de crescimento regional: o do polo de crescimento e o territorialista e endógeno. Para o autor, o modelo do polo de crescimento, que inspira os polos turísticos, privilegia os aspectos atrelados à função de especialização regional, ou seja, volta-se prioritariamente às atividades turísticas.

Sua prática acontece ligada, sobretudo, a investimentos exógenos que praticamente não empregam, em uma escala otimizada, recursos produtivos de base local. Já o modelo territorialista e endógeno recomenda a prevalência do território sobre a função, sendo considerado, portanto, mais adequado ao planejamento do desenvolvimento, seja este turístico ou não, por propiciar um efetivo grau de endogeneização dos benefícios socioeconômicos gerados no processo.

Neste contexto, Silva (2006, p. 07) mostra o modelo territorialista e endógeno de desenvolvimento regional como sendo o mais apropriado para o planejamento do desenvolvimento turístico. Dessa maneira, o turismo pode exercer um papel articulador e indutor do crescimento e desenvolvimento regional, atuando de forma agregada e integrada com as demais atividades econômicas já existentes, assim como, com as que possam por ele ser viabilizadas no entorno do objeto do planejamento. O autor aponta que no Brasil tem prevalecido a perspectiva de desenvolvimento turístico focada na constituição de polos turísticos regionalizados, mas considera que o papel do Estado no planejamento desse desenvolvimento tem deixado a desejar.

A competência para auto-organização local e prosperidade do capital social, além da atuação cidadã, cultiva um sentimento de empoderamento pela comunidade que deve ser fortalecido no desenvolvimento turístico. Tais elementos participativos são fundamentais para sua consolidação, exaltando uma dinâmica cultural e política que muda a vida social. Assim, para Peixe (2010), a abordagem do território é importante neste processo, pois é salutar afirmar que o território não é somente uma delimitação de um espaço físico, ele transcende, podendo ser tratado como um espaço de articulação, mediação e negociação para onde convergem as ações, abrangendo aspectos objetivos por possuir atributos culturais, socioeconômicos e ambientais. A Roteirização Turística, portanto, deve ser analisada dentro de um quadro de complexidade e no contexto de uma perspectiva territorialista.

2 ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo tem como intuito apresentar o percurso metodológico da pesquisa. Esta busca analisar a articulação entre roteirização turística e desenvolvimento territorial a partir da constituição de sistemas de autogovernança - associações e/ou conselhos de roteiros - no entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba, região localizada no Leste do Paraná.

Veiga (2002, p.12), um dos precursores do debate sobre desenvolvimento territorial no Brasil, relata que o conceito 'território', empregado neste estudo, motivou o progressivo uso do substantivo "desenvolvimento" para substituir o discurso tecnicista em torno das questões "planejamento" e "ordenamento" que se apresentava até a década de 1980. Como o estudo agrega diferentes vertentes das ciências sociais aplicadas, mais especificamente a Geografia e o Turismo, optou-se por se fazer primeiramente uma reflexão sobre as articulações entre categorias analíticas desta pesquisa: espaço, território e turismo.

A roteirização turística em si, objeto deste estudo, não é necessariamente responsável pelo desenvolvimento territorial, entretanto, pode se constituir em um instrumento para persegui-lo, desde que esta assuma uma perspectiva autonomista. Souza (2008) associa o conceito de 'território' a ideia de autonomia, seja individual ou coletiva. Assim, traz à tona a necessidade de discutir a governança enquanto instrumento de autonomia. Traz-se, portanto, num segundo momento, reflexões em torno da roteirização turística.

O processo de roteirização pode ser analisado pela perspectiva econômica, onde se têm seus consumidores – os turistas, mas também seus produtores – empreendedores e Estado. Figueira (2013a, p. 122) faz destaque a ambas, mas vai além, apontando que o objetivo da roteirização é "ampliar a experiência e satisfação de cada cliente no consumo de roteiros e gerar riqueza institucional, territorial, empresarial e individual". Portanto, sem desprezar a dimensão econômica do turismo, este estudo busca avançar numa perspectiva interdisciplinar, holística e sistêmica.

Assume-se, assim, uma análise mais complexa do turismo no trato para com a roteirização, ampliando a objetividade. Por isso, faz-se necessário o contraponto entre as reflexões acadêmicas no contexto desta questão e as diretrizes apontadas

nas políticas fomentadas pelo Estado brasileiro. Torna-se fundamental ainda, o estabelecimento de uma diferenciação entre os conceitos envolvidos com a roteirização. Em termos acadêmicos rota, roteiro, itinerário e circuito não são sinônimos. É comum, entretanto, que estes sejam empregados na prática com o mesmo significado.

Para dar concretude à análise, as reflexões se voltam para experiências de implantação e consolidação de roteiros de turismo rural. Portanto, num terceiro momento será apresentado o contexto da investigação, a Região Metropolitana de Curitiba (RMC), minudenciando suas transformações territoriais ao longo do tempo e justificando a delimitação do entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba. Cinco roteiros de turismo rural foram selecionados para aprofundamento da investigação a partir de critérios temáticos – temas ligados à natureza, à cultura ou técnicos – e/ou de governança, ou seja, existência de associação e/ou conselhos nos roteiros.

Por fim apresenta-se o roteiro da entrevista de profundidade, construída a partir de elementos teóricos do desenvolvimento territorial, bem como o processo de contato com os sujeitos investigados - presidentes e ex-presidentes de associação/conselho, membros da associação/conselho, empreendedores do roteiro, representantes do poder público, visitantes e comunidade local -, bem como o processo de transcrição e análise das informações.

Assim, este capítulo pretende apresentar o percurso percorrido para construção desta pesquisa, relatando uma combinação sequencial de métodos e técnicas para delimitação do objeto e coleta de dados.

2.1 ESPAÇO, TERRITÓRIO E TURISMO: ARTICULANDO CONCEITOS

Para Santos (1997, p.71), espaço “é o conjunto de objetos e relações que se realizariam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários.” Assim, o espaço turístico pode ser considerado a consequência da presença e distribuição territorial de atrativos turísticos. Estes, associados aos empreendimentos e as infraestruturas turísticas, definem o território turístico (BOULLÓN, 2002).

Para Figueira (2013a, p. 123), "O espaço é o principal objeto de consumo turístico". Segundo esse mesmo autor, a 'turistificação' está atrelada às questões de

governança institucional e da iniciativa privada. Assim, as transformações no espaço associadas ao sistema turístico interferem no cotidiano da comunidade local e influenciam sobre seu consumo, constituindo territórios turísticos.

Os roteiros podem, portanto, ser considerados como métodos de disseminação do turismo (LOURENS, 2007) e a turistificação destes potencializa a dinâmica territorial. Segundo Figueira (2013a, p.123), os roteiros "organizam, propiciam e controlam o consumo turístico, criam relações de continuidade territorial, unem pontos previamente definidos".

O turismo é, desta maneira, um "fenômeno social, cultural e econômico, que envolve o movimento de pessoas para lugares fora de seu local de residência habitual" como conceitua no documento "Conta Satélite do Turismo" das Nações Unidas, Organização Mundial do Turismo, Comissão das Comunidades Europeias e Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (NU/OMT/CCE/OCDE, 2010, p. 1).

Segundo Rodríguez (2009 p.105), o turismo provoca uma "atitude de consciência em contrapartida à conservação", não apenas do ambiente, mas também da cultura local. Ocorre uma relação do ecológico com o econômico e esta relação rompe a ideia abstrata de que o desenvolvimento turístico consistente depende de grandes obras de infraestrutura.

Alguns autores como Vasconcelos (2005, p. 49) veem a turistificação como sendo algo invasivo e impactante, pois demanda "(re)adequação espacial" numa "interação entre fixos (território, paisagens etc.) e fluxos (capital, pessoas, padrões e valores culturais)". Já outros autores, seguindo a lógica conceitual de turismo tratam turistificação como preparo e planejamento para o turismo.

Figueira (2013a, p.123) argumenta que a "roteirização, integrada na turistificação, é uma ação e um processo". Isso porque a roteirização se apresenta como uma das maneiras de atuar em turismo e por ser um modo de criar e gerir procedimentos com o objetivo de organizar, promover e realizar itinerários turísticos. O autor defende a ideia de que existem duas maneiras de se planejar o turismo de maneira territorializada: "a se centra na estrutura dos territórios e a que é orientada à superfície territorial".

A primeira delas, ou seja, a que se pensa o turismo centralizado na estrutura dos territórios, pode ser notada em roteiros temáticos. Ela considera os atores possíveis e serve ao desenvolvimento de base territorial. Exemplos deste tipo de

planejamento turístico são: o Caminho de Santiago de Compostela na Espanha; o Caminho do Vinho em São José dos Pinhais - Pr e o Turismo rural nas colônias Polonesas de Campo Largo - Pr. No segundo tipo, no planejamento turístico orientado à superfície territorial, não existem essas preocupações, pois marcam espaços temporários na agenda turística, como rotas de festas pontuais ou até mesmo únicas, como a Copa do Mundo de futebol, Olimpíadas ou congressos itinerantes.

Figueira (2013a, p.124) se refere ainda à turistificação construída por três tipos de valores: 1) os valores já existentes no espaço geográfico, o que se caracteriza em "território pré-turistificado"; 2) os valores do espaço geográfico do destino, que é o "território turistificado"; e 3) os valores que vão criando maturidade e gerando uma "cultura turística" no espaço. Este tripé ganha forças conforme as ações de gestão e governança territorial.

Knafou (1996) sugere três eixos possíveis de turistificação de acordo com o tipo de relação entre turismo e território. O primeiro eixo é o “do turista” que, na busca de novas paisagens - mais agradáveis e salutareis -, diferentes daquelas do seu dia a dia, se apropria de alguns trechos privilegiados do espaço. O segundo eixo é o “do mercado”, que se foca no agente de turistificação de espaços. Nesse, é através da ação do mercado, não mais a partir das práticas turísticas em si, que os espaços são turistificados. Por fim, o terceiro eixo, que é o “dos planejadores” como agentes de turistificação de espaços, sendo que estes são, em sua grande maioria, externos aos espaços que turistificam (KNAFOU, 1996 *apud* FRATUCCI, 2007).

É fundamental expressar a necessidade do papel de diferentes agentes na turistificação dos espaços. Todavia, é o turista que, com as avaliações subjetivas de suas próprias necessidades, acaba por definir quais partes do espaço serão turísticas (FRATUCCI, 2007). Portanto, a compreensão dos processos de turistificação dos espaços e a construção dos territórios turísticos, passa pelo entendimento dos processos subjetivos que motivam os turistas a optarem por determinados destinos em detrimento de outros.

Para Soneiro (1991) nem todo espaço potencialmente turístico é turistificado. Ele aponta que o meio, tanto natural quanto cultural, não pode ser deixado de lado, porém o espaço turístico torna-se realidade apenas quando os agentes econômicos, sociais e culturais entram em cena e decidem sobre o sistema turístico.

Portanto, na elaboração de políticas públicas para o setor turístico é preciso que se observe a função de cada um dos agentes que atuam no processo de organização turística dos espaços. Fratucci (2007, p. 03) defende que os "estudos devem abranger os agentes do mundo do trabalho e do mundo do ócio", pois segundo ele, suas lógicas diferenciadas são decisivas para a gestão dos espaços do turismo. Ou seja, torna-se necessário incorporar simultaneamente turistas, agentes de mercado, Estado e comunidades receptoras.

Neste contexto, Figueira (2013a, p. 124) reforça a importância de se estabelecer "critérios para a organização de percursos", pois estes são fundamentais no processo de roteirização. Tal processo depende de "recursos humanos, capacidades financeiras dos investidores, desempenho profissional das organizações e, cada vez mais relevante, cenários assertivos" para que se tenha um equilíbrio nas respostas comportamentais da população receptora diante dos turistas. Assim, ao se criar uma "cultura turística local" trabalha-se com uma possibilidade maior de satisfação e retorno dos visitantes.

O cuidado minucioso no trabalho de estruturação de roteiros e suas narrativas são importantes para que ocorra a validação da imagem percebida pelo visitante em cada atrativo. Para Figueira (2013a), a roteirização intervém no espaço em aspectos de ordem territorial, financeira, social, econômica e cultural.

Lourens (2007) exemplifica essa questão quando demonstra que a turistificação do Caminho de Santiago de Compostela foi concretizada a partir de um plano para transformação de atrativos culturais em produtos de turismo cultural. Essa autora oferece um guia dos passos a serem seguidos para se obter sucesso no desenvolvimento da 'roteirização'. Tais passos, cuja condução deve se dar através de uma associação ou um conselho, são resumidos na sequência⁸:

- i) a rota deve ser concebida através de sólida pesquisa de mercado, identificando os principais mercados-alvo e as suas exigências. A pesquisa deve contemplar as últimas tendências do turismo e estratégias específicas para a área designada;
- ii) o inventário de atrativos e produtos turísticos deve incluir o ambiente natural, os produtos manufaturados e os ativos humanos;

⁸ Para mais detalhes consultar Lourens (2007, p. 487).

- iii) os ativos de turismo devem ser examinados, identificando as características de venda exclusivas da área, ou seja, seu diferencial;
- iv) o tamanho e potencial base de membros integrantes deve ser determinado;
- v) uma identidade nítida do roteiro precisa ser determinada e o *marketing* do destino deve estar de acordo com ela, por isso a importância dessa ser pautada em suas características únicas. A comercialização sob a forma de relações públicas é mais acessível e, por vezes, mais eficaz do que o *marketing* do núcleo duro, especialmente no caso de novos destinos turísticos. Falsas declarações devem ser evitadas no material de divulgação, pois são fatais para a reputação de um destino;
- vi) uma estratégia clara para dirigir o plano de trabalho do dia a dia deve ser determinada. Isso requer um plano de operações que garanta a comunicação entre associação/conselho e os seus membros, bem como a atribuição de funções e responsabilidades;
- vii) a alocação de recursos deve ser planejada de acordo com a importância estratégica e sem perder de vista o longo prazo; e
- viii) a estrutura institucional para um destino de sucesso requer uma parceria eficaz entre as organizações públicas e privadas responsáveis pelo turismo dentro de um determinado destino. Algumas funções, tais como planejamento macro, são mais adequadas para serem cumpridas pelo setor público.

No plano teórico o espaço turístico “recupera sua dimensão social, circunstância que se traduz na promoção de um desenvolvimento mais equilibrado territorial e setorialmente e em maior ênfase na preservação do patrimônio natural e cultural” (IVARS, 2003, p. 38, tradução nossa), desde que se compreenda que existe uma complexidade nessas relações. Todavia, há conflitos de interesses sobre o espaço, os quais não podem ser menosprezados.

Os sistemas turísticos devem, portanto, estar embasados no reconhecimento de modelos de desenvolvimento que permitam à sociedade local ter um papel ativo na condução das políticas públicas. Estas devem promover um desenvolvimento equilibrado que diversifique as atividades econômicas, não focando numa atividade turística divorciada de seu contexto.

Assim, torna-se fundamental associar o espaço regional às suas vinculações sociais. Região “é um conceito que funda uma reflexão política de base territorial” (GOMES, 2007, p. 73). Veiga (2002) reforça esta dimensão quando aponta que os recortes regionais são complexos, múltiplos e mutáveis, mas apresentam uma amplitude conceitual fundadas na escala territorial.

Santos (2002, p. 231), em uma abordagem de embasamento materialista e igualmente atrelada a centros de controle e poder, enfatiza que “território e mercado se tornam conceitos xifópagos, em sua condição de conjuntos sistêmicos de pontos que constituem um campo de forças independentes”. Reforça também que o território como um todo “se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes nele instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação”.

Haesbaert (2004, p. 40) apresenta o conceito de território em três eixos: a) político, que se refere às relações de espaço-poder ou jurídico-político, mais difundido, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder; b) cultural ou simbólico cultural, que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, no qual o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido; e c) econômico, que enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, neste o território aparece como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre as classes sociais e na relação capital-trabalho.

É importante notar as dimensões que o território assume, dependendo de seu campo de análise. A visão de Santos (2002) volta-se para o caráter utilitarista, ou seja, do “território usado”. Entretanto existe a dimensão cultural do espaço, como é o caso da territorialidade, que se refere ao lado simbólico do território (HAESBAERT, 2004). Quando tratadas a partir do campo simbólico, as características de poder, de governabilidade, se apresentam numa esfera mais ampla, como abordado no “Modelo Ecossistêmico do Turismo” de Beni e Moesch (2017).

A proposição de Haesbaert (2004) segue a linha de Souza (1995) que trata território como uma construção histórica e, por conseguinte, social, a partir das relações de poder que envolvem ao mesmo tempo, sociedade e espaço geográfico. Neste contexto, tal conceito carrega o sentido de apropriação (simbólico) e domínio (concreto) de um espaço socialmente partilhado. Partindo-se dessa articulação,

apresentam-se na sequência, reflexões em torno da definição e construção da roteirização turística.

2.2 ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA: DISCUSSÕES ACADÊMICAS E OPERACIONAIS

As discussões acadêmicas em torno da roteirização turística, via de regra, ainda são rasas, ou seja, não aprofundam a análise. Comumente os trabalhos se atêm a dimensão conceitual e/ou operacional, existindo a tendência de que os conceitos se ajustem a operacionalização que se pretende alcançar com eles. Na sequência, apresentam-se tanto as discussões acadêmicas sobre roteirização turística, como as reflexões efetuadas para elaboração de políticas públicas para a viabilização destes.

a) Discussões acadêmicas do conceito

Roteiros de turismo têm se multiplicado por todo mundo nas últimas duas décadas, em particular nos países desenvolvidos. Isso vem ocorrendo porque eles oferecem importantes oportunidades de dispersão e desenvolvimento de produtos e, ao mesmo tempo, de visitação por turistas que primam por experimentar novidades.

Tal modalidade de turismo vem se apresentando como nova tendência, distanciando-se do turismo de massa, possibilitando modelos mais individualizados em que uma maior flexibilidade e uma experiência mais significativa ganham destaque (MEYER, 2004). Roteiros turísticos rurais têm uma ampla gama de motivações em função da unicidade ecológica, trazendo oportunidades de aventuras, atrações culturais e mesmo de se usufruir de uma tranquilidade que a cidade não oferece.

Meyer (2004) defende a ideia de que a roteirização é uma oportunidade para regiões menos maduras em termos de inserção econômica, mas que apresentam recursos naturais e culturais com potencial para agradar turistas, que passam a prolongar seus interesses particulares. Ao contrário de produtos turísticos segmentados exclusivamente a visitantes de longo tempo (como *resorts* por exemplo), os roteiros podem apelar a uma grande variedade de usuários, tais como

visitantes *overnight* internacionais que visitam o percurso como parte de uma viagem com interesse específico.

Roteiros, no entanto, variam consideravelmente em termos de tamanho e escala, bem como em suas temáticas e características dos visitantes. Muitos deles são pensados para o mercado doméstico e estão localizados em áreas que não são de interesse para os turistas internacionais, apenas para visitantes nacionais interessados em saber mais sobre sua própria cultura. Dessa maneira, a roteirização proporciona uma variedade de funções e poder de atração (MEYER, 2004).

Brambatti (2002, p. 15) aborda roteirização como "percursos, caminhos, rotas percorridas por turistas, com o objetivo de usufruir de um contexto, visto no seu conjunto, de forma organizada e atrativa". Moletta (2002) entende o roteiro turístico como um pequeno plano de viagem em que o turista segue a descrição de todos os pontos a serem visitados, tem estipulado o tempo de permanência em cada local e a noção dos horários de parada. Nestes dois conceitos a análise parte da perspectiva do turista, sendo entendido como um ganho a este por oferecer um conjunto de atrativos organizados em um contexto.

Nota-se, todavia, que roteirização turística não é vista da mesma forma entre os autores. Para Tavares (2002, p. 15), "os roteiros turísticos são uma das principais maneiras de contextualizar os atrativos ativos de uma localidade" e, logo, de "potencializar seu poder de atratividade". Neste conceito, embora similar ao de Brambatti (2002), a análise parte da perspectiva do empreendedor e/ou do conjunto de empreendedores, apontando a roteirização como estratégia de ampliação de atratividade de uma localidade.

Brambatti (2002, p. 16) salienta que "o roteiro surge como algo próprio do lugar. Algo que só acontece ali e que faz a vantagem comparativa frente aos outros produtos e atrações". Ainda nesta abordagem, Bahl (2004) enfatiza que os roteiros precisam ser organizados sublimando as potencialidades e as particularidades locais, bem como, tendo em vista sua demanda. Assim, a análise da roteirização turística toma outra perspectiva, a do potencial endógeno. Vinculam-se ao sistema turístico as características e potencialidades naturais e culturais no território em que estas se desenvolvem.

Bahl (2004, p. 31) argumenta ainda que a partir de um roteiro turístico pode surgir o estímulo pela viagem, visto que "um roteiro turístico resume todo um processo de ordenação de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem".

Para ele a roteirização pode apontar diretrizes para uma futura circulação turística, adotando determinadas direções, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional dos atrativos a serem consumidos. Portanto, sua análise toma também o viés da perspectiva do turista.

O autor, entretanto, vai além, apontando também a perspectiva do planejamento do turismo. Ele ressalta a necessidade de se planejar e/ou controlar os elementos intervenientes, que se referem às condições logísticas utilizadas pelo turista e sua adequação ao local; a qualidade e número de atrativos que serão visitados; aos serviços de hospedagem e restauração que serão ofertados; e, por fim, ao tempo despendido no roteiro que necessita de uma sincronização entre seus elementos. Foca então na roteirização turística como diretriz política do Estado, bem como, de associações de empreendedores.

A sincronização citada por Bahl (2004) também é referida por Brambatti (2002, p. 16). Para este autor o roteiro é uma correlação das atrações, contudo, [...] "uma atração *per si* não faz um roteiro. São necessários vários equipamentos encadeados, ligados uns aos outros, formando uma cadeia produtiva". Portanto, nesse conceito assume-se um viés econômico, entendendo o roteiro como um sistema de empreendimentos.

Congregando diferentes aspectos, todavia restringindo-se a perspectiva do turista, Scherer (2014, p. 54) aponta que a organização dos atrativos em roteiros promove o consumo do produto turístico por meio dos elos entre diferentes atrativos. Para a autora, isso permite uma visão mais abrangente de um espaço "físico ou histórico, harmonizando um ambiente favorável que possibilita ao turista o contato e conhecimento de um maior número de locais e uma melhor visão socioeconômica e cultural".

Torna-se fundamental aqui, levar em conta os conceitos envolvidos na roteirização turística, como rota, itinerário e circuito. Autores como Gonçalves e Ribeiro (2016) e Cisne (2010) fizeram um apanhado destes e a conclusão de ambos é de que se está longe de haver um consenso entre autores e instituições públicas tanto nacionais como internacionais.

Para Bahl e Nitsche (2012, p. 41), roteiro é um conceito abrangente do qual o itinerário faz parte, assim, roteiro e itinerário interagem entre si. Para os autores estes são formados "por atrativos, equipamentos, serviços e infraestruturas de apoio dispostos em um determinado espaço", interligados por vias de acesso, acrescidos

de uma comunicação visual que evidencie a sua identidade ou temática. Bahl (2004) e Tavares (2002) consideram roteiro e itinerário como sinônimos, enfatizando que se trata de uma indicação metódica e minuciosa da situação e direção de caminhos.

Figueira (2013b), todavia, diferencia estes conceitos, permitindo uma análise de maior profundidade para com o processo de roteirização turística (QUADRO 1).

QUADRO 1 - DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS ROTA, ROTEIRO, ITINERÁRIO E CIRCUITO SEGUNDO FIGUEIRA (2013b)

Conceito	Significado
Roteiro	- repositório que, com a função de base de dados aloja, processa e disponibiliza as informações necessárias à criação de rotas.
Rota	<ul style="list-style-type: none"> - tipo específico de percurso constituído por um tronco funcionando como eixo principal e por ramos complementares daquele; - percorrida num determinado espaço de tempo; - tematicamente autônoma ou ligada a outra(s) rota(s); - organizada com características geográficas físicas e humanas muito objetivas e desenvolvida numa determinada direção; - consumida em forma de percurso, dirigido à temática dominante e agregando vários atrativos e atividades que a enriquecem como produto turístico singular; - orientada para originar circuitos, locais bem identificados que se ligam, por sua vez, entre si, através de itinerários com escala local e/ou regional.
Itinerário	<ul style="list-style-type: none"> - percurso, descrito com maior ou menos detalhe, unindo pontos de interesse turístico de um caminho; - especificação ponto a ponto, dos lugares de passagem; - sustentado por atividades relacionadas com os conteúdos a descobrir; - composto por oferta de bens e serviços; - percorrido em sistema pedonal ou usando veículos de diversas origens.
Circuito	<ul style="list-style-type: none"> - viagem combinada num determinado percurso que pode, em conjunto com outros circuitos, originar um itinerário; - viagem em que os operadores prestam vários serviços (<i>package tour</i>). - programação de percurso em segmentos temáticos que se ligam; - viagem desenhada de modo a que o ponto de partida seja coincidente com o ponto de chegada; - espaço percorrido a pé ou usando diversos tipos de transporte; - viagem organizada de média a curta duração com um determinado preço, que contempla informação aos consumidores sobre ponto de partida, horários e atividades, e ponto de saída do circuito.

FONTE: Adaptado de Figueira (2013b)

O roteiro, a rota, o itinerário e o circuito podem ser considerados então como elementos estruturantes do processo de roteirização turística. Estes elementos auxiliam na definição dos percursos oferecidos num destino turístico, caracterizando o produto turístico e acionando a sua inerente divulgação ao mercado, desde o local ao internacional.

A roteirização, pela multiplicidade de seu potencial, é:

[...] decisiva para a qualidade do destino turístico; uma atividade dependente da técnica e da representação mental, formada por um conjunto de atributos definindo um determinado lugar, onde as impressões, os conhecimentos adquiridos e as emoções dos indivíduos suscitam uma ordenação turística; um modo de inserir o turista no território que visita, ligando-o a esse lugar pela experiência e informação que dele reterá no decurso da sua vida [...] (FIGUEIRA, 2013b, p. 107).

O sistema de roteirização é, segundo Figueira (2013b, p.20), um instrumento a serviço da valorização dos territórios turísticos, tendo especial importância tanto na adequada apropriação do patrimônio tradicional como na inclusão do patrimônio que se vai criando contemporaneamente. Sua missão enquanto instrumento é decisiva, pois ajuda no processo de desenvolvimento de base territorial.

b) Diretrizes políticas para o fomento da roteirização turística no Brasil

No Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil (MTur, 2007a), desenvolvido pelo Ministério do Turismo, se estabelece que a roteirização turística é o processo que objetiva propor, aos diversos atores envolvidos com o turismo (poder público, empresários e sociedade civil), orientações para a composição dos roteiros turísticos com planejamento, gestão, promoção e comercialização.

Para a operacionalização da roteirização turística, o Ministério do Turismo também diferencia os conceitos que a envolvem, entretanto, trabalha apenas com a diferenciação entre Roteiro e Rota, considerando Itinerário como sinônimo de Rota (QUADRO 2).

QUADRO 2 - DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS ROTEIRO E ROTA/ITINERÁRIO SEGUNDO MTUR (2007a)

Conceito	Significado
Roteiro	Caracterizado como um itinerário constituído por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística. Pode perpassar uma ou várias regiões e uma ou várias rotas – é eminentemente temático.
Rota ou Itinerário	Percurso continuado e delimitado cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística, sendo considerado como um itinerário com base em um contexto histórico e/ou temático. Pode contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões turísticas.

FONTE: Adaptado de MTur (2007a).

Comparando os conceitos de Figueira (2013b) apresentados no QUADRO 1 e os apresentados por MTur (2007a) no QUADRO 2, é possível notar semelhanças e divergências entre academia e as diretrizes políticas. Figueira (2013b) apresenta uma descrição mais detalhada dos conceitos, porém não divergente do que apresenta MTur (2007a) no que diz respeito à rota turística. Para o conceito de roteiro, todavia, há divergências, visto que, Figueira defende a ideia de que o roteiro tem a função de base de dados necessária à criação de rotas, enquanto MTur (2007a) afirma que o roteiro é caracterizado como um itinerário constituído por elementos que lhe conferem identidade. Há, portanto, no conceito acadêmico uma perspectiva operacional, e no conceito operacional uma perspectiva acadêmica, entretanto, esta última é operacionalizada na medida em que justifica que tal definição ocorre para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística.

O conceito de itinerário que para Figueira (2013b) é um percurso que une pontos de interesse turístico de um caminho especificando os lugares de passagem, é tido como sinônimo de rota para MTur (2007a). O conceito de circuito, apresentado em Figueira (2013b) sequer é mencionado em MTur (2007a), já que é interpretado como uma modalidade de itinerário ou rota em que os pontos de partida e chegada são coincidentes.

A orientação inicial de operacionalização é que se efetue uma "ação para levantar a situação atual da região que deve ser realizada pela Instância de Governança Regional, com o auxílio dos demais atores envolvidos no processo" (MTur, 2007a, p. 21). Esse levantamento é fundamental para a 'Análise Situacional' (QUADRO 3), que possibilita conhecer a realidade da região e de seu mercado turístico.

QUADRO 3 - ANÁLISE SITUACIONAL PRÉVIA PARA DETERMINAÇÃO DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA SEGUNDO MTUR (2007a)

Sequência	Passos
1	Levantar e sistematizar informações, estudos, projetos e inventários referentes à oferta e à demanda turística.
2	Identificar as linhas de financiamento existentes ou a capacidade de investimentos públicos e privados da região turística.
3	Identificar a capacidade empresarial para fins de promoção e comercialização.

FONTE: Adaptado de MTur (2007a).

Essa visão geral da situação da região vai subsidiar os onze passos (QUADRO 4) para a construção do processo de roteirização turística. Tais direcionamentos permitem "auxiliar na integração e organização de atrativos, equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio à atividade turística, resultando na consolidação dos produtos de uma determinada região" (MTUR, 2007a, p. 21), ou seja, na consolidação de um roteiro turístico.

QUADRO 4 - PASSOS DO PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA SEGUNDO MTUR (2007a)

Sequência	Passos
1	Envolvimento dos atores
2	Definição de competências e funções
3	Avaliação e hierarquização dos atrativos turísticos
4	Análise de mercado e definição de segmentos
5	Identificação dos possíveis impactos socioculturais, ambientais e econômicos
6	Elaboração do roteiro específico
7	Levantamento das ações necessárias à implementação do roteiro turístico
8	Fixação dos preços a serem cobrados e teste do roteiro turístico
9	Qualificação dos serviços turísticos
10	Promoção e comercialização
11	Monitoria e avaliação

FONTE: Adaptado de MTur (2007a).

O primeiro passo é, portanto, o envolvimento dos atores no processo de planejamento da roteirização. Além das Instâncias de Governança Regionais, torna-se necessária a participação de representantes do poder público (municipal, estadual ou federal), dos empresários (profissionais da cadeia produtiva do turismo), da sociedade civil organizada (organizações locais, associações comunitárias, ONGs) e das instituições de ensino. Após a definição dos atores, o próximo passo é determinar a competência e função de cada um deles.

O terceiro passo é a avaliação e hierarquização dos atrativos turísticos, que são locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los. "Esses podem ser classificados em categorias como atrativos naturais, culturais, atividades econômicas, eventos programados e realizações técnicas, científicas e artísticas" (MTUR, 2007a, p. 27).

No quarto passo busca-se conhecer: a) o mercado potencial e concorrente; b) o potencial de competitividade e as adequações necessárias para estruturar um roteiro turístico; e c) as novas tendências do mercado. Com isso, torna-se possível

estruturar a comercialização do roteiro turístico e definir a segmentação ao qual este vai se voltar.

A identificação dos potenciais impactos positivos e negativos do roteiro é o quinto passo. Segundo (MTur, 2007a) para que o roteiro tenha qualidade e durabilidade, é essencial que ele seja estruturado levando em consideração os princípios do desenvolvimento territorial, que envolvem as questões ambientais, socioculturais e econômicas.

Contemplados os cinco primeiros passos, passa-se então a estruturação do roteiro. Neste sexto passo busca-se a operacionalidade do produto levando-se em consideração: a) acessibilidade, distâncias e tempo de permanência em cada atrativo; b) qualificação da mão de obra empregada; c) oferta de equipamentos de hospedagem; d) oferta de equipamentos de alimentação e lazer; e) oferta de serviços de apoio, como transporte, guias etc.; e f) acolhimento e hospitalidade comunitária. (MTur, 2007a, p. 34).

Neste processo, é importante fazer uma análise criteriosa das ações necessárias para a implementação do produto. Essas ações, que compõe o sétimo passo, dizem respeito à infraestrutura turística e de apoio ao turismo, qualificação dos equipamentos e serviços turísticos, capacitação específica, levantamento das possíveis dificuldades para a sua implementação e em alguns casos a capacidade de carga.

Assim que o roteiro esteja definido, é possível passar para o oitavo passo, ou seja, fixar os preços a serem cobrados. MTur (2007a, p. 37) alerta para que o “valor final de venda deve resultar da relação entre os custos do roteiro, a lucratividade pretendida e a concorrência existente”. Alguns roteiros fixam um preço para um produto principal, com a finalidade de evitar concorrência e especulação, como é o caso do ‘vinho colonial’ no Caminho do Vinho em São José dos Pinhais (SCROBOTE, 2016). A partir deste ponto já podem ser realizados testes de funcionamento do roteiro por profissionais que possam avaliá-lo, sugerir melhorias, estudar sua identidade, marca e comercialização.

O controle da qualidade de equipamentos e serviços é o nono passo. A capacitação dos envolvidos é forte aliada da qualificação do roteiro, e deve ser avaliada constantemente, até quando o roteiro já estiver funcionando. Outra ferramenta é a certificação dos produtos e serviços turísticos. Com ela é possível atestar a qualidade dos serviços, como se faz no roteiro Vale dos Vinhedos em

Bento Gonçalves – RS com o “selo de controle” dos vinhos selecionados e produzidos pelas vinícolas associadas à Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE, 2019).

A preocupação com a promoção e comercialização de um roteiro compõe o décimo passo e deve estar vinculada a fixação de metas de ampliação e diversificação da oferta turística. É importante que sejam procuradas parcerias entre as Instâncias de Governança e o setor privado, visando o desenvolvimento turístico como um todo.

Por fim, é necessário o acompanhamento de cada etapa do processo através de monitoramento e avaliação. É importante, nesta última fase, determinar indicadores que permitam mensurar, qualitativa e quantitativamente, os impactos (positivos e negativos) e os benefícios decorrentes da roteirização (MTUR, 2007a). Lourens (2007, p. 486, tradução nossa) aponta que a “associação deve determinar um padrão mínimo claro para os membros (igual ou superior ao sistema de classificação nacional) e um sistema de reavaliação regular”.

A roteirização tem, portanto, um caráter participativo e deve estimular a integração e o compromisso de todos os protagonistas desse processo, exercendo continuamente a função de ferramenta de inclusão social, resgate e preservação dos valores existentes. Ela deve ter como meta a constituição de parcerias, que podem ocorrer em instâncias municipal, regional, estadual, nacional e internacional, de maneira a buscar o aumento das oportunidades de negócios nas regiões turísticas.

Alerta-se para a necessidade de entender a “roteirização turística como um passo fundamental, pela função que pode exercer na procura pelo desenvolvimento socioeconômico” (MTUR, 2007a, p.13). A integração de atividades e atrações em um sistema unificado de rotas pode servir para estimular a cooperação e a parceria entre as comunidades e pode atuar como um veículo para o desenvolvimento econômico em áreas marginais, tanto no mundo desenvolvido quanto no mundo em desenvolvimento (MEYER, 2004).

O principal ponto de partida para organização do processo de roteirização é a identificação do potencial dos atrativos, permitindo com que a oferta turística de uma região torne-se mais rentável e comercialmente viável. Assim, a “roteirização atribui realidade turística aos atrativos que estão isolados por meio de sua integração e organização” (MTUR, 2007a, p.15). Em concordância, Meyer (2004) salienta que rotas de turismo prometem reunir uma variedade de atividades e

atrações sob um tema unificado e assim estimular oportunidades empreendedoras através do desenvolvimento de produtos e serviços auxiliares.

Ainda segundo o Ministério do Turismo, a política de "roteirização auxilia o processo de identificação, elaboração e consolidação de novos roteiros turísticos" e, ao mesmo tempo, possibilita "apontar a necessidade de aumento dos investimentos em projetos já existentes, seja na melhoria da estrutura atual ou na qualificação dos serviços turísticos oferecidos" (MTUR, 2007a, p.16). Dessa maneira, o processo de roteirização permite cooperar para a ampliação do número de visitantes de uma região e do seu tempo de permanência nos destinos, estimulando o desenvolvimento.

2.3 O ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA COMO RECORTE

São recursivas as abordagens que fazem a apreciação da urbanização em uma escala ampliada, ou seja, em sua relação com as transformações territoriais. A trama urbana "é o suporte de um 'modo de viver' mais ou menos intenso ou degradado: a sociedade urbana. Quando se trata da base econômica do 'tecido urbano' surgem os fenômenos da vida social e 'cultural'" (LEFEBVRE, 1991, p. 17).

Para Lefebvre (1991), portanto, na sociedade urbana ocorre um processo de "implosão-explosão" da cidade, no qual o tecido e o modo de vida urbano se estendem por vastas áreas. Tal processo é vivenciado pela cidade de Curitiba, cuja extrapolação de seus limites territoriais será aqui analisada. Busca-se, portanto, contextualizar e delimitar espacialmente a presente investigação, que tem como recorte espacial o entorno rural da Aglomeração Urbana de Curitiba.

As áreas urbanas municipais ao se dilatarem muito e ultrapassarem "certos limites e tamanhos", conformam a Aglomeração Urbana enquanto outra unidade territorial. Esta, por sua vez, se relaciona à terminologia Metrópole, a qual, em sua acepção moderna nos remete a existência de uma área urbana relativamente ampla compreendendo mais de um município, a Região Metropolitana. Esta categoria espacial implica a existência de uma cidade principal que organiza, econômica e funcionalmente, localidades periféricas próximas. Em decorrência, deve surgir uma sólida rede urbana onde se dinamizam atividades industriais, comerciais e de

serviço, concentrando capital, força de trabalho e poder político (MATOS, 2000, p. 01).

Neste contexto, no que se refere ao Aglomerado Urbano de Curitiba e a sua Região Metropolitana é interessante ressaltar os estudos de Ultramari e Moura (1994)⁹ que falam da metropolização e periferização da Região Metropolitana de Curitiba a partir da década de 1970. Até a década de 1980 vivenciou-se um processo dicotômico de centro e periferia, posteriormente assistiu-se ao surgimento de subcentros metropolitanos, nas últimas décadas o que se observa é a produção dos espaços de maneira que a periferização da pobreza se amplia para municípios do entorno e o adensamento volta a ocupar a capital, sobretudo a partir de 2011, quando ocorre o incremento da verticalização com grande número de oferta de apartamentos. Atualmente o que vivencia-se é um processo que Lencioni (2011b) chama de “dispersão e expansão” da Região Metropolitana de Curitiba.

Os estudos de Firkowski (2001, 2009a, 2009b) tratam da dinâmica recente de mudança na estrutura produtiva e industrialização no Aglomerado Metropolitano de Curitiba com grande participação de recursos internacionais. Segundo Firkowski (2009a, p. 58), esse processo está articulado a uma “nova territorialidade”, uma “desconcentração territorial” e ao afunilamento das contradições urbanas: “Na Curitiba metropolitana, miscigenam espaços que expressam pobreza e riqueza, o moderno e o arcaico; coexistem loteamentos de luxo com ocupações irregulares; indústrias modernas e tradicionais; o subemprego e os serviços especializados”.

Pereira (2001, 2002) analisa a urbanização desigual e relaciona a produção do espaço à degradação ambiental da Região Metropolitana de Curitiba. A autora discorre sobre a conjuntura do espaço intraurbano de Curitiba a partir dos anos 1960, observando a dinâmica do mercado imobiliário, as ocupações irregulares, a segregação socioespacial e o papel do zoneamento do uso do solo, ou seja, do planejamento urbano, relacionando à degradação ambiental.

Grande parte das cidades brasileiras se desenvolveu de maneira desordenada, potencializando a degradação do ambiente. Entretanto, tida como uma das poucas exceções, Curitiba contou com um processo permanente e

⁹ Outros escritos de Moura (2001, 2009; MOURA; KORNIN, 2009) discorrem a seletividade na ocupação do espaço metropolitano e a contraposição entre o município polo e a região. Moura (2009) também investiga o papel do “arranjo urbano-regional de Curitiba” na inserção no Paraná sob a ótica da concentração econômica e institucional.

institucionalizado de planejamento urbano desde a década de 1940. Em 1943 contou com o Plano Agache, posteriormente com o Plano Serete de 1964 e suas adequações, a nova legislação do Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo de 2000, em seguida com o Plano Diretor de Curitiba de 2004 e atualmente o de 2015 (PMC, 2016).

Contudo, a mecanização do campo na década de 1970, associada à concepção da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) acabou atraindo para a cidade um volumoso número de imigrantes em busca de oportunidades de trabalho. O movimento migratório foi realimentado nos anos 1990, impulsionado pelo eficiente *citymarketing* municipal e pela instalação de montadoras da indústria automobilística, induzindo a um crescimento acelerado da cidade e também dos municípios do entorno (DUMKE, 2007).

O crescimento de Curitiba se deu tanto vertical como horizontalmente, ultrapassando os limites municipais e envolvendo cidades vizinhas pelo processo de conurbação (DUMKE, 2007). A constituição dessa intensa área de ocupação com elevada densidade demográfica e sua intensa relação funcional instituiu o Aglomerado Urbano, com uma população de mais de 1.751.907 habitantes (IBGE, 2010).

O novo desenho espacial com implantação das indústrias, a partir de 1990, contribuiu significativamente para a formação do Aglomerado Urbano de Curitiba (DUMKE, 2007). No planejamento previsto para o Leste de Curitiba, onde se encontram os mananciais de abastecimento de água, nos municípios de São José dos Pinhais e Piraquara, continha o impedimento do uso industrial. Porém, averiguou Firkowski (2002, p. 94), que “apesar dessas determinações, e contradizendo-as, a maioria absoluta das novas indústrias na atualidade se localiza exatamente onde se previa sua inibição, ou seja, a Leste, onde estão os principais mananciais de abastecimento de água”.

A urbanização de Curitiba resultou em uma cidade na qual se destaca o volume de áreas verdes, a organização do sistema viário, o sistema de transporte público e a diversidade socioespacial das habitações. A conformação espacial se dispõe, atualmente, principalmente pela espessa verticalização ao longo das Vias Estruturais, que transformou de forma radical o sistema urbano polinucleado pré-existente, ocasionando em um significativo impacto ambiental na paisagem urbana e nos aspectos do conforto ambiental. Ao longo dos Eixos Estruturais, criados para

direcionar o crescimento da cidade e o fluxo de veículos, o zoneamento proporcionou a construção de altos edifícios que formam verdadeiros cânions urbanos (DUMKE, 2007).

Neste contexto, estruturou-se em Curitiba um território mercantilizado, financeirizado, com partes altamente atrativas ao capital internacional, sem políticas urbanas que contemplem os efeitos sociais dessas lógicas de "produção do espaço e sem mecanismos de governança que garantam a inserção equitativa dos vários segmentos sociais e econômicos, em suas várias escalas" (FIRKOWSKI; MOURA, 2014, p.29).

Assim, dois processos causadores de transformações e igualmente respeitáveis na constituição das metrópoles brasileiras e da sua conformação interna são observados também em Curitiba, num entrelaçamento do socioeconômico com o território. Segundo Ribeiro e Ribeiro (2011, p. 6), "a análise da organização social do território metropolitano não pode prescindir da consideração da economia como dimensão importante das relações sociais construídas em contextos territoriais".

Firkowski (2006, p. 59) ressalta que "a institucionalidade não pode ser prioritária na análise das cidades, cujo crescimento se expande para além das fronteiras legalmente estabelecidas". Esse avanço fronteiriço não é um processo novo, porém, ultimamente, têm se identificado mudanças significativas nas funções e morfologia desses espaços, denominadas de metropolização. Esse processo se solidifica na formação das novas espacialidades das metrópoles que, para Lencioni (2011a), pode ser considerada uma espécie de tradução urbana da manifestação socioespacial da globalização.

Para Lencioni (2011b) é importante elencar as características fundamentais que sintetizam a metamorfose da metropolização do espaço. A primeira não se trata apenas da transição do rural para o urbano, embora possa contê-la, pois seu núcleo é a urbanização. A segunda conforma uma região de grande escala territorial, com limites extremamente dinâmicos e difusos. A terceira, expressa ao mesmo tempo uma nítida e intensa fragmentação territorial e uma transparente segregação social. Na quarta se redefinem as hierarquias e a rede de relações entre as cidades.

Na quinta emerge um expressivo processo de conurbação com polinucleação intensa e múltipla rede de fluxos. Na sexta diminui-se relativamente o crescimento demográfico da cidade central, ao mesmo tempo em que as demais expandem-se em população e ambiente construído. Na sétima, redefinem-se também as

pequenas cidades, conformando um novo tipo de integração com os espaços polinucleados. E por fim, na oitava, intensificam-se os movimentos pendulares em seu interior, consagrando uma expressiva estrutura regional em rede.

Firkowski e Moura (2014), relacionam as características apresentadas por Lencioni (2011b) com as apresentadas na Região Metropolitana de Curitiba, visto que esta se alterna em aproximação e distanciamento dos elementos que constituem as metrópoles contemporâneas. Segundo as autoras, entre suas formas e funções características, visualiza-se principalmente a dinâmica da metrópole contemporânea não provida da indústria, mas das "atividades do terciário e que o mercado, e não o Estado determina os vetores de expansão metropolitana" (FIRKOWSKI; MOURA, 2014, p.44). Nessa região metropolitana as atividades industriais ainda apresentam substancial relevância entre as demais na dinâmica econômica regional.

No que tange a primeira característica apresentada por Lencioni (2011b), Firkowski e Moura (2014, p.46) avaliam que a "dinâmica demográfica na Região Metropolitana de Curitiba já não corresponde apenas à transição do rural para o urbano, embora ainda esteja ocorrendo essa transição", observada pelos movimentos migratórios. O forte assédio pela ocupação do espaço rural próximo à Curitiba propicia uma zona de transição que pode ser chamada de periurbana.

A Região Metropolitana de Curitiba e o Paraná como um todo revelam que a própria transição do rural para o urbano ainda não é um processo completo. Tais características, segundo Firkowski e Moura (2014), sugerem a produção do espaço, tanto nas dinâmicas socioespaciais e em seus conflitos pela apropriação, uso e consumo do espaço metropolitano quanto nas necessidades de políticas sociais condizentes com um território heterogêneo, desigual e em transformação.

A consolidação desse efeito conformou um anel de ocupação periférico situado no entorno dos limites territoriais de Curitiba, denominado "centro-periferia", conforme apresenta Caldeira (2000, p. 218). Este tem dependência da cidade-polo em relação à oferta de empregos, serviços, comércio e equipamentos urbanos. Cooperou também para o distanciamento territorial notado entre os ambientes de moradia das classes de renda mais baixa e mais elevada, solidificando o modelo de organização socioespacial da metrópole de Curitiba (SILVA, 2014).

Na segunda característica apresentada por Lencioni (2011b), Firkowski e Moura (2014) fazem alusão à questão da metamorfose que se apresenta em uma

região de grande escala territorial, com limites dinâmicos e difusos. Atualmente o nível de metropolização em Curitiba distingue-se por transformações significativas em sua configuração espacial em decorrência da reestruturação produtiva. Movimentos de concentração e mobilidade criaram novas funções para o polo e para as periferias, gerando valorização fundiária e intensificação do mercado imobiliário.

Com isso, ocorreu uma nova projeção da forma urbana, que reconfigurou a aglomeração metropolitana em uma categoria regional. A ampliação da mobilidade permitiu a dilatação do aglomerado metropolitano de Curitiba e a transformação no caráter da polarização e articulação em rede com centralidades anexas, expandindo a unidade do território e do aglomerado urbano.

A terceira característica apresentada por Lencioni (2011b) fala que a região expressa ao mesmo tempo uma nítida e intensa fragmentação territorial e uma transparente segregação social. São os fundamentos desiguais desta sociedade que explicam a sua própria espacialidade (SEABRA, 2004).

A esse respeito, Firkowski e Moura (2014, p.47) comentam que a lógica de distribuição da atividade econômica entre municípios "provocou transformações socioespaciais e efeitos ambientais marcantes", mesmo assim, entre os municípios que congregam a Região Metropolitana de Curitiba é expressivo o número dos que estão em segundo plano no que tange ao acesso a benefícios da dinâmica metropolitana. Seus passivos e vantagens revelam um avanço das condições produtivas em alguns municípios, melhorando sua infraestrutura e gerando diversificação funcional. Assim como, evidencia uma desigualdade socioespacial intraurbana e intermunicipal.

Assim, a espacialidade metropolitana de Curitiba caracteriza-se por uma maior disparidade e fragmentação, advinda das novas formas de produção e de localização dos espaços formais e informais de residência e da atividade econômica. O desenho urbano na região é resultado de oscilações de concentração e dispersão, com reforço e surgimento de subcentros metropolitanos, embora ainda elementares, porém cuja tendência é "transformação na estrutura espacial de mono para polinucleada" (FIRKOWSKI; MOURA, 2014).

A quarta característica apresentada por Lencioni (2011b) fala da configuração de uma região na qual se redefinem as hierarquias e a rede de relações entre as cidades. A área de concentração de população disfarça as hierarquias, porém são aparentes as relações de centralidades tanto em Curitiba como na Região

Metropolitana de Curitiba. O aumento da área territorial da indústria expandiu-se para municípios vizinhos, principalmente com localização facilitadora de logística nas proximidades das principais rodovias que interligam mercados fornecedores e consumidores (FIRKOWSKI; MOURA, 2014).

Nesse contexto, se apresenta a quinta característica apontada por Lencioni (2011b), a emergência de um expressivo número de cidades conurbadas com polinucleação intensa e múltipla rede de fluxos. Firkowski e Moura (2014, p. 47) revelam que "os movimentos intrametropolitanos, excluindo os fluxos com origem em Curitiba, mostram uma maior complexidade em termos da multidirecionalidade dos migrantes, e da irrelevância dos limites intermunicipais" dentro da aglomeração.

Assim, obtém-se uma ligação com a sexta característica de Lencioni (2011b), que mostra a diminuição relativa do crescimento demográfico da cidade central, ao mesmo tempo em que outros municípios da região expandem-se em população. Isso se revela devido a um aumento populacional nos municípios limítrofes à Curitiba, onde se concentram as atividades econômicas predominantemente urbanas.

A sétima característica de Lencioni (2011b) é a de que se redefinem também as pequenas cidades da região, conformando um novo tipo de integração com os espaços polinucleados. Firkowski e Moura (2014, p.47) constataram que no "caso da RMC, as áreas urbanas dos pequenos municípios, estão cada vez mais servindo ao processo de expansão da metrópole, a seus vetores de ocupação, tornando-se suas 'cidades dormitório'". Nas últimas estatísticas publicadas, a maioria dos municípios periféricos que apresentaram alto crescimento populacional, demonstrando novos vetores de dilatação do aglomerado metropolitano, assim como, se intensificam os fluxos pendulares da população.

A oitava característica apresentada por Lencioni (2011b) é a de que se intensificam esses movimentos pendulares entre algumas cidades da região, consagrando uma expressiva estrutura regional em rede. Firkowski e Moura (2014, p.54) confirmam a existência desse movimento e revelam que "no território metropolitano, Curitiba é o principal receptor da RMC, embora dele emanem fluxos de saída significativos para outros municípios da região".

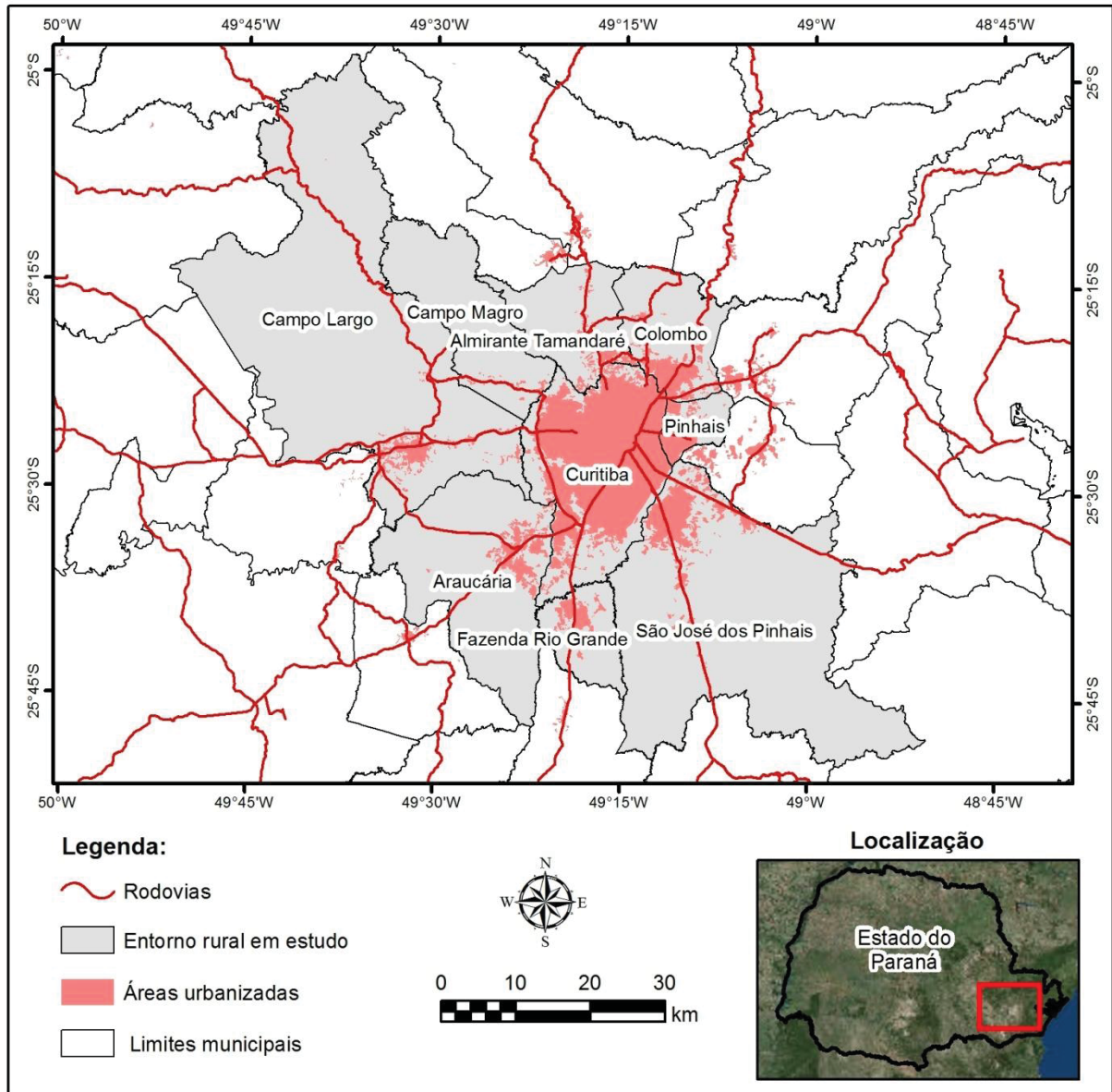
Dessa maneira, diante das características que resumem a metamorfose da metropolização de Curitiba, torna-se fundamental resgatar algumas diferenciações espaciais inerentes a este processo. Segundo a Coordenação da Região

Metropolitana de Curitiba (COMEC, 2012), na RMC se apresentam duas diferentes agregações: a) a Região Metropolitana de Curitiba propriamente dita, formada por 29 municípios¹⁰; b) o Aglomerado Urbano de Curitiba, formado por 14 municípios que congregam a mancha urbanizada no entorno de Curitiba.

Para delimitação da presente pesquisa emprestam-se elementos destas agregações. Toma-se, assim, como recorte espacial o entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba (FIGURA 10). Este é constituído pelas áreas dos municípios limítrofes à Curitiba que possuem características da ruralidade.

¹⁰ Os 29 municípios da Região Metropolitana de Curitiba são: Adrianópolis, Agudos do Sul, **Almirante Tamandaré**, **Araucária**, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, **Campina Grande do Sul**, Campo do Tenente, **Campo Largo**, **Campo Magro**, Cerro Azul, **Colombo**, Contenda, **Curitiba**, Doutor Ulysses, **Fazenda Rio Grande**, **Itaperuçu**, Lapa, Mandirituba, Piên, **Pinhais**, **Piraquara**, **Quatro Barras**, Quitandinha, **Rio Branco do Sul**, Rio Negro, **São José dos Pinhais**, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná (em negrito aqueles que formam o Aglomerado Urbano de Curitiba).

FIGURA 10 – ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA



FONTE: ITCG (2015) (Limites municipais) e IBGE (2015) (áreas urbanizadas)
 ORG: A autora (2018) e Silveira (2019)

2.4 GOVERNANÇA E TEMÁTICA COMO CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS ROTEIROS

Na Região Metropolitana de Curitiba o planejamento do turismo teve início com a elaboração de roteiros baseados em características étnicas e rurais dos municípios que a compõem (NITSCHKE et al., 2010). Essa organização do turismo em roteiros teve origem em 1992, por meio de uma proposta regional da Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER/PR juntamente

com a COMEC. A intenção inicial foi desenvolver roteiros de turismo em áreas rurais na área de mananciais no entorno da Grande Curitiba¹¹, tendo em vista oferecer alternativas sustentáveis de atrativos turísticos nas proximidades da metrópole (NASCIMENTO; BELTRÃO, 2009).

Segundo Silveira (2001, p. 143), a intenção foi de "criar o Anel de Turismo, procurando aliar a exploração do turismo à preservação ambiental e histórico-cultural da RMC e gerar emprego e renda para as populações locais." Na visão desse autor, essa proposta visou induzir o desenvolvimento do turismo na Região Metropolitana de Curitiba, tendo a Capital como o principal polo emissor e receptor de demanda, e considerando os atrativos dos demais municípios como um prolongamento de sua oferta existente.

O "Anel de Turismo" teve, portanto, o propósito de caracterizar um produto único e forte, facilitando a promoção da Região Metropolitana de Curitiba como um todo. Buscava-se ampliar e distribuir a demanda turística, além de criar âncoras para atrair fluxo turístico aos locais de menor potencial (ECOPARANÁ; COMEC; EMATER, 1999).

Segundo Nascimento e Beltrão (2009), cinco roteiros foram implantados na Região Metropolitana de Curitiba entre 1999 e 2001, tendo seu crescimento monitorado para servir de referência aos posteriores projetos. Esses roteiros são: o 'Circuito italiano de turismo rural' de Colombo, a 'Estrada do Mato Grosso' de Campo Largo, o 'Circuito da natureza' de Almirante Tamandaré, o 'Caminho do vinho' de São José dos Pinhais e o 'Caminhos trentinos de turismo rural da serra' de Piraquara.

A ideia dos roteiros teve como mote a formação de uma rede de atrativos turísticos, tomando como base a malha rodoviária da Região Metropolitana de Curitiba. Assim, turistas que viriam a Curitiba e a própria população da capital teriam alternativas de lazer e de turismo em municípios menores, mais tranquilos e com novos atrativos. Além da ampliação da oferta turística, visou-se incrementar a economia dos demais municípios da região (CANDIOTTO, 2007).

¹¹ 12 municípios são responsáveis pelo abastecimento de água na Região Metropolitana de Curitiba, entre eles está Piraquara, que tem 93% de seu território localizado em áreas de proteção ambiental, Responsável por quase metade do abastecimento de água da Grande Curitiba (COMEC, 2015).

No Programa de Estruturação dos Segmentos Turísticos do Ministério do Turismo, proposto em 2007, a roteirização turística foi a forma adotada para se integrar a oferta turística. Voltou-se para a construção de parcerias, promovendo a integração, cooperação e comprometimento entre os atores locais, o adensamento de negócios, o resgate e preservação dos valores socioculturais e ambientais da região. É válido destacar que a elaboração e estruturação de roteiros turísticos são de responsabilidade da iniciativa privada e o programa tem apenas o papel de indutor desse processo (MTUR, 2007).

Através do Programa de Regionalização do Turismo (MTUR, 2007) fomentaram-se mecanismos de governança, como associações, conselhos, fóruns e comitês. A própria estrutura de coordenação do programa criou o Conselho Nacional e os Fóruns Estaduais de Turismo, além das Instâncias de Governança Regionais e Colegiados Locais (FIGURA 11).

FIGURA 11 – ESTRUTURA DE COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO



FONTE: MTUR (2007b)

O entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba, recorte espacial desta pesquisa, é parte integrante da Região Turística “Rotas do Pinhão”. As quatro principais regiões turísticas do Paraná no *ranking* realizado pela SETU – Secretaria de Turismo - em 2012, além da “Rota do Pinhão”, são: “Campos Gerais”, “Litoral do Paraná”, “Cataratas do Iguaçu e Caminhos ao Lago de Itaipu” (PRTUR; SEBRAE PR, 2014, p. 72).

A “Rotas do Pinhão” foi idealizada a partir de um trabalho conjunto do SEBRAE/PR, Secretaria de Estado do Turismo e Fórum Metropolitano de Turismo com intuito de integrar em rede as empresas de turismo na Região Metropolitana de Curitiba, transformando a região em um destino turístico fortalecido (PRTUR; SEBRAE PR, 2014).

Em 2015 foi instituída oficialmente a Agência de Desenvolvimento Turístico da Região Rotas do Pinhão – ADETUR - Instância de Governança da Regional. Esta tem como missão gerir e dar apoio às atividades, projetos e iniciativas do turismo na sua região de abrangência, bem como orientar e estimular os associados para atuarem na construção do desenvolvimento sustentável do turismo local e regional. A adesão¹² imediata ao programa ocorreu em 16 municípios: Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Curitiba, Lapa, Piên, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Rio Negro, São José dos Pinhais e Tijucas do Sul, entre outros integrantes da Região Metropolitana de Curitiba (PARANÁ, 2017).

O processo de planejamento regional do turismo vem evoluindo e atualmente, em função de uma ordem econômica e social, cresce o interesse pela valorização turística. A concepção é a de promover o desenvolvimento territorial em áreas que apresentam potenciais turísticos e que, em regra, buscam formas alternativas de desenvolvimento.

Na atualidade, a Região Turística “Rotas do Pinhão” compreende os 29 municípios da Região Metropolitana de Curitiba, sendo que todos possuem atrativos turísticos em funcionamento (PRTUR; SEBRAE PR, 2014). Optou-se, nesta pesquisa, por trabalhar apenas com os municípios do entorno do Aglomerado Urbano de Curitiba, conforme apresentado anteriormente. Neste espaço delimitado,

¹² Para se associar à ADETUR é necessário pagamento anual no valor de R\$ 6 mil em 12 parcelas de R\$ 500.

foram identificados nove roteiros de turismo rural em funcionamento em sete dos municípios.

Assim, após essa identificação, foram feitos contatos com as secretarias ou departamentos de turismo das prefeituras, com as associações dos roteiros ou conselhos de turismo. As mesmas orientaram sobre visitas, informaram sobre estabelecimentos turísticos e organizações locais, permitindo uma primeira aproximação à realidade em estudo.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a observação estruturada evidencia elementos para delimitação de problemas, auxilia na construção de hipóteses e permite descobrir elementos novos para construção da problemática. Então, foram visitados estabelecimentos (um ou mais) de cada um dos roteiros (observação estruturada) para verificar como se organizam seus territórios e suas estratégias de funcionamento.

Durante as visitas houve o convite para participar de uma reunião entre as associações de roteiros de turismo da Região Metropolitana de Curitiba, evento chamado de “Café das Associações” promovido pela Associação de Turismo de Almirante Tamandaré. Além de membros das associações, participaram também alguns representantes do poder público de municípios que possuem roteiros.

Nesta etapa, passou-se à observação participante, ou seja, a “participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.194). O evento ocorreu em um dos estabelecimentos do roteiro onde foi realizada uma roda de conversa espontânea entre os participantes, os quais contaram suas experiências, tiraram dúvidas, assinaram uma lista de presença e assistiram uma apresentação dos empreendimentos do roteiro visitante. Ao final, a conversa continuou mais descontraída quando foi servido um café colonial aos participantes.

Nesta ocasião, durante a realização da observação participante, foi possível perceber o papel das lideranças e a importância da governança na tomada de decisões nos roteiros. Assim, optou-se por selecionar como objeto da presente pesquisa apenas os roteiros que estivessem organizados em associações e/ou

conselhos¹³. As associações de roteiros são importantes elementos para o desenvolvimento territorial, visto que contribuem para a governança destes.

Para Lakatos e Marconi (2003) nas investigações, em geral, podem ser utilizados diversos métodos ou técnicas, necessários e/ou apropriados para determinado caso. Para este estudo foram convencionados os roteiros de turismo rural de municípios limítrofes à Curitiba que estivessem organizados em associações, ou seja, que tivessem uma forma de governança. Desta forma, foram selecionados inicialmente oito roteiros (QUADRO 5).

QUADRO 5 – MUNICÍPIOS E ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA COM ASSOCIAÇÕES E COM REPRESENTAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO

Município	Roteiro	Associação	COMTUR
Araucária	Caminhos de Guajuvira	ATCG - Associação de Turismo Caminhos de Guajuvira	-
São José dos Pinhais	Caminho do vinho	ACAVIM – Associação do Caminho do Vinho Colônia Mergulhão	Suplente
	Caminhos da colônia Murici	AMCAM - Associação de Moradores Comerciantes e Agricultores da Colônia Murici e Região	Representante titular
	Circuito rural Taquaral	ACAMP - Associação dos Produtores Rurais, Artesãos e Empreendedores de Turismo da Campina do Taquaral e Região	Representante titular
Campo Largo - Campo Magro	Turismo rural nas colônias polonesas	ATRCP - Associação de Turismo Rural nas Colônias Polonesas	-
Campo Magro	Verde que te quero verde	ATCM - Associação de Turismo de Campo Magro	Representante titular
Almirante Tamandaré	Circuito da natureza	ATAM - Associação de Turismo de Almirante Tamandaré	-
Colombo	Circuito italiano de turismo rural	ECITUR – Associação dos Empreendedores do Circuito Italiano de Turismo Rural*	Representante titular

NOTAS: (*) Associação atualmente inativa, mas com larga experiência,
 (-) Conselho Municipal de Turismo Inexistente.

ORG: A autora (2019)

Como o foco do estudo é a articulação entre roteirização turística e desenvolvimento territorial, escolheram-se entre os oito roteiros previamente

¹³ Nesta delimitação ficou de fora o roteiro “Caminhos trentinos de turismo rural da Serra” de Piraquara que não possui associação. Está em estruturação o conselho municipal de turismo, porém em fase embrionária.

selecionados, aqueles em que se pudesse aprofundar a análise. Para esse refinamento, optou-se por selecionar uma amostragem diversificada em termos temáticos e de governança. Cinco roteiros de turismo rural do entorno do Aglomerado Urbano de Curitiba compõe, assim, a referência de análise para a construção desta tese (QUADRO 6 e FIGURA 12)¹⁴.

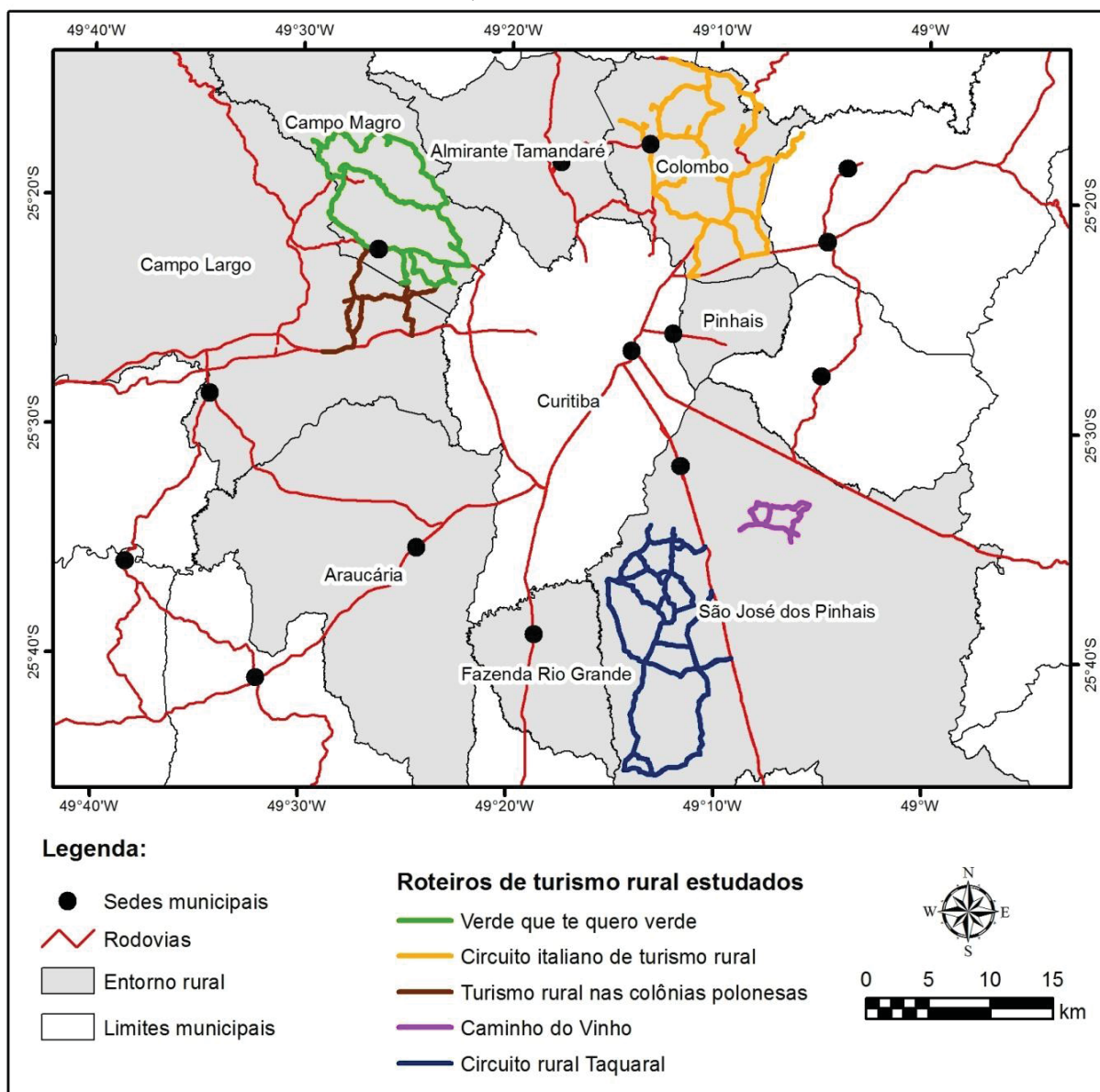
QUADRO 6 – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO NO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA QUE COMPÕE A BASE DE REFERÊNCIA DO ESTUDO

Roteiro	Critério de seleção
Caminho do vinho	Pioneirismo como roteiro, consolidação da associação e representatividade no Comtur
Circuito rural Taquaral	Modo de construção do roteiro, associação autônoma e representatividade no Comtur
Turismo rural nas colônias polonesas	Turismo rural com foco explícito na cultura polonesa e associação autônoma
Verde que te quero verde	Foco ecológico e agroecológico, atuação da associação e representatividade no Comtur
Circuito italiano de turismo rural	Pioneirismo como roteiro e grau de dependência do poder público

ORG: A autora (2018)

¹⁴ Nesta delimitação ficaram de fora os roteiros: “Circuito da natureza” (Almirante Tamandaré) e “Caminhos de Guajuvira” (Araucária), que não possuem representação em Conselho, e “Caminhos da colônia Murici” (São José dos Pinhais) pela aproximação temática ao “Turismo rural nas colônias polonesas”.

FIGURA 12 – LOCALIZAÇÃO DOS ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA QUE COMPÕE A BASE DE REFERÊNCIA DO ESTUDO



FONTE: ITCG (2015) - ORG: A autora (2018); Silveira (2019)

Desta forma, selecionou-se o roteiro “Caminho do vinho” (FIGURA 12) que teve sua primeira organização em 1999 a partir da iniciativa da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo (SICTUR) ligada à Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais em conjunto com os empreendedores. Em 2004 foi criada oficialmente a Associação do Caminho do Vinho da Colônia Mergulhão (ACAVIM), a qual tem a função de administrar e articular os empreendimentos turísticos (SCROBOTE, 2016) e também possui representatividade no Conselho Municipal de Turismo coordenado pela SICTUR. São exploradas no roteiro as características culturais da Colônia

Mergulhão, que teve origem com a vinda de imigrantes italianos, tais como: arquitetura, artesanato, grupo folclórico, museu, culinária e produção de vinho.

O “Circuito rural Taquaral” é o mais recente roteiro turístico organizado e atuante em São José dos Pinhais (FIGURA 12). A iniciativa partiu da Associação dos Produtores Rurais, Artesãos e Empreendedores de Turismo da Campina do Taquaral e Região (ACAMP) em 2010 e teve sua consolidação em julho de 2015, com apoio da Secretaria de Indústria e Turismo de São José dos Pinhais (SICTUR/SJP) e Emater (ZANCHETTA, 2016). A ACAMP possui representatividade no Conselho Municipal de Turismo e tem seu roteiro composto por seis comunidades rurais com atrativos culturais, serviços, equipamentos e produção agrícola familiar. O roteiro foi selecionado por construir um sistema de turismo a partir de uma instância de governança, como sugere o Ministério do Turismo.

O “Turismo rural nas colônias polonesas” (FIGURA 12) foi criado em 2006 através de parceria entre as prefeituras de Campo Largo e Campo Magro, bem como da Associação de Turismo Rural nas Colônias Polonesas (ATRCP), que hoje tem uma atuação autônoma. Ele reúne atrativos das Colônias Figueiredo, Dom Pedro II e Rodrigues, sendo pioneiro na integração entre municípios dentro da Região Turística ‘Rotas do Pinhão’ na Região Metropolitana de Curitiba (PMCL, 2016) onde tem como principal característica a valorização da cultura polonesa e agricultura familiar.

O “Verde que te quero verde” (FIGURA 12) tem os atrativos organizados por meio da Associação de Turismo de Campo Magro (ATCM) desde 2004. Em 2017 foram criados a Secretaria Municipal de Turismo e o Conselho Municipal de Turismo com participação da ATCM. São exploradas as características culturais das colonizações polonesa e italiana - arquitetura, artesanato, museu e gastronomia -, porém, suas características mais fortes são as ecológicas - cachoeiras, lagos, morros, agroecologia e atividades ao ar livre (MARTINHAGO, 2016; VALLIM, 2016; TOZETTO, 2018).

O “Circuito italiano de turismo rural” de Colombo (FIGURA 12) foi criado em 1999, resultado de um projeto pioneiro no Estado do Paraná, criado pela Prefeitura Municipal, em parceria com a COMEC, EMATER, Paraná Turismo e ECOPARANÁ. Atualmente o Circuito é gerido pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio, Turismo e Trabalho (SMICTT) através do Conselho Municipal de Turismo (PMC,

2018), cuja presidência fica a cargo do poder público. As reuniões são esporádicas, sendo marcadas quando surgem demandas (BONIN, 2018).

Os empreendimentos deste roteiro já estiveram organizados pela Associação dos Empreendedores do Circuito Italiano de Turismo Rural de Colombo (ECITUR), entre 2007 e 2011, ocasião em que este se desestruturou (MIKOSKI, 2018). As principais características do roteiro são destacadas pelas culturas italiana e polonesa, exploradas através da arquitetura, da religiosidade, da gastronomia, das festas típicas e da produção agrícola. Atualmente o roteiro tem se despontado na produção agroecológica.

Estes roteiros selecionados foram investigados com profundidade, buscando avaliar se eles proporcionam o que se convencionou chamar de desenvolvimento territorial. Para tanto, optou-se pela realização de entrevistas com atores que, de alguma forma, a eles se vinculam.

2.5 ELEMENTOS DO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA COMPOSIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM PROFUNDIDADE

A forma escolhida para iniciar a pesquisa de campo foi a observação estruturada. Ela se estruturou a partir da participação no “Café das Associações” dos roteiros de turismo rural da Região Metropolitana de Curitiba. Com isso, foi possível ganhar a confiança do grupo, bem como, fazer os participantes compreenderem a importância da investigação para o direcionamento de seus próprios futuros.

Posteriormente, utilizaram-se as entrevistas em profundidade de maneira semiestruturada, baseando-se em roteiro de tópicos previamente elaborados para cada categoria de entrevistado. A estruturação dos tópicos abordados durante a conversa teve por objetivo auxiliar na condução da entrevista, levando em consideração a aplicabilidade desse recurso. Em entrevistas pessoais e específicas o entrevistador tem a liberdade de desenvolver cada situação em qualquer direção, permitindo explorar mais amplamente uma questão (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A concepção do roteiro das entrevistas partiu de elementos teóricos do desenvolvimento territorial abordados por Veiga (2002). Para o autor, o desenvolvimento territorial está associado à recomposição dos territórios, aos sistemas produtivos locais e ao meio ambiente. Consequentemente, para buscá-lo,

torna-se necessária a adaptação das hierarquias territorializadas, bem como a articulação em rede e novas formas de gestão ou governança.

Com base nestes elementos teóricos, os tópicos da entrevista foram estruturados seguindo os direcionamentos sobre roteirização turística, publicado no Módulo Operacional 7 - Roteirização Turística do Ministério do Turismo (MTUR, 2007). O objetivo desta publicação era fornecer diretrizes para a roteirização, entendida como “o processo que visa propor, aos diversos atores envolvidos com o turismo, orientações para a constituição dos roteiros turísticos” (MTUR, 2007, p.15). Adaptaram-se os roteiros sugeridos, as necessidades da pesquisa proposta. Para conhecer as características dos roteiros selecionados foram levantadas informações sobre: atrativos, equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio do turismo (QUADRO 7).

QUADRO 7 – TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DOS ATRATIVOS, EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS QUE INTEGRAM O ROTEIRO

Nº	Tópicos para coleta de informações
1	Número de empreendimentos
2	Atrativos naturais
3	Atrativos culturais
4	Serviços e equipamentos
5	Atrativos produtivos
6	Outros atrativos agregados
7	Eventos especiais
8	Equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio
9	Princípios de sustentabilidade Código Municipal Ambiental
10	Redes públicas de água e esgoto e destinação de resíduos
11	Diferencial

ORG: A autora (2017)

Como a roteirização turística leva a redefinição ou adaptação dos sistemas produtivos anteriores e ao planejamento e gestão das novas atividades, foram levantadas também informações que permitissem um diagnóstico da dinâmica econômica local, bem como, do sistema de governança (QUADRO 8).

QUADRO 8 - TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS LOCAIS E DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DO ROTEIRO

Nº	Tópicos para coleta de informações
1	Atividades econômicas desenvolvidas nas propriedades
2	Ano de início da oferta turística e primeiros empreendimentos
3	Origem da iniciativa dos primeiros empreendimentos
4	Agregação ou substituição das atividades econômicas anteriores pelas turísticas
5	Iniciativa e data da articulação dos empreendimentos entre si
6	Iniciativa e data criação da associação do roteiro
7	Transformações na infraestrutura após criação da associação
8	Transformações nos empreendimentos individuais após a criação da associação
9	Propriedades apenas com atividades turísticas
10	Concorrências entre empreendimentos e monitoramento pela associação
11	Estudo de viabilidade técnica do roteiro
12	Capacitação dos empreendedores
13	Mão de obra utilizada e percentual de empregabilidade
14	Financiamento da associação e suas atividades
15	Empreendimentos do roteiro na associação
16	Participação de empreendedores nas atividades da associação
17	Potencialidade para qualificação dos empreendimentos
18	Potencialidade para expansão do roteiro e/ou dos empreendimentos
19	Ferramentas de <i>marketing</i> utilizadas pela associação
20	Parcerias

ORG: A autora (2017)

Para fazer a costura com os elementos tratados nos QUADRO 7 e QUADRO 8, bem como avaliar as tendências do mercado, foi necessário conhecer ainda as relações dos roteiros com o Aglomerado Urbano de Curitiba. Dessa forma, foi utilizada uma sequência de questões para avaliar o público consumidor dos roteiros (QUADRO 9).

QUADRO 9 - TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO E MERCADO CONSUMIDOR DO ROTEIRO

Nº	Tópicos para coleta de informações
1	Benefícios da proximidade de Curitiba
2	Número de visitantes
3	Tipo de visitante e meio de transporte utilizado
4	Acesso às informações
5	Tempo médio de visitação
6	Gasto médio no roteiro
7	Visitantes provenientes de Curitiba
8	Visitantes provenientes de outras localidades
9	Comercialização do roteiro em Curitiba
10	Parcerias com Associações e Agências de Turismo em Curitiba
11	Potencialidade para aumento do número de turistas

ORG: A autora (2017)

A identificação dos impactos de um roteiro faz parte do sistema de monitoria e avaliação do mesmo (MTur, 2007a; 2007e). O Ministério do Turismo sugere que haja um sistema contínuo de monitoria e avaliação desde a concepção do roteiro. Dessa maneira, o QUADRO 10 revela os passos utilizados nas entrevistas a fim de verificar a eficácia das ações desenvolvidas e os possíveis impactos causados pelo turismo. O termo técnico empregado foi “impacto”, sabendo que este ser positivo ou negativo, todavia, no contato com os entrevistados, utilizou-se o termo “efeito”, já que ao primeiro termo era atribuído apenas a conotação negativa. Levantaram-se informações sobre os impactos ambientais, socioculturais e econômicos.

QUADRO 10 - TÓPICOS PARA CARACTERIZAÇÃO DO IMPACTOS DO TURISMO

Nº	Tópicos para coleta de informações
1	Impactos negativos na localidade (ambientais, socioculturais e econômicos)
2	Impactos positivos na localidade (ambientais, socioculturais e econômicos)

ORG: A autora (2017)

A partir dessa estrutura foi, então, organizado o roteiro para entrevistas em profundidade com representantes das associações, do poder público (APÊNDICE 1) empreendedores associados (APÊNDICE 2), comunidade local (APÊNDICE 3), e visitantes (APÊNDICE 4), (QUADRO 11). A obtenção das informações, através das visitas *in loco* e entrevistas, permitiram apresentar um diagnóstico dos roteiros, bem como a análise deles, à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos que orientam o processo investigativo.

QUADRO 11 – CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

QUADRO 11 – CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS			
Roteiro	Nº de entrevistas realizadas	Gênero	Função do entrevistado no roteiro
Caminho do vinho	6	FEM	Presidente da Associação, suplente no COMTUR e empreendedora
		MASC	Representante Poder Público (Diretor do Departamento de Turismo)
		MASC	Representante Poder Público (Chefe de Divisão Apoio ao Turismo) e suplente no COMTUR
		MASC	Representante Poder Público (Agente Administrativo na SICTUR) e empreendedor associado
		FEM	Comunidade
		FEM	Visitante evento
Circuito rural Taquaral	7	MASC	Presidente da Associação, titular no COMTUR e empreendedor
		MASC	Representante Poder Público (Diretor do Departamento de Turismo)
		MASC	Representante Poder Público (Chefe de Divisão Apoio ao Turismo) e suplente no COMTUR
		MASC	Representante Poder Público (Agente Administrativo na SICTUR)
		FEM	Empreendedora Associada
		FEM	Comunidade
		FEM	Visitante Feira da Colônia
Turismo rural nas colônias polonesas	8	FEM	Presidente da Associação e empreendedora
		FEM	Representante Poder Público
		FEM	Articuladora Cultural
		MASC	Empreendedor Associado
		FEM	Comunidade
		FEM	Visitante na caminhada
		FEM	Visitante na caminhada
		FEM	Visitante na caminhada e líder de grupo de caminhantes
		FEM	Visitante festa na batatinha e da cultura polonesa
Verde que te quero verde	8	MASC	Presidente da Associação (2016) e empreendedor
		FEM	Representante Poder Público (2012)
		MASC	Representante Poder Público (2018) titular no COMTUR
		MASC	Presidente da Associação (2018) e Empreendedor
		FEM	Comunidade
		FEM	Visitante na caminhada
		FEM	Visitante na caminhada
		MASC	Visitante na caminhada
Circuito italiano de turismo rural	8	MASC	Empreendedor ex-associado
		FEM	Turismóloga Representante Poder Público
		MASC	Empreendedor ex-associado
		FEM	Comunidade
		MASC	Visitante na caminhada
		FEM	Visitante na caminhada
		MASC	Visitante na caminhada
		FEM	Visitante empreendimento
Total: 37 entrevistas			

ORG: A autora (2019)

O número de entrevistas por roteiro oscilou de acordo com o aproveitamento das entrevistas de visitantes, da dinâmica dos representantes de associações e do Poder Público, bem como, da necessidade de informações sobre assuntos específicos. À medida que surgiram necessidades foram realizadas novas entrevistas que totalizaram 37.

No caso dos entrevistados representantes do Poder Público dos roteiros 'Caminho do vinho' e 'Circuito rural Taquaral' são três membros, pois foi marcada entrevista com o Diretor de Turismo da prefeitura de São José dos Pinhais, porém na ocasião participaram também o Chefe de Divisão Apoio ao Turismo e suplente no COMTUR e Agente Administrativo do Departamento de Turismo que também é empreendedor associado à ACAVIM.

O primeiro contato do roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' foi com a articuladora cultural deste no 'Café das Associações' que apresentou inicialmente a realidade do roteiro e posteriormente esclareceu dúvidas visto que é pesquisadora das colônias polonesas e uma das idealizadoras da ATRCP.

No 'Circuito italiano de turismo rural' como a ECITUR está inativa, o último presidente não atua mais na área do turismo e o último vice-presidente não aceitou ser entrevistado, foram realizadas entrevistas com dois empreendedores idealizadores da associação, que estiveram atuantes em todo período de atividade da associação e são empreendedores ainda hoje no roteiro.

Para a análise dos dados levantados utilizou-se o processo de "transcrição" das entrevistas com os participantes, as quais foram gravadas. Depois de transcrita, a entrevista passou pela "conferência de fidedignidade". Neste processo, teve-se o cuidado em ouvir novamente "a gravação tendo o texto transcrito em mãos e acompanhando e conferindo cada frase", como sugere Duarte (2004, p. 220). Esse procedimento foi realizado para cada uma das entrevistas, pois, transcrever e depois ler cada entrevista, além de corrigir possíveis erros permite evitar respostas induzidas e elucidar os rumos da investigação.

Como a entrevista foi gravada, não foram necessárias anotações longas. A conversa foi bem natural e descontraída, de maneira que o entrevistado pode ficar à vontade para expor suas experiências através de narrativas elaboradas com suas próprias palavras. Ao entrevistador ficou o cuidado para que a conversa não se desviasse muito do roteiro previamente elaborado. Tomou-se o cuidado de colher a autorização para uso de depoimento e imagem de cada entrevistado (APÊNDICE 5).

Nos próximos capítulos apresentam-se os resultados das informações levantadas, trazendo sempre que possível a “fala dos atores”, ou seja, trechos literais das entrevistas. As análises e discussões, embasadas no quadro teórico, as quais permeiam estes resultados.

3 APROVEITAMENTO DO POTENCIAL ENDÓGENO: SISTEMAS DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA NO ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA

O potencial endógeno do território compreende seu patrimônio local natural, humano, cultural e construído. Ele pode ser apropriado e transformado em atrativo turístico, fortalecendo a musculatura de roteirizações e estimulando os elementos fundamentais para o desenvolvimento territorial (FIGUEIRA, 2013).

A condução de recursos a atrativos e, conseqüentemente, a produtos prontos para oferta, como espaço de produção e espaço de consumo, são características do fenômeno do turismo (SILVA, 2006). Braga diferencia recurso de atrativo afirmando que “os recursos turísticos são os elementos de uma localidade que tem potencialidade para tornar-se atrativo turístico; ou seja, constitui-se na matéria prima do turismo” (2007, p. 79).

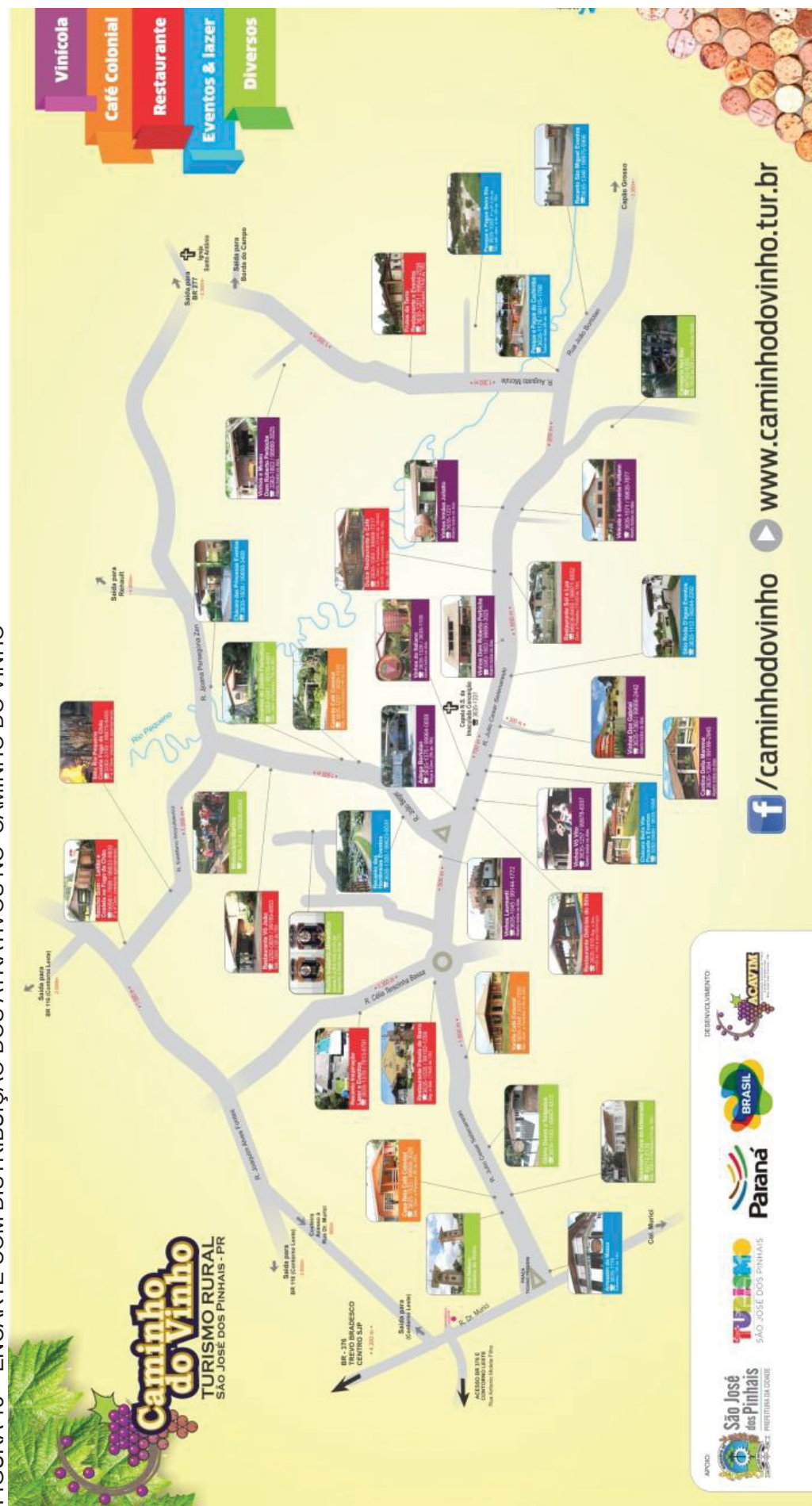
Considerando estes pressupostos, este capítulo objetiva apresentar os casos múltiplos de estudo selecionados, que congregam sistemas turísticos rurais localizados no entorno do Aglomerado Urbano de Curitiba. As investigações se concentram em cinco roteiros, a saber: ‘Caminho do vinho’ e ‘Circuito rural Taquaral’, ambos de São José dos Pinhais; ‘Turismo rural nas colônias polonesas’ de Campo Largo e Campo Magro, ‘Verde que te quero verde’ de Campo Magro e ‘Circuito italiano de turismo rural’ de Colombo.

A caracterização dos roteiros, expressa neste capítulo, busca construir uma contextualização horizontalizada do fenômeno em estudo, que no capítulo que a sucede se verticaliza, assumindo profundidade. Ela foi construída a partir de dados coletados em campo, seja através de observação *in loco*, seja através de entrevistas com representantes do poder público e/ou das associações. Para isso foi utilizada a classificação do MTur (2011), suas categorias, tipologia e subtipologia. Para cada estudo de caso – roteiro turístico - se apresenta os recursos e atrativos que o compõe, bem como a localização de cada um destes e sua situação em termos de governança.

3.1 CAMINHO DO VINHO

O 'Caminho do vinho' compreende 46 atrativos (FIGURA 13) sendo que destes 33 são associados à ACAVIM. Nele são exploradas as características culturais e econômicas da colônia italiana Mergulhão (QUADRO 12). Procura-se preservar formas de expressão cultural mantendo o coral de música e o grupo de danças italianas, a arquitetura religiosa com a Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, casas históricas (apenas apreciação externa, pois são habitadas) e artesanato étnico, bem como um museu (junto a uma vinícola), a culinária típica (presente nos empreendimentos e nas festas) e a produção vitivinícola (SCROBOTE, 2016).

FIGURA 13 – ENCARTATE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS NO ‘CAMINHO DO VINHO’



FONTE: CAMINHO DO VINHO (2018)

QUADRO 12 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO TURÍSTICO 'CAMINHO DO VINHO'

Categoria	Tipo	Atrativos	ACAVIM
Culturais	Arquitetura Religiosa	Capela de N. Senhora da Imaculada Conceição	Não sócio
	Formas de expressão	Grupo Folclórico Italiano Cuore D'Italia	Não sócio
		Coral Italiano Belvedere	
	Interesse Cultural	Museu Dom Roberto Perbiche	Não sócio
		Casa Histórica Bortolan	
		Casa Histórica Nonno Húngaro	
		Casa Histórica João Bortolan	
		Casa Histórica Ernesto Juliatto	
		Casa Histórica Nonno Leonardo	
		Casa Histórica Nonno Giacomo	
	Artesanato	Casa do Artesanato – Associarte	Não sócio
Serviços e equipamentos	Alimentos e Bebidas	Adega Bortolan	Sócio
		Cantina Della Mamma	
		Vinhos Dom Roberto Perbiche	
		Vinhos Don Gabriel	
		Vinhos Irmãos Juliatto	
		Vinhos do Italiano	
		Vinhos Laureanti	
		Vinícola e Salumeria Politano	
		Vinhos Vô Vito	
		Cervejaria Nut Bier	
		Casa Bela Café	
		Casarão Café Colonial	
		Dulce Café Colonial	
		Vanille Café Colonial	
		Armazém do Mazza	
		Glória doces e salgados	
		Restaurante Delícias do Sítio	
		Dulce Restaurante	
		Restaurante Frutos da Terra	
		Restaurante Panela de Barro	
		Restaurante Rancho Bom	
		Restaurante Sol e Lua	
		Restaurante Sítio Rio Pequeno	
		Restaurante Vô João	
	Agência	Anexo à vinícola Politano	Não sócio
	Espaços de Eventos	Chácara, eventos e pousada Bella Vite	Sócio
		Chácara das Princesas	
		Recanto das Hortênsias	
		Recanto Inspiração eventos e restaurante	
		Recanto São Miguel eventos	
	Lazer	Sítio Roda D'água eventos	Sócio
		Pesque e pague Beira Rio	
	Atividades Produtivas	Pesque e pague do Cachimbo	Sócio
		Floricultura Encantos do Jardim	
	Agricultura Familiar, Agroindústria	Minhocário Martins	Sócio

FONTE: Scrobote (2016), Caminho do Vinho (2016) e Kuzma (2018)

Os atrativos de serviços e equipamentos são predominantes, sendo as principais referências para o 'Caminho do vinho' (KUZMA, 2018). Os serviços e equipamentos de alimentos e bebidas comportam cantinas de produtos típicos, vinícolas, cervejaria artesanal, restaurantes, cafés coloniais, armazém e produção de doces e salgados. O roteiro conta com uma agência de receptivo (funciona anexo à vinícola Politano), que organiza os passeios e visitas técnicas da ACAVIM, diversos espaços para eventos em geral e dois pesque e pagues. Uma floricultura e um minhocário compõem os atrativos com atividades produtivas que abrangem a agricultura familiar e agroindústria no roteiro. Apenas os atrativos de empreendimentos, serviços e produtivos, fazem parte da associação do roteiro.

3.2 CIRCUITO RURAL TAQUARAL

O 'Circuito rural Taquaral' possui 36 atrativos atuantes (FIGURA 14) e 29 associados à ACAMP (QUADRO 13). Existem empreendimentos que se encontram em estruturação e, portanto, não associados. Há atrativos culturais de arquitetura religiosa como a Igreja Ucraniana da Santíssima Trindade (FIGURA 15) localizada na Colônia Marcelino¹⁵ (inaugurada em 2017 ao lado da antiga capela) que vem compor uma nova realidade para a comunidade que passou a ser muito cobiçada para realização de casamentos e batizados. Em frente a esta encontra-se em fase final a construção de um novo salão de eventos que poderá atender aos eventos celebrados na igreja (KREFER, 2019).

O roteiro conta ainda com formas de expressões culturais, como o grupo folclórico de tradição gaúcha, que retrata também o estilo campeiro das comunidades envolvidas, e o tradicional grupo folclórico ucraniano da Colônia Marcelino. Têm ainda como atrativos de interesse cultural o Museu da Família Zanchetta, as casas históricas e um empreendimento com confecção de artesanato em madeira e fios. Esses não são associados à ACAMP (QUADRO 13).

¹⁵ Igreja estilo bizantino (construída ao lado da antiga capela) com 32 metros de altura e capacidade para 450 lugares. Eleita pelo jornal Gazeta do Povo como uma das maiores e mais belas igrejas ucranianas do Brasil (GAZETA DO POVO, 2019)

QUADRO 13 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO TURÍSTICO 'CIRCUITO RURAL TAQUARAL'

Categoria	Tipo	Atrativos	ACAMP
Culturais	Arquitetura Religiosa	Igreja Ucraniana da Santíssima Trindade	Não sócio
	Formas de expressão	Grupo Folclórico de dança gaúcha	Não sócio
		Grupo Folclórico Ucraniano Soloveiko	
	Interesse Cultural	Museu da família Zanchetta	Não sócio
		Casa histórica polonesa	
		Casa histórica Campestre	
	Artesanato	Artesanatos Nagarotto (madeira e fios)	Não sócio
Serviços e equipamentos	Alimentos e Bebidas	Cantina, vinícola e café Zanchetta	Sócio
		Mercearia Nossa Senhora das Graças	
		Cheiro de pão (panificação caseira)	
		Armazém Vialich	
		Negosek embutidos	
		Bar Marina (esportes e lanchonete)	
		Restaurante Dom Ernane	
		Restaurante Tempero Paulista	
		Restaurante e Café Colonial Vó Tereza	
		Pizzaria Família Campestre	
	Espaços de Eventos	Rancho Bela Vista eventos	Sócio
		Chácara de eventos Fattoria Zanqueta	
		Chácara de eventos Villa Ravenna	
		Chácara de lazer, eventos Pelanda	
		Chácara de eventos lenkot	
		Chácara Pelanda eventos	
	Lazer	Pesque Pague Arujá	Sócio
		Pesque Pague Carrijo	
		Pesque Pague Bobato	
		Cabanha e restaurante Rancho Santa Maria	
		Haras Fortaleza	
		Cabanha Fundo da Grota	
		Chácara Vó Leonides (turismo pedagógico)	
		Campo de futebol do Déio	
Atividades Produtivas	Agricultura Familiar, Agroindústria	Betty Orquídeas	Sócio
		Chácara agroecológica JJR	
		Cerâmica NC Tortato	
		Piccola'z picolés artesanais	
		Quinta do sabor produção de morangos	

FONTE: Zanchetta (2016) e Kuzma (2018)

ORG: A autora (2019)

FIGURA 15 – IGREJA UCRANIANA DA SANTÍSSIMA TRINDADE



FONTE: Autora (2019)

O ‘Circuito rural Taquaral’ não possui atrativos naturais. Entre os serviços e equipamentos oferecidos o roteiro tem os de alimentos e bebidas como a cantina que também é vinícola e atende café colonial aos finais de semana (FIGURA 16), bem como, panificação caseira, armazém, mercearia, salamaría (embutidos e defumados), bar, restaurantes, café colonial e pizzeria.

FIGURA 16 – PARREIRAL E CANTINA DE VINHOS ZANCHETTA



FONTE: Autora (2016)

Entre os equipamentos e serviços com espaços para eventos o ‘Circuito rural Taquaral’ conta com seis empreendimentos e para atividades de lazer tem pesque pagues, cabanhas/haras (instalação para cavalos e torneios que um deles

funciona como restaurante aos finais de semana), chácaras de turismo pedagógico e campo de futebol para locação. Das atividades produtivas ligadas à agricultura familiar e agroindústria, o roteiro tem o orquidário (orquídeas e outras flores), chácara agroecológica com apiário (abelhas sem ferrão), fábrica de cerâmicas, fábrica de picolés artesanais e chácara com produção de morangos e derivados (ZANCHETTA, 2016).

3.3 TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS

O roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' possui um total de 16 atrativos (FIGURA 17). Não possui atrativos naturais, sendo que os 8 atrativos culturais representam a categoria mais expressiva do roteiro (QUADRO 14). Entre os atrativos culturais de arquitetura religiosa tem-se as igrejas de cada comunidade e os cruzeiros. Como forma de expressão étnica tem-se o coral polonês e um grupo folclórico de dança polonesa. O Museu da Etnia Polonesa e também o artesanato polonês feito pelas famílias polonesas e comercializado nos empreendimentos do roteiro compõe os atrativo de interesse cultural. Uma casa histórica foi restaurada e nela funciona o restaurante Nova Polska¹⁶ (FIGURA 18). Nesse restaurante há um pequeno museu aberto para visitação aos domingos (LIMA, 2017). Ele oferece gastronomia típica polonesa, o que pode também ser classificado como atrativo cultural pela classificação do Mtur (2011).

¹⁶ O projeto do Restaurante Nova Polska passou por três linhas de pensamentos: 1   Preservar a cultura polonesa e resgatar a forma bela como os imigrantes poloneses viram a vida; 2   Oferecer a propriedade como um veículo de integração do homem com a natureza, restituindo a ele a saúde física e psicológica; 3   O lazer como mecanismo de educação ambiental, através de atrativos que levem a reflexão do papel do homem na natureza (NOVA POLSKA, 2017).

FIGURA 17 – ENCARTÉ COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS NO ROTEIRO ‘TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS’



FONTE: COLÔNIAS POLONESAS (2017)

QUADRO 14 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO 'TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS'

Categoria	Tipo	Atrativos	ATRCP
Culturais	Arquitetura religiosa	Igreja São Miguel	Não sócio
		Igreja Colônia Dom Pedro II	Não sócio
		Igreja Colônia Figueiredo	Não sócio
		Cruzeiros	Não sócio
	Formas de expressão	Coral da Colônia Dom Pedro II	Não sócio
		Grupo folclórico Zabawe Polskie	Não sócio
	Interesse cultural	Museu da Etnia Polonesa	Não sócio
	Artesanato	Flores, pinturas, bordados e utensílios poloneses	Não sócio
Serviços e equipamentos culturais	Alimentos e bebidas	Café colonial Vovó Bruna	Sócio
		Restaurante e Lazer Nova Polska	Sócio
Atividades produtivas	Agricultura familiar, agroindústria	Chácara Monjolo - Caminho das Flores	Sócio
		Casa do Bambu	Sócio
		Chamel – produção de chás	Sócio
		Fala Véio Chácara de Orgânicos	Sócio
		Chácara São José – queijos	Sócio
		RF Orquídeas	Sócio

FONTE: Lima (2017), Marcon (2018)

ORG: A autora (2019)

O café colonial Vovó Bruna apesar de ser da categoria de serviços e equipamentos, também pode ser classificado como atrativo cultural pelas características de arquitetura, gastronomia e artesanato que oferece. Estes empreendimentos estão situados na Colônia Rodrigues, divisa entre os municípios de Campo Magro e Campo Largo e por isso participam de dois roteiros de turismo rural, o “Turismo rural nas Colônias Polonesas” e o “Verde que te quero verde”.

Atualmente tem-se 8 empreendimentos associados a ATRCP. Trata-se de serviços e equipamentos culturais como restaurante (FIGURA 18) e café colonial típicos da cultura polonesa, bem como, atividades produtivas da agricultura familiar e agroindústria como produção de chás, vinhos, mudas de flores (em vaso e bandeja para transplante em jardim), orquidário (FIGURA 19), casa do bambu (FIGURA 20) (loja da fábrica da Chamel¹⁷ com linha completa de produtos, mudas ornamentais, frutíferas, medicinais, além de bonsais, orquídeas e artesanato em bambu), chácara de orgânicos e leiteria com produção de queijos.

¹⁷ A ‘Chamel’ é uma agroindústria de plantas medicinais, aromáticas e condimentares, contemplando igualmente, o fornecimento de fitoterápicos, complementos alimentares e suplementos. É referência na agricultura, beneficiamento e transformação de plantas medicinais. A sede com 1200m² construídos de área industrial está localizada no roteiro bem como boa parte das plantações de plantas medicinais (CHAMEL, 2017).

FIGURA 18 – RESTAURANTE POLONÊS NOVA POLSKA



FONTE: Autora (2017)

NOTA: A) Fachada restaurada do restaurante mantendo o estilo polonês; B) Detalhes da pintura interna restaurada; C) Chalana com detalhes da arte polonesa.

FIGURA 19 – ORQUIDÁRIO RF



FONTE: Autora (2017)

FIGURA 20 – CASA DO BAMBU



3.4 VERDE QUE TE QUERO VERDE

O roteiro ‘Verde que te quero verde’ atualmente compreende 36 atrativos (QUADRO 15). Destes, 9 empreendimentos (serviços e equipamentos) estão associados à ATCM (FIGURA 21). São exploradas as características culturais das colonizações polonesa e italiana - arquitetura, artesanato, museu e gastronomia -, porém suas características mais fortes são as ecológicas - cachoeiras, lagos, morros, agroecologia e atividades ao ar livre. Conta com 5 atrativos naturais não sócios, como as Cachoeiras Gêmeas, a Cascata da Professorinha, a pedreira que abriga a Lagoa Verde, o Morro da Palha e a Estrada da Serrinha¹⁸.

¹⁸ A Estrada da Serrinha atravessa o interior do município numa extensão de 6 km. É considerado um atrativo em função da paisagem belíssima que o passeio proporciona, permitindo-se visualizar todo o relevo e belezas naturais da região. Além disso, é uma estrada muito frequentada pelos praticantes de *off road* e *motocross*, sendo uma aventura àqueles que resolvem atravessá-la (PMCM; Uninter, 2012).

FIGURA 21 - ENCARTE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS ASSOCIADOS À ATCM NO ROTEIRO 'VERDE QUE TE QUERO VERDE'



FONTE: PMCM (2019)

QUADRO 15 – RECURSOS E ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO 'VERDE QUE TE QUERO VERDE'

Categoria	Tipo	Recursos e Atrativos	ATCM
Naturais	Relevo continental cárstico	Morro da Palha	Não sócio
		Cachoeiras Gêmeas*	
		Lagoa Verde*	
		Cascata da Professorinha	
		Estrada da Serrinha	
Culturais	Arquitetura religiosa	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Não sócio
		Capela Nossa Senhora do Carmo	
		Cruzeiro da Colônia D. Pedro II	
	Arquitetura industrial/agrícola	Farinheira Sr. Santana (casa antiga)	Não sócio
		Forno de Cal (forno antigo)	
	Itinerário cultural	Trilha do Ouro	
	Artesanato	Esculturas de Alfi Vivern	Não sócio
		Móveis Rústicos em madeira de demolição	
Serviços e equipamentos	Hospedagem	Pousada Morro da Palha	Não sócio
	Alimentos e bebidas	Restaurante Pedra Chata Ecológico	Sócio
		Restaurante Pedra Sobre Pedra	Sócio
		Restaurante Nova Polska	Sócio
		Bar do Paulo	Sócio
		Restaurante Novo Casarão	Sócio
		Restaurante Chácara do Bosque	Não Sócio
		Pianaro Deck Bar	Não sócio
		Bar Fox	Não sócio
		Café Colonial Vovó Bruna	Não sócio
	Espaços de eventos	Mangala Ekos (eventos)	Sócio
		Chácara Santana (restaurante, lazer e eventos)	Sócio
		Chácara Minas D'água eventos	Não Sócio
		Chácara Mirante eventos	Não Sócio
	Lazer	Recanto Sagrado eventos e pedagógico	Sócio
		Pesqueiro e Parque Aquático do Rei	Sócio
		Pesque pague e restaurante Recanto Kalena	Não Sócio
		Chácara Dona Cecília	Não sócio
		Recanto da Lua eventos	Não sócio
		Clube do Palha (clube de voo livre com restaurante Gramados do Palha)	Não sócio
	Técnicos, científicos e artísticos	Observatório Astronômico do Colégio Estadual do Paraná	Não sócio
		Usina de Valorização de Recicláveis	Não sócio
Atividades Produtivas	Agricultura familiar, agroindústria	Recanto Nativo (produção de orgânicos, pousada e restaurante)	Não Sócio

FONTE: Vallim (2016); Tozetto (2018); Maeski (2019)

ORG: A autora (2019)

NOTA: Os atrativos do quadro tiveram conferência em campo visto que os entrevistados nem sempre tinham conhecimento do funcionamento.

LEGENDA: *Podem ser entendidos como recursos por não ter nenhuma estrutura organizada.

Dos atrativos naturais, apenas o Morro da Palha (FIGURA 22) é explorado comercialmente. Trata-se de um local de referência em voo livre no estado do Paraná com altitude de 1.080 metros em relação ao nível do mar e 300 metros de desnível em relação ao pouso. A sede do Clube do Palha conta com pista de pouso, ampla área verde com bosque para acampamento, banheiros e restaurante (FIGURA 23). O Clube do Palha é uma organização independente, não associada a ATCM e sem contato frequente com o poder público (TOZETTO, 2018; MAESKI, 2019).

FIGURA 22 – MORRO DA PALHA E PISTA DE POUSO



FONTE: Autora 2019

NOTA: A) Topo do Morro da Palha onde está a rampa de voo; B) Pista de pouso de voo livre e sede do clube.

FIGURA 23 - RESTAURANTE GRAMADOS DO PALHA E SEDE DO CLUBE DE VOO LIVRE



FONTE: Autora 2019

As Cachoeiras Gêmeas e a Lagoa Verde estão em propriedades particulares e podem ser categorizadas como ‘recurso’ e não atrativo por não ter nenhuma estrutura para visitação apesar de ambas já terem sido divulgadas pelo roteiro tanto em folder anterior quanto no site da prefeitura. Em visitação local foi percebido significativo número de visitantes.

A Lagoa Verde está localizada em uma área com várias pedreiras desativadas na mesma propriedade particular. Atualmente a área é utilizada sem controle por vários tipos de público para banho, piquenique, pesca, trilha, som alto, arrancadão de jipe nas poças de lama, etc (FIGURA 24). O acesso por estradas de chão bastante deficitário, sem nenhuma infraestrutura e com visitas esporádicas da polícia.

Na Lagoa Verde está para ser implantado o ‘Parque das Pedreiras’ (nome provisório). Trata-se de um projeto privado de 43 milhões de reais já aprovado no Ministério do Turismo com Selo Prodetur + Turismo¹⁹. O financiamento da obra foi priorizado no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) e está em busca de garantidores. Contempla uma área de 140 mil metros quadrados com restaurante panorâmico, centro gastronômico aberto, centro de convenções, centro de exposições, centro de compras e uma escola ecológica. A estimativa é que seja o segundo maior projeto de turismo do Paraná, perdendo apenas para o Parque Nacional do Iguaçu. A expectativa é de obras concluídas até 2020 (TOZETTO, 2018; MAESKI, 2019).

¹⁹ A concessão do Selo + Turismo, garante prioridade à análise de financiamentos por meio do Prodetur+Turismo. O programa, lançado em abril deste ano, proporciona acesso a crédito para investimentos do setor por meio do BNDES e, mais recentemente, do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF). Mais informações em: <http://www.turismo.gov.br/últimas-notícias/12150-mtur-facilita-acesso-ao-selo-turismo-para-projetos-do-setor.html>

FIGURA 24 – ACESSO, VISTA PANORÂMICA E USUÁRIOS DA LAGOA VERDE



FONTE: Autora (2019)

NOTA: A) Acesso principal à Lagoa Verde; B) Acesso à parte superior da pedreira que dá visão panorâmica da Lagoa Verde; C) Vista panorâmica; D) Jipeiros e trilheiros na parte superior da pedreira; e E) Família usando o espaço para piquenique.

Entre os atrativos culturais tem-se os de arquitetura religiosa que são a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, a Capela de Nossa Senhora do Carmo

da comunidade Conceição dos Correias e o Cruzeiro²⁰ da Colônia D. Pedro II. Como arquitetura industrial e agrícola, tem a casa antiga da Farinheira Sr. Adílio Santana e o Forno de Cal, desativado em 1976. A Trilha do Ouro, legado histórico do município, é um itinerário cultural constituído de atrativos culturais e naturais (PMCM & Uninter, 2012). Ela acompanha o curso do rio Conceição seguindo os vestígios da história do ouro de Campo Magro.

Em termos de artesanato, o roteiro possui a contribuição do casal Alfi Vivern e Maria Inês Di Bella, que são artistas argentinos e montaram um ateliê em Campo Magro em 1978. Maria Inês trabalha com gravuras e Alfi trabalha com esculturas em pedra (mármore, granito e basalto), tendo realizado inúmeras exposições individuais e coletivas em diversas cidades da América do Sul, Europa, África e Ásia. Suas obras podem ser apreciadas em vários museus, coleções particulares, galerias de arte e no próprio ateliê, onde mantém um espaço com as obras catalogadas.

De atrativos relacionados a serviços e equipamentos, têm-se uma pousada e na categoria de alimentos e bebidas tem 9 empreendimentos. Espaços para eventos são 4, havendo ainda atrativos de lazer que se diversificam entre chácara pedagógica, pesqueiros, parque aquático, chácaras de lazer e o Clube do Palha. Este, além de ser sede do clube, recepciona os aventureiros do voo livre num espaço com recreação infantil, área de *camping* e restaurante ao lado da pista de pouso.

Há ainda dois atrativos de cunho técnico e científico no roteiro, que são o Observatório Astronômico do Colégio Estadual do Paraná e a Usina de Valorização de Recicláveis²¹. Estes, mesmo não fazendo parte da associação de turismo, estão no circuito e recebem visitas agendadas. O roteiro conta ainda com um empreendimento que trabalha com produção de orgânicos. A chácara além de receber visitantes para a atividade colhe e pague, tem o restaurante com comida orgânica, pousada e entrega orgânicos em domicílio.

²⁰ Os imigrantes, sobretudo os poloneses, construíam capelas de madeira ou cruzeiros nas entradas das colônias para fazerem suas rezas (SIKORA, 2014).

²¹ Esta usina foi criada em 1990 com objetivo de fomentar a prática da reciclagem pela triagem dos resíduos sólidos reaproveitáveis. Estes resíduos são coletados pela Prefeitura de Curitiba. Desde 1998 o Instituto Pró Cidadania de Curitiba (IPCC) administra a usina e a receita operacional bruta é revertida para as comunidades menos favorecidas. São também desenvolvidas ações de ordem educacional relativas ao meio ambiente, por meio de palestras destinadas a estudantes da rede pública e privada. (URV, 2017).

3.5 CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL

Em Colombo o turismo é uma atividade em pleno desenvolvimento. Em 2015 foram inventariados 122 atrativos atuantes, destes 82 estabelecimentos privados, sendo que à época apenas 35 faziam parte do Citur (PMC; UFPR, 2014, p.270). A principal característica do roteiro é a cultura dos imigrantes italianos e poloneses. Estão cadastrados e atuantes atualmente 45 pontos de visitação (FIGURA 25) (QUADRO 16) que podem utilizar a marcas e “Turismo Colombo”. Destes 31 tem ainda a marca “Citur” (FIGURA 25) (MARTINHAGO, 2017; BONIN, 2018).

Para fazer parte do Circuito Italiano de Turismo Rural a propriedade deverá apresentar projeto junto ao Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), demonstrando interesse e, se o empreendimento atender ao Manual do Circuito Italiano (aprovado e regido pelo COMTUR), o mesmo será inserido e autorizado para instalação de totem, utilização da marca e participação nos projetos (PMC; UFPR, 2015, p.21).

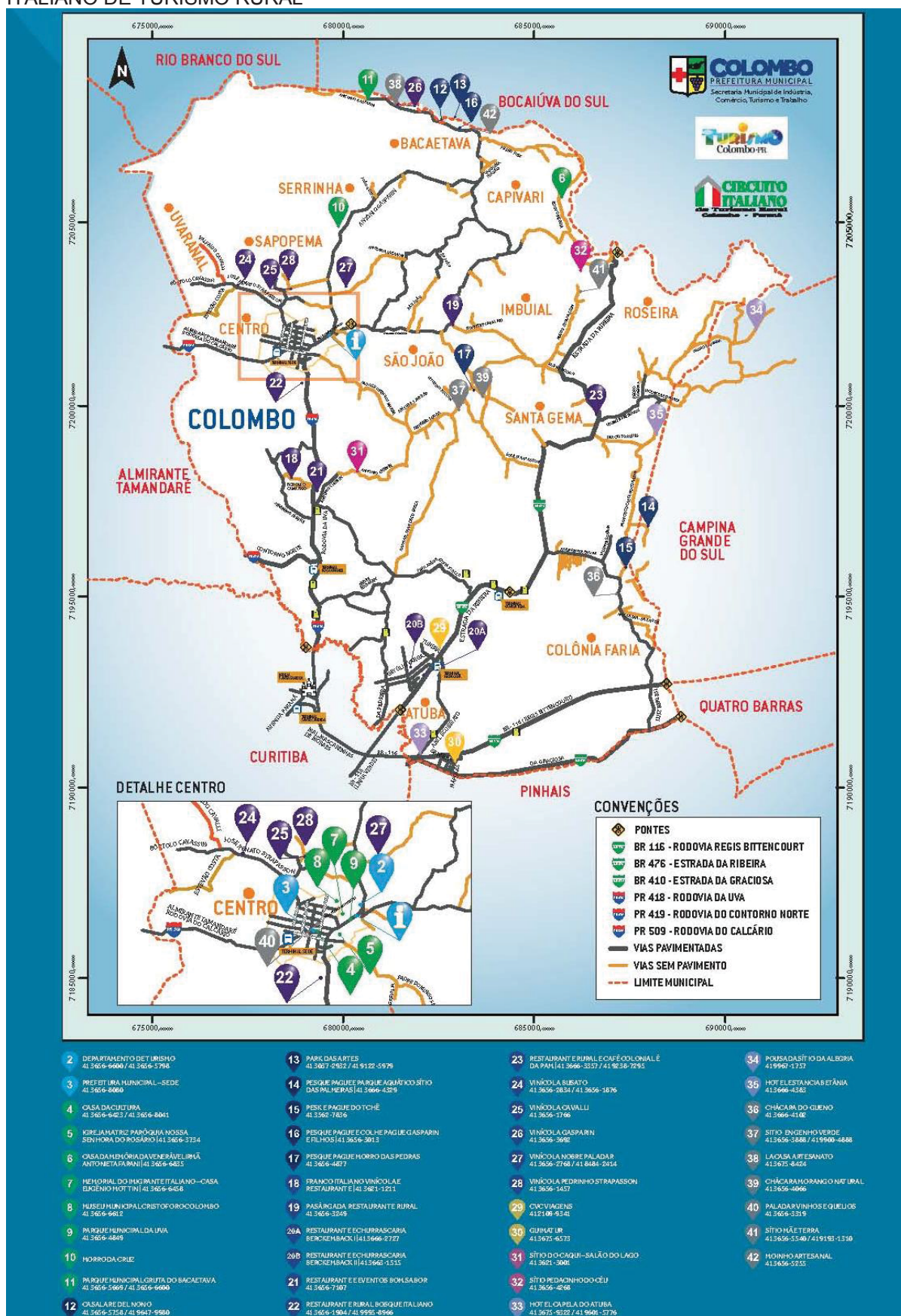
A proposta deve respeitar as seguintes condições: Desenvolver atividades de interesse socioeconômico para a região; Desenvolver atividades relacionadas com o turismo; Disponibilizar o empreendimento com infraestrutura de atendimento e serviços; Disponibilizar horários de atendimento para a visitação da propriedade; **Estar ciente que deverá regularizar-se junto a Divisão de Vigilância Sanitária do município e demais órgãos quando cabível**; Passar por palestra formativa sobre o CITUR junto ao Órgão Oficial de Turismo; **Apresentar características rurais, agregando e valorizando os aspectos da cultura italiana com identidade local de serviços e produtos** (CITUR, 2019, p.03, grifo do autor).

Em 2015 foi feita a reformulação dos estatutos e adequação dos empreendimentos aos critérios estabelecidos. Os atrativos já cadastrados anteriormente permaneceram no material de divulgação e a nova configuração se iniciou com os que desejavam entrar no Citur (BONIN, 2018; MARTINHAGO, 2019). Para participação no ‘Turismo Colombo’ a exigência se restringiu à regularização do empreendimento como inscrição municipal, alvará do corpo de bombeiros e licença sanitária. O material de divulgação foi feito com recursos públicos (MARTINHAGO, 2019).

No contexto dos 31 atrativos do Citur (QUADRO 16 e FIGURA 25), dentre os naturais o principal é o Parque Municipal Gruta do Bacaetava. Em 2017 recebeu um total de 22.830 visitantes, com uma média de 2.036 por mês (SMICTT, 2017). Outro atrativo natural de destaque é o Morro da Cruz que possui altitude 1200 metros. De

cima dele se tem visão panorâmica da Serra do Mar Paranaense, da face sul do município de Colombo e parte dos municípios vizinhos de Curitiba, Quatro Barras, São José dos Pinhais.

FIGURA 25 - ENCARTE COM DISTRIBUIÇÃO DOS ATRATIVOS CADASTRADOS NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL



FONTE: PMC (2017)

QUADRO 16 - ATRATIVOS QUE COMPOEM O ROTEIRO TURÍSTICO 'CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL' DE COLOMBO

Categoria	Tipo	Atrativos	CITUR
Naturais	Relevo Cárstico	Parque Municipal Gruta do Bacaetava	X
	Relevo continental	Morro da Cruz	X
Culturais	Arquitetura Religiosa	Igreja São Pedro – Nossa Senhora do Caravaggio	X
		Casa da Memória da Venerável Irmã Antonieta Farani	X
		Igreja Matriz Paróquia Nossa Senhora do Rosário	X
	Interesse Artístico	Casa da Cultura	X
	Interesse Cultural	Memorial do Imigrante Italiano – Casa Eugênio Mottin	X
		Memorial Ítalo-Polonês Famílias Perin e Puka	X
		Museu Municipal Cristóforo Colombo	X
		Grupo de Canto Luce Dell Anima	-
	Artesanato	La Casa Artesanato	X
Serviços e equipamentos	Hospedagem	Hotel Capela do Atuba	-
		Hotel Bolsi	-
		Pousada Sítio da Alegria	X
		Hotel Estância Betânia	X
	Alimentos e Bebidas	Paladar Vinhos e Queijos	-
		Franco Italiano Vinícola e Restaurante	X
		Pasárgada Restaurante Rural	X
		Restaurante e Churrascaria Berckemback I e II	-
		Restaurante e eventos Bom Sabor	-
		Restaurante Rural Bosque Italiano	X
		Restaurante Rural e Café Colonial É da Pam	X
		Restaurante Casolare del Nono	
		C.A.C. Chocolates Artesanais	X
		Vinícola Busato	X
		Vinícola Cavalli	X
		Vinícola Gasparin	X
		Vinícola Strapasson	X
	Agências	CVC viagens	-
		Guimatur	-
	Espaços de Eventos	Sítio do Caqui – Salão do Lago	-
		Deck Bolsi	-
		Castelo Reale	-
		Espaço Maydê – Ecopousada e Eventos Inspiradores	-
	Lazer	Pesque e Pague e Parque Aquático Sítio das Palmeiras	X
		Pesque e Pague Do Tchê	-
		Pesque e Pague e Colha e Pague Gasparin e Filhos	X
		Pesque e Pague Morro das Pedras	X
		Parque Municipal da Uva	X
Atividades Produtivas	Agricultura Familiar, Agroindústria	Chácara Gueno	X
		Sítio Engenho Verde	X
		Chácara Morango Natural	X
		Sítio Mãe Terra	X
		Moinho Artesanal	X
		Conservas Poli	-

FONTE: PMC (2017), BONIN (2018)

ORG: A autora (2019)

LEGENDA: (X) Se enquadram no estatuto do CITUR; (-) Atrativos do 'Turismo Colombo'.

Entre os atrativos culturais (QUADRO 16 e FIGURA 25) têm-se os de arquitetura religiosa como a Igreja São Pedro – Nossa Senhora do Caravaggio, a Casa da Memória da Venerável Irmã Antonieta Farani e a Igreja Matriz Paróquia Nossa Senhora do Rosário construída em 1908. De interesse artístico há a casa histórica onde funciona atualmente a Casa da Cultura. Entre os atrativos de interesse cultural conta-se com o Memorial do Imigrante Italiano – Casa Eugênio Mottin, Memorial Ítalo-Polonês Famílias Perin e Puka, Museu Municipal Cristóforo Colombo e o Grupo de Canto Luce Dell Anima. O roteiro possui um empreendimento particular chamado La Casa Artesanato. Todos os atrativos naturais e culturais são para visitação e tem entrada gratuita.

O roteiro conta com infraestrutura em serviços e equipamentos turísticos (QUADRO 16 e FIGURA 25) de alimentos e bebidas com cantinas, restaurantes e vinícolas. Tem ainda os pesque e pagues, bem como os colha e pague, que abrangem atividades de lazer. Dos meios de hospedagem, duas pousadas fazem parte do Citur e outros dois hotéis, bem como duas agências de turismo, apesar de fomentarem a atividade no roteiro, não fazem parte do Citur. O Parque Municipal da Uva foi classificado como infraestrutura de lazer por abrigar uma ampla diversidade de atrativos como o principal pavilhão de eventos municipais, pista de corrida, tanques com pesca autorizada, churrasqueiras, lanchonete, Museu Municipal Cristóforo Colombo, Memorial do Imigrante Italiano, Memorial Ítalo-Polonês Famílias Perin e Puka, Posto de Informações Turísticas, Ginásio de esportes, pavilhão de exposição, palco externo, estacionamento, academia ao ar livre, parquinho e churrasqueiras abertas. Nele acontecem os principais eventos do município como a tradicional Festa da Uva de Colombo.

O roteiro possui ainda uma diversidade de atividades produtivas advindas da agricultura familiar e da agroindústria como chácara de cultivo de plantas ornamentais, chácaras de produção de orgânicos com turismo pedagógico, moinho artesanal com produtos derivados da moagem do milho branco e amarelo, bem como, empreendimentos de agroindústria de conservas, sucos, geleias e molhos.

Observou-se nos roteiros analisados que seus atrativos são predominantemente empreendimentos de serviços e equipamentos, seguidos por atrativos culturais e daqueles relacionados às atividades produtivas e da agroindústria familiar. Os atrativos naturais são os de menor quantidade e se apresentam em apenas dois roteiros. Esse contexto traz indícios de que o turismo

no entorno do Aglomerado Urbano de Curitiba é uma atividade que se agrega as demais atividades desenvolvidas nas propriedades. Assim, estabelecida esta caracterização dos roteiros, busca-se - na sequência - identificar as estratégias e impactos desse fenômeno turístico, avaliando evidências de desenvolvimento territorial.

4 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL? ESTRATÉGIAS NA ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA

O potencial de desenvolvimento é compreendido pelos recursos existentes no território. Para o aproveitamento deste potencial, todavia, é preciso que a comunidade tenha disposição de mobilizar, utilizar, construir e valorizar tais recursos. Desta forma, é em torno desta disposição - expressas nas falas de atores internos e externos as experiências selecionadas - que se constrói o presente capítulo.

Considera-se que o desenvolvimento territorial depende fundamentalmente da percepção e reconhecimento do valor da coletividade e empenho da comunidade em mobilizar suas potencialidades locais. Assim, busca-se apresentar aqui os caminhos de cinco localidades articuladas em virtude de propostas de mesma natureza, ou seja, de roteirização turística do entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba.

A análise se constrói a partir das (des)funcionalidades destes sistemas de roteirização. Não há uma preocupação para com a particularidade de cada sistema fechado em si, mas sim com a (des)funcionalidade de seus elementos numa perspectiva comparativa. Para tanto, alguns elementos são tomados como indicadores, entre eles: as estratégias de autogovernanças, a capacidade em estabelecer parcerias e construir redes de cooperação, as iniciativas de planejamento, gestão e os esforços na qualificação de suas ofertas.

Vale lembrar aqui que o caráter de funcionalidade destes elementos dos roteiros turísticos não é necessariamente a essência da abordagem sistêmica. Essa se encontra, sobretudo, na apreensão das relações existentes entre estes elementos. Todavia, acredita-se que a partir de uma análise aprofundada das funções e disfunções de cada elemento, bem como de seus reflexos para com os demais elementos, possa se chegar também a compreensão das relações existentes dentro do Sistema Turístico.

4.1 ASSOCIAÇÕES E CONSELHOS COMO ESTRATÉGIA DE AUTOGOVERNANÇA

A formação de conselhos e associações são maneiras de organização e governança em instância local ou regional. Segundo o art. 53 do Código Civil²², a associação se constitui numa instituição de pessoa jurídica formada por um grupo sem interesse lucrativo em defesa de interesses comuns e/ou coletivos. As associações de turismo têm como objetivo a prestação de serviços e se difere de outras entidades pela dupla identidade dos associados, que são, ao mesmo tempo, gestores (com função na associação) e usuários (empreendedores associados) (MTur, 2007b).

No art. 54 do Código Civil consta ainda, que as associações devem ser regidas por um estatuto. Este deve tratar da denominação, dos fins e da sede da associação; dos requisitos para a admissão e exclusão dos associados; dos direitos e deveres dos associados; das fontes de recursos para sua manutenção; do modo de constituição e de funcionamento dos órgãos deliberativos; das condições para a alteração das disposições estatutárias e para a dissolução; e da forma de gestão administrativa e de aprovação das respectivas contas (Código Civil, 2019).

Já os conselhos, diferentemente das associações, têm a função de proporcionar a mediação das relações sociedade/Estado. A partir da Constituição de 1988, leis orgânicas específicas passaram a regulamentar o direito constitucional à participação por meio de conselhos com composição paritária entre representantes do poder executivo e da sociedade civil. Dessa maneira, o Conselho de Turismo precisa compartilhar a gestão dos serviços, principalmente com participação na construção dos projetos e das atividades relativas à política de desenvolvimento do turismo (MTur, 2007b, p.38, 39).

O Fundo Municipal de Turismo (FUMTUR) deve ser criado por lei municipal com intuito de auxiliar as ações do Conselho. Esse fundo tem “o objetivo de concentrar recursos de várias procedências, com vista a promover a consolidação da atividade turística do município” (MTur, 2007d, p.19).

²² Capítulo II do Código Civil dispõe “Das Associações”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm.

Dessa maneira, identificam-se a associação e o conselho como instâncias de governança fundamentais à roteirização turística em função de suas características organizacionais pautadas no coletivo e de também de sua articulação com o poder público. Quando existe uma associação de roteiro, a representação no Conselho Municipal de Turismo tende a ser mais efetiva, potencializando o desenvolvimento territorial.

Assim, considera-se a presença de associação nos roteiros turísticos e a representação destes em conselho de turismo municipal como importante indicador no processo de avaliação do elemento governança (QUADRO 17).

QUADRO 17 – ASSOCIAÇÕES DE ROTEIROS DE TURISMO RURAL DO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA, SEGUNDO O PERCENTUAL DE ATRATIVOS ASSOCIADOS E PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO - 2019

Roteiro	Associação	Nº. Total de Atrativos	Atrativos Associados		Representação no COMTUR
			n.	%	
Caminho do vinho	ACAVIM	45	33	73,3	Sim
Circuito rural Taquaral	ACAMP	36	29	80,5	Sim
Turismo rural nas colônias polonesas	ATRCP	16	8	50,0	Não
Verde que te quero verde	ATCM	34	9	26,4	Sim
Circuito Italiano de Turismo Rural	ECITUR	31	-	-	Sim

FONTE: Scrobote (2016), Zanchetta (2016), Tozetto (2019), Lima (2017) e Bonin (2018)

NOTA: (-) inexistente

ORG: A autora (2019)

Dos cinco roteiros desta pesquisa, apenas a ATRCP não tem representatividade em conselho de turismo por esse não existir no município de Campo Largo. A ECITUR apesar de atualmente não estar ativa, tem representatividade oficial no COMTUR de Colombo, embora este tenha tido sua última reunião em 2017. O percentual de empreendimentos vinculados às associações dos roteiros tem variação entre 26,4 e 80,5%. Descreve-se a seguir os caminhos trilhados para a construção dos roteiros turísticos, bem como, suas articulações para governança.

a) ‘Caminho do vinho’

Scrobote (2016), presidente da ACAVIM e empreendedora, conta que a oferta turística no ‘Caminho do vinho’ começou há muito tempo, mas as primeiras reuniões para articulação do roteiro ocorreram em 1998. Tratou-se de uma iniciativa coletiva dos empreendedores que contou com o apoio do poder público por meio do projeto do Anel de Turismo Rural da RMC²³.

Conta ainda Scrobote (2016), que existia certa descrença, tanto do poder público quanto dos empreendedores, de que a organização do ‘Caminho do vinho’ e a criação da Associação pudessem prosperar:

... em 98 começou as primeiras reuniões, palestra de como formar um roteiro de turismo rural, tanto é que no início o prefeito não acreditava que poderia acontecer e nem nós, mas daí assim..., tinha a chácara de lazer da minha cunhada, tinha outro que abriu o espaço e já começou alugar para festa e daí começou sabe... Eu sei que tinha gente que botava duas pessoas da família, porque pra formar uma associação precisava de 20 pessoas, aí colocava dois como associados pra fechar o número e nós conseguimos formar a associação (SCROBOTE, 2016).

Em 1998 começaram as primeiras reuniões para a formação do roteiro, em 1999 e 2000 se organizaram, mas foi somente em 2001 que a maioria aderiu e a associação ganhou forças. Nessa fase houve abertura de novos empreendimentos e também a busca de melhorias dos já existentes. Oficialmente, entretanto, a ACAVIM foi criada em 2004 numa iniciativa dos empreendedores e com apoio do poder público. Nas palavras da presidente, "prá formar a associação teve ajuda porque imagine a gente tudo agricultor (...), precisava de ajuda" (SCROBOTE, 2016).

Kuzma (2018), representante do poder público atuante na SICTUR/SJP e empreendedor no roteiro, também relata que houve incentivo do poder público para criação do ‘Caminho do vinho’. Vanes (2018) diretor do Departamento de Turismo de SJP fala que foi criado ainda o Conselho Municipal de Turismo, no qual “cada roteiro tem uma cadeira. Temos reuniões fixas mensais. Tivemos dificuldades de implantação do conselho, mas agora está funcionando bem”.

Kuzma (2018) complementa a ideia afirmando que “se o conselho tem fundo, veem de onde vem, com dinheiro é mais fácil a participação. Fica mais visível, uma forma de bancar as demandas”. O Fundo Municipal de Turismo de São José dos

²³ Detalhamento no subcapítulo 2.4.

Pinhais foi criado em 1998 (lei 50/1998) juntamente com o COMTUR, porém regulamentado somente em 2018 quando também recebeu alteração de nome para Fundo Municipal de Desenvolvimento Turístico (FMDT).

b) 'Circuito rural Taquaral'

No 'Circuito rural Taquaral' os empreendimentos começaram com a oferta turística em 2010 com um café colonial (que não está mais ativo) e uma cantina de vinhos. A criação do roteiro foi iniciativa dos próprios empreendedores que se organizaram e buscaram o poder público para auxiliar. Nogoseki (2018), empreendedora associada à ACAMP, relata que "o restaurante nasceu junto com a ideia de estimular o turismo rural na comunidade".

Conta Zanchetta (2016), presidente e idealizador da ACAMP que a ideia do circuito não foi aceita na primeira conversa com a prefeitura. Para conseguir apoio e oficializar o roteiro precisaram ser persistentes:

Em 2010 eu chamei o pessoal para uma conversa e eu fui falar com o secretário de turismo na época, mas não aderiram de primeira. Em 2011 que eles começaram olhar pra cá. Foi feito um trabalho com a turismóloga da prefeitura que trabalhou em conjunto com a EMATER. Foi uma iniciativa dos empreendedores com apoio da prefeitura e da EMATER.

A Associação do 'Circuito rural Taquaral' foi criada em 2010 anteriormente à oficialização do roteiro que ocorreu em 2015 (ZANCHETTA, 2016; KUZMA, 2018). Relata o presidente que como não existia o roteiro formalmente, criaram a Associação dos Produtores Rurais, Artesãos e Produtores de Vinho da Campina do Taquaral e Região. Apenas após a oficialização do roteiro, esta foi transformada em ACAMP - Associação dos Produtores Rurais, Artesãos e Empreendedores de Turismo da Campina do Taquaral e Região (ZANCHETTA, 2016). Aí se revela uma realidade diferente das usualmente vistas onde os empreendedores primeiro se organizam em instância de governança para depois lançar o roteiro.

No 'Circuito rural Taquaral' a associação se mantém financeiramente a partir da mensalidade dos sócios e da renda com a festa Ítalo-Polonesa. Comenta o presidente que uma das contrapartidas dos associados na festa é o envolvimento destes:

Da mensalidade de R\$ 20,00 por associado e a festa Ítalo-Polonesa que a gente faz arrecadação. Mas não tem muito lucro, pois o objetivo da festa é mostrar o roteiro. Eu falo pro pessoal - você vai pagar R\$ 20,00 e vai receber um monte de benefícios por essa troca que a gente tem de serviços, de experiências. E a única coisa que a gente quer é o apoio nos eventos. Foi sugerido contratar um *buffet*, mas o atrativo daqui é a comida, são as pessoas daqui que fazem a comida. Então precisamos do envolvimento desse pessoal na cozinha, na decoração, em tudo. Agora estamos organizando a caminhada, os associados estão trabalhando junto com a prefeitura desde a abertura das trilhas. (ZANCHETTA, 2016).

A participação dos sócios nos eventos da Associação do 'Circuito rural Taquaral' se dá, sobretudo, na preparação da comida, uma vez que a comunidade tem como um de seus diferenciais a gastronomia local.

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' a oferta turística iniciou em 2006 por iniciativa própria dos empresários. Já a criação da Associação, embora tenha sido pensada pelo coletivo, teve auxílio do poder público. Lima (2017), presidente da ATRCP, relata que uma das empreendedoras teve iniciativa de reunir os demais e iniciar os estudos:

A Célia da Nova Polska que deu o pulso firme em 2007 ou 2008 para iniciar o roteiro. Só entre os empreendimentos com apoio da prefeitura e da EMATER, com oficinas e orientações. Fizemos cursos e visitas técnicas em Colombo e Araucária. Pra ver como que era e ter coragem.

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' a associação sobrevive financeiramente da mensalidade dos sócios e a participação destes se limita à presença nas reuniões, assim como na organização da 'Caminhada Internacional na Natureza' e da 'Festa da Batatinha e Cultura Polonesa' (LIMA, 2017).

d) 'Verde que te quero verde'

No 'Verde que te quero verde' cada empreendimento teve iniciativa própria para abrir as portas na fase inicial. Vallim (2016), presidente da ATCM entre 2014 e 2016, esclarece que a oferta turística começou há mais tempo e que as primeiras reuniões para articulação do roteiro foram entre 1997 e 1998. A iniciativa das ações coletivas dos empreendedores teve o apoio do poder público, através da COMEC,

do Serviço Social Autônomo ECOPARANÁ e da EMATER/PR (PMCM; UNINTER, 2012), portanto estas se deram através da criação de redes de cooperação.

A ATCM foi instituída oficialmente apenas em junho de 2003 (PMCM; UNINTER, 2012). Com passar dos anos a associação se fortaleceu, houve abertura de novos empreendimentos e avanços nos já existentes. Aos poucos foram sendo desenvolvidos sistemas de parceria, exemplo disso, foi com Associação de Indústria e Comércio do Município de Campo Magro para instalação da nota fiscal eletrônica nos empreendimentos.

Em 2016 a ATCM teve uma redução na participação e chegou a ficar alguns meses sem reuniões. Foi quando, por estímulo do poder público, a associação foi reconstruída com nova presidência. Nesta mesma fase foi criada a Secretaria de Turismo de Campo Magro e o novo secretário estimulou a atividade da associação até mesmo para captar recursos. A ativação do Fundo Municipal de Turismo (FUMTUR), segundo o atual presidente da ATCM, só é possível quando a associação de turismo está ativa (MAESKI, 2019). Em 2017 foi realizada tanto a posse dos novos membros do COMTUR de Campo Magro como a ativação do FUMTUR, cujo tramite estava parado.

No 'Verde que te quero verde' segundo Vallim (2016), presidente da ATCM entre 2014 e 2016, a associação se mantém financeiramente com mensalidades fixas dos sócios. Todos pagam o mesmo valor, independente da natureza do estabelecimento. Os associados participam das atividades por meio de reuniões, assembleias, na divulgação de eventos como a 'Caminhada Internacional na Natureza' e a 'Pedalada Internacional na Natureza'. Nos eventos, "todos se reúnem e cada associado participa de uma maneira, montam um quiosque lá para expor e vender produtos, onde gera resultados pra associação" (VALLIM, 2016). Porém, durante a participação na Caminhada Internacional da Natureza de 2018 em Campo Magro não foi notada a presença da ATCM e apenas o Café Vovó Bruna tinha barraca com produtos à venda além de outros produtores não sócios que desconheciam a existência da associação.

e) 'Circuito Italiano de Turismo Rural'

A atividade turística em Colombo tem como marco a implantação do 'Circuito Italiano de Turismo Rural' em 1999, resultado do projeto Anel de Turismo da RMC.

Algumas famílias já vendiam vinho, mas neste momento os estabelecimentos passaram a se profissionalizar para receber os turistas.

Cada empreendimento teve, entretanto, iniciativa própria para abrir as portas na fase inicial, sem um planejamento coletivo prévio do roteiro. Strapasson (2018), ex-associado, fundador da ECITUR, vitivinicultor e olericultor, conta que a família dele sempre trabalhou com a produção vitivinícola, desde que seus bisavós chegaram à Colombo vindos da Itália.

1890, quando os bisavós chegaram, já começaram produzir e vender vinho. Eu tenho um parreiral que meu nono trouxe da Itália a muda. Tem mais de 120 anos. Ele era baixinho e nós com o pai erguemos ele pra cima e fizemos uma esteira. Produz bem ainda (...). Aqui a vida inteira foi isso, só que chamávamos de 'vender vinho', geleia, suco e o pessoal chama de turismo rural.

Mikoski (2018), que é ex-associado, fundador da ECITUR e tem hoje um restaurante no circuito de Colombo, também afirma que a propriedade pertence à família há muitos anos. Conta que “a gente trabalhava com agricultura, mas o turismo já vinha se inserindo, pois antes de se trabalhar com restaurante a gente trabalhava com morango orgânico e recebia visitantes e escolas” para o turismo pedagógico.

Há, portanto, indícios de que oferta turística tenha começado antes da existência do circuito. As primeiras reuniões para articulação do roteiro ocorreram entre 1997 e 1998, tendo este se consolidado apenas em 1999. A iniciativa das ações coletivas dos empreendedores não ocorreu apenas por iniciativa dos proprietários locais, contou com o apoio do poder público, portanto, foram sendo criadas redes de cooperação. A ECITUR foi instituída oficialmente apenas em junho de 2006 (BONIN, 2018; MIKOSKI, 2018).

Com passar dos anos, todavia, a associação foi perdendo forças, se desarticulando, e houve desistência de participação por parte dos empreendedores, até o ponto de o presidente colocar seu cargo à disposição em 2012. Sem que ninguém manifestasse interesse em prosseguir com os trabalhos, a associação tornou-se desde então inativa (MIKOSKI, 2018).

Atualmente a única organização atuante é o Conselho Municipal de Turismo, criado em abril de 1999, no mesmo ano da criação do roteiro. A fala de Bonin (2018), turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo e secretária do COMTUR até 2018, entretanto, evidencia as dificuldades de mantê-lo ativo:

Existe o Conselho Municipal, mas não é dos empreendedores. Como outros conselhos, o nosso é paritário - iniciativa privada com iniciativa pública. Quem é o presidente do conselho é o secretário e quem convoca e toca as reuniões do conselho é a Secretaria. A gente tem empreendedores do turismo dentro, mas a participação deles é mínima. O nosso conselho funciona, ele está ativo, mas muitas vezes a gente não tem reunião por falta de quórum e quando tem quórum a maioria dos participantes é do poder público. O conselho é consultivo deliberativo. Ele não funciona muito, mas a gente tenta manter.

O Circuito é gestado atualmente pela SMICTT através do Conselho Municipal de Turismo, que teve a última reunião em 2017 (BONIN, 2018; 2019). Os empreendimentos submetem seus projetos a esse Conselho. Estes são avaliados seguindo o Manual de Normas e Procedimentos Internos do Circuito. Os empreendimentos aprovados são inseridos ao circuito, podendo instalar os totens padronizados, utilizar a marca “Circuito Italiano de Turismo Rural” e participação em projetos conjuntos (PMC, 2018).

A ACAVIM sobrevive em termos financeiros através da mensalidade dos sócios e dos rendimentos da ‘Festa do Vinho’. Segundo Scrobote (2016), as atividades desenvolvidas são principalmente as reuniões mensais ordinárias, eventualmente extraordinárias, a organização das festas e das caminhadas. Ocasionalmente ocorrem outras atividades desenvolvidas pela associação. Vanes (2018) Diretor de Turismo, comenta que as atividades da associação ocorrem entre os associados e que os representantes do poder público apenas participam quando são convidados e dependendo da demanda.

Os empreendedores participam das atividades da ACAVIM por meio de reuniões e assembleias, bem como na divulgação de eventos onde "todos se reúnem e cada associado participa de uma maneira, fazem um quiosque lá para vender produtos, onde gera fundos pra associação" e também divulga (SCROBOTE, 2016).

Nenhuma das associações possui sede fixa. Cada presidente cuida da documentação da associação em seu próprio estabelecimento e as reuniões acontecem nos empreendimentos que compõem o roteiro de forma alternada. Apenas a ATCPR realiza as reuniões em local fixo, no barracão da Igreja da comunidade D. Pedro II. A estratégia de reuniões itinerantes permite que os associados conheçam os empreendimentos participantes.

Zanchetta (2016), presidente da ACAMP, comenta que:

Nossas reuniões também são uma forma de integrar e são muito bacanas, sempre tem comida, às vezes a gente faz pizza ou cada um leva um prato. Tem a reunião e depois a confraternização, conversa. Cada reunião é em outro empreendimento para que todos se conheçam e conheçam os empreendimentos.

Apesar de todos os roteiros estudados serem rurais, notam-se diferenças significativas entre eles. A seguir são descritos os diferenciais apontados para cada um dos roteiros estudados.

a) 'Caminho do vinho'

Para Scrobote (2016), presidente da ACAVIM, um dos diferenciais do 'Caminho do vinho', em relação aos demais localizados no entorno do Aglomerado Urbano de Curitiba, é a proximidade a dois grandes centros urbanos, São José dos Pinhais e Curitiba. Outro diferencial é sua tematização em torno da cultura do vinho, se caracterizando além de rural como um "itinerário cultural"²⁴.

Os representantes do poder público apontam três diferenciais para o 'Caminho do vinho' incluindo infraestrutura de acesso por vias pavimentadas, concentração de empreendimentos e variedade de oferta:

A infraestrutura de acesso. O 'Caminho do vinho' tem 90% dos empreendimentos em vias pavimentadas, pois essa questão ainda é levada em conta, pois os turistas mesmo querendo ir pra área rural não querem colocar o carro na estrada de chão. No Taquaral tem essa queixa. Quem é do município não liga, mas quem vem de fora reclama (KUSMA, 2018; VANES, 2018).

Outro diferencial é proximidade e concentração de empreendimentos que a meu ver, é bom e ruim. Bom porque existe uma concentração e o turista consegue visitar vários empreendimentos. O ruim é que diminui a área das propriedades e num futuro próximo acaba com o rural. Vai descaracterizar o turismo rural. Mesmo a questão de infraestrutura levada pra lá. Uma hora essa conta vai pesar pra prefeitura e vai começar cobrar IPTU (KUSMA, 2018).

²⁴ "Esta categoria apresenta o modelo de uma nova moral da conservação que considera os valores culturais como um patrimônio comum, aberto, para lá das fronteiras e exigindo esforços unificados. Respeitando o valor inerente a cada um dos seus elementos, o Itinerário Cultural enriquece a mensagem espiritual do passado de todos os que o compõem como peças pertencentes a um conjunto que reforça o seu sentido. Ilustra igualmente a concepção contemporânea dos valores do patrimônio para a sociedade, enquanto recurso para um desenvolvimento social e econômico durável" (ICOMOS, 2008, p.01).

Há uma grande variedade de empreendimentos. Variedade de cantinas, variedade de restaurantes, de cafés. Não há uma carta de atividades diferentes, porém há bastante oferta dentro delas (KUSMA, 2018; FILA, 2018; VANES, 2018).

A gastronomia também é vista como potencial diferencial do ‘Caminho do vinho’, podendo vir a tornar-se complementar ou substituto da cultura do vinho. Para Kuzma (2018), representante do poder público, os empreendedores precisaram se diversificar para se manterem no mercado:

O diferencial cultural eu acho que contribui, mas acho que é mais uma expectativa do que uma realidade. Acredito que a cultura do vinho vem mudando para a temática de gastronomia. Tem bastante espaço para eventos, mas temos relatos que a procura por realizar eventos devido à situação econômica caiu bastante. Temos um empreendimento que era só para eventos e agora é restaurante aos domingos. Precisou diversificar pra não fechar (KUZMA, 2018).

b) ‘Verde que te quero verde’

Vallim (2016), ex-presidente da associação do ‘Verde que te quero verde’, reforça o diferencial dos atrativos naturais, que são únicos em toda região. Aponta também o fato dos pequenos produtores rurais apresentarem produtos e estilos de vida diferentes dos grandes centros e por isso se tornam atrativos.

Martinhago (2017), turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro entre 2012 e 2013, concorda que os pequenos produtores rurais são um grande diferencial no roteiro, mas acrescenta a vocação local para “o desenvolvimento de esportes de aventura (parapente, *mountain bike*, quadriciclo) e outras atividades que podem potencialmente serem desenvolvidas/criadas” dentro dessa especificidade.

O secretário municipal de turismo concorda com os demais entrevistados, salientando que o grande diferencial de Campo Magro é a “parte ecológica rural” e ressalta que é nisso que está se apoiando para desenvolver o projeto do ‘Parque das Pedreiras’ (TOZETTO, 2018).

c) ‘Circuito italiano de turismo rural’

No ‘Circuito italiano de turismo rural’ os entrevistados apontam vários aspectos como diferenciais do roteiro. Mikoski (2018), empreendedor no roteiro,

acredita que seja um diferencial o roteiro ser o “mais antigo”. Reforça que “aqui é forte a questão cultural, a cultura italiana. Nós mesmos decoramos o empreendimento com fotos dos pioneiros de Colombo”. Bonin (2018) fala do diferencial natural com a Gruta do Bacaetava que atrai visitantes diariamente e fomenta o turismo pedagógico.

Os entrevistados do ‘Circuito rural Taquaral’ e ‘Turismo rural nas colônias polonesas’ não se posicionaram em relação aos diferenciais dos roteiros, apesar de ambos se destacarem pelos atrativos culturais e produtivos.

Embora os roteiros tenham diferenciais que, via de regra, se baseiam na temática central que os denomina, há diversidade em seus atrativos, mas também similitudes. Isso acaba por acirrar a concorrência entre os empreendimentos do próprio roteiro, o que precisa ser monitorado pelas associações. Descreve-se a seguir a situação de cada um dos roteiros com relação a esse aspecto.

a) ‘Caminho do vinho’

Scrobote (2016), presidente da associação do ‘Caminho do vinho’, com relação a concorrência, relata que “isso sempre vai existir”, por isso se tem alguns cuidados como a padronização do preço do vinho colonial, que é o principal produto do roteiro. Ela relata ainda que a ACAVIM é contra a panfletagem de rua dentro do roteiro, isso por considerar se tratar de “uma apelação dos empreendimentos que não tem clientes por falta de qualidade”. Afirma que isso ocorre com frequência por comerciantes não associados.

A presidente esclarece:

Existe aquela divulgação de ficar na lombada distribuindo panfleto que eu não gosto. Então, os mais novos acham que estão sendo prejudicados pelos mais velhos, que tem mais clientes, mas eu digo que é uma concorrência saudável. Existe intriga só com quem não é da associação, porque eles têm má qualidade, porque a vigilância já interditou alguns, aí eles fazem panfletagem na rua, daí o cliente chega lá, não tem o produto que eles oferecem no *flyer* (SCROBOTE, 2016).

Scrobote (2016) ressalta que o ‘Caminho do vinho’ é marca registrada, desta forma, quem se propõe a usar a marca, precisa seguir o estatuto e as regras

preestabelecidas. Existem vários outros empreendimentos de turismo dentro do território do 'Caminho do vinho', porém a marca é restrita apenas aos associados:

Então, eu digo assim... quem usa o nome 'Caminho do vinho', ...tanto é que eu não permito...que tem dois restaurante aí que eu já vou chegar notificando, que eles não podem usar o nome 'Caminho do vinho'. 'Caminho do vinho' é marca registrada. Então, eles são na Rua Sérgio Setenareski, eu sou do 'Caminho do vinho' na Rua Sérgio Setenareski, todos os que têm aquela placa redonda na frente, fazem parte da associação (SCROBOTE, 2016).

Scrobote (2016) conta que a associação já passou por várias situações diferentes, o que os levou ao amadurecimento e a adequação do estatuto às novas realidades que se impunham.

Relata a presidente que quando o sócio não respeita as regras do estatuto, ocorre sua expulsão. Porém, existem situações de sócios que contribuíram com a associação e por algum motivo justificável deixaram de atuar, como por exemplo, um senhor que é inativo e possui a placa do roteiro:

Ele parou o trabalho dele por doença, ele é solteiro, mora sozinho, toda vida vendeu vinho, ele foi um sócio fundador, agora queriam ir lá e tirar a placa dele. Eu disse não, a placa é dele, ninguém vai tirar. Eu tenho vontade de ir lá na placa dele e botar assim 'sócio fundador inativo' (SCROBOTE, 2016).

b) 'Circuito rural Taquaral'

Zanchetta (2016) afirma que no 'Circuito rural Taquaral' não existe concorrência entre os empreendimentos e que o roteiro nasceu da união dos empreendedores. Para ele não faz sentido pensar em competição interna:

...um produtor vende e divulga o produto do outro. Por exemplo, o restaurante tem o meu vinho lá. A gente fomenta para que todos trabalhem juntos. Ser um grupo coletivo. Cada um coloca o preço que acha melhor. Não tem um preço padronizado.

Quando perguntado aos representantes do poder público de São José dos Pinhais sobre concorrência entre os roteiros do município²⁵, a resposta foi consenso. "Sim. Existe" (VANES, 2018; KUZMA, 2018; FILA 2018). Kuzma (2018) explicou que na época que foi criado o 'Caminho do Vinho' foi dada uma atenção que atualmente

²⁵ Como nos demais municípios se trabalhou apenas com um roteiro, não foi possível essa comparação.

nem a legislação permite, mas que foi importante para a associação se firmar e ser hoje independente.

Nas palavras de Kuzma (2018):

Foi “carregado no colo”. Não existia a Associação ainda, foi criada dois anos depois. A gente incentivava as reuniões da associação e participava. Chegou a um ponto que a SICTUR começou a passar as rédeas para a ACAVIM, pra deixar que se organizassem, apenas incentivando de fora. Na época a diretora até ficou insegura com medo que acontecesse algo errado e eu mesmo defendi que eles precisavam aprender a caminhar sozinhos. E deu certo. Eles estão tocando.

Kuzma (2018) concorda que com o roteiro ‘Circuito rural Taquaral’ realmente foi diferente “eles se organizaram antes e só trouxeram as demandas, não tivemos influência expressiva na organização”. Complementa o gestor que a concorrência durante a formação do novo roteiro foi expressa por empreendedores de outros roteiros, que estavam preocupados de a prefeitura ter que cuidar de mais um roteiro. Ele mesmo chegou a ouvir de uma empreendedora do ‘Caminho do vinho’ que “nem terminaram aqui, e vão começar outro?”. Como se a prefeitura fosse responsável por todo o processo de gestão dos roteiros.

Ainda sobre concorrência entre roteiros, Vanes (2018) disse que orienta os empreendedores a não ficar se comparando entre roteiros. Afirma que “alguns tem a cabeça aberta e sabem que a gente dá um incentivo, outros não, tem a mentalidade que a prefeitura tem que implantar, dar sequência, inovar, fazer tudo pra eles.”

Uma empreendedora do ‘Circuito rural Taquaral’ confirma a competição entre roteiros, dizendo que: “Lá no ‘Caminho do Vinho’ fazem tudo. Aqui não fazem nada” (NOGOSEKI, 2018). O que denota a existência real²⁶ de tratamento diferenciado pelo poder público entre os roteiros, se cobrando um tratamento igualitário.

b) ‘Turismo rural nas colônias polonesas’

No roteiro ‘Turismo rural nas colônias polonesas’, Lima (2017), presidente da ATRCP, relatou que já ocorreu anteriormente concorrência entre os empreendimentos, mais especificamente entre restaurantes. Todavia, apontou que atualmente não tem.

²⁶ No site da prefeitura <http://www.sjp.pr.gov.br/turismo/> há mais informações sobre o ‘Caminho do Vinho’ do que sobre o ‘Circuito rural Taquaral’, que aparece com o nome de ‘Circuito Ecoturístico Taquaral’.

A entrevistada representante do poder público (MARCON, 2018) concorda com a presidente da associação e acredita que não tenha concorrência entre empreendimentos do roteiro. Disse que não percebe concorrência durante a organização da Caminhada Internacional na Natureza, que é quando ela tem uma proximidade maior com os empreendedores.

c) 'Verde que te quero verde'

No 'Verde que te quero verde', Vallim (2016) presidente da ATCM na gestão 2015/2016 afirma que não existe concorrência, pelo contrário "um empreendedor ajuda o outro sempre que preciso" e que a associação promove reuniões nos estabelecimentos para fortalecer a união e boa relação entre os associados. Martinhago (2017), atuante no Departamento de Turismo entre 2012 e 2013, complementa que já ocorreu concorrência, principalmente entre os restaurantes, mas que hoje existe um senso de coletividade e que todos procuram se ajudar.

Sobre a concorrência entre roteiros, visto que o 'Verde que te quero verde' de Campo Magro é vizinho do 'Turismo rural nas colônias polonesas' de Campo Largo, foi relatado pelo secretário de turismo e pelo presidente da ATCM que não existe e que inclusive tem-se uma boa relação entre eles (TOZETTO, 2018; MAESKI, 2019).

d) 'Circuito italiano de turismo rural'

No 'Circuito italiano de turismo rural', Bonin (2018), entrevistada do poder público, aponta que "infelizmente existe concorrência entre alguns empreendimentos dentro do roteiro e não como parceiros". Mikoski (2018) empresário no CITUR salientou, entretanto, que existem casos de empreendedores que se ajudam mutuamente, que um restaurante quando está lotado manda clientes pra ele, e que já ajudou outro restaurante a fazer contrato de prestação de serviços. Ele relata, porém, a preocupação em se manter o mesmo número de estrelas que os demais empreendimentos do mesmo ramo, ou mais, nas avaliações pela internet (*Google*, *TripAdvisor* e *Facebook*). Relata também ter necessitado mexer no cardápio após a abertura de mais um restaurante rural no roteiro para se manter no mesmo nível de avaliação.

4.2 PARCERIAS E REDES DE COOPERAÇÃO PARA O TURISMO

As parcerias e as redes de cooperação²⁷ são primordiais no processo de desenvolvimento territorial de sistemas de roteirização turísticas, pois envolvem diversos atores, tais como o governo, o conselho local, as empresas privadas, as associações e as comunidades locais. Essa dinâmica possibilita interação, cooperação, aprendizado, socialização, trocas de experiências e preservação, de maneira que se torna possível garantir e promover o desenvolvimento territorial.

Na sequência se abordam as parcerias e redes de cooperação para os roteiros estudados. A discussão gira em torno dos instrumentos e estratégias utilizados para dinamizar as interrelações entre os diversos atores: transformações no sistema produtivo; viabilização de estudos, planos e projetos; qualificação para o turismo; promoção e comercialização; e melhoria dos equipamentos, serviços e infraestrutura.

4.2.1 Transformações no sistema produtivo

O sistema produtivo local na área abrangida pelos roteiros estudados, no período que antecede os primeiros empreendimentos ligados ao turismo, tinha sua base em atividades predominantemente agropecuárias. É recorrente na fala dos entrevistados que as atividades turísticas, via de regra, se agregaram às atividades econômicas anteriormente desenvolvidas nas propriedades rurais. Há casos, entretanto, em que estas foram mantidas apenas para consumo da própria família, passando o turismo a ser a principal atividade de renda. Todavia, são poucos os empreendimentos que abandonaram totalmente as atividades agropecuárias.

a) 'Caminho do vinho'

Scrobote (2016) presidente da ACAVIM, relata que no 'Caminho do vinho' na Colônia Mergulhão em São José dos Pinhais "todos ainda mantemos essas

²⁷ Detalhamento no subcapítulo 1.4.

atividades [agropecuárias]", o que demonstra claramente as raízes e a manutenção da ruralidade no roteiro.

Kuzma (2018) representante da SICTUR/SJP, fala da transformação gradual do sistema produtivo em São José dos Pinhais no 'Caminho do vinho'.

Surgiu como atividade complementar, até porque, à época, o turismo rural era "novidade", os exemplos eram distantes geograficamente, de forma que a aceitação foi gradativa, isto demandou maior investimento em pessoal, do poder público, do que nos outros roteiros... atualmente, para quem "embarcou" na proposta, a atividade turística acabou por substituir a atividade principal da propriedade, os agricultores se tornaram empresários.

Uma moradora do 'Caminho do vinho', nascida ali mesmo na Colônia Mergulhão, conta que conhece todos os atrativos do roteiro e que acompanhou de perto as transformações da comunidade.

Aqui a maior parte das famílias trabalhava com vaca leiteira e entregavam o leite para a Clac²⁸ que faliu e eles ficaram sem ter pra quem entregar. Nisso a maioria das famílias ficou sem atividade e começou passar necessidade. Foi quando começaram a fazer vinho pra vender, pois até então o vinho produzido era apenas para consumo da família. Na Caminhada²⁹ mesmo eu olhando as casas fiquei impressionada com a transformação ao longo desses anos. As casas principalmente (NEUMAN, 2018).

Acredita-se que hoje, a grande maioria dos empreendedores do 'Caminho do vinho' sobrevive financeiramente do turismo. Existem casos em que se combina o turismo a atividade agropecuária e há propriedades que produzem para vender em empreendimentos associados. Exemplo dessa integração produtiva é a Cantina Della Mama, que usa o leite produzido na propriedade para fazer produtos derivados e vender no seu próprio estabelecimento.

Kuzma (2018) e Fila (2018) representantes do poder público atuantes na SICTUR/SJP, apontam outro caso:

O Rancho Bom é um exemplo, pois ainda trabalha com agricultura. Tem dentro do território do 'Caminho do vinho' algumas famílias totalmente dependentes da agricultura, enviando sua produção para o Ceasa³⁰, atravessadores e também entregando nos empreendimentos do roteiro. Há empreendimentos que alugaram/compraram propriedades, mas que são de fora e vieram para o roteiro.

²⁸ Cooperativa de Laticínios de Curitiba.

²⁹ Caminhada Internacional na Natureza realizada em 2018.

³⁰ Central Estadual de Abastecimento

Muitas famílias da Colônia Mergulhão se profissionalizaram e, além do vinho colonial, tem também uma pequena produção de vinhos finos. Kuzma (2018) faz uma análise dessa transformação econômica:

Passaram de ‘vendemos vinho’ para empreendedores. Passaram da produção de 1000 pra 1 milhão de litros. A maioria é vinho colonial, devidamente registrado junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Fazem uma fração pequena de Cabernet.

Primeiramente as famílias apenas vendiam vinhos em casa, sem nenhuma normativa. Com o tempo os vinhos passaram a ter um nome e atualmente os estabelecimentos se intitulam como: vinícola, cantina ou adega. Todas com certificação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Na FIGURA 26, que reflete a situação no ano de 1999, tem-se uma placa em frente à Casa Histórica Bortolan com indicação de “vendemos vinho”. Em 2006, em frente ao estabelecimento já aparece a placa de identificação de vinícola “Vinhos Bortolan”. Atualmente, em 2019, ao lado da construção histórica foi erguida (FIGURA 26 B, seta vermelha indicando telhado) uma construção comercial com a indicação “Adega Bortolan”.

FIGURA 26 – EVOLUÇÃO DA ADEGA BORTOLAN DE 1999 A 2019 NO CAMINHO DO VINHO



FONTE: Foto A) Acervo do Depto de Turismo – SJP (1999), Foto B) Acervo do Depto de Turismo – SJP (2006), Foto C) Acervo da Adega Bortolan (2019).

A FIGURA 27 também mostra uma situação de evolução, onde no ano de 1999 o casal Giácomo e Juraci Laureanti estava junto à placa indicando venda de vinho com a frase “vendemos vinho”. Em 2019, em frente ao estabelecimento já aparece a placa de identificação padronizada do ‘Caminho do Vinho’ com indicação de adega e produtos coloniais “Vinhos Laureanti”.

FIGURA 27 – EVOLUÇÃO DA ADEGA LAUREANTI DE 1999 A 2019 NO CAMINHO DO VINHO



FONTE: Foto A) Acervo do Depto de Turismo – SJP (1999), Foto B) Acervo Adega Laureanti (2019).

No ‘Caminho do vinho’, conta a presidente da ACAVIM e empreendedora no roteiro, que todos os empreendimentos mantêm algumas das atividades que empreendiam anteriormente às atividades turísticas, mesmo que para consumo da família (SCROBOTE, 2016).

b) ‘Circuito rural Taquaral’

No ‘Circuito rural Taquaral’ são pequenas as transformações sentidas no sistema produtivo por se tratar de um roteiro ainda novo. O que se nota são as permanências dos costumes mesmo com as transformações econômicas ao longo dos anos. Segundo o presidente da ACAMP, apenas dois empreendimentos sobrevivem exclusivamente do turismo, os demais tem o turismo como atividade complementar (ZANCHETTA, 2016).

Kuzma (2018) concorda que no ‘Circuito rural Taquaral’ o turismo “surge como atividade complementar, com exceção de alguns empreendimentos que já existiam anteriormente ao roteiro, a grande maioria ainda depende de outras atividades para se viabilizar financeiramente”. Cita o caso da Cantina Zanchetta em que o proprietário trabalha com contabilidade durante a semana e aos finais de semana abre a cantina a qual inseriu gastronomia e eventos com vivência como o café colonial no parreiral e colhe e pague de uvas durante a safra.

O presidente da Acamp cita outros exemplos de transformação do sistema produtivo como o “Pesque e Pague Arujá que inseriu almoço”. Fala também do Recanto Velha Olaria que é uma chácara de lazer que funciona na antiga olaria da

família fechada pela baixa na venda de tijolos e enfatiza que com a nova atividade toda família está inserida.

Recanto Velha Olaria: Transformou a olaria da família em espaço para lazer (pesca, campos futebol, alguns pequenos eventos). A cerâmica entrou em crise. Tiveram que fechar. Hoje toda família está envolvida. Eles tem muito trabalho pela frente, o espaço é grande e requer muito investimento. Mas estão progredindo (ZANCHETTA, 2019).

Na família Nagarotto, o proprietário parou de trabalhar de balconista em loja de materiais de construção para se dedicar ao empreendimento “Artesanato Nogarotto”. “Depois do curso de empreendedorismo na comunidade, a família trabalha junto com artesanato em madeira e cultivo flores”. Outra propriedade transformada por meio do turismo rural é o “Pesqueiro Bobato que colocou em prática o sonho que tinham de transformar a propriedade em espaço de lazer. O proprietário saiu do emprego e hoje atende todos os dias” (ZANCHETTA, 2019).

Nogoseki (2018) é associada à ACAMP e relata que a família sempre trabalhou com olaria: “Era só olaria como fonte de renda. Sempre teve vaca de leite, carneiro, horta, mas tudo pro consumo”. Hoje sua empresa de tijolos funciona normalmente durante a semana e é eventualmente um atrativo para turismo pedagógico. Porém, com estímulos do turismo rural na região, abriu na propriedade o Restaurante Dom Ernane (FIGURA 28) como atividade complementar na antiga casa da família. O restaurante é hoje a principal fonte de renda devido à baixa no comércio de tijolos.

FIGURA 28 – RESTAURANTE DOM ERNANE NO CIRCUITO RURAL TAQUARAL



FONTE: A autora (2018)

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' no município Campo Largo a situação é diversificada, três empreendimentos sobrevivem apenas das atividades turísticas e os demais mantêm as atividades anteriormente praticadas relata a presidente da ATRCP e empreendedora no roteiro (LIMA, 2017). Ela mantém a atividade da família, que vem de gerações, que é a produção de flores. Seu irmão, proprietário da Chácara Monjolo, segue a tradição com plantio de uvas e fabricação de vinhos, mesmo tendo a construção civil como principal fonte de renda.

Relata Lima (2017), que no Restaurante Nova Polska o proprietário trabalhava com contabilidade em Curitiba, mas atualmente se dedica exclusivamente ao restaurante. O empreendimento é fechado para eventos durante a semana e aos sábados, abrindo ao público em geral apenas no domingo. Fala também sobre o Café Colonial Vovó Bruna, que fica na chácara da família, estando na terceira geração de imigrantes poloneses. Atualmente cultivam na propriedade frutas, verduras, hortaliças e principalmente batatas, mas apenas para o consumo próprio, tendo o Café como principal fonte de renda.

A Chácara Fala Veio é um dos mais novos associados da ATRCP, nela se mantém a herança familiar de desenvolver atividades voltadas à produção de orgânicos - grãos, ovos, geleias, embutidos, aves, pequenos animais, peixes e árvores frutíferas. Atualmente os produtos orgânicos são comercializados na própria chácara, em feiras de orgânicos em Curitiba, em eventos e pelo sistema *delivery* (LIMA, 2017)

Genari (2018), empreendedor associado à ATRCP, conta que é biólogo, colecionador de orquídeas e que a RF Orquídeas sobrevive exclusivamente do orquidário, comercializando as flores no local e em feiras.

d) 'Verde que te quero verde'

No 'Verde que te quero verde' de Campo Magro Vallim (2016), presidente da ATCM entre 2014 e 2016, conta que apenas dois empreendimentos mantêm as atividades rurais, recebe turistas na propriedade e faz feira no Passeio Público em Curitiba, os demais são exclusivamente dedicadas ao turismo.

No roteiro ‘Verde que te quero verde’ de Campo Magro, Martinhago (2017) turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro entre 2012 e 2013, ressalta que “alguns eram agricultores, outros já tinham algum estabelecimento comercial em Campo Magro ou ex-empresários em Curitiba e que por algum motivo estavam morando em Campo Magro”. Relatou o caso da Chácara Mangala Ekos que é de um casal (ela bióloga e ele fotógrafo) que adquiriu uma propriedade e fez toda recuperação ambiental para trabalhar com estúdio e eventos na temática ecológica e ao ar livre.

Fala também do Recanto Nativo, que é de família do município e que sempre cultivou hortaliças. Eles continuam com essas atividades e inclusive ainda comercializam na feira do Passeio Público em Curitiba. Porém diversificaram e ampliaram significativamente as atividades, contando também com a feira virtual onde o cliente escolhe os produtos orgânicos no *site*, paga pela *internet* e recebe os produtos em casa. Atende também clientes na chácara, aqueles que querem conhecer todo processo de produção orgânica e colheita. Eles mantêm na propriedade pousada e restaurante, que funcionam aos finais de semana e feriados (MARTINHAGO, 2017).

Contou o atual presidente da ATCM, Maeski (2019), que alguns empreendimentos são de famílias de Campo Magro e nasceram da necessidade de atender aventureiros em busca de lugar para fazer refeições. Relata o exemplo do Bar do Paulo, que é uma mercearia da mesma família há mais de 50 anos. Há aproximadamente 30 anos atrás, depois de tanta insistência de aventureiros pedindo para o proprietário Paulo fazer um churrasco, resolveu começar a fazer alcatra aos finais de semana. Conta que atualmente é o genro do Paulo que prepara a alcatra, que é servida num ambiente bem rústico. De simples mercearia, se transformou num restaurante com a fama de ter a melhor alcatra da região e que é frequentado não apenas por grupos aventureiros, mas também por famílias.

Relata ainda Maeski (2019) o caso de seu próprio empreendimento, o Restaurante Pedra Chata Ecológico. Ele é da sua família que vive a gerações no município. O empreendimento “foi criado pensando em atender o público de aventureiros, com ambiente rústico, comida caseira e mesas externas, pois na maioria das vezes os clientes estão sujos de barro, poeira e suados”. Porém o restaurante teve bastante procura de outros públicos, teve que ser ampliado e

transformado para melhor atender. “Hoje tem capacidade para 480 pessoas e o público principal é de famílias com filhos”.

e) ‘Circuito italiano de turismo rural’

Sobre o circuito de Colombo foi relatado pela representante do poder público e moradora (BONIN, 2018), que a área rural do município sempre foi forte na produção agrícola e que hoje é também na extração de calcário. Sobre as transformações do sistema produtivo, foi relatado pelos entrevistados do poder público (BONIN, 2018) e por um ex-sócio empreendedor (MIKOSKI, 2018), que muitos produtores rurais passaram do sistema convencional para o orgânico. Alguns desses atendem hoje turistas tanto para venda direta, no sistema colhe e pague, como para turismo pedagógico. São os casos do Colhe Pague Gasparin, Morango Natural e Chácara Engenho Verde.

A representante do poder público e um empreendedor entrevistado (BONIN, 2018; MIKOSKI, 2018), relatam que apenas um empreendimento do roteiro abandonou totalmente as atividades anteriormente realizadas. Há casos, todavia, em que o empreendimento foi montado apenas para a atividade turística. A maioria mantém alguma atividade agropecuária, mesmo que para consumo da família.

As vinícolas do ‘Circuito italiano de turismo rural’ precisaram adequar seu sistema produtivo às normas depois que foram autuadas pelo MAPA, da mesma forma como ocorreu com as vinícolas de São José dos Pinhais. Conta Busato (2019), uma vitivinicultora no roteiro, que na época outras vinícolas também foram visitadas pelo MAPA, mas que muitas não se adequaram e preferiram continuar produzindo apenas para o consumo. Atualmente são cinco vinícolas cadastradas e regulamentadas que recebem turistas diariamente: Franco Italiano, Busato, Cavali, Gasparin e Strapasson.

A empreendedora da Vinícola Busato (FIGURA 29) conta que após a regulamentação tiveram tranquilidade, pois passaram a trabalhar de forma legalizada e melhoraram a qualidade do vinho. Os parreirais continuam os mesmos, a quantidade continua muito semelhante e toda produção de vinho, suco e geleias é com uvas colhidas na propriedade da família, mantendo a tradição.

Pra nós o que mudou foi a tranquilidade e a qualidade, pois o vinho é feito mais por tradição, a principal fonte de renda é hortifruti e a vinícola vem em segundo lugar. Nosso vinho é feito com uvas de cultivo próprio e a produção varia de 18 a 20 mil litros por ano (BUSATO, 2019).

FIGURA 29 – VINÍCOLA BUSATO COM TONEIS DE INOX DEPOIS DA REGULARIZAÇÃO NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL



FONTE: Acervo de Busato (2019)

O envolvimento dos atores locais em torno de uma mesma atividade central, seja esta a agropecuária ou o turismo, lhes atribui uma sinergia na busca por parcerias e no estabelecimento de redes de cooperação.

4.2.2 Viabilização de estudos, planos e projetos

A elaboração de estudos voltados ao planejamento e gestão dos roteiros é fundamental para o delineamento da funcionalidade do sistema turístico. Esses estudos, via de regra, partem de diagnósticos da realidade, dos quais derivam planos e projetos para implantar e/ou aprimorar as atividades turísticas. No processo de elaboração dos estudos diferentes atores são direta ou indiretamente envolvidos. Nas diretrizes apontadas pelos planos e projetos são definidas, entre outras questões, as funções dos atores que serão acionados para se atingir as metas propostas. Na sequência são apresentados os estudos, planos e projetos, elaborados em cada um dos roteiros em estudo.

a) 'Caminho do vinho'

Segundo Scrobote (2016), presidente da ACAVIM, foi realizado em 1998 pela prefeitura o Inventário Turístico (IT) da Colônia Mergulhão. O inventário da Colônia conduziu ao Plano de Desenvolvimento Turístico (PDT) do Município de São José dos Pinhais. Sequencialmente foram realizadas diversas reuniões por iniciativa dos empreendedores com apoio do poder público, visando viabilizar o roteiro e sua associação.

As melhorias advindas da organização da ACAVIM são ressaltadas:

Foi final de 98, comecinho de 99, e daí com as primeiras reuniões e alguns com medo. Foi uma iniciativa nossa, com apoio do poder público, instruções mais do poder público e daí eles trouxeram melhoria... digo... sem estrada, sem pavimentação, sem energia elétrica. Em outra gestão que não tinha nada disso, o ônibus escolar quantas vezes encalhou aí na frente (SCROBOTE, 2016).

Os representantes do poder público entrevistados (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018), concordam com a fala de Scrobote (2018) em relação aos estudos e reforçam que mesmo a Prefeitura Municipal tendo a iniciativa de contratar a elaboração destes, o roteiro não teria sido criado se não fosse a vontade dos empreendedores da Colônia Mergulhão na época.

Em 1998 foi apresentado o Plano de Desenvolvimento Turístico de São José dos Pinhais, iniciativa da Prefeitura Municipal, que contratou o SEBRAE [Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas] e a ABBTUR [Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo] para elaborar o estudo, houve também o incentivo de outros órgãos, como a EMATER, Secretaria de Estado do Turismo, mas em ações pontuais, o grande investimento foi Municipal. Nesse Plano, além do inventário e diagnóstico do potencial turístico, foram indicados três projetos turísticos³¹, sendo executado o projeto do Roteiro de Turismo Rural Caminho do Vinho, com trabalhos iniciados em 1999. Porém, tanto o Plano como o Projeto do Caminho do Vinho não contemplavam um estudo rigoroso da viabilidade técnica do roteiro, ele saiu do papel mais pela vontade de fazer dos atores na época.

Assim nasceu o primeiro circuito rural de São José dos Pinhais, que após sua instalação ganhou obras de infraestrutura como a construção do Portal Italiano, colocação de paralelepípedo, pavimentação asfáltica e iluminação pública. Em 2006 foi realizado outro inventário da oferta turística pela Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais (PMSJP, 2006), e em 2019 ficou pronto o mais recente Inventário

³¹ Caminho do Vinho em São José dos Pinhais, Estrada Mato Grosso em Campo Largo e Circuito Italiano de Turismo Rural de Colombo.

Turístico³² da Colônia Mergulhão, porém os dados ainda não foram divulgados (KUSMA, 2019).

b) 'Circuito rural Taquaral'

No 'Circuito rural Taquaral' foi realizado de 2009 a 2012 pela Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais juntamente com a SEAB, EMATER e ACAMP o inventário, o diagnóstico e a orientação, inicialmente aos moradores da comunidade da Campina do Taquaral, com posterior extensão as comunidades próximas, relata o representante do poder público atuante na SICTUR/SJP (KUZMA, 2018). Em 2011 foi elaborado um 'Plano Técnico de Trabalho a partir do Inventário do Potencial Turístico, o Diagnóstico Participativo e o Plano de Desenvolvimento Turístico, comenta o presidente da ACAMP (ZANCHETTA, 2016).

Salienta o presidente da ACAMP que a troca de gestão municipal é sempre prejudicial à continuidade das atividades, pois a gestão que entra não aceita os estudos feitos pela gestão anterior. Neste caso o material foi arquivado, sendo o 'Circuito rural Taquaral' oficialmente lançado apenas em 2015.

...teve um pessoal que fez um plano de desenvolvimento, mas nós temos um problema sério que é o de política. Aí mudou o prefeito, mudou a gestão e eles jogaram tudo no lixo aquilo que foi feito, que era um trabalho fantástico realizado em 2011. Foram visitadas todas as propriedades, cadastrado os potenciais, foi feito um diagnóstico bacana. Um inventário, feito pela Prefeitura, EMATER e a ACAMP (ZANCHETTA, 2016).

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas' e 'Verde que te quero verde'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' de Campo Largo e no 'Verde que te quero verde', em Campo Magro, os presidentes da associação e os representantes do poder público não souberam informar sobre estudos, planos e projetos realizados para viabilizar os roteiros.

Segundo Martinhago, (2017), turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro entre 2012 e 2013, no município alguns estudos de viabilidade técnica do roteiro foram realizados ao longo dos anos, entre eles: a "Análise do

³² Apesar dos esforços, até o fechamento desta Tese não se conseguiu acesso a este documento.

Potencial Turístico de Campo Magro” de 2002; o “Plano de Desenvolvimento Turístico de Campo Magro” seguido do “Inventário Turístico 2004/2005” (PMCM, 2005), “Pesquisa de Demanda (PD)” realizada em 2006 (CEPP, 2006) e o “Inventário da Oferta Turística (INVTUR) 2011-2012”, este realizado pela prefeitura em parceria com Centro Universitário Uninter (PMCM; UNINTER, 2012). Este último baseou-se, entre outras fontes, nos documentos de frequência da Central de Informações Turísticas³³ para os anos de 2006, 2007, 2009, 2010, 2011 e até maio de 2012.

Foi registrado no Inventário Turístico que a procura de Campo Magro para prática de *MotoCross* e *Off road* já ocorre a cerca de trinta anos, porém a atividade gera reações conflituosas entre os praticantes e os moradores, já que os benefícios oriundos dessa visita se restringe a bares e restaurantes do município, em especial ao Bar do Paulo e ao Bar da Canelinha, ambos ainda hoje ativos e ponto de encontro também ciclista, caminhantes e outros dos aventureiros acompanhados de familiares (PMCM; UNINTER, 2012). Atualmente, em frente ao Bar da Canelinha, está atuante uma mercearia que funciona a semana toda e churrascaria aos finais de semana. Ela também é atualmente frequentada pela comunidade local e ponto de encontro dos aventureiros que seguem pela Estrada da Serrinha (MARTINHAGO, 2017).

No Plano de Desenvolvimento Turístico de Campo Magro de 2004 consta que mesmo com todo fomento e formação dos produtores para se preparar para o turismo, a população rural encontrava-se ainda insegura por se sentirem “simples agricultores” concorrendo com empresários experientes. A maior parte da comunidade, nessa época, não reconhecia suas reais potencialidades (PMCM; UNINTER, 2012).

d) ‘Circuito italiano de turismo rural

No ‘Circuito italiano de turismo rural’, segundo Bonin (2018), turismóloga da prefeitura de Colombo, são desconhecidos estudos de viabilidade técnica do roteiro

³³ Atualmente o município não possui posto de informações turísticas para coleta de dados, como afirmou Vallim (2016) ex-presidente da ATCM.

que tenham sido realizados ao longo dos anos. Tem-se apenas o conhecimento do Inventário da Oferta Turística e Diagnóstico Colombo (PMC; UFPR, 2014/2015).

Os poucos estudos existentes, via de regra, são fomentados externamente a partir de políticas nacionais e estaduais vinculadas a programas de municipalização do turismo, num primeiro momento, e de roteirização deste, posteriormente. A execução dos estudos também foi, em grande parte, fruto de parcerias.

4.2.3 Capacitação e qualificação para o turismo

Visando garantir maior funcionalidade no sistema do roteiro de turismo, aposta-se na capacitação e qualificação dos empreendedores e de seus funcionários. Na sequência são apresentados exemplos destas iniciativas em cada um dos roteiros em estudo.

a) 'Caminho do vinho'

No 'Caminho do vinho', a partir da ACAVIM instalada, várias ações para capacitação dos empreendedores foram desenvolvidas. A presidente diz que eles estão em constante formação e aprendizado. Destaque são as visitas técnicas para trocas de experiências vivenciais em roteiros de outros municípios.

Muitas visitas técnicas, muitos cursos, muitas palestras, oficina, seminário. Nós fazemos até hoje visitas técnicas. Todo ano quando cai o fluxo de visitantes, nós pegamos, tipo um domingo a noite, e vamos para um roteiro de turismo rural e ficamos lá a semana inteira, passeando, vendo como que é. (...) conhecer e ver experiências diferentes, e assim como eles vem pra cá daí (SCROBOTE, 2016).

Os representantes do poder público entrevistados (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018) contam que era “a prefeitura que promovia as visitas técnicas, desde 1999. Depois começamos a indicar cursos do SENAR [Serviço Nacional de Aprendizagem Rural] e estimulamos eles a fazer”. Ainda segundo estes representantes, atualmente é a guia de turismo do roteiro que organiza as visitas, mas que ficou deliberado no “COMTUR que é pra voltar a fazer as visitas técnicas com os membros do Conselho”.

Kusma (2018) relata o fato de que durante um tempo os empreendedores deixaram de se capacitar e estagnaram, e também que em 2011 o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) autuou todas as vinícolas da Colônia Mergulhão.

Teve uma época que eles não queriam mais fazer cursos de capacitação. Eles achavam que já tinham feito tudo, acho que faltava um “cutucão” e acho que isso ocorreu quando o MAPA chegou autuando todas as vinícolas. Depois disso voltaram a se orientar.

Após tal autuação os produtores de vinho tiveram que se adequar para continuar funcionando e com isso viram a necessidade de capacitação contínua. Isso estimulou as novas gerações, que estão buscando formação e ficando nos empreendimentos da família.

Os filhos estão voltando e até estão fazendo questão de ficar no empreendimento da família e se especializar. A (...) guia e proprietária de cantina (Vinícola Politano) no Caminho do Vinho é um exemplo disso, pois mandou a filha fazer enologia no Rio Grande do Sul. Estagiou nas grandes vinícolas e voltou para assinar pelos vinhos da família (KUSMA, 2018).

A capacitação do pessoal envolvido nas atividades de turismo é a maior aliada na qualificação do roteiro e deve ser avaliada constantemente (MTUR, 2007a). Para dar qualidade e credibilidade ao processo, durante a articulação, a execução e a estruturação das ações de capacitação, é fundamental estabelecer parcerias entre os setores público e privado. Em MTur (2007a) aponta-se que no processo de roteirização deverão ser envolvidos, além das Instâncias de Governança Regional, representantes do poder público, dos empresários, da sociedade civil organizada e das instituições de ensino.

A presidente da associação do ‘Caminho do vinho’ comenta, entretanto, que nem sempre as parcerias dão certo. Ela relata uma experiência negativa: “É, a gente fez bastante parceria, mas o pior que nos atrapalhou e atrapalhou vários roteiros que nós fomos [...]. No início até, na parte gastronômica, alguma coisa ajudou, mas depois não” (SCROBOTE, 2016). Porém o roteiro possui várias parcerias que deram certo como com a “EMATER, a prefeitura, sindicato rural, SENAR, então esses são bons porque eles deram muitos cursos” (SCROBOTE, 2016).

A ACAVIM já teve parceria SEBRAE, porém hoje possui parceria ativa com a EMATER, Prefeitura Municipal, Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR), Sindicato Rural e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Por meio dessas parcerias são realizadas formações e benfeitorias nas propriedades, como é

o caso do tratamento de efluentes orientado por parceiros (SICTUR, SANEPAR e EMATER) e implantado na maioria dos empreendimentos associados (SCROBOTE, 2016).

Parcerias com instituições de ensino técnico e superior na área do turismo no ‘Caminho do vinho’ não foram relatadas, porém Scrobote (2016) conta que os empreendedores fazem também cursos particulares de capacitação (formação individual), mas na opinião dela o que mais ajuda são palestras e visitas técnicas. Ela fez menção a sua participação no encontro do Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF).

b) ‘Circuito rural Taquaral’

Conta Zanchetta (2016), presidente da ACAMP, que neste circuito, quando a Associação ainda não tinha conseguido oficializar o roteiro e eles ainda não tinham apoio do poder público, a participação em cursos de formação e visitas técnicas para conhecer outras experiências eram feitas de forma autônoma.

Em 2012 já teve [visita técnica], mas nós começamos em 2010. A primeira visita técnica que nós fizemos foi lá em Colombo. Nós produtores daqui visitamos o roteiro de lá numa iniciativa da associação porque a prefeitura não quis abraçar na época, nós falamos então vamos tocar por conta. Nesta gestão de agora a visão é totalmente diferente. A visão deles é promoção e não qualificação. E nós, por iniciativa nossa fizemos mais uns cinco ou seis cursos nos últimos três anos com parceria do SENAR. Cursos de turismo, de várias coisas nós fizemos aqui pra qualificar os produtores e a prefeitura fez um único curso de turismo quando trouxe um consultor que ficou dois meses aqui na região. No período de 2011 a 2012 fizemos algumas visitas técnicas em Balsa Nova e outros lugares.

O curso referido foi o de Extensão Profissional “Gestão de Resultados no Turismo Rural” que incluiu um trabalho de capacitação por parte da Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais através da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo (SICTUR). As ações corresponderam ao Programa de Interiorização do Turismo (PIT) do Município de São José dos Pinhais. Kuzma (2018) relatou que atualmente, as associações dos roteiros absorveram a tarefa de buscar capacitação e que as visitas técnicas “são apoiadas pela administração municipal no que couber perante a legislação”.

Em outubro de 2017 a ACAMP foi contemplada com o projeto “Empreendedorismo na Comunidade” que é realizado pelo Governo do Estado do Paraná, Audi e Aliança Empreendedora (AE)³⁴, e co-realizado pelo Instituto Legado (IL)³⁵. Esse teve como objetivo transformar a realidade das comunidades de São José dos Pinhais-PR e seu entorno.

Segundo Zancheta (2017) o recurso³⁶ deste projeto será:

... parte investido para replicar a metodologia, que é muito bacana, consequentemente transformar e ajudar novos empreendedores e trazer para nosso projeto. O restante para confecção de materiais de divulgação e placas de sinalização.

Em 2018 foi realizado o curso “Empreendedorismo na Comunidade” para 82 empreendedores do território do roteiro. A realização deste curso permitiu a ACAMP receber uma certificação do projeto Aliança Empreendedora pelo engajamento na promoção da cultura empreendedora no estado do Paraná (FIGURA 30). Com este estímulo, conta o presidente da associação, 4 novos empreendimentos estavam se estruturando para começar a atender e um já inaugurou em fevereiro de 2019.

³⁴ A Aliança Empreendedora tem como missão apoiar empresas, organizações sociais e governos a desenvolver modelos de negócios inclusivos e projetos de apoio a microempreendedores de baixa renda, ampliando o acesso a conhecimento, redes, mercados e crédito para que desenvolvam ou iniciem seus empreendimentos (AE, 2017).

³⁵ O Instituto Legado, originado em 2013, é formado por uma equipe multidisciplinar, com experiência no mercado e no terceiro setor, atuante no Empreendedorismo Social, focada no impacto e em gerar transformações nas vidas de milhares de pessoas (IL, 2017).

³⁶ Da ordem de R\$15.000,00 (quinze mil reais) (ZANCHETTA, 2017).

FIGURA 30 – CERTIFICADO EMITIDO À ACAMP PELA ALIANÇA EMPREENDEDORA



FONTE: ZANCHETTA (2019)

A empreendedora associada à ACAMP, Nogoseki (2018), comenta sobre a formação constante e sobre transformações pontuais que fará no empreendimento por conta da orientação que teve durante os cursos que fez e relata sobre a importância do curso de 'Empreendedorismo na Comunidade'.

Fiz vários cursos: doces, conservas, panificação, pinhão, empreendedorismo, aproveitamento e beneficiamento de alimentos, massas polonesas. O curso de empreendedorismo foi bom, pois abre a cabeça da gente. Precisava de dinheiro para investir, eu não tenho, mas mesmo assim vou mudar algumas coisinhas. Vamos comprar aventais bordados, camisetas, toquinhos. Todos os cursos são úteis, as vezes a gente não aplica na hora mas aprende e na medida do possível vai colocando em prática.

A ACAMP possui parceria com a prefeitura municipal, com o SENAR para cursos, com a EMATER na realização da Caminhada e com o Sindicato Rural (ZANCHETTA, 2016). Recentemente firmou parceria também com a Aliança Empreendedora (ZANCHETTA, 2018).

Tanto representantes da ACAVIM quanto da ACAMP participaram em 2016 do Seminário de Turismo Rural de São José dos Pinhais, promovido pela EMATER, Paraná Turismo, Secretaria Estadual para Assuntos Estratégicos e SICTUR, com o

apoio da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (FETAEP) e Sindicato Rural. O objetivo foi discutir temas relevantes para o desenvolvimento do Turismo Rural no estado do Paraná e, especialmente, em São José dos Pinhais. O encontro contou com palestras, mesa redonda e debates (PMSJP, 2016).

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas', conta Lima (2017), presidente da ATRCP, ocorreram várias "oficinas e cursos sobre empreendedorismo e em 2015 tivemos cursos de sustentabilidade pela EMATER". A parceria é apenas com o SEBRAE na realização de cursos e a prefeitura na organização da Caminhada Internacional na Natureza (LIMA, 2017). Não foram relatadas parcerias com instituições de ensino técnico e superior na área do turismo e também não foram localizados outros estudos e inventário da oferta turística.

d) 'Verde que te quero verde'

No 'Verde que te quero verde' foi relatado que a partir da criação da associação no roteiro, várias ações para capacitação dos empreendedores foram desenvolvidas principalmente pelo SENAR e EMATER. "Eles estão em constante formação e aprendizado, nunca param" (VALLIM, 2016), fala o ex-presidente da ATCM em relação à formação individual de cada empreendedor. Atualmente, segundo o atual secretário de turismo, existe o estímulo aos empresários para realização dos cursos do Ministério do Turismo, como o Brasil Braços Abertos, voltado ao receptivo, e o Programa de Gestor de Turismo, ambos gratuitos (TOZETTO, 2018).

O secretário de turismo fala da importância da capacitação, pois está para ser implantado "um projeto grande pra Campo Magro, bem grande" que é o 'Parque das Pedreiras' e precisará de gente qualificada para trabalhar e no caso dos empresários se adequarem a nova realidade que está para acontecer. Tem

orientado a formalização dos empreendimentos com cadastro no cadastur³⁷. Além de formar pessoal pra atendimento com excelência (TOZETTO, 2018).

Maeski (2019), atual presidente da ATCM e empreendedor no ramo gastronômico, relata que ele ainda não fez os cursos do Ministério do Turismo sugeridos pelo secretário, mas que estão em constante formação. Sua esposa e sócia, que é administradora, já fez curso de *marketing*, decoração, eventos e atualmente está iniciando um curso de confeitaria para incrementar o cardápio do café colonial e melhor satisfazer os clientes.

Martinhago (2017), turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro entre 2012 e 2013, conta que o roteiro já teve parcerias com várias entidades:

(...) o roteiro já teve parceria com Senar ministrando oficinas. Com Sebrae quando foi instituída a Instância de Governança da Rotas do Pinhão [em 2003], o Sebrae teve uma sacada de organizar os empreendedores de toda Região Metropolitana e formatar como se fosse uma Associação Rota do Pinhão, aí eles fizeram várias ações, tem folder, tem site, etc., (...) Já teve parceria informal com Grupo de Agroecologia do município no auxílio do café da manhã das caminhadas. Já teve parceria com Instituição de Ensino superior no inventário da oferta turística.

O ex-presidente da ATCM relatou parceria apenas com o SEBRAE (VALLIM, 2016). O atual secretário municipal de turismo fala que tem fechado parcerias principalmente para realização de eventos como com a EMATER para as Caminhadas e Pedaladas. Tem também uma parceria da prefeitura com SEBRAE junto com a Secretaria de Indústria e Comércio para realização de formação através de encontros mensais (TOZETTO, 2018).

e) 'Circuito italiano de turismo rural'

O 'Circuito italiano de turismo rural', por meio da prefeitura, já teve parcerias com várias entidades que promovem cursos de formação aos empreendedores. Bonin (2018), turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo, fala particularmente sobre a dificuldade na qualificação e diversificação dos produtos nos empreendimentos. Conta que a Secretaria de Turismo organiza diversos cursos -

³⁷ Cadastur é o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo. O cadastro garante diversas vantagens e oportunidades aos seus cadastrados e é também uma importante fonte de consulta para o turista. O programa é executado pelo Ministério do Turismo, em parceria com os órgãos oficiais de turismo, nos 26 estados e no Distrito Federal. Mais informações em: <https://cadastur.turismo.gov.br/>

como os de boas práticas alimentares, atendimento, inglês, empreendedorismo -, mas estes tem baixa participação por parte dos empreendedores. Segundo ela, alguns chegam a dizer que “já sabem tudo”.

Mikoski (2018), empresário do ramo gastronômico e ex-sócio da ECITUR, comenta que recentemente foram convidados a participar do curso de empreendedorismo oferecido pela prefeitura, mas ele não participou. Revelou ainda que está fazendo uma qualificação dos funcionários em atendimento por meio do Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAC). Outro empreendedor e ex-sócio da ECITUR, quando perguntado sobre cursos e outras formações, comenta que “foi feito faz tempo”. Porém não relatou a modalidade destes cursos, apenas disse que foi por “iniciativa da Secretaria de Turismo” (STRAPASSON, 2018).

Conta ainda Bonin (2018), que foram realizadas trocas de experiências vivenciais com integrantes de associações de outros roteiros da região até mesmo para estímulo das atividades da associação inativa ECITUR. A prefeitura ofereceu transporte e ocorreram as visitas em três roteiros, porém não surtiu efeito positivo, pois os empreendedores costumavam comparar o roteiro de Colombo com os visitados. Relata que a ideia era tirar proveito da maneira de se organizar concretamente, mas não funcionou.

Segundo Mikoski (2017), empresário do ramo gastronômico e ex-sócio da ECITUR, o roteiro por meio da prefeitura, já teve parcerias com várias entidades e promove cursos de formação dos empreendedores. Bonin (2018), turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo, afirma que a Secretaria de Turismo já teve várias parcerias.

Atualmente a secretaria está com um programa da FIEP [Federação das Indústrias do Estado do Paraná] de desenvolvimento econômico do município que envolve o turismo e outras áreas afins e com a universidade as parcerias são pontuais, a gente já teve pra fazer o inventário turístico, a UFPR veio e fez o inventário. Agora estamos fazendo um acordo com a geografia da UFPR para implantar o geoturismo, vamos usar o drone pra mapear.

A capacitação dos envolvidos é a maior aliada na qualificação do roteiro e deve ser avaliada constantemente. Os empreendimentos turísticos dos roteiros agregam, sobretudo, mão de obra familiar, que ainda não apresenta experiência geracional nesta atividade. Parte deles emprega também, todavia, mão de obra externa. Analisamos na sequência essas características nos roteiros selecionados.

a) 'Caminho do vinho'

No 'Caminho do vinho', durante a safra da uva, todas as vinícolas empregam diaristas para ajudar na colheita da uva e/ou na produção do vinho. A maioria dos restaurantes atende apenas aos finais de semana e feriados, funcionando com mão de obra mista e pagamento em diárias. Dois restaurantes atendem diariamente com funcionários contratados, além da mão de obra familiar. Kuzma (2018) representante da SICTUR/SJP, relata que quando a mão de obra é externa, geralmente é da própria comunidade. Fila (2018) representante da SICTUR/SJP comenta que apenas uma (das nove) vinícola tem funcionários contratados.

Scrobote (2016), presidente da ACAVIM e empreendedora, relata que "cada associado fabrica seu vinho. É uma norma do estatuto. Se você quer vender, você tem que fabricar o seu vinho". Comenta que existem no roteiro empreendimentos que comercializam vinhos importados e/ou nacionais e não pegam vinho dos produtores locais. Neste caso não podem utilizar a marca 'Caminho do vinho' por não serem produtores e não se adequarem às normas do estatuto.

b) 'Circuito rural Taquaral'

No 'Circuito rural Taquaral' foi relatado que "a maior parte é familiar, nos restaurantes eles contratam, mas só pessoal da comunidade mesmo e por dia. Eu diria 80% familiar e 20% externa" fala o presidente da ACAMP (ZANCHETTA, 2016). Uma empreendedora, associada da ACAMP confirma essa afirmação dizendo que a mão de obra em seu "restaurante é familiar tendo dois funcionários aos finais de semana" (NOGOSEKI, 2018). Isso demonstra a valorização e envolvimento da comunidade local.

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas', Lima (2017), presidente da ATRCP relata que a Chácara Monjolo, durante a safra da uva, emprega diaristas para ajudar na colheita da uva e na produção do vinho. O restaurante Nova Polska funciona com mão de obra mista e pagamento em diárias, visto que só atende aos

sábados e domingos. Na estufa Caminho das Flores a mão de obra é familiar e eventualmente se contrata diarista.

A RF Orquídeas é uma empresa familiar com estufas e laboratório próprios e atende todos os dias da semana. Segundo Genari (2018), biólogo e empresário associado da ATRCP, “90% da mão de obra é familiar. Tem uma funcionária que faz toda parte de laboratório”. Conta que “no laboratório são feitos cruzamentos e criadas novas espécies. Tanto no laboratório quanto na estufa de coleção é proibida a entrada de turistas, apenas de colecionadores”. Isso é por uma questão de segurança às plantas de coleção.

Marcon (2018), entrevistada representante do poder público, acredita que a maior parte da mão de obra utilizada nos atrativos do roteiro seja familiar, mas não sabe dizer qual percentual.

d) ‘Verde que te quero verde’

No ‘Verde que te quero verde’ Vallim (2016), ex-presidente da ATCM, afirma que não se tem o percentual definido, porém se sabe que todos os empreendimentos atuam com mão de obra familiar e que a maioria destes emprega também mão de obra externa. Principalmente os restaurantes e chácaras de eventos funcionam com mão de obra mista, sendo a mão de obra não familiar com pagamento em diárias, visto que a maioria só atende aos finais de semana e feriados.

O atual presidente da ATCM, empreendedor no roteiro, fala que seu restaurante é familiar, passado de pai para filho e que 10 membros da família trabalham no restaurante. Ele e a esposa atuam como proprietários com voz ativa e os “demais familiares apenas com mão de obra e opiniões, sem decisões de investimentos” (MAESKI, 2019). Há também funcionários contratados, eles recebem diárias.

Eu, minha esposa, meu pai, minha mãe, meu irmão, minha irmã, meu cunhado, meu primo, minha tia, minha outra tia. Agora não conseguimos mais ficar só na família, já temos 3 garçons de Santa Felicidade, mais 6 pessoas da cozinha que são de fora. Num domingo de sol são 29 funcionários.

Tozetto (2018), atual secretário de turismo, acredita que 90% da mão de obra utilizada nos atrativos do roteiro seja familiar, o restante diaristas da região.

e) 'Circuito italiano de turismo rural'

No 'Circuito italiano de turismo rural', Bonin (2018), turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo, afirma que todos os empreendimentos atuam com mão de obra familiar, mas que maioria destes emprega também mão de obra externa. Os restaurantes Franco Italiano, Pasárgada, Churrascaria Berckemback I e II, Bom Sabor, Bosque Italiano, É da Pam e Casalare del Nono, bem como as chácaras de eventos Sítio do Caqui, Deck Bolsi, Castelo Reale e Espaço Maydê funcionam com mão de obra mista e pagamento em diárias, visto que estes atendem predominantemente aos finais de semana e feriados.

Os atrativos públicos, tais como Parque Municipal Gruta do Bacaetava, Casa da Memória da Venerável Irmã Antonieta Farani, Casa da Cultura, Memorial do Imigrante Italiano – Casa Eugênio Mottin, Memorial Ítalo-Polonês Famílias Perin e Puka, Museu Municipal Cristóforo Colombo e Parque Municipal da Uva possuem funcionários mantidos pela prefeitura (BONIN, 2018).

O empreendedor Strapasson (2018) comenta que na sua vinícola a mão de obra é exclusivamente familiar. Já o empreendedor Mikoski (2018) diz que no seu restaurante a mão de obra é mista, com funcionários fixos durante a semana e diaristas nos finais de semana e feriados.

4.2.4 Potencialidade de expansão e crescimento

Os roteiros estudados não se encontram ainda em sua plenitude, havendo ainda potencialidade para expansão e crescimento. Isso significa tanto potencialidade para aumentar o número de visitantes, como também de ampliar os empreendimentos em número e/ou tamanho. Analisa-se na sequência a fala de diferentes atores que interagem nos roteiros sobre esta questão.

a) 'Caminho do vinho'

Sobre a potencialidade para qualificar os empreendimentos que compõe o roteiro 'Caminho do vinho', a presidente da ACAVIM salienta que existe e que "todos só caminham para isso, pra qualificar cada vez mais" (SCROBOTE, 2016). Ela

lembra inclusive das constantes inspeções da vigilância sanitária e do esforço dos empreendimentos associados, que estão sempre se adequando para manter qualidade e sanidade.

É consenso entre os entrevistados da associação e do poder público que o roteiro tem potencialidade para expansão, porém o ‘Caminho do vinho’ não pretende que isso ocorra apenas em números, mas em qualidade. Conta Scrobote (2016), presidente da ACAVIM e empreendedora, que foram criados critérios e registrado em estatuto e no caderno de normas da ACAVIM para que só seja associado empreendimento que se encaixe nos padrões de qualidade estabelecidos.

Os representantes do poder público (KUZMA, 2018; FILA, 2018; VANES, 2018) concordam com a presidente da ACAVIM e ressaltam que “o Caminho do Vinho tem uma densidade de empreendimentos na Colônia Mergulhão, possui ainda algumas pequenas áreas de expansão laterais”.

Kuzma (2018), representante da SICTUR/SJP, revela ainda outra preocupação, que é a massificação do turismo num espaço pequeno, visto que os empreendimentos estão concentrados. Relata casos de engarrafamento dentro do roteiro em dias de pico num momento de baixa procura pelo roteiro.

Outra questão é que você gera um público em massa. Agora que está numa época de crise, se você for no ‘Caminho do Vinho’ num domingo ensolarado você quase não anda. Imagina sem crise. Existe uma massificação até mesmo porque o roteiro é concentrado. É bom porque o visitante pode visitar vários empreendimentos, mas em compensação você não consegue dissipar todo aquele público. Na hora de ir embora uma fila se inicia no Cachimbo e terminava na Avenida das Torres já em Curitiba (KUZMA, 2018).

Quando perguntados sobre a potencialidade em aumento de público no roteiro, ocorreu uma controvérsia entre os entrevistados. A presidente da ACAVIM acredita que ainda há espaço para maior número de visitantes e o representante do poder público é taxativo de que “no Caminho do Vinho não” (KUZMA, 2018). Salienta que se pode iniciar um trabalho para estimular o fluxo durante a semana e a noite e desafogar nos finais de semana. Outra sugestão é incentivar o uso de rotas alternativas para desviar o trânsito em horários de pico.

b) 'Circuito rural Taquaral'

No 'Circuito rural Taquaral' o presidente da ACAMP ressalta que o roteiro é novo e tem muita potencialidade para qualificar os empreendimentos e empreendedores principalmente "na questão de atendimento. Tem que saber atender. A parte de agregar os produtos também. Visual dos empreendimentos" (ZANCHETTA, 2016).

O roteiro "tem potencialidade porque além da área ser grande tem muitos atrativos bonitos e muita gente está esperando ainda o roteiro se consolidar para se inserir" (ZANCHETTA, 2016). Essa afirmação de 2016 já se confirmou para 2017, quando dobrou o número de associados e colaboradores da ACAMP (ZANCHETTA, 2017).

Representantes do poder público concordam com a potencialidade de expansão. Ainda se trata de um roteiro com baixa visitação ainda e que abrange um extenso território. Kusma (2018) da SICTUR, afirma inclusive que algumas comunidades do circuito ainda não têm empreendimentos associados.

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas', Lima (2017), presidente da ATRCP, também acredita na necessidade de qualificação dos empreendedores e diversificação dos produtos oferecidos. Comenta ela que: "precisava mais empreendedores e melhorar os que já estão". Inclusive ela, que trabalha sozinha com flores, faz uma autocrítica dizendo: "eu mesmo poderia ter mais vasos, mas precisaria de funcionário e eu não quero me incomodar com problema trabalhista".

Genari (2018), empreendedor sócio da ATRPC, comenta que faz falta mais empreendimentos abrirem aos finais de semana, que é quando os turistas de localidades distantes visitam o roteiro. Segundo ele, apenas dois empreendimentos atendem aos finais de semana e isso dificulta a visitação do roteiro como um todo. Um terceiro atrativo abre mediante agendamento.

A ex-presidente da Associação fala do pouco incentivo do poder público e da falta de segurança, o que deixa os empreendedores desestimulados em iniciar atividades. Conta que o roteiro tem muita potencialidade de expansão "mas o

pessoal está sem coragem. Não tem pousada, atividades de lazer... Vários foram convidados, mas não quiseram entrar (LIMA, 2017).

Sikora (2017), pesquisadora das Colônias Polonesas do roteiro e idealizadora do Museu da Etnia Polonesa e do Grupo folclórico Zabawe Polskie, comentou que a atual gestão municipal de Campo Largo eliminou a secretaria e o departamento de turismo. Isso acarreta na falta de referência de a quem recorrer quando ocorre alguma demanda. Atualmente, alguns casos que envolvem o turismo, como a organização da Caminhada, são apoiados pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Assuntos Metropolitanos.

A representante do Poder público, Marcon (2018), concorda que atua fora da pasta por estar desativada a Secretaria de Turismo e reforça que tanto o roteiro Turismo Rural nas Colônias Polonesas tem muita potencialidade para qualificação e expansão quanto o município todo, que tem atrativos interessantes trabalhando de forma isolada, bem como recursos potenciais inexplorados.

Campo Largo tem um potencial muito grande para o turismo. A gente queria muito trabalhar essa parte, estamos com ideias novas. Temos a Klein³⁸ que está com projeto novo de uma linha turística saindo de Curitiba, ir até Vila Velha e no retorno almoçar ou jantar na Klein. Eu falei com a proprietária da possibilidade de fazer a Rota da Louça passando pela cervejaria pra jantar ou almoço. Precisamos aproveitar o potencial que tem aqui. Bateias tem cachoeiras lindas. Coisas bem bacanas que daria pra aproveitar também. Roteiros separados, mas que se complementem. A Estrada Mato Grosso, entrada da Ferraria, vai receber o novo Alphaville e eles tem interesse de revitalização da Estrada e potencializar o roteiro.

Marcon (2018) fala também de um público consumidor potencial próximo, em breve, com a instalação de um condomínio de luxo na área rural do município.

d) 'Verde que te quero verde'

No 'Verde que te quero verde' o ex-presidente da associação relata que há potencialidade para qualificar os empreendimentos que compõe o roteiro, bem como para agregar outras atividades da comunidade a ele, como as igrejas e suas festividades religiosas (VALLIM, 2016).

³⁸ Restaurante Brewhouse da Cervejaria Klein de rótulos especiais. A cervejaria tem capacidade de envase de 2.000 garrafas por hora. Sua produção de **10 estilos de cervejas**, atualmente é encontrada em quase todo Brasil.

Os representantes do poder público, a ATCM e um empreendedor (MARTINHAGO, 2017; TOZETTO, 2018; MAESKI, 2019) tem consciência da necessidade de qualificação, diversificação dos produtos e serviços e de regularização de vários empreendimentos, que na informalidade não dão retorno ao município e trabalham no amadorismo. Há uma autocrítica e até uma inquietação em pensar que não se pode estagnar nunca.

Sempre há o que melhorar. Cada propriedade é uma propriedade, com suas peculiaridades. Acredito que sobre o roteiro no geral e também cada empreendimento tem que buscar a diferenciação dos produtos oferecidos aos clientes, novas alternativas de atividades de lazer. Não digo isso no sentido de mudar o enfoque do negócio, mas fortalecer, agregar novos elementos sempre (MARTINHAGO, 2017).

Com a capacitação de pessoal, com a regularização dos locais, com o desenvolvimento desse novo ponto turístico [Parque das Pedreiras], com a implantação de toda uma estrutura de receptivo, estacionamento, praça de alimentação e lazer, vai acontecer com que o município tenha nos próximos anos um desenvolvimento de forma regularizada. Ex.: Eu recebo em Campo Magro mais de 20 mil visitantes no mês, só que esses não têm cadastramento, vem passeiam e não deixam benefícios, não gastam, se gastam são em empreendimentos sem regularização, não tiram nota, não revertem em imposto e o município continua pobre. A ideia é fazer com que o turismo seja uma indústria produtiva (...) Nós estamos nos baseando nessa indústria de serviços para fazer com que o município se desenvolva (TOZETTO, 2018).

Dá pra qualificar mais e em todos os sentidos. Já temos vários outros projetos em mente. Não dá pra achar que está bom. Queremos agregar mais atividades na área de lazer. Preparar melhor os funcionários. Sabemos que nós temos um problema de comunicação com os funcionários. Os garçons precisam dar um atendimento de excelência, personalizado (MAESKI, 2019).

Vallim (2016) também afirma que há muito potencial para expansão e principalmente divulgação dos atrativos existentes para a própria população local, “por exemplo, a Cascata da Professorinha, as Cachoeiras Gêmeas, o povo daqui quase não conhece. Fizeram uma pesquisa nos colégios daqui sobre os pontos turísticos e eles disseram: Jardim Botânico, Ópera de Arame. Poucos moradores daqui conhecem.” Isso se confirmou na fala da moradora entrevistada (DAL SANTOS, 2019) que disse não conhecer alguns atrativos naturais como a Cachoeira da Professorinha, as Cachoeiras Gêmeas e a Lagoa Verde onde se pretende instalar o Parque das Pedreiras.

Martinhago (2017), turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro entre 2012 e 2013, concorda sobre o potencial de expansão deste roteiro e sugere outros serviços que são necessários:

O turismo pedagógico é um segmento que tem sido bastante demandado. O próprio turismo rural, com atividades que valorizem o rural (colhe e pague, agroindústria, mini-cursos...). Pousadas (é praticamente inexistente), equipamentos de apoio para o turismo de aventura.

A necessidade de expansão se afirma quando são realizados grandes eventos em Campo Magro e os turistas precisam se hospedar em Campo Largo e/ou Curitiba. “Já está certo que quando o projeto Parque das Pedreiras começar funcionar, faremos um convênio com a rede hoteleira de Curitiba para atender” (TOZETTO, 2018).

Existe um projeto que é para ser implantado na “Fazenda Solidariedade”, que fica a 500 metros da atual prefeitura de Campo Magro. A área tem 30 alqueires e é da prefeitura de Curitiba, tem uma estrutura física desativada e de lagos de água mineral. Campo Magro deve transferir toda a estrutura da prefeitura (que hoje funciona em prédio alugado) para este local e implantar nele o primeiro ‘Parque Ecológico Metropolitano (TOZETTO, 2018).

Os entrevistados da ATCM e do Poder público de Campo Magro afirmam que há potencialidade para aumento do número de turistas no ‘Verde que te quero verde’. Vallim (2016) comenta que no roteiro “ainda há muito espaço para ocupar” e Martinhago (2017) ressalta que “poucos empreendimentos trabalham com capacidade máxima, a maioria tem baixo fluxo de turistas”.

A expectativa é que 20 novos empreendimentos sejam abertos quando o Parque das Pedreiras estiver funcionando (TOZETTO, 2018). Os atrativos naturais ainda não são explorados e para o presidente da ATCM a falta de infraestrutura e de segurança atrapalham a vinda de turistas. Conta que atende no restaurante “250 pessoas num domingo de sol, mas poderia atender 500 se tivesse asfalto e em dias de chuva o público não chega a 100. Os clientes não querem colocar o carro na estrada de chão” (MAESKI, 2018). Isso demonstra que problemas básicos de infraestrutura e segurança ainda precisam ser resolvidos e são impeditivos para aumento de turistas no roteiro.

e) ‘Circuito italiano de turismo rural’

No ‘Circuito italiano de turismo rural’ acredita a turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo, que através do Conselho de Turismo há potencialidade para qualificar os empreendimentos que compõe o roteiro, bem como para agregar

outras atividades da comunidade a ele, como é o caso da hotelaria (BONIN, 2018). A integrante do COMTUR que representa o circuito afirma que há potencial para expansão e principalmente divulgação dos atrativos existentes (BONIN, 2018).

Mikoski (2018), proprietário de restaurante rural e café colonial, fala que seu empreendimento teve uma significativa ampliação em termos de espaço físico nos últimos anos. Atualmente, além de oferecer os serviços de restaurante rural e café colonial, passou a atender eventos e casamentos ao ar livre com serviço completo de decoração e alimentação. Salienta, todavia, que ainda precisa de público para consumir todo o potencial oferecido.

Relata também o empresário que atende públicos diferentes durante a semana e nos finais de semana que precisa equilibrar o cardápio de acordo com o público de cada dia:

Nos últimos meses melhoramos o cardápio, melhores molhos para as massas. Molhos mais elaborados, carnes mais elaboradas pra ter o típico rural mas... você tem um restaurante rural com cardápio sofisticado... Pensando nessa linha que eu estou trabalhando. E não posso ficar só com galinha caipira e barreado no cardápio. O engraçado é um dia desses nós fizemos uma massa *penne* ao molho *funghi* e o pessoal de domingo não comeu, aí percebi que estava sofisticando demais. Já durante a semana, se faço a mesma massa sai muito bem (MIKOSKI, 2018).

Assim, estão sempre observando quais pratos tem a melhor aceitação. É preciso ter um cardápio dinâmico e que atenda a públicos diversificados.

4.2.5 Promoção e comercialização

As informações e promoções do turismo devem ser usadas de forma "responsável", visto que necessitam ser compostas por "representação precisa e verdadeira do produto turístico como que existe na realidade" (MEYER, 2004, p. 25). A promoção não responsável pode ser prejudicial tanto para o turista quanto para a comunidade local, pois o turista cria expectativas moldadas pelo *marketing* e quando não cumpridas, podem levar a decepção por parte do turista e a comunidade de acolhimento. São apresentadas a seguir as ferramentas de *marketing* utilizadas na promoção e comercialização de cada roteiro.

Várias ferramentas são utilizadas pelo poder público e pelas associações para divulgar e comercializar os roteiros. Para divulgar o 'Caminho do vinho' são

desenvolvidos: *folders* individualizados, impressos pela Associação; *folder* coletivo (livreto) feito pela prefeitura; além de *site*³⁹, página de *facebook*⁴⁰ e também do *whatsapp*, relatam a presidente da ACAVIM e o empreendedor no roteiro (SCROBOTE, 2016; KUZMA, 2018).

O ‘Circuito rural Taquaral’ tem suas divulgações apenas por meio de *folder* coletivo e página no *facebook*⁴¹ (ZANCHETTA, 2016) fala o presidente da ACAMP. Nogoseki (2018) empreendedora no roteiro, afirma que o boca a boca funciona bem e que tem um *site* do roteiro em construção. Em outubro de 2017 a Prefeitura de São José dos Pinhais elaborou um livreto de divulgação dos roteiros do município que contempla o ‘Caminho do vinho’ e o ‘Circuito rural Taquaral’.

O roteiro ‘Turismo rural nas colônias polonesas’ divulga os atrativos com *folder* e *site*⁴². Conta Lima (2017), presidente da ATRCP, que teve alguns programas de TV que fizeram reportagens nos empreendimentos e que isso deu bastante visibilidade ao roteiro.

No ‘Verde que te quero verde’, Vallim (2016) ex-presidente da ATCM, relatou que o principal meio de divulgação formal do roteiro é o *folder*. Ele revela ser difícil para a associação abastecer o *site* com informações atualizadas, então este está desativado. Segundo o atual presidente da ATCM, “a ideia é arrumar um parceiro que faça propaganda dentro do site e possa alimentar com informações, pra não ter custo” (MAESKI, 2019).

Desta forma, a divulgação desse roteiro ocorre, sobretudo, de maneira informal, por meio de quem visita. Em diversas ocasiões o roteiro também foi tema de reportagens televisivas. Essas alavancam significativamente a visitação. Para Martinhago (2017), turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro entre 2012 e 2013, “as caminhadas também ajudam a divulgar, mesmo que muitos caminhantes vão pelo esporte em si e não pela contemplação, pelo rural, pela valorização do produtor”.

No novo *folder* foi feito um sistema de fidelização do roteiro. A cada empreendimento visitado o cliente ganha novo carimbo e um desconto de 20% na conta. Nele constam apenas os sócios ativos da ATCM, porém tem vários

³⁹ <http://www.caminhodovinho.tur.br/>

⁴⁰ <https://www.facebook.com/caminhodovinho/>

⁴¹ <https://www.facebook.com/Circuito-Rural-Taquaral-ACAMP/>

⁴² <https://www.coloniaspolonesas.com.br/>

empreendimentos do roteiro que gostariam de participar, mas alegam falta de tempo, como comenta o atual presidente da ATCM (MAESKI, 2019).

No 'Circuito italiano de turismo rural', segundo a representante do poder público, a SMICTT divulga o roteiro através de distribuição do *folder*, manutenção de *site* exclusivo, circulação de ônibus intramunicipais com adesivos perfurados⁴³, realização de mostra municipal de turismo e participação em eventos estaduais de turismo (BONIN, 2018).

As prefeituras municipais e as próprias associações promovem eventos que mobilizam a visitação dos turistas em determinadas épocas do ano nos roteiros do Aglomerado Urbano de Curitiba. Apresenta-se a seguir os eventos (QUADRO 18) realizados nos roteiros em estudo.

⁴³ Adesivo que permite visualização de ambos os lados.

QUADRO 18 – EVENTOS PROGRAMADOS NOS ROTEIROS TURÍSTICOS EM ESTUDO NO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA

Roteiro	Evento	Mês	Organização
Caminho do vinho	Festa do Vinho/Mostra folclórica	Julho	Prefeitura e ACAVIM
	Caminhada Internacional na Natureza – diurna	Maio	Prefeitura e ACAVIM
	Caminhada Internacional na Natureza – noturna	Março	Prefeitura e ACAVIM
	Festa do Pinhão	Julho	Prefeitura
	Pedalada da Integração	Dezembro	Grupos de Pedal
Circuito rural Taquaral	Festa do Trigo	Janeiro	Colônia Marcelino
	Feira da Colônia	Mensal	ACAMP, Igreja Ucraniana e Produtores das Colônias Marcelino e Faxina
	Festa Ítalo-Polonesa	Julho	Comunidade Taquaral e ACAMP
	Cavalgada do Batom	Março	Cabanha Fundo da Grotta
	Cavalgada Farroupilha	Setembro	Cabanha Fundo da Grotta
	Troféu Acamp	Dezembro	ACAMP
	Caminhada Internacional na Natureza – Colônia Marcelino	Agosto	Prefeitura e ACAMP
	Caminhada Internacional na Natureza – Campina do Taquaral	Setembro	Prefeitura e ACAMP
Turismo rural nas colônias polonesas	Festa da Batatinha e Cultura Polonesa	Julho	Comunidade e ATRCP
	Festival de Orquídeas	Junho/Julho	RF
	Caminhada Internacional na Natureza	Outubro	Prefeitura e ATRCP
Verde que te quero verde	Campeonatos de voo livre	Fevereiro	Clube de Voo Livre
	Encontro de Trilheiros	Outubro	Clube de trilheiros
	Pedalada Internacional na Natureza	Junho	Prefeitura
	Caminhada Internacional na Natureza	Junho	Prefeitura
	Caminhada da Lua Cheia	Outubro	Prefeitura
	Festa da Batatinha	Junho	Igreja Católica
	Rodeio CTG Estância 8 de Dezembro	Maio	CTG e Prefeitura
	Festa Campeira Cabanha Budel	Julho	Cabanha Budel
	Rodeio Country de Campo Magro	Novembro	Prefeitura
	Festa da Cebola e Agricultura Familiar	Abril	Prefeitura
	Festival Gastronômico de Inverno	Julho	Prefeitura
	Copa <i>Soul de Mountain Bike</i>	Março	Prefeitura
Circuito italiano de turismo rural	Festa da Uva	Fevereiro	Prefeitura
	Caminhada Internacional na Natureza – Circuito Campestre	Abril	Prefeitura
	Mostra de Turismo	Outubro	Prefeitura
	Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário	07 de Outubro	Paróquia
	Romaria Nossa Senhora do Caravaggio	26 de Maio	Comunidade Capivari
	Missa no Morro da Cruz	31 de Dezembro	Comunidade
	Settimana Italiana	Ago/Set	Associação Italiana

FONTE: Scrobote (2016), Zanchetta (2016), Tozetto (2018), Bonin (2018) e Lima (2017)

ORG: A autora (2019)

a) 'Caminho do vinho'

Neste roteiro, segundo a presidente da ACAVIM, a 'Festa do Vinho' "... é tipicamente italiana, inclusive em 2016 a gente reformulou... Somente música italiana, não entra nada, esses mega *show* não. Só exclusiva italiana" (SCROBOTE, 2016). Isso demonstra que o evento já passou por amadurecimentos e hoje é voltado para a valorização da cultura local, tendo seu diferencial no fortalecimento da identidade da comunidade e do roteiro. As edições 2016 e 2017 foram realizadas juntamente com a 'Mostra Folclórica' com intuito de resgatar as tradições e valorizar a cultura com apresentações de grupos folclóricos da Colônia Mergulhão e também de grupos convidados das comunidades vizinhas, em 2019 será realizada 15ª. Edição da festa e comemorado aniversário de 20 anos do 'Caminho do vinho'.

Em 2017 e 2018, por falta de parceria com a Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais, a 'Festa do Vinho' não foi realizada pela ACAVIM, apenas uma 'Noite Italiana' com jantar dançante e apresentações culturais. Isso revela que a associação tem dependência de recursos de outros órgãos para realizar seus eventos, ou seja, ainda não conquistou autonomia financeira.

A Prefeitura de São José dos Pinhais, em parceria com a iniciativa privada, realizou 17ª. Festa do Pinhão 2019 (FIGURA 31), de 5 a 7 de julho, em grande estrutura localizada no 'Caminho do vinho', distante 1 km do portal de entrada do roteiro. O evento contou com shows nacionais, praça de alimentação, parque de diversões e feira cultural. Para viabilizar a festa, a Prefeitura este ano teve a parceria da iniciativa privada, sendo apenas a organizadora do evento, que tem um público aproximado de 20 mil pessoas por noite e teve sua última edição em 2015 (PMSJP, 2019).

FIGURA 31 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA FESTA DO PINHÃO DE 2019 NO CAMINHO DO VINHO



FONTE: PMSJP (2019)

A prefeitura de São José dos Pinhais - em parceria com a EMATER, a Anda Brasil⁴⁴ e a ACAVIM - promove no 'Caminho do vinho' as 'Caminhadas Internacionais na Natureza' diurna e noturna. Na edição de 2018 bateu novo recorde de inscritos, na diurna chegou-se a 4.000 caminhantes e na noturna aproximadamente 5.000 (SCROBOTE, 2019). Os caminhantes passaram por estradas, trilhas, propriedades e empreendimentos rurais do 'Caminho do vinho' (FIGURA 32 e FIGURA 33).

FIGURA 32 – INÍCIO DA CAMINHADA DIURNA NA CAPELA NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO NO CAMINHO DO VINHO



FIGURA 33 – TRILHAS ENTRE PLANTAÇÕES NA CAMINHADA DIURNA NO CAMINHO DO VINHO



FONTE: Autora (2018)

⁴⁴ Confederação Nacional de Esportes Populares, que atua na promoção de caminhadas na natureza, bem como, outras atividades esportivas não competitivas e inclusão social em todo o país.

Uma das caminhantes entrevistadas, que reside na área urbana de São José dos Pinhais, disse que foi à Caminhada com um grupo da academia e com familiares. Contou que gostou da experiência, achou o percurso bem sinalizado, e que costuma frequentar empreendimentos do ‘Caminho do Vinho’, inclusive, na saída da caminhada passaria em uma vinícola para comprar vinho (MODENA, 2018).

Outra caminhante e moradora na Colônia Mergulhão, conta que conhece todos os atrativos do roteiro e que gostou da caminhada que apresentava percurso de dificuldade moderada e estava muito bem sinalizada (NEUMAN, 2018) (FIGURA 34 e FIGURA 35).

FIGURA 34 – SINALIZAÇÃO NA RECEPÇÃO DA CAMINHADA DO CAMINHO DO VINHO



FIGURA 35 – SINALIZAÇÃO NAS TRILHAS DA CAMINHADA DO CAMINHO DO VINHO



FONTE: Autora (2018)

A ‘Pedalada da Integração’ é um evento organizado por grupos de pedal de Curitiba e Região Metropolitana. Eles têm o apoio da Prefeitura de São José dos Pinhais, por meio da SICTUR e da Guarda Municipal (GM). O percurso de 20 km, percorrido em aproximadamente 3 horas, passa pela área rural do ‘Caminho do vinho’ para apreciação da paisagem e termina no Parque do Vinho, onde alguns empreendimentos fazem exposição e comércio de seus produtos coloniais (CAMINHO DO VINHO, 2017).

b) 'Circuito rural Taquaral'

A ACAMP realiza no 'Circuito rural Taquaral' a 'Festa Ítalo-Polonesa', que ocorre em julho. Esta festa conta com apresentações musicais e culturais, com cantores de músicas italianas e polonesas. Segundo Zanchetta (2016), a "Festa Ítalo-Polonesa ajuda a manter vivas as tradições do povo da região por meio da dança, da música e da culinária, além de fomentar o turismo rural e os empreendimentos do circuito".

A 'Cavalgada do Batom' ocorre em março e a 'Cavalgada Farroupilha' ocorre em setembro, na Semana Farroupilha (ZANCHETTA, 2019). Ambas cavalgadas se iniciam na Cabanha Fundo da Grotta (empreendimento associado à ACAMP). O trajeto é de 10 km até um o galpão de eventos, no qual se faz a recepção dos cavaleiros e amazonas ao som de músicas típicas e se tem um almoço promovido pela cabanha. Em média, as cavalgadas reúnem 700 cavaleiros e um público total de 1500 pessoas em cada edição.

A 'Caminhada Internacional na Natureza' é realizada pela Prefeitura de São José dos Pinhais em parceria com a ACAMP, a comunidade em geral e a Emater. Nela são desenvolvidos dois circuitos, um na Colônia Marcelino em agosto e outro na Comunidade Campina do Taquaral em setembro. A inscrição nas caminhadas é gratuita, mas é pedida a doação de 1 kg de alimento não perecível, que é encaminhado para entidades assistenciais do município.

Na Colônia Marcelino foi realizada em 2018 a 5ª Caminhada Internacional na Natureza que contou com pouco mais de 2.600 caminhantes. Nessa edição foram arrecadados 800 Kg de alimentos, os quais foram doados para Ação Social da Paróquia São Sebastião da Contenda (PMSJP, 2019). No dia das caminhadas sempre ocorre exposição e comercialização de produtos dos empreendimentos rurais do roteiro (ZANCHETTA, 2016).

A Caminhada da Campina do Taquaral tem concentração na Escola Municipal Lilian Viana, a partir 7h da manhã, com a partida dada entre 8h e 9h. Na última edição, em 2018, reuniu pouco mais de 3,8 mil caminhantes, ultrapassando o número do ano anterior que foi de 3.000 caminhantes (PMSJP, 2019). O percurso foi de 14 km dentro de propriedades da região e estradas rurais e se alterna todos os anos. O volume de alimentos arrecadados foi outro recorde, pouco mais de 3 toneladas de alimentos (PMSJP, 2019). Isso revela um ponto positivo do roteiro, que

se preocupa com o bem estar da população local, sobretudo daqueles vinculados a entidades beneficentes.

A associação do roteiro criou um evento interno chamado ‘Troféu ACAMP’ em reconhecimento a parceiros que tiveram atuação importante no ano:

Nós criamos um evento que ocorre todo final do ano que é o troféu ACAMP. Então todo ano quando a gente faz a confraternização, a gente tem o troféu de reconhecimento pela parceria. A gente pega instituições ou pessoas que se destacaram aqui e a gente cria um troféu. O troféu é feito de uma base de madeira reciclável e o nó de pinheiro. Fazemos uma matéria no jornal. É uma coisa para afirmar e cada vez mais agregar à associação. (ZANCHETTA, 2016).

Na Colônia Marcelino ocorre sempre, em janeiro, a tradicional ‘Festa do Trigo’ em louvor à Santíssima Trindade pela boa colheita. É uma programação típica da cultura ucraniana com missa cantada pelo coral da comunidade, almoço com comidas típicas⁴⁵, apresentações do Grupo Folclórico Soloveiko, bingo marcado a milho e show de prêmios. Em 2019 foi realizada a 53ª. Edição que contou com participação de 5.500 pessoas.

A ideia da ‘Feira da Colônia’ (FIGURA 37) surgiu durante os cursos de empreendedorismo na comunidade citados anteriormente. Contou o presidente da ACAMP que a associação há muito tempo vem pensando em como desenvolver melhor a região das comunidades Colônia Marcelino e Faxina por ter um grande potencial e poucos atrativos funcionando. A ACAMP ajudou na parte burocrática da realização do evento, como na orientação aos empreendedores que precisaram se regularizar perante a prefeitura e a secretaria de agricultura com o Cadastro de Produtor Rural (CAD-PRO), além de buscar apoio da prefeitura para realização do evento que passará a ser mensal (ZANCHETTA, 2019).

A ‘Feira da Colônia’ acontece dentro do salão de festas da comunidade ucraniana Marcelino (FIGURA 38) que conta com estrutura de banheiro, cozinha, iluminação, mesas e bancos. Na edição de junho de 2019 as barracas foram distribuídas dentro do salão de maneira que os visitantes pudessem apreciar, comprar e sentar pra comer. Neste dia a Cantina Zanchetta atendeu seus clientes na feira, usou a estrutura da cozinha para preparar o prato lançado na feira batizado de ‘Polenchetta’ (FIGURA 36), que é uma polenta recheada, além das massas

⁴⁵ Galinha recheada, costelinha suína, *perohê* (pastel cozido recheado com batata e ricota), pão ucraniano, *holupti* (charuto de repolho), *kutiá* (trigo cozido e adoçado com leite condensado ou mel).

tradicionais. Outros empreendedores levaram produtos da agricultura familiar e gastronomia regional como: flores, artesanatos, bolos, pães, bolachas, geleias, cucas, sorvetes, vasos, arranjos, embutidos, queijos, cogumelos, verduras e morangos. A feira funciona das 09h às 17h e a Igreja da Santíssima Trindade fica aberta para visitação.

FIGURA 36 – DIVULGAÇÃO DA CANTINA ZANCHETTA COM SEU PRATO DE LANÇAMENTO NA FEIRA DA COLÔNIA DO CIRCUITO RURAL TAQUARAL



FONTE: Zanchetta (2019)

Visitante pela primeira vez na Feira da Colônia (FIGURA 37 e FIGURA 38), a curitibana Rosa (2019) conta que soube da feira por meio de amigos t m m curitibanos. Seus amigos tem chácara para finais de semana na comunidade Faxina e ela estava os visitando e foi convidada para prestigiar a feira juntos. Contou que souberam da feira por meio do grupo de *whatsapp* da comunidade e tiveram uma grata surpresa com o evento.

A Feira é uma iniciativa da ACAMP e dos produtores com apoio da igreja Santíssima Trindade que oferece o espaço e da prefeitura municipal. Segundo Zanchetta (2019), alguns dos feirantes já são filiados a associação e outros estão ainda na expectativa do empreendimento funcionar para se associar. Com esse evento é possível notar a evolução da Associação, sobretudo no quesito autonomia. Não se espera o poder público fazer um evento para os associados participarem, mas sim se promovem a formação e o evento aos empreendedores contando apenas com apoio do poder público.

FIGURA 37 – CARTAZ DA FEIRA DA COLÔNIA PUBLICADO NA PÁGINA DA ACAMP



NOTA: Juntamente com o cartaz foram publicados os dados sobre a Feira nas redes sociais. “E domingo tem Feira!!!♥♥ Não vai perder né? Horário? 9h às 17h Local? No salão da Igreja Ucraniana. Obs: A igreja ficará aberta para visitação.”

FIGURA 38 – FEIRA DA COLÔNIA REALIZADA DIA 16/06/2019 NA COLÔNIA MARCELINO



FONTE: A autora (2019)

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

Esse roteiro recebe a 'Caminhada Internacional na Natureza' (FIGURA 39). Trata-se de um evento realizado pela associação do roteiro juntamente com a Prefeitura Municipal de Campo Largo, contando com a parceria da Emater com finalidade de divulgar o turismo rural na região. Na edição de 2018 o evento teve a concentração no restaurante Nova Polska, com inscrições gratuitas e doação voluntária de 1 kg de alimento não perecível a ser distribuído nas instituições de caridade de Campo Largo. Os percursos foram de 7 e 10 km, com grau de esforço moderado, e o público aproximado foi de 800 pessoas (PMCL, 2018). Durante o evento teve a feira de produtos dos empreendimentos associados (FIGURA 39).

FIGURA 39 – CAMINHADA INTERNACIONAL NA NATUREZA EM 2018 NO ROTEIRO ‘TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS’



FONTE: Autora (2018)

NOTA: A) Caminhantes na trilha; B) Caminhantes na estrada; C) Feira de produtos coloniais e artesanato; D) Concentração para almoço e detalhe da decoração polonesa nas barracas e em frente ao restaurante.

Esta edição agradou caminhantes como Barbosa Junior (2018), que é morador na região e caminhante também em outros percursos. Ele relatou que esta estava “bem organizada e bem sinalizada” e afirmou que o turismo rural na comunidade “gera renda, emprego e valoriza a comunidade”. Disse ainda que geralmente frequenta as caminhadas e visita algum atrativo dos roteiros organizadores.

Uma caminhante assídua, curitibana, participante do ‘Grupo Pé na Estrada’⁴⁶ de caminhadas rurais, relata que “não sabia que esta caminhada acontecia dentro de um roteiro de turismo rural”. Isso explicita a divulgação deficitária do roteiro. Ela

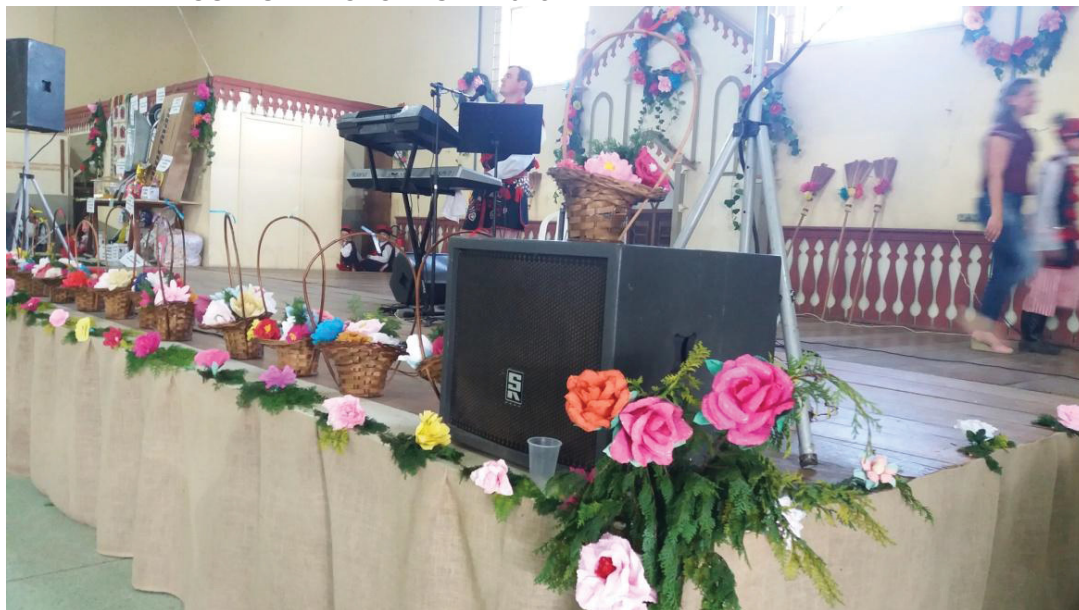
⁴⁶ O ‘Grupo Pé na Estrada’ surgiu a partir das caminhadas na natureza. Pessoas que sempre participavam das caminhadas e que se encontravam lá. A partir desses encontros nas caminhadas foi se fazendo amizade até que resolvemos criar o grupo que em 2019 completa 6 anos de existência formal. Mas muitos integrantes começaram a caminhar em 2008, relata a líder do grupo e caminhante entrevistada (SCHFFER, 2018).

elogia a organização da caminhada, principalmente pelas opções de dois percursos. Afirma ainda que a caminhada de 2018 foi melhor que a de 2017 por oferecer também trajetos em trilhas para contemplação da natureza e não apenas por estradas (HIRAIWA, 2018).

O Portal Paraná Turismo (2017) divulgou dados da Emater que revelaram o aumento da renda de agricultores familiares no estado do Paraná em 30% em decorrência do fomento ao turismo rural. Isso se comprova com a fala do proprietário do Restaurante Nova Polska ao Portal. Esse empreendedor tem atualmente 100% do seu faturamento proveniente do turismo rural e uma das ações que vem levando turistas ao empreendimento é a 'Caminhada Internacional na Natureza'.

Além da Caminhada, ocorre todos os anos, no roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' a 'Festa da Batatinha e Cultura Polonesa'. A programação acontece sempre em julho na Colônia Dom Pedro II e se inicia com a celebração da Santa Missa acompanhada pelo coral polonês. A decoração da Igreja e do salão se adéqua ao tema da festa (FIGURA 40) que segue durante o dia com comidas típicas e apresentações culturais (SIKORA, 2017). Na edição de 2018 foi apresentado o novo grupo folclórico polonês Zabawe Polskie formado por crianças e adolescentes da Colônia Dom Pedro II (FIGURA 41). É um evento organizado pelas famílias das colônias com participação da ATRCP.

FIGURA 40 – APRESENTAÇÃO DE MÚSICAS POLONESAS NO PALCO DECORADO COM SÍMBOLOS DA CULTURA POLONESA DURANTE A FESTA A FESTA DA BATATINHA E CULTURA POLONESA - 2018



FONTE: Autora (2018)

FIGURA 41 – GRUPO FOLCLÓRICO POLONÊS ZABAWE POLSKIE SENDO APRESENTADO À COMUNIDADE DURANTE A FESTA DA BATATINHA E CULTURA POLONESA - 2018



FONTE: Autora (2018)

Alex (2018), moradora na Colônia Figueiredo, comenta que conhece todos os empreendimentos de turismo do roteiro, “alguns só de passagem”, como o restaurante Nova Polska que ainda não frequentou. Conta que frequenta as igrejas das Colônias Polonesas e que na ‘Festa da Batatinha e Cultura Polonesa’ ajuda na cozinha. Na edição de 2018 da festa, ela ajudou assar os frangos do almoço. Biernaski (2018), ex-moradora da Colônia Figueiredo e visitante da festa, disse: “conheço todos os atrativos do roteiro e sempre venho nesta festa”. Enfatiza que na

ocasião ela e o marido deixaram a festa da própria comunidade em Almirante Tamandaré, pra prestigiar a ‘Festa da Batatinha e Cultura Polonesa’. Contou ainda que na volta pra casa passaria no orquidário RF visitar o Festival de Orquídeas.

d) ‘Verde que te quero verde’

O roteiro ‘Verde que te quero verde’ recebe diversos eventos promovidos por outras entidades, mas que fomentam a visitação no roteiro. Entre estes eventos há os dedicados ao voo livre de parapente que acontecem no Morro da Palha. Em fevereiro de 2019 foi organizada a 1ª. Etapa do Campeonato Paranaense de Voo Livre realizado pela Federação de Voo Livre do Paraná (FVLP) com apoio da Prefeitura Municipal de Campo Magro (FIGURA 42). Apesar das condições climáticas inadequadas para a competição na ocasião, os esportistas participaram, contudo os trajetos de voo foram menores. Deixou-se a premiação de lado, mantendo a prática do esporte em si. Geralmente o ponto de encontro desses eventos é o Bar do Paulo ou a sede do clube, locais estratégicos principalmente para jipeiros, trilheiros e praticantes do voo livre que exploram os atrativos e trilhas ao redor (VALLIM, 2016; PMCM, 2016; MARTINHAGO, 2017; MAESKI, 2019).

FIGURA 42 – CARTAZ DA 1ª. ETAPA DO CAMPEONATO PARANAENSE DE VOO LIVRE NO ‘CIRCUITO VERDE QUE TE QUERO VERDE’



FONTE: Clube de Voo Livre (2019)

Martinhago (2017), representante do poder público entrevistada, comenta que “quando tem evento de voo livre no Morro da Palha, movimenta o turismo em todo roteiro”, atraindo turistas do Brasil inteiro. Dono de restaurante na estrada de acesso ao Morro e atual presidente da ATCM, Maeski (2019) conta que não conhece a agenda de eventos do Clube, mas quando eles ocorrem sempre recebe turistas para o almoço. O empreendedor critica a falta de acesso ao Morro da Palha o que dificulta a visitação do público. Durante a pesquisa de campo com observação local e conversa com moradores do entorno do Morro, notou-se que a estrada tinha sido arrumada pela prefeitura exclusivamente para o evento.

Em outubro de 2017 aconteceu o 2º Encontro de Trilheiros – DNA organizado pelo ‘DNA Trilheiros’⁴⁷, com chancela da Federação Paranaense de Motociclismo. Nesta edição do evento a recepção foi no Centro de Tradição Gaúcha Estância 8 de Dezembro de Campo Magro (MOTO OFF ROAD, 2017).

O município de Campo Magro vem se destacando em esportes na natureza e recebendo muitos atletas diariamente, tanto pela proximidade com Curitiba como também pela revitalização das vias de acesso como a Estrada do Cerne, afirma a turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro que atuou entre os anos de 2012 e 2013 (MARTINHAGO, 2017). Em 2017 o roteiro recebeu a 1ª Pedalada Internacional na Natureza (FIGURA 43) que foi divulgada também na agenda de atividades da EMATER nacional.

⁴⁷ DNA Trilheiros é uma organização sem fins lucrativos que surgiu em 2011, em Curitiba (PR). Como a capital não oferece percursos para a prática da modalidade, Campo Magro foi eleita a sede para a diversão oficial do fim de semana. Em 2016, o clube organizou seu primeiro encontro, com quase mil inscritos da região Sul do país e estados como Minas Gerais e São Paulo, além do Paraguai. O DNA Trilheiros promove diversas ações sociais com crianças da comunidade campomagrense.

FIGURA 43 – MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA 1ª PEDALADA INTERNACIONAL NA NATUREZA NO 'CIRCUITO VERDE QUE TE QUERO VERDE' EM 2017



FONTE: PMCM (2017)

Para as caminhadas e pedaladas a EMATER e a prefeitura organizam o percurso, juntamente com ATCM, de maneira que o percurso passe pelas propriedades rurais e por alguns atrativos (VALLIM, 2016; MARTINHAGO, 2017). Alterna-se o percurso a cada evento para contemplar a maioria dos empreendimentos. Conta o ex-presidente da associação que as caminhadas, além de fortalecer a agricultura familiar, divulgam o roteiro de turismo para toda região, principalmente por constar no calendário estadual de 'Caminhadas Internacionais na Natureza' da EMATER. Ao final da caminhada, o participante pode optar por um almoço rural e adquirir produtos agrícolas e artesanato da região, ou ainda visitar os atrativos no roteiro (VALLIM, 2016). A edição de 2018 contou com aproximadamente 700 caminhantes.

Kadlubiski, caminhante curitibano, fez o trajeto da caminhada juntamente com a esposa e um grupo de amigos caminhantes. Disse que geralmente o filho também participa e elogia a sinalização da caminhada que, segundo ele, estava boa. Ele faz, entretanto, críticas:

Nos pontos de apoio não tinha água e banheiro. Água a gente até carrega mais banheiro não tinha. Eu não gostei dessa caminhada. Só na estrada e com muita pedra solta. Nenhuma trilha.

Eles deveriam divulgar pra gente o que vai ter pra vender no local, pois se eu soubesse que ia ter verdura aqui eu não precisava ter ido à feira ontem (KADLUBISKI, 2018). (FIGURA 44)

FIGURA 44 – FEIRA DE PRODUTOS LOCAIS NA RECEPÇÃO DA CAMINHADA INTERNACIONAL NA NATUREZA NO CIRCUITO 'VERDE QUE TE QUERO VERDE' DE CAMPO MAGRO EM 2018



FONTE: Autora (2018)

O caminhante comenta ainda que “geralmente a gente almoça na comunidade ou em algum atrativo do roteiro. Eu vou na caminhada pra conhecer a região e o mato mesmo, que hoje não foi o caso porque não teve trilha, só na estrada” (KADLUBISKI, 2018). Segue relatando sua experiência com empreendimentos de outros roteiros que conheceu por meio das caminhadas e passou a frequentar com a família.

O restaurante Passárgada em Colombo eu conheci em uma caminhada e comecei a frequentar. A gente sempre vai almoçar lá. A vinícola Franco Italiano também. Degustamos os vinhos lá, comprei um vinho premiado fabuloso. O restaurante Nova Polska também conheci na caminhada, meu filho adora lá. Comprei verdura no Gasparin perto da gruta (KADLUBISKI, 2018).

Outra caminhante de Curitiba comenta que conhece os roteiros de turismo rural do entorno de Curitiba por meio das caminhadas e que nesta de Campo Magro o trajeto e a sinalização não foram satisfatórios. “A sinalização da caminhada estava ruim. Tanto pra chegar aqui quanto no roteiro da caminhada. O trajeto da caminhada não foi bom. Só na estrada e nenhuma trilha” (KLAINA, 2018).

O organizador da caminhada rebate as críticas e afirma que procura sempre ouvir as reclamações e sugestões enviadas no site do Anda Brasil⁴⁸. Relata que tinha recebido reclamações pela caminhada de 2017 ter sido apenas em trilhas na

⁴⁸ No site (www.andabrasil.com.br/) da Confederação Brasileira de Esportes Populares, Caminhadas na Natureza e Inclusão Social, o caminhante além de fazer a inscrição, obter informações sobre as caminhadas, também tem a oportunidade de avaliar a atividade que participou.

região do Morro da Palha e foi em função disso, que o trajeto em 2018 foi por estradas. Afirmo ainda que no percurso teve 4 pontos de água e 2 pontos com banheiro sinalizados (TOZETTO, 2018).

A 'Caminhada da Lua Cheia' é outro evento ao ar livre realizado pela prefeitura de Campo Magro no 'Verde que te quero verde'. A concentração ocorre às 18h30min no restaurante Pedra Chata Ecológico e o percurso tem distância de 10 km. O esforço físico do trajeto é considerado moderado e este é todo sinalizado, indicando continuidade, sendo os caminhantes orientados a levar lanternas e água (EMATER, 2017).

Ainda nos esportes de aventura, Campo Magro recebe anualmente em março a 1ª Etapa da Copa *Soul de Mountain Bike* realizada pela Nosso Time Eventos Esportivos com apoio da Prefeitura Municipal de Campo Magro. As demais etapas ocorrem em outros municípios da Região Metropolitana de Curitiba. Em Campo Magro os ciclistas são recepcionados no Parque de Exposições Bortolo Casagrande e podem se inscrever nas modalidades pró 60 Km, Sport 40 km, 20km e infantil nas categorias feminino e masculino. O percurso com nível de dificuldade alto é caracterizado por estradões, mas com muitos momentos de trilhas e subidas bem desafiadoras, que chegam a 1244 metros de altitude, pelas propriedades rurais do município.

Segundo o ex-presidente da associação do 'Verde que te quero verde', a 'Festa da Batatinha' é característica do município e realizada anualmente após a colheita, porém ainda se restringe ao âmbito municipal (VALLIM, 2016). Isso demonstra que essa ainda precisa passar por amadurecimento para atingir outros públicos, todavia, seu foco na valorização da cultura local fortalece a identidade da comunidade e do roteiro.

Os eventos campeiros também são realizados no roteiro, como é o caso da Festa Campeira. Ela é realizada pelo Centro de Treinamento (CT) e Cabanha Budel recebendo em média 2 mil pessoas do Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (BUDEL, 2019). Tem também os rodeios organizados pelo Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Estância 8 de Dezembro (BUDEL, 2019).

Campo Magro é um dos maiores produtores nacionais de cebola e em 2018 sediou o 30º Seminário Nacional da Cebola que recebeu 1500 produtores do Brasil inteiro, além dos expositores de implementos agrícolas. Com esse evento notou-se a necessidade de implementação da rede hoteleira do município que não comportou o

número de turistas. Eles tiveram que se hospedar nos municípios vizinhos de Campo Largo e Curitiba. Junto foi realizada a 1ª. Festa da Cebola e Agricultura Familiar, que é um evento anual que entrou para o calendário municipal de eventos. O objetivo deste evento é valorizar e fortalecer a agricultura familiar do município (TOZETTO, 2018).

O Festival de Inverno de Campo Magro ocorre em três dias, sempre no mês de julho, com entrada franca. Chega a reunir cerca de cinco mil pessoas. O evento é uma realização da Prefeitura de Campo Magro com auxílio de patrocinadores. Parte da renda é revertida na compra de cobertores para famílias carentes, através da PROVOPAR municipal. O evento conta com shows, apresentações de quadrilhas juninas, costela fogo de chão e parque de diversões (TOZETTO, 2018). Nota-se que os eventos de Campo Magro retratam bem a ruralidade, o campeirismo e a vocação por esportes de aventura do município.

e) 'Circuito italiano de turismo rural'

Esse circuito recebe diversos eventos. O mais tradicional é a Festa da Uva, que teve sua primeira edição em 1959, tendo sido idealizada pelo Pe. Geraldo Pelanda com objetivo de incentivar o cultivo da uva e a produção do vinho no município (FERRARINI, 1992). Mais tarde, devido ao expressivo crescimento, a festa deixou de ser paroquial e foi assumida pela prefeitura municipal. Ela é realizada por meio de parcerias da prefeitura com agricultores, empresários, entidades de classe e comunidade em geral.

As Caminhadas Internacionais na Natureza até 2016 foram organizadas em dois circuitos, a do Campestre que acontece sempre no mês de abril e a Imbuial Roseira que ocorria em outubro. Segundo Bonin (2018), turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo, não será mais realizada a do Circuito Roseira por se acreditar que a região se “urbanizou muito e com isso perdeu a caracterização da caminhada.” Já a do Circuito Campestre recebeu mais de 700 caminhantes em 2018. Ao final da caminhada, o participante pode optar por um almoço rural, adquirir produtos agrícolas e artesanato da região, ou ainda visitar os atrativos no roteiro.

Bonin (2018) relata a dificuldade de se cadastrar uma nova Caminhada no *site* Anda Brasil sem a associação.

Pra você cadastrar uma caminhada no Anda Brasil tem que ser uma associação, não pode mais ser a prefeitura. A gente já até falou com pessoal do Bacaetava, pois lá temos uma concentração de empreendimentos, que se unam os empreendimentos e façam uma associação. Aí a gente vai e ajuda montar o roteiro, essas coisas.

Bonin (2018) acredita que o público das caminhadas não tem permanecido no roteiro, nem mesmo retornado em outras ocasiões, o que descaracteriza o objetivo inicial da mesma.

Eu tenho uma crítica em relação a essas caminhadas. O projeto é bem bacana e começou de um jeito bem bacana, o problema é que o pessoal que está indo caminhar agora, está vindo para caminhar mesmo, tanto que se fosse para conhecer o circuito levaria umas três horas, tem gente que faz em uma hora e meia. Caminha e vai embora. Não almoça na comunidade, não participa. Não sei como é nos outros municípios pois o público é o mesmo que vai em todas as caminhadas. (...) não está tendo essa parte da valorização do produtor rural. Não por parte dos organizadores, mas por parte do público (...). Então, (...) não sei até quanto que ela está ajudando a divulgar o turismo.

Observa-se, assim, que esse pode ser um problema pontual de Colombo uma vez que os outros roteiros estudados revelaram as caminhadas como pontos fortes de chamariz para turistas e valorização das propriedades rurais.

O caminhante curitibano, Santos (2018), contrapõe a fala da representante do poder público. Ele comenta que em vários roteiros conheceu empreendimentos e voltou depois com a família, mas em Colombo faz uma crítica ao trajeto. Ele argumenta que “aqui não visitei porque não conheci nada, só andamos no meio da estrada, não passamos em nenhuma propriedade de turismo”.

Ele continua a crítica exemplificando com o caso de São José dos Pinhais, que tem sempre recorde de público nas caminhadas.

Só caminhamos na estrada, nada de trilha, nada de propriedade rural. Em São José você passa no meio da roça, no meio da vinícola, no parreiral. Na última teve uma trilha que passava dentro da cervejaria onde o pessoal estava tomando *chopp* e tinha uma banda tocando *rock in roll*. Acha que eu não vou voltar lá? (SANTOS, 2018).

Essa afirmação foi confirmada em campo na edição de 2018, onde o trajeto da caminhada passou por dentro das propriedades e empreendimentos do ‘Caminho do vinho’. Kadlubiski (2018) comenta que por meio das caminhadas conheceu três empreendimentos em Colombo, revelando assim que alguns caminhantes visitam o roteiro por vontade própria, mesmo sem um estímulo diretamente relacionado.

A caminhante curitibana Baudy conta que conhece o ‘Circuito italiano de turismo rural’ e já visitou vários atrativos dele. Após as caminhadas visita algum

empreendimento, “99% das vezes almoçamos na comunidade” (BAUDY, 2018). Outra caminhante de Curitiba, Cordeiro, entrevistada enquanto explorava o folder do CITUR. Comentou que já conhecia a Gruta do Bacaetava, que sempre caminha com o esposo e o cachorro e que após as caminhadas visitam algum atrativo de acordo com os compromissos daquele dia e “às vezes tomamos café e almoçamos na comunidade” (CORDEIRO, 2018).

O funcionário público Gomes, caminhante de Campo Largo, disse que gostou da caminhada, que sempre a faz e que quando está acompanhado da esposa, faz alguma visita, mas quando está de carona geralmente volta pra almoçar em casa. Comenta ainda que como sua profissão exige ficar em uma sala fechada o dia todo, aos finais de semana sempre sai para conhecer algum lugar e passear (GOMES, 2018).

Segundo Bonin (2018), o Departamento de Turismo vem trabalhando para melhorar e aumentar o público da Mostra de Turismo que vai para 4ª. Edição.

(...) ela é pequena, ainda não atrai um grande público de turistas, é mais a participação do pessoal da região, mas é uma feira que a gente fez pro pessoal divulgar e até mesmo se conhecer, pois muitas vezes o pessoal de Colombo não conhece os atrativos que tem aqui. Ano passado fizemos uma parceria com Departamento de Cultura com apresentações culturais. Junto com a Mostra de Turismo aconteceu também a Mostra de Artes e o encontro de violeiros. Reuniu aproximadamente 1200 pessoas sendo que nas edições anteriores não tinha chegado a 300 pessoas.

Outras entidades também promovem eventos que acabem por fomentar a visita no roteiro. Este é o caso de algumas festas religiosas que tomaram grandes proporções. As maiores e já consolidadas acontecem anualmente nos dias dos feriados decretados em homenagens às Santas. A Festa da Padroeira Nossa Senhora do Rosário teve em 2018 a sua 122ª edição, recebendo entorno de 3.000 pessoas. A Romaria Nossa Senhora do Caravaggio teve, em 2018, sua 40ª edição e recebeu entorno de 6.000 pessoas. A Missa no Morro da Cruz acontece todo 31 de dezembro, atraindo um público expressivo. As festas religiosas reúnem visitantes dos municípios do entorno e de Colombo. Além destas, todas as comunidades realizam suas festas religiosas, atraindo uma média de 600 a 800 pessoas cada. Destas, a maioria dos participantes são da própria comunidade, amigos e parentes, ou da região (PMC; UFPR, 2015, p.277).

A *Settimana Italiana* é um conjunto de eventos que ocorre geralmente no mês de agosto, organizado pela Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Sua finalidade é difundir os vários aspectos da cultura italiana: gastronomia, religiosidade, canto, dança, jogos típicos e língua vêneta. Em 2018 foi realizada 12ª. edição do evento entre os dias 05 e 11 de agosto com programação espalhada por comunidades tradicionais de Colombo (ASSOCIAÇÃO ITALIANA, 2018).

O município de Colombo vem se destacando em esportes e recebendo atletas diariamente, tanto pela proximidade com Curitiba como por sediar eventos esportivos. Entre os eventos programados tem-se a 122ª edição da Corrida da Lua Cheia de Colombo, que é realizada em 12 etapas no Parque da Uva com organização do *Click* Corridas em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes, Cultura, Lazer e Juventude da Prefeitura de Colombo. Ao que se parece, as secretarias municipais não tem uma integração, assim, esse público que visita Colombo para as atividades esportivas não é apresentado ao CITUR, mesmo estando dentro dele. O único estabelecimento do roteiro conveniado à corrida é o Hotel Bolsi.

Strapasson (2018) ex-sócio da ECITUR e empreendedor no roteiro, afirma que os eventos trazem muitos turistas para seu empreendimento, principalmente turistas da Caminhada e da Festa da Uva.

(...) Vem ônibus. Vem pra caminhada e passa aqui. Ligam e a gente atende. Quem vem na Festa da Uva conhece a vinícola lá e depois vem aqui. Na festa é uma propaganda boca a boca onde a pessoa fica conhecendo lá e depois vem aqui.

Já Mikoski (2018), empresário do ramo gastronômico e ex-sócio da ECITUR, relata que tanto a Mostra de Turismo quanto a Caminhada não influenciam no público de seu estabelecimento. Mesmo a Caminhada passando em frente e tendo seu empreendimento como ponto de apoio e carimbo dos caminhantes, o evento não traz turistas para seu restaurante. Acredita ele que esse modelo da caminhada que vende o almoço no ato da inscrição, com isso os caminhantes não buscam restaurantes do roteiro para almoçar após a caminhada.

4.2.6 Melhoria dos equipamentos, serviços e infraestrutura

Os equipamentos e serviços, bem como a infraestrutura são componentes de grande importância para a funcionalidade do sistema turístico. Os equipamentos e serviços turísticos estão “relacionados ao turismo, direta ou indiretamente, tais

como hospedagem, alimentação, entretenimento, agenciamento, trabalho de guias, locações de meios de transportes, locais para eventos e muitos outros” (BRAGA, 2016, p.91). A infraestrutura se refere às instalações e serviços, públicos e privados, que proporcionam o apoio aos residentes e também aos turistas, tais com: “o sistema de transportes, de saúde, de comunicação, de abastecimento de água, de energia e tantas outras estruturas básicas e facilidades existentes nos municípios” (MTur, 2011, p.23). Para viabilizar todos estes componentes além de parcerias, torna-se necessária uma extensa rede de cooperação.

Analisa-se, na sequência, a estruturação destes componentes nos roteiros turísticos em estudo, bem como, a participação dos diferentes atores que garantem sua funcionalidade.

a) ‘Caminho do vinho’

Em termos de equipamentos e serviços turísticos, bem como de infraestrutura de apoio, o ‘Caminho do vinho’ é um dos melhor estruturados. Segundo a presidente da ACAVIM, esse roteiro conta com guia de turismo; ônibus que percorre o roteiro saindo de São José dos Pinhais (FIGURA 45); portal, postes pintados com as cores da bandeira da Itália dentro do roteiro e sinalização turística padronizada em cada estabelecimento associado (FIGURA 46). Atualmente não há Posto de Informações Turísticas no local, mas já houve no passado e funcionava na Associação dos Artesãos e Casa do Artesanato (ASSOCIARTE) que continua fazendo parte do roteiro, porém apenas como ponto turístico não sócio à ACAVIM (SCROBOTE, 2016).

FIGURA 45 - ÔNIBUS DA LINHA DE TURISMO DO CAMINHO DO VINHO



FIGURA 46 - SINALIZAÇÃO TURÍSTICA PADRONIZADA NO CAMINHO DO VINHO



FONTE: Autora (2016)

Na Linha Turismo são cinco horas de passeio no ônibus. Uma guia, que também é empreendedora associada, acompanha os visitantes contando como os imigrantes italianos iniciaram sua história em São José dos Pinhais, apresenta as influências culturais, os costumes e o processo produtivo do vinho. O passeio faz paradas com um tempo estimado pela guia de maneira que seja suficiente para conhecer o lugar, fazer degustações e compras. As paradas são alternadas em cada dia do passeio e dependendo da época do ano, para que todos os associados sejam contemplados (CAMINHO DO VINHO, 2016).

Scrobote (2016), presidente da associação, afirma que com a criação do 'Caminho do vinho' melhorou a coleta de lixo, a iluminação pública e o calçamento dentro do itinerário (FIGURA 47). Houve também melhorias nas propriedades como, por exemplo, o tratamento de esgoto doméstico.

FIGURA 47 – TRANSFORMAÇÕES COM A PAVIMENTAÇÃO DO CAMINHO DO VINHO



FONTE: Acervo do Depto de Turismo – SJP

NOTA: Fotos da Rua Júlio Cesar Setenareski esquina com Rua João Berger em frente à Casa Histórica Bortolan. A) Foto datada de 1999 com estrada de chão. B) Foto datada de 2006 com pavimentação.

Sobre as transformações ocorridas nos empreendimentos individuais após a implantação do Roteiro, a presidente da associação do 'Caminho do vinho' mostrou pontos positivos. Para ela, "tudo cresceu e priorizou a qualidade" (SCROBOTE, 2016), houve capacitação. Nota-se que com a implantação da associação, promoveram-se ações que desencadearam o desenvolvimento das propriedades e dos empreendimentos.

Um dos representantes do poder público, que é morador e empreendedor no 'Caminho do Vinho', relata que acompanhou de perto as transformações individuais nos empreendimentos. Ele percebe a importância da associação neste processo.

No 'Caminho do Vinho' a principal transformação foi a regularização da produção de vinho seguindo as exigências do MAPA. Quando veio a autuação, até surgiu a ideia de uma cooperativa junto com Colombo, começou caminhar e parou, enfim... correram atrás e regularizaram com tonéis de inox, curso de enologia, barracão pré-fabricado e colocaram pra funcionar. Na loja incrementaram. A associação funcionou como "cola" para unir os empreendimentos, para mostrar que valia a pena o investimento, que a proposta do 'Caminho do Vinho' era viável economicamente (KUZMA, 2018).

Assim, a regularização da produção de vinho nos padrões pode ser apontada como uma das transformações mais significativas nos empreendimentos.

b) 'Circuito rural Taquaral'

Esse circuito até a pouco tempo não possuía nenhuma infraestrutura de apoio própria. O presidente da ACAMP justifica o fato por se tratar de um roteiro novo. Ainda estão em busca dessas conquistas e esses itens têm sido estudados para implantação (ZANCHETTA, 2016).

Um dos representantes do poder público concorda com o problema da falta de sinalização e aponta as medidas que estão sendo tomadas.

Nós vamos instalar as placas com distância até as localidades, por ser um roteiro mais amplo. Vamos trabalhar a localização de acesso nas 18 localidades e com mapa dos empreendimentos, posteriormente teremos que trabalhar com a associação se eles vão querer fazer [sinalização de empreendimentos] numa segunda etapa que é depois que identificarmos como vai funcionar a sinalização, da primeira etapa, com 35 placas, de um total de 200 placas, que contemplará todo o roteiro, além da sinalização nas BR's, que depende de projeto e aprovações especiais (KUZMA, 2018).

Essa afirmação do representante do poder público vem ao encontro com a afirmação de uma entrevistada da comunidade local, que cresceu na Campina do

Taquaral (norte do roteiro) e atualmente reside na Colônia Marcelino (sul do roteiro). Como esta localidade é bastante distante, devido à falta de sinalização muitas pessoas ainda hoje se perdem pra chegar e em alguns casos não conseguem usar GPS por falta de sinal de celular em alguns trechos (KREFER, 2019).

O representante do poder público relata sobre os projetos de sinalização com placas em andamento, sobre pretensões futuras, modelos de placas, instalação de pórticos nas principais entradas do roteiro e como essa demanda chegou até a prefeitura.

(...) vamos trabalhar no projeto e aprovação da sinalização na BR e depois nos principais entroncamentos para que o turista consiga circular no roteiro todo. Essa sinalização terá padrão da legislação de trânsito, compatibilizada indicando o Circuito e a localidade. Verde e marrom. Isso advindo de uma demanda da Associação. Nós fizemos o levantamento cartográfico, localização dos atrativos e distâncias. A equipe do Departamento de Trânsito desenhou nos padrões necessários. Tudo com parcerias. Surgiu a demanda, o vereador da região do roteiro destinou uma verba e nós chamamos o presidente pra conversar, para viabilizar esta primeira etapa (KUZMA, 2018).

Sobre o portal, por terem sido eleitas três entradas para o roteiro, inviabiliza a instalação de três portais. Neste caso, temos uma proposta de trabalhar inicialmente com pórticos de sinalização, devido aos custos. Nós vamos demarcar essas três entradas. Uma no contorno, vindo do Pinheirinho pra cá, outras duas na BR376, para que quando o turista entrar saiba que está dentro do roteiro. Provavelmente quando instalarmos os pórticos teremos que trabalhar o mapa do roteiro. No mapa temos 5 entradas e nós elegemos três, sendo uma como acesso principal (KUZMA, 2018).

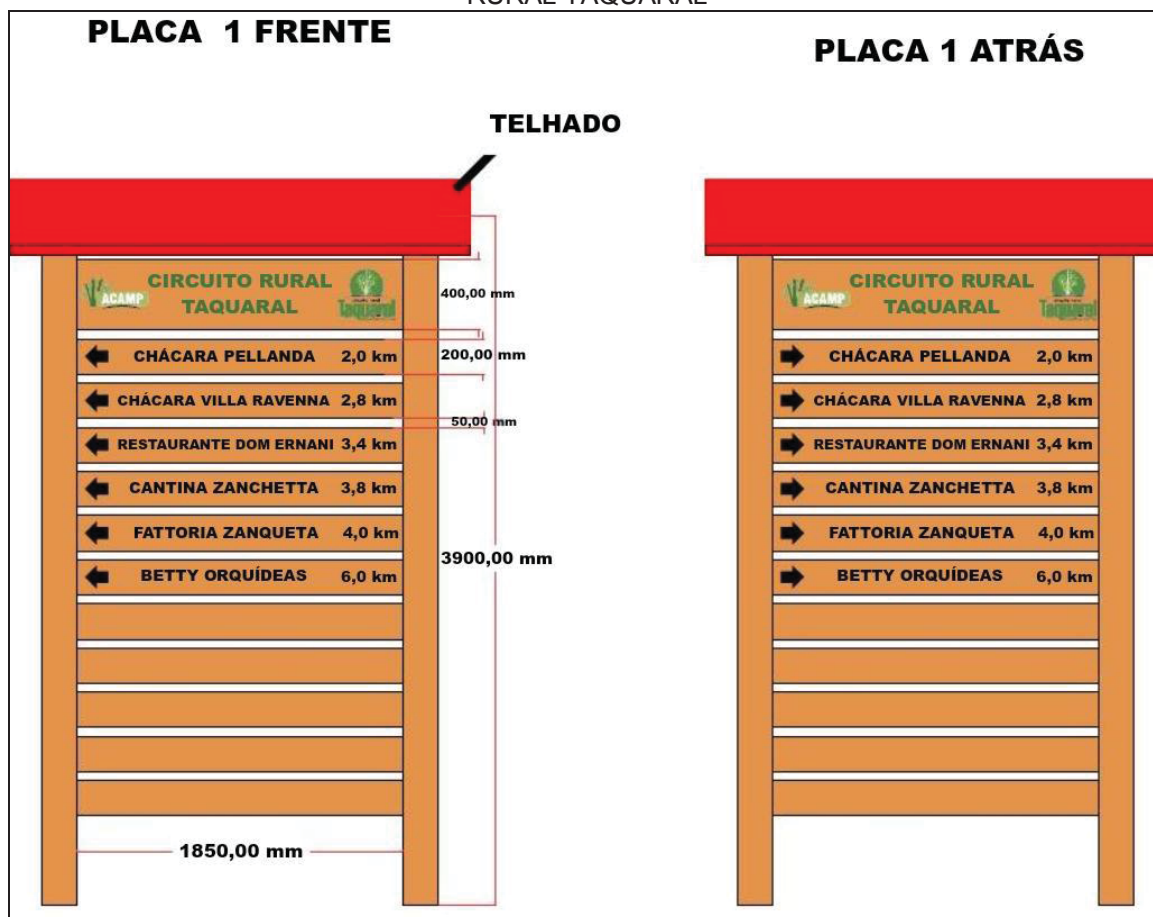
Em abril de 2019 teve início a concretização da fala do representante do poder público com a instalação das primeiras placas de sinalização das comunidades, que seguem os padrões da legislação de trânsito e indicam a distâncias destas (FIGURA 48). Isso revela que a ACAMP tem conseguido impor suas demandas e se fazer ouvir diante do poder público. Estão em fase de confecção as placas de sinalização indicando a localização dos atrativos do roteiro (FIGURA 49). Estas serão instaladas com recurso advindo da Aliança Empreendedora no projeto anteriormente citado.

FIGURA 48 – INSTALAÇÃO DAS PRIMEIRAS PLACAS DE SINALIZAÇÃO NO 'CIRCUITO RURAL TAQUARAL' – ABRIL DE 2019



FONTE: Acervo de Zanchetta (2019)

FIGURA 49 – PROJETO DE PLACAS DE SINALIZAÇÃO DOS ATRATIVOS DO CIRCUITO RURAL TAQUARAL



FONTE: Acervo de Zanchetta (2019)

Tanto o 'Caminho do vinho' quanto o 'Circuito rural Taquaral' não tem Postos de Informações Turísticas próprios, porém são beneficiados pelos Postos de Informações Turísticas mantidos pela Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais.

Um deles é o Balcão de Informações Turísticas localizado dentro do Aeroporto Internacional Afonso Pena e o Posto de Informações Turísticas localizado na área central da cidade (PMSJP, 2017; VANES, 2018).

Em termos de infraestrutura de apoio, foi relatado que no 'Circuito rural Taquaral' após a atuação da ACAMP "as estradas são mais cuidadas com parte da pavimentação e a sinalização [não turística] de localização" das comunidades. Relatou o presidente da associação que a comunidade tinha um posto de saúde e a associação ajudou a equipá-lo para melhor prestação de serviços à comunidade e em 2016 conseguiu recursos para a reforma predial (ZANCHETTA, 2016).

Outra evolução relatada foi em relação à questão da segurança no roteiro.

Policiamento! Conseguimos uma boa parceria com a polícia militar e montamos a segurança comunitária. E até uma das entidades homenageadas em 2015 foi a polícia militar. Eles já trouxeram a cavalaria pra ficar andando aqui no roteiro.

Segundo Nogoseki (2018), proprietária de restaurante no 'Circuito rural Taquaral', a pavimentação das estradas ainda é um problema a ser resolvido: "se tivesse estrada, teria mais público". Com relação às melhorias individuais nos empreendimentos, esse circuito por ainda ser novo, não apresenta muitos relatos, exceção é o caso do restaurante Dom Ernane, que recebeu uma reforma em 2018 para melhorar a estrutura e conforto do espaço físico. Nogoseki (2018) relata que apenas "agora que vamos fazer uma reforma, melhorar a estrutura. Trabalhamos para pagar o que foi investido e agora queremos melhorar".

A Cantina Zanchetta passou por adaptações para atender também como restaurante e café colonial. Os esforços estão frutificando, pois em junho de 2019 a Cantina recebeu o prêmio nacional 'Academia Assaí Bons Negócios'⁴⁹ na categoria Ponto Fixo, frente a 7 mil inscritos. A Chácara lenkot inaugurou um salão de eventos com capacidade para 450 pessoas, porém ainda não se associou à ACAMP (ZANCHETTA, 2019).

O presidente da ACAMP destacou o incentivo e o estímulo inicial da associação aos trabalhos com turismo tanto na formação, capacitação como na

⁴⁹ O Prêmio Academia Assaí Bons Negócios é uma forma de reconhecer, capacitar e premiar microempreendedores(as) do setor de alimentos que vendem por encomendas, ou tenham um ponto fixo ou são vendedores(as) ambulantes de todo o Brasil. A premiação aos 15 finalistas é a imersão de conhecimento em empreendedorismo em São Paulo com tudo pago, além de prêmios em dinheiro (ACADEMIA ASSAÍ, 2019).

organização do espaço físico (ZANCHETTA, 2016). Esse estímulo é bastante evidente, pois em pouco tempo ampliou-se o número de empreendimentos novos no roteiro.

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

Esse roteiro possui sinalização turística em postes pintados com faixas nas cores da bandeira polonesa (FIGURA 50), que estão em todo trajeto entre os empreendimentos do roteiro (FIGURA 51). Os empreendimentos possuem placas padronizadas (FIGURA 52). O Posto de Informações Turísticas tem projeto para passar a funcionar na Casa do Bambu, um dos empreendimentos associados que fica nas margens da rodovia e tem fácil acesso aos turistas, segundo relata a presidente da ATRCP (LIMA, 2017).

FIGURA 50 – POSTE PINTADO EM FRENTE A UM EMPREENDIMENTO NO ROTEIRO TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS



FONTE: Autora (2016)

FIGURA 51 – SEQUÊNCIA DE POSTES PINTADOS NO TRAJETO DO ROTEIRO TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS



FIGURA 52 – SINALIZAÇÃO TURÍSTICA PADRONIZADA NO ROTEIRO TURISMO RURAL NAS COLÔNIAS POLONESAS



FONTE: Autora (2016)

Para Marcon (2018), representante do poder público, um fator limitante para funcionamento do Posto de Informações Turísticas é falta de recurso para pagar um funcionário capacitado pra atender no local. De acordo com a ex-presidente da associação do roteiro, pouco mudou na localidade em termos de infraestrutura com a implantação do roteiro. Apenas a sinalização turística foi incorporada. Mudaram mais os empreendimentos individualmente. Conta ela que:

...nosso principal problema hoje são as estradas. Hoje temos que mendigar para que a prefeitura arrume as estradas, pois os turistas não conseguem transitar pelo roteiro entre um empreendimento e outro pelas estradas de chão. O pessoal tem vindo pouco de ônibus (LIMA, 2017).

Foi relatado que todos os empreendimentos têm ligação por estradas de chão, porém atualmente os turistas são orientados a usar a rodovia que passa por fora do roteiro para ter acesso aos empreendimentos devido à precariedade das estradas e pontes nos caminhos internos. Em muitos trechos passam apenas veículos com tração 4x4. Lima (2017) relata que esse é um fator negativo, pois os turistas que poderiam passar o dia no roteiro e visitar vários empreendimentos acabam desistindo por conta do acesso deficitário.

Lima (2017) comenta ainda que, apesar dos problemas relatados, todo ambiente do roteiro foi melhorado para receber os visitantes. “Foi cuidado das encruzilhadas, dos cruzeiros, feito um jardim para ficar bonito” além de valorizar esse costume de instalar os cruzeiros. Diz ela que “todos procuraram deixar [seus empreendimentos] arrumados, organizados para atender” e cita o restaurante Nova Polska, que fez restauro, estudo de caso, planejamento de cardápio e investimentos nos atrativos da propriedade.

c) ‘Verde que te quero verde’

O roteiro possui sinalização turística padrão MTur⁵⁰ (FIGURA 53) instalada pela Prefeitura de Campo Magro entre os anos de 2005 e 2006, segundo relata a

⁵⁰ O MTur elaborou um Guia Brasileiro de Sinalização Turística (GBST) respeitando as normas da ABNT e compatibilização com o Programa de Orientação de Tráfego (POT). A sinalização turística deve obedecer alguns princípios básicos, como: legalidade, padronização (formas e cores dos sinais, letras, tarjas e pictogramas), visibilidade, legibilidade, segurança, suficiência, continuidade, coerência, atualidade, valorização, manutenção e conservação. Nas placas de sinalização turísticas que indicam atrativo utiliza-se fundo marrom, para as informações relativas à orientação específica da localidade é utilizado o fundo na cor verde e para as placas de serviços a cor azul (GBST, 2019).

turismóloga que atuou por dois anos no Departamento de Turismo do município (MARTINHAGO, 2017). As placas estão apenas nas principais vias de acesso ao roteiro e estão visivelmente necessitando de restauro e melhor posicionamento. Diz o presidente da associação que é um desejo da entidade organizar os empreendedores de maneira que possa ser construída sinalização padronizada e instalada em frente dos atrativos com mapa de localização indicando “você está aqui” (VALLIM, 2016).

FIGURA 53 – SINALIZAÇÃO TURÍSTICA DO ROTEIRO VERDE QUE TE QUERO VERDE



FONTE: Autora (2017)

No ‘Verde que te quero verde’, Vallim (2016), ex-presidente da ATCM, ressalta a implantação de iluminação pública, manutenção das estradas, sinalização turística (placas nos principais acessos) e acesso ao sinal de *internet* após a criação do roteiro. Atualmente não há posto de Informação Turística no circuito, mas este esteve ativo entre 2006 e 2012. O acesso à rede *internet* permitiu que os empreendedores pudessem oferecer aos visitantes o sistema de cartão para pagamentos.

Martinhago (2017), turismóloga do Departamento de Turismo de Campo Magro entre 2012 e 2013, aponta a importância da associação na conquista da reforma da Estrada do Cerne, que é a principal via de acesso ao roteiro:

A conquista da reforma da Estrada do Cerne que foi peso político, mas se a associação não conseguisse provar pra prefeitura que Campo Magro tem vocação turística e potencial, eu acho que a Estrada do Cerne também não teria ganhado reforma. Não tem outro motivo porque a Estrada do Cerne não liga a nenhum outro grande centro e não teria porque de um investimento tão grande e para uma população pequena.

Martinhago (2017) fala ainda de outra conquista, que foi a “cozinha de agroindústria do agricultor, uma cozinha comunitária toda equipada para trabalhar

com beneficiamento de produtos”. A cozinha comunitária fica na Casa do Agricultor (FIGURA 54) na comunidade de Conceição dos Correias em frente ao Morro da Palha. Ela é utilizada para o feitiço de pães, doces, geleias e também para o armazenamento das verduras cultivadas pelos agricultores.

FIGURA 54 – CASA DO AGRICULTOR NO ROTEIRO VERDE QUE TE QUERO VERDE



FONTE: Autora (2019)

O representante do poder público entrevistado acredita que a revitalização tanto da Estrada do Cerne quanto da Avenida Manuel Ribas de Santa Felicidade foram obras importantes para facilitar e estimular o acesso de turistas no município. A sinalização com placas está sendo confeccionada e será complementada à que já existe. Serão placas diferentes do modelo atual nas bifurcações e em frente aos empreendimentos (TOZETTO, 2018).

No ‘Verde que te quero verde’ Vallim (2016) utilizou a palavra “expansão” para relatar que todos cresceram. Com a implantação da associação houve organização, divulgação e capacitação. O *site* ajudou bastante na divulgação, embora a associação tenha dificuldade em abastecê-lo e mantê-lo o *site* no ar.

No restaurante e café colonial Pedra Chata, empreendimento associado, foi relatado por Maeski (2019), empresário e atual presidente da ATCM, diversas melhorias e ampliações no espaço físico interno com adequações na cozinha, armazenamento de produtos, camara fria e decoração. Estão planejando ainda comprar um gerador de energia com autonomia de mais de 4 horas, pois são recorrentes as quedas de luz na área rural e já aconteceu de fazerem evento para

600 pessoas sem energia elétrica. Na parte externa foram inseridas várias atividades de lazer, principalmente para crianças, que é seu principal público hoje, mas se pretende complementar.

d) 'Circuito italiano de turismo rural'

Atualmente em Colombo tem duas agências de turismo que, apesar de não fazerem parte do 'Circuito italiano de turismo rural', vendem pacotes articulando a oferta e demanda no roteiro. Há no roteiro um Posto de Informações Turísticas (FIGURA 55) que tem projeto de relocação para o outro lado da rodovia da Uva.

FIGURA 55 – POSTO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS DO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL



FONTE: Autora (2019)

A instalação e manutenção da sinalização turística padronizada (toten) em frente aos empreendimentos é de responsabilidade dos empreendedores, sendo exigida nos padrões estabelecidos em estatuto (FIGURA 56). Estas se encontram em bom estado de conservação. Estão em implantação também novas placas de rua. Segundo relata turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo e secretária do COMTUR:

A sinalização nossa está bem precária, o que tinha de sinalização foi arrancada, pois estava bem destruída. A gente está com projeto para implantar a sinalização. (...) Estamos trabalhando no projeto. Deve sair este ano. As antigas eram coloridas. As novas serão marrons no padrão do MTur, foi uma escolha dos empreendedores (BONIN, 2018).

FIGURA 56 – SINALIZAÇÃO PADRONIZADA EM FRENTE A EMPREENDIMENTOS CADASTRADOS NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL



FONTE: Autora (2018)

São aparentes as transformações em termos de infraestrutura ocorridas no roteiro 'Circuito italiano de turismo rural' após a criação da Secretaria de Turismo e do COMTUR em 2002. Bonin (2018), turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo, relata que pela associação foram poucos os avanços, o que se tem hoje foi realizado pelo poder público, como a implantação de iluminação pública, manutenção das estradas e sinalização turística.

Bonin (2018), turismóloga do Departamento de Turismo de Colombo, relata que não ocorreram transformações nos empreendimentos individuais após a implantação da associação do roteiro, mas sim após a implantação da Secretaria de Turismo. Neste caso a organização pública trouxe estímulos para que os empreendedores investissem e se preparassem para o turismo.

Um exemplo de transformação individual é a vinícola Franco Italiano que nos últimos anos aumentou significativamente a produção de vinhos finos, vem conquistando premiações nacionais e internacionais anualmente e construiu um espaço gastronômico (FIGURA 57) onde os vinhos da casa são harmonizados com o cardápio. A vinícola oferece um passeio pela propriedade e um curso de degustação de vinhos aos sábados.

FIGURA 57 – ESPAÇO GASTRONÔMICO FRANCO ITALIANO NO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL



FONTE: Autora (2019)

5 A INFLUÊNCIA DE CURITIBA NO SISTEMA DE ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA DE SEU ENTORNO RURAL E OS IMPACTOS RELACIONADOS

O Aglomerado Urbano de Curitiba é formado por uma acentuada área de ocupação com elevada densidade demográfica. Tem importante relação funcional com municípios vizinhos que tiveram suas cidades conurbadas, com polinucleação intensa e múltipla rede de fluxos. Essa área é privilegiada por ações públicas de ordenação de territórios e seus municípios limítrofes, concentram atividades econômicas em decorrência do avanço da metrópole.

Os sistemas de roteirização turísticos estudados estão localizados no entorno rural deste Aglomerado Urbano e são favorecidos pela proximidade de um vasto público, que conta com infraestrutura de acesso por vias pavimentadas, com sinalização viária até a entrada de todos os roteiros. Estão localizados numa área de entroncamento rodoviário com ligação para outros estados e proximidade com aeroporto internacional que facilita a entrada de turistas.

A roteirização turística associada ao desenvolvimento territorial deve ocorrer com disciplina no uso dos recursos ambientais, socioculturais e econômicos valorizando as potencialidades e respeitando limitações. Como é sabido que o desenvolvimento do turismo não ocorre exclusivamente com benefícios e vantagens, é necessário avaliar os impactos que ocorrem nas regiões receptoras.

Neste contexto, a análise proposta neste capítulo se constrói a partir das articulações externas, sobretudo com a vizinha Aglomeração Urbana de Curitiba. Avalia-se como essas articulações dinamizam as (des)funcionalidades nos sistemas de roteirização turísticos estudados. Aqui, são adotados como indicadores dois pilares principais: a caracterização de público visitante diante das vantagens locais dos sistemas turísticos analisados e as percepções dos diferentes atores entrevistados frente aos impactos positivos e negativos que estes geram.

5.1 INTERRELAÇÕES COM O AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA

A proximidade dos roteiros em relação ao Aglomerado Urbano de Curitiba é considerada como um fator extremamente positivo por todos os entrevistados, pois não basta ter oferta turística local, é preciso supri-la com demanda. Tendo a

população deste aglomerado como público principal de todos os roteiros estudados, avalia-se como é feita a divulgação destes na capital, bem como, as características do visitante e de sua visita: transporte utilizado, tempo médio de visitação, gasto médio no consumo das ofertas e influência das condições de clima e tempo. A análise destas características é apresentada, roteiro a roteiro, na sequência.

a) 'Caminho do vinho'

O 'Caminho do vinho' não tem um controle de entrada de visitantes, mas segundo a presidente da ACAVIM, aproximadamente 80% do público do roteiro é de Curitiba e se juntar os visitantes do próprio município de São José dos Pinhais, soma aproximadamente 95% (SCROBOTE, 2016). Os representantes do poder público entrevistados concordam que a maior parte da visitação é advinda de Curitiba e afirmam que nunca tiveram recurso para fazer um levantamento estatístico detalhado sobre o público que frequenta o roteiro (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018).

Além de Curitiba e São José dos Pinhais, frequentam turistas "do Brasil inteiro, inclusive do exterior. Em fevereiro de 2016 veio um pessoal do Chile, Itália, Espanha, (...) teve da França, em dezembro de 2015 nós tivemos uma comitiva da França", relata a presidente da ACAVIM (SCROBOTE, 2016). Tem-se então visitantes estrangeiros no roteiro, que vindo a Curitiba acabam por incluir um passeio no 'Caminho do vinho'.

Apesar do público principal do roteiro ser advindo de Curitiba, não é realizado nenhum trabalho específico de divulgação nessa capital. A divulgação aos moradores do Aglomerado Urbano de Curitiba é apenas direta, ou seja, ocorre nas participações destes em feiras e exposições eventuais, através da distribuição de *folders*. O roteiro possui algumas parcerias com agências de turismo de Curitiba, as quais poderiam fortalecer o papel de articulação entre a oferta e a demanda.

Segundo Scrobote (2016), presidente da ACAVIM, são observados no 'Caminho do vinho' todos os tipos de público - casais, família com criança, jovens, idosos - usando variados meios de transporte. O próprio roteiro possui um ônibus que faz o percurso com a orientação de uma guia, tanto para grandes grupos como para visitantes isolados ou de grupos pequenos. Durante o trajeto são feitas paradas

em atrativos turísticos preestabelecidos para visitação, compras e alimentação. Ocorrem também visitas de grupos menores, com vans, estes fazem contato anterior com a guia. Os entrevistados representantes do poder público não souberam opinar sobre as características das visitas do público frequentador.

Sobre os meios de transportes utilizados, conta Scrobote (2016), que no 'Caminho do vinho' "quem vem com ônibus do roteiro fica mais e visita vários empreendimentos. Quem vem de carro passa um período ou um dia inteiro. É variável, mas quase todo dia tem gente". Os visitantes permanecem em média de três a quatro horas no roteiro, chegando em alguns casos a passar o dia inteiro. Como o roteiro não possui pousadas, a ocorrência de pernoite ocorre apenas quando são feitas locações de chácaras para final de semana, porém nenhuma dessas é associada à ACAVIM. Os representantes do poder público entrevistados acreditam que os visitantes utilizam em média umas 4 horas para conhecer o roteiro, porém dizem que não se tem um estudo para conferência desses dados (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018).

Segundo Scrobote (2016), presidente da ACAVIM e empreendedora no 'Caminho do vinho', o gasto por pessoa em seu empreendimento em particular "é bem variado. Tem gente que vem e gasta pouquinho, tem gente que vem e não gasta nada, prova e vai embora, em compensação tem gente que gasta bastante. E tem clientes fixos também". Kusma (2018), representante do poder público e empreendedor no roteiro, faz uma estimativa de R\$ 43,00 sem bebida para quem visita um restaurante, R\$ 15,00 para a garrafa de vinho colonial nas vinícolas associadas à ACAVIM e R\$ 38,00 por pessoa num café colonial. Estima-se, assim, um gasto aproximado de R\$ 100,00 por pessoa em uma visita ao roteiro.

Scrobote (2016) conta que na Cantina Della Mama, de sua propriedade, comercializa vinhos e produtos coloniais⁵¹ de fabricação própria, mas se "choveu, não vende nada". Ela relata uma passagem marcante em 2016 no 'Caminho do vinho': entre os meses de maio e junho ocorreu uma sequência de três finais de semanas chuvosos em que o público foi baixo, mas o primeiro final de semana de sol coincidiu com o dia dos namorados, então foi um recorde de público. A

⁵¹ Pães, bolos, tortas, geleias, manteiga, queijos, conservas de frutas, além dos vinhos, são de produção própria, feitos pela Mama Bernadete e seus filhos. Quem for a Cantina Della Mamma vai encontrar o ambiente rural. Os produtos são comercializados dentro de um paiol antigo, no estilo das antigas casas do interior.

quantidade de visitantes foi tão inesperada, que segundo ela "faltou tudo em tudo", se referindo aos produtos que se esgotaram em todos os estabelecimentos. Conta que nunca viu isso, pois "sempre tem fila pra entrar no roteiro, mas aquele dia era fila pra voltar pra cidade. Pesou o lado do mundo e pra cá veio muita gente".

Kuzma (2018), representante do poder público entrevistado e também empreendedor no roteiro, conta que os domingos ensolarados são os que mais lotam o 'Caminho do vinho' e concorda que chega a engarrafar a via principal "tanto de manhã quanto à tarde na volta pra Curitiba".

b) 'Circuito rural Taquaral'

No 'Circuito rural Taquaral' o presidente da Associação do Roteiro, a ACAMP, também relata que a proximidade do roteiro com Aglomerado Urbano de Curitiba é um fator extremamente positivo, porém recebe apenas uns 20% de visitantes da capital. Esse baixo público proveniente da capital decorre do fato do roteiro ainda não ser divulgado amplamente. O roteiro é recente e os empreendimentos ainda são restritos, não tendo estrutura para receber um grande público. Conta ele que: "É um numeroso público urbano. Mas a gente não divulga muito porque precisa ter mais produtos para oferecer" (ZANCHETTA, 2016). Afirma ainda que aproximadamente 75% dos visitantes são do próprio município de São José dos Pinhais e os 5% restantes de outras localidades. Conta Zanchetta (2016) que o roteiro ainda está aguardando os empreendedores se organizarem internamente para depois sair na busca de outros públicos.

Os representantes do poder público entrevistados acreditam que a maior parte da visitação é advinda de São José dos Pinhais e Curitiba, mas assim como no 'Caminho do vinho', também no 'Circuito rural Taquaral' nunca foi feita nenhuma pesquisa de visitação com estatística e maiores detalhes (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018).

Apesar de concordar que o público da capital é um grande potencial, não é feito pelo roteiro nenhum trabalho específico de divulgação nessa capital, nem mesmo no próprio município de São José dos Pinhais, de onde provem o público principal. A divulgação direta aos moradores do Aglomerado Urbano de Curitiba ocorre apenas pela SICTUR nas participações em feiras e exposições eventuais com a distribuição de *folders*.

No 'Circuito rural Taquaral' não é observado um público com características específicas. A maior parte faz visitação ao roteiro em carro particular, se recebem também ônibus com pessoas da terceira idade e grupos de ciclistas (ZANCHETTA, 2016). Os entrevistados representantes do poder público não souberam opinar sobre o tipo de público frequentador. Conta a empreendedora Nogoseki (2018) que, em seu restaurante no 'Circuito rural Taquaral', "alguns clientes almo am e vão embora, em compensa o outros ficam curtindo a chácara, crianças brincando, adultos pescando, deitados na rede a tarde toda". Portanto, o tempo que os visitantes ficam no roteiro   difícil de ser estimado. Zanchetta (2016), presidente da ACAMP, também alega que "  difícil estimar" este tempo.

Os representantes do poder público entrevistados relatam que como o roteiro ainda é novo, não foi feito nenhum tipo de pesquisa que contemple essa questão (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018). Como nunca foi feito um levantamento sobre o gasto médio no consumo das ofertas do roteiro, eles preferiram não opinar sobre essa questão.

Nos restaurantes do roteiro se cobra um valor aproximado de R\$ 38,00 por adulto e o cliente tem ainda o custo com a bebida, contabiliza a empreendedora associada   ACAMP (NOGOSEKI, 2018). O valor do café colonial e do jantar italiano é de R\$ 28,00 por pessoa e o *buffet* de sopas ou prato individual de risoto ou massa varia de R\$ 14,90 a R\$ 19,90, relata o proprietário da Cantina Zanchetta e presidente da ACAMP (ZANCHETTA, 2019).

O presidente da ACAMP e proprietário da Cantina Zanchetta - que oferece cantina com produtos coloniais, restaurante italiano e café colonial aos finais de semana - relata, que "o movimento de turistas cai bastante no roteiro quando chove, principalmente porque todas as estradas dentro do roteiro são de chão" (ZANCHETTA, 2016).

Nogoseke (2019), proprietária do restaurante rural e olaria Dom Ernane, confirma a afirma o de Zanchetta dizendo que "por serem todos os acessos por estrada de chão, em dias de sol já não tem tanto público e em dias de chuva piora". Os entrevistados representantes do poder público não souberam opinar sobre a influência das condições climáticas e de tempo, porém acreditam que tenha uma influência maior do que no 'Caminho do vinho' em função da maior distância percorrida pelos turistas por estradas de chão (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018).

Assim, se de um lado as estradas em terra ajudam a compor o ambiente rural procurado pelos turistas, por outro enfraquece a economia local quando não se tem condições de trafegabilidade.

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas', Lima (2017), presidente da ATRCP, revela e desabafa que "tem bastante cliente de Curitiba. Só que para receber turistas de Curitiba nós precisamos de infraestrutura. Essa ponte de madeira aqui em baixo precisa erguer pelo menos um metro. Quando chove a gente fica ilhado. Tem que fazer uma ponte de concreto". Marcon (2018), representante do poder público, acredita que 90% dos visitantes provêm do Aglomerado Urbano de Curitiba, os demais do próprio município de Campo Largo e outros municípios vizinhos. Além do público de Curitiba, recebem turistas de "Ponta Grossa, Palmeira, Guarapuava, Campo Largo, Araucária, Santa Catarina, Joinville e outros" (LIMA, 2017).

Conta Lima (2017) que quando tem evento no roteiro, como a 'Caminhada Internacional na Natureza', os turistas são em um número bem mais expressivo. Aqueles que vêm de fora do município passam pelo seu estabelecimento, que é uma estufa de produção de mudas, e "lotam o carro de flores".

Apesar do público principal do roteiro ser advindo de Curitiba, também não é feito pelo roteiro nenhum trabalho específico de divulgação nessa capital. A divulgação direta aos moradores do Aglomerado Urbano de Curitiba ocorre apenas por dois empreendimentos em particular - RF Orquídeas e Chácara Fala Veio - com a distribuição de *folders* nas participações em feiras e exposições. A Associação não possui parcerias com agências de turismo de Curitiba, as quais poderiam fazer o papel de articulação entre a oferta e a demanda.

Não é observado um público com perfil específico. A maior parte faz visita em carro particular e eventualmente o roteiro recebe também ônibus com pessoas da terceira idade (LIMA, 2017). A entrevistada representante do poder público não soube opinar sobre caracterização de público visitante do roteiro.

A presidente da ATRCP, Lima (2017), relata que o tempo despendido para o roteiro "depende onde [o visitante] vai. Em alguns empreendimentos uns 40 minutos, como aqui [estufa de mudas de flores], na vinícola, na Casa do Bambu e no

orquidário. A pessoa chega, olha, escolhe o que vai levar e vai embora. No restaurante e no café colonial ficam mais tempo.” Ela reclama que, em muitos casos, o visitante passaria mais tempo no roteiro, porém pelas condições da estrada de chão, não consegue transitar entre um empreendimento e outro. É necessário retornar, dar a volta pelo contorno, e entrar no roteiro pela Estrada do Cerne, o que faz com que ocorra desistência de visita.

Genari (2018), empreendedor associado, confirma a estimativa de Lima sobre o tempo de visita e diz que na RF Orquídeas o tempo de visita fica em geral entre 30 e 40 minutos. Quando a visita é de colecionador de orquídeas, este fica umas duas horas. Marcon (2018), entrevistada representante do poder público, diz que não tem condições de estimar o tempo gasto pelo turista no roteiro.

Sobre a média de gastos no consumo do turismo no roteiro, Lima (2017), presidente da ATRCP e empreendedora, diz que no ‘Turismo rural nas colônias polonesas’ os gastos variam de acordo com o estabelecimento visitado e o público. Em sua estufa de flores se gasta em média R\$ 60,00. No Orquidário RF varia mais, de R\$ 30,00 a R\$ 100,00 dependendo da espécie adquirida e da quantidade, apesar de haver mudas a partir de R\$ 5,00 e de se oferecer variedades de outros produtos como vasos, cachepots, substratos e adubos.

Lima (2017) relata ainda que os gastos do visitante na Casa do Bambu seguem a mesma lógica que a relatada para o RF Orquídeas. No Restaurante Nova Polska se tem um preço fixo de R\$ 55,00 por pessoa, mais a bebida que consumir. Neste valor estão inclusos outros serviços de lazer na chácara destinados a adultos e crianças como passeio de carroça, trenzinho, chalana, pesca esportiva, pedalinho, campo de futebol e passeio de pônei. Apenas o passeio a cavalo é cobrado à parte, R\$ 10,00 por cinco voltas. A presidente da associação não soube informar sobre valores de outros empreendimentos e a entrevistada do poder público não opinou sobre a média de gastos efetuada pelos turistas.

A presidente da ATRCP, Lima (2017), relata ainda que quando chove cai significativamente o número de visitantes e, dependendo do volume de chuva, alguns empreendimentos ficam ilhados por conta de uma ponte que é muito baixa. Segundo ela “nem os moradores conseguem passar, menos ainda os turistas”. Relata ainda que os eventos também são afetados quando chove. Marcon (2018), entrevistada representante do poder público, não relatou nenhuma ocorrência relacionada às condições climáticas.

d) 'Verde que te quero verde'

No 'Verde que te quero verde' houve pesquisa sobre demanda em 2012, a partir de dados do posto de Informação Turística do roteiro. Estimava-se que neste ano cerca de 18 mil visitantes por mês chegavam a Campo Magro durante o período de alta temporada, que compreende os meses de setembro a maio. Esta revelou que a maioria de seus visitantes são oriundos de Curitiba (PMCM; UNINTER, 2012). Vallim (2016), ex-presidente da ATCM, afirma que atualmente o roteiro não tem um controle de entrada de visitantes, pois o Posto de Informações Turísticas está fechado, mas que aproximadamente 80% dos turistas são provenientes de Curitiba, 18% de outros municípios, principalmente Campo Largo, e 2% de Campo Magro mesmo.

Tozetto (2018), atual secretário de turismo de Campo Magro, também relata que no momento não há um controle de entrada de visitantes pelo fato de estar fechado o Posto de Informações Turísticas. Ele reafirma a expectativa em atrair um grande público não apenas de Curitiba, mas do Brasil inteiro com a implantação do projeto 'Parque das Pedreiras'.

No Pedra Chata Ecológico, restaurante rural associado à ATCM, o público maior é advindo de Campo Largo, seguido por Curitiba. O empreendedor relata que após reformas em 2018 o público do município de Campo Magro passou a frequentar mais o estabelecimento subindo de 2 para 5%.

Era até outubro do ano passado 70% Campo Largo, 28% Curitiba e Região Metropolitana, 2% Campo Magro. Agora 70% Campo Largo, 25% Curitiba e Região Metropolitana, 5% Campo Magro. Depois que fizemos reforma, arrumamos, o pessoal de Campo Magro vem conhecer. Antes não davam valor, agora que está reformado estão dando mais valor (MAESKI, 2019).

Acredita-se que a proveniência dos usuários se deva a proximidade de Campo Largo e Curitiba ao empreendimento. Do Bairro Bateias em Campo Largo ao restaurante são apenas 4,8 km e do Centro de Curitiba até ele são 26 km. De Santa Felicidade, bairro curitibano mais próximo, essa distância é de 17 km.

Sobre a divulgação em Curitiba, Martinhago (2017), turismóloga em Campo Magro entre os anos de 2012 e 2013, relatou que o roteiro 'Verde que te quero verde' "já foi bastante divulgado na Feira dos Sabores que a EMATER com a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB) promoviam em

Curitiba, porém a feira foi cortada pela gestão estadual”. Conta ela que o público que visitava essa feira era um “público que valoriza o que o produtor faz e que quer comprar a geleia que se produz aqui”. Acrescenta que atualmente quem faz esse papel de divulgação em Curitiba é apenas a Chácara de Orgânicos Recanto Nativo, que comercializa semanalmente seus produtos na feira no Passeio Público, mas que atualmente não está associado à ATCM.

O atual secretário de turismo da prefeitura fala que a intenção é ter uma parceria com a operadora Serra Verde Express de Curitiba assim que o Parque das Pedreiras começar a funcionar. A expectativa é de manter um estande no aeroporto Afonso Pena em São José dos Pinhais e atender parte dos 6 milhões de embarques e desembarques que o aeroporto movimenta. Na fala do secretário, atualmente esse trabalho não é realizado, pois não se “tem muito a oferecer” (TOZETTO, 2018).

De acordo com o Inventário Turístico (PMCM; UNINTER, 2012), o roteiro é normalmente visitado por casais com família e/ou amigos. Eles procuram prioritariamente serviços de gastronomia, áreas de lazer e atrativos naturais. A faixa etária dos visitantes concentra-se entre 21 e 40 anos. O meio de transporte predominantemente utilizado é carro particular. Mesmo os trilheiros, em sua maioria, frequentam o roteiro com a família no carro e levam as motos no reboque para usar apenas dentro do roteiro.

Conta Martinhago (2017), turismóloga da prefeitura entre 2012 e 2013, que houve um aumento visível no número de ciclistas visitando o roteiro pela facilidade do acesso pela Estrada do Cerne revitalizada. O atual secretário municipal de turismo concorda com o grande número de ciclistas diariamente e afirma a intenção é ter um estacionamento para que o visitante possa vir de longe, deixe nele seu carro, para que possa passear pelo município de bicicleta. Sobre os meios de transporte mais utilizados no roteiro, ele acredita ser carros particulares, motos e bicicletas (TOZETTO, 2018).

Os entrevistados da Associação do roteiro (VALLIM, 2016; MAESKI, 2019) e do poder público (TOZETTO, 2018) comentaram que o tempo de visita dos turistas em geral não passa de um dia. Exceção aos que vem para eventos que acampam ou se hospedam nas pousadas. Essas tem maior fluxo aos finais de semana, quando os turistas permanecem de dois a três dias.

Comumente a visita nos atrativos tem uma duração de três a oito horas. Vários empreendimentos do roteiro fizeram atrativo consorciado de restaurante,

lazer e eventos para manter o visitante por mais tempo no local. Esse é o caso do Restaurante Pedra Chata Ecológico, Pedra Sobre Pedra, Restaurante Nova Polska, Chácara Santana, Pesqueiro e Parque Aquático do Rei, Clube do Palha e Recanto Nativo (VALLIM, 2016; MARTINHAGO, 2017; TOZETTO, 2018; MAESKI, 2019).

Segundo o presidente da ATCM, Maeski (2019), não se tem uma estimativa dos gastos que os visitantes têm no roteiro como um todo, pois isso é muito relativo e depende das atividades procuradas. Pontualmente, o gasto por pessoa nos restaurantes é, em média, R\$ 55,00 somando-se ainda a bebida e taxa de serviço. Nesse valor está incluso o *buffet* livre com sobremesa e os atrativos de lazer. O voo duplo com instrutor, filmagem e subida de 4x4 até a rampa no topo do Morro da Palha tem um custo de R\$ 250,00 por pessoa. Os representantes do poder público entrevistados (MARTINHAGO, 2017; TOZETTO, 2018) não opinaram sobre o gasto médio do turista no consumo das ofertas do roteiro.

Na Pousada Morro da Palha o valor das acomodações é a partir de R\$ 454,02 a diária pra casal, nela estão inclusos café da manhã, almoço, jantar, *wifi* e estacionamento (FIGURA 58). Já na Pousada Recanto Nativo a proposta é de acomodações mais simples, sem TV nos quartos e nem ar condicionado. O valor por pessoa é de R\$ 150,00, incluindo jantar, pernoite, café da manhã, almoço, *wifi* e estacionamento (SÍTIO RECANTO NATIVO, 2019).

FIGURA 58 – ORÇAMENTO DE DIÁRIA NA POUSADA MORRO DA PALHA NO CIRCUITO ‘VERDE QUE TE QUERO VERDE’



Acomodações no período de 12/07/2019 até 13/07/2019 para 2 Adultos

► SUÍTE CASAL [Ver detalhes](#)

1 cama de casal ▼

TARIFAS	PREÇO PARA 1 DIÁRIA	
Transferencia Bancaria ⓘ	R\$ 640,00	-29%
CAFÉ DA MANHÃ, ALMOÇO E JANTAR	WIFI	R\$ 454,02
ESTACIONAMENTO		
		RESERVAR
Cartão de Credito 4X ⓘ	R\$ 640,00	-20%
CAFÉ DA MANHÃ, ALMOÇO E JANTAR	WIFI	R\$ 510,02
ESTACIONAMENTO		
		RESERVAR

Ver mais

FONTE: Pousada Morro da Palha (2019)

Assim como nos demais roteiros, a representante do poder público (MARTINHAGO, 2017), relata que no ‘Verde que te quero verde’ o movimento de

turistas cai em dias chuvosos para o caso de empreendimentos específicos como restaurantes, café e chácaras de lazer e venda de produtos orgânicos. O atual presidente do roteiro e proprietário do restaurante rural Pedra Chata Ecológico, conta que como seu público principal é de famílias com filhos e o acesso tem apenas três quilômetros de estrada de chão, em domingos de chuva tem uma queda de cerca de 50% do público quando comparado aos dias de sol e nos sábados chuvosos chega a atender apenas 30% da capacidade (MAESKI, 2019).

O ex-presidente da ATCM relata que em dias de chuva também se inviabiliza a subida íngreme e as atividades de voo livre no 'Morro da Palha', que precisam de uma combinação de tempo aberto e pouco vento. Porém, o público de aventura - como os jipeiros e trilheiros - apreciam tempo chuvoso e barro (VALLIM, 2016). O representante do poder público, Tozetto (2018), não soube relatar a influência das condições climáticas sobre a frequência de visita ao roteiro, porém acredita que tenha uma queda de público pela distância percorrida por estradas de chão e por serem atrativos em áreas abertas para atividades de lazer ao ar livre.

e) 'Circuito italiano de turismo rural'

No 'Circuito italiano de turismo rural' a representante do poder público entrevistada (BONIN, 2018) sugere utilizar, para uma pesquisa da demanda, os dados do Posto de Informação Turística do roteiro. Estes dados revelam que 90% de seus visitantes são oriundos de Curitiba, seguido pela população de Colombo e outras localidades (PMC, 2018).

Mikoski (2018), empreendedor ex-associado à ECITUR, afirma que seu restaurante não tem um controle formal de visitantes, mas que costumam conversar com os clientes que se revelam ser 90% provenientes de Curitiba e os outros 10% se divide entre Colombo e outras localidades. Coincidindo o percentual estimado com o do Posto de Informações Turísticas. Já Strapasson (2018), empreendedor ex-associado à ECITUR, comenta que 80% do público que frequenta sua vinícola é advindo de Curitiba e "20% do Brasil e do mundo. Vem gente do mundo inteiro".

No 'Circuito italiano de turismo rural', apesar de o público principal também ser advindo de Curitiba, não é feito um trabalho específico pela prefeitura de divulgação do roteiro nessa capital. A divulgação direta aos moradores do Aglomerado Urbano de Curitiba se limita a participações em feiras e exposições com

distribuição de *folders* do roteiro. Isso se confirma no relato de Maia (2018), que reside em Curitiba e visitou um restaurante do roteiro a convite de um amigo. Essa usuária disse conhecer apenas mais um restaurante rural e nenhum outro atrativo do roteiro. Nas palavras dela: “nem sabia que tem um roteiro de turismo rural aqui. Não tem sinalização nenhuma”.

Já o empreendedor Mikoski (2018) relata que publica semanalmente o cardápio de seu restaurante no *facebook* do empreendimento e sempre faz panfletagem em Curitiba, pois seu maior público é advindo da capital. O roteiro não possui parcerias com agências de turismo de Curitiba, que poderiam fazer a articulação entre a oferta e a demanda. Existem duas agências que divulgam o roteiro, mas elas ficam dentro do próprio circuito turístico.

Sobre o público que circula pelo roteiro, conta Bonin (2018), turismóloga e secretária do COMTUR, o ‘Circuito italiano de turismo rural’ é normalmente visitado por casais com família e/ou amigos aos finais de semana e, predominantemente, pelo público escolar para turismo pedagógico e de terceira idade durante a semana. Eles procuram prioritariamente os serviços de gastronomia, as áreas de lazer e os atrativos naturais. Essa afirmação é confirmada por outros entrevistados.

Mikoski (2018), proprietário de um restaurante rural, conta que recebe todos os tipos de público em seu estabelecimento. Ele tem uma mesa no lado de fora para atender famílias com cachorro. O empreendimento conta com parquinho, área verde e aves para distrair as crianças. Durante a semana a procura maior de pessoas que trabalham na região e o público da terceira idade.

Quando atende essas excursões planejadas, Mikoski (2018) relata que faz uma programação especial com apresentação lúdica do caipira Bento, um personagem criado para animar os clientes.

Vem umas 15 excursões programadas por ano. Pra eles fazemos uma programação especial com Bento. Tem grupos grandes de melhor idade que vem aqui. De 120, 130 pessoas. Almoço para o cliente da casa e mais 130 pessoas. Ficam aqui o dia todo. Depois do almoço elas fazem um bingo, uma brincadeira entre elas, a gente faz o Bento e elas tomam um café da tarde antes de ir embora.

A vinícola de outro empreendedor entrevistado atende todo tipo de público “idosos, jovens, famílias, crianças de escolas” que utilizam “todo tipo de transporte”. Conta o entrevistado que, quando atende o turismo pedagógico, o aluno além de levar pra casa algum produto, sempre volta com a família (STRAPASSON, 2018).

Os entrevistados do poder público (BONIN, 2018) e antigo sócio da ECITUR (MIKOSKI, 2018) não souberam informar sobre o tempo de visitação despendido pelos frequentadores do roteiro, isso devido à variação de acordo com o tipo de público e atrativos visitados. Já Strapasson (2018) conta que, na sua vinícola, o tempo é “de meia hora à uma hora”, e que isso “depende da curiosidade do visitante”. Ele se refere a casos em que os turistas além de fazerem a degustação, querem conhecer os parreirais, saber sobre o processo de cultivo da uva e fabricação dos vinhos. Essa atividade tem duração aproximada de uma hora.

É importante lembrar que o CITUR possui atrativos com possibilidade de visitação prolongada como parques aquáticos, que trabalham com *day use*, onde a visitação é de um dia inteiro. Há também pousadas e hotéis que possibilitam a permanência no roteiro em mais de um dia, dependendo da necessidade e disponibilidade dos turistas.

Os entrevistados também não souberam responder qual gasto médio dos turistas no roteiro, informando apenas sobre empreendimentos pontuais. Na vinícola do empreendedor entrevistado, o gasto médio por pessoa e/ou família é de R\$ 50,00 (STRAPASSON, 2018). No restaurante de outro empreendedor entrevistado, ele comenta que o gasto por pessoa é o valor da refeição e, no caso do almoço, tem mais o gasto com bebida, e no café colonial a bebida está inclusa:

Café colonial R\$ 38,00, almoço de sábado R \$40,00, almoço de domingo R\$5 0,00 e o almoço durante a semana R\$ 25,00. Às vezes a gente faz um café um pouco menor pra melhor idade por R\$ 20,00. Então, para grupos de melhor idade sai em torno de R\$ 45,00. A maioria compra mais um pão, salame, geleias pra levar pra casa (MIKOSKI, 2018).

Em pesquisa de campo foi verificado o preço do almoço no Espaço Gastronômico Franco Italiano que é de R\$ 65,00 por adulto, sem contar com o gasto da bebida. A turismóloga representante do poder público entrevistada (BONIN, 2018) diz que não há um levantamento sobre o gasto médio do turista no consumo das ofertas do roteiro.

No ‘Circuito italiano de turismo rural’ o movimento de turistas cai em dias chuvosos na maior parte dos empreendimentos, principalmente em restaurantes, cafés e chácaras de lazer: pesque e pague, colhe e pague, parque aquático. A Gruta do Bacaetava fecha em caso de muita chuva por questão de segurança, pois há trilha de acesso e rampas. Apenas os estabelecimentos que trabalham com agendamento prévio é que mantém o público em caso de mal tempo (BONIN, 2018).

O empreendedor Mikoski (2018) diz que, em dias chuvosos, em seu restaurante e café colonial É da Pam o público diminui aproximadamente 30%. Esse percentual é bem menor em relação ao Pedra Chata Ecológico de Campo Magro (50%), provavelmente por ser o acesso em asfalto até o portão do estabelecimento.

Após conhecer parte das características do público que visita os roteiros estudados, na sequência apresentam-se os impactos ambientais, socioeconômicos e culturais advindos do turismo nas localidades onde se localizam os roteiros estudados.

5.2 IMPACTOS DO TURISMO NAS LOCALIDADES

Sugere-se que antes do início do funcionamento dos roteiros já sejam identificados possíveis impactos, porém comumente, a identificação destes faz parte do sistema de monitoria e avaliação do mesmo, ou seja, durante o funcionamento. Segundo MTur (2007a, p.32), “impacto é uma ação ou um conjunto de ações que incide sobre determinado aspecto ou situação, originando uma transformação no seu comportamento ao longo do tempo”. Os impactos podem ser positivos e/ou negativos.

Os impactos positivos podem abranger também benefícios. Para o MTur (2007, p.21) o “termo benefícios se aplica às mudanças vantajosas ou aos ganhos auferidos por pessoas. A expressão impactos positivos se refere a mudanças no plano material, organizacional ou institucional”. No processo de roteirização turística sugere-se que se utilizem indicadores capazes de mensurar, qualitativa e quantitativamente, as melhoras decorrentes da implementação de roteiros turísticos.

Para Beni (1998), o impacto do turismo nas localidades pode ser positivo ou benéfico, negativo ou adverso com as variações de direto, indireto, de abrangências local ou regional, estratégico com visibilidade imediata, à médio ou longo prazo. Os impactos podem ainda ser temporários, permanentes, cíclicos e reversíveis que podem ser avaliados nas categorias ambiental, econômica e social do turismo.

Já para avaliar impactos com “atribuição de poder” em decorrência do turismo na comunidade local, Beni (1998, p.83) os separa em três categorias: econômico (oportunidade de emprego e negócios), psicológico (autoestima,

valorização da cultura e tradições locais), social (crimes, mendigos, sensação de super lotação desapropriações de moradores tradicionais, prostituição) e público (participação nas decisões).

Segundo MTur (2007a), os roteiros turísticos devem atender às premissas básicas da sustentabilidade ambiental, sociocultural e econômica. Para que esse tripé funcione devem ser criados indicadores específicos, que permitam avaliar as variações ocorridas, dentro do planejamento. Na sequência, serão apresentados os impactos percebidos pelos atores locais após a implantação dos roteiros em estudo no entorno do Aglomerado Urbano de Curitiba. Os impactos positivos e negativos (QUADRO 19) são analisados em conjunto, sendo estruturados segundo sua natureza em: ambientais, socioculturais e/ou econômicos.

QUADRO 19- IMPACTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO TURISMO NOS MÚLTIPLOS CASOS

Caminho do vinho	Positivo	Ambientais	Coleta seletiva de lixo
			ETEZR
		Socioculturais	Consolidação da identidade cultural
			Valorização da comunidade
		Econômicos	Valorização dos produtos locais
			Diversificação e ampliação das atividades econômicas
			Geração de renda
			Geração de emprego local
			Manutenção da família no empreendimento*
	Negativo	Ambientais	Aumento de lixo
		Socioculturais	Descaracterização cultural
		Econômicos	Especulação imobiliária
			Sazonalidade
Circuito rural Taquaral	Positivo	Ambientais	Coleta seletiva de lixo
			Conscientização ambiental
		Socioculturais	Consolidação da identidade cultural
			Valorização das atividades típicas
			Preservação do patrimônio arquitetônico
			Interação da comunidade
		Econômicos	Valorização dos produtos locais
			Diversificação e ampliação das atividades econômicas
			Geração de renda
			Geração de emprego para comunidade local
			Manutenção da família no empreendimento
	Negativo	Ambientais	-
		Socioculturais	-
		Econômicos	-

CONTINUA

CONTINUAÇÃO QUADRO 19 - IMPACTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO TURISMO NOS MÚLTIPLOS CASOS

Turismo rural nas colônias polonesas	Positivo	Ambientais	Coleta seletiva de lixo
			Preservação ambiental
			Centro de reciclagem
		Socioculturais	Preservação da cultura polonesa
			Preservação do patrimônio histórico e cultural
		Econômicos	Diversificação e ampliação das atividades econômicas
			Geração de renda
			Geração de emprego
	Manutenção da família no empreendimento		
	Negativo	Ambientais	Aumento de lixo
Socioculturais		-	
Econômicos		Especulação imobiliária	
Verde que te quero verde	Positivo	Ambientais	Coleta seletiva de lixo
			Usina de reciclagem
			Identidade ecológica
		Socioculturais	Imagem de identidade
			Valorização dos produtos rurais
		Econômicos	Diversificação e ampliação das atividades econômicas
			Geração de renda
			Geração de emprego para a comunidade local
	Manutenção da família no empreendimento		
	Negativo	Ambientais	Lixo
			Erosão nas trilhas
			Degradação das estradas
			Poluição sonora (jipes e motos)
		Socioculturais	Invasões por trilheiros
Econômicos		Especulação imobiliária	
Circuito italiano de turismo rural	Positivo	Ambientais	Coleta seletiva de lixo
			Plano de manejo e capacidade de carga
		Socioculturais	Consolidação da imagem e identidade
			Preservação arquitetônica cultural
		Econômicos	Valorização das propriedades rurais
			Diversificação e ampliação das atividades econômicas
			Geração de renda
			Geração de emprego para comunidade local
	Manutenção da família no empreendimento		
	Negativo	Ambientais	Lixo
Socioculturais		-	
Econômicos		Sazonalidade	

FONTE: Entrevistas ORG.: Autora (2019)

NOTA: *Não aparece nos cadernos do MTur como impacto mas pode ser interpretado como 'benefícios'.

5.2.1 Aspectos ambientais

No caso dos impactos ambientais positivos em decorrência da atividade turística, Beni (1998) fala das medidas que contemplam o turismo sustentável como: a) educação ambiental (população local e turistas); b) conscientização ambiental; c) capacitação profissional; d) estudo de impacto ambiental da área; e) manejo de visitantes; f) plano de manejo da área; g) controle ambiental com fiscalização; h) planejamento participativo com órgãos ambientais; e i) zoneamento.

O MTur (2007a), sugere que podem ser usadas como variáveis: a) promoção e consolidação do grau de conscientização ambiental entre os atores ligados às atividades turísticas com visitação à áreas protegidas; b) incremento no número de projetos destinados à conservação ambiental, cênica e da biodiversidade; c) incentivo da articulação entre órgãos de fiscalização ambiental e outras áreas que envolvem o turismo; d) ampliação da utilização de energias alternativas na rede hoteleira e de serviços; e e) ampliação e instalação de mecanismos de despoluição visual e conservação das belezas naturais e cênicas.

Sobre os impactos ambientais negativos em decorrência da atividade turística, Beni (1998) relata casos de impactos ambientais negativos por parte dos empresários e prestadores de serviços da área do turismo como: a) esgotos sem tratamento de empreendimentos lançados nos rios, lagos ou praias; b) grandes empreendimentos impactando a paisagem; c) devastação de vegetação para especulação imobiliária; d) contaminação das águas por lanchas, iates e barcos; e e) captura de animais. Já os impactos negativos gerados por turistas podem ser: a) destruição de vegetação; b) agressão à fauna; c) depredação de ambientes naturais como espeleotemas e outras formações rochosas; d) erosão em trilhas; e e) lixo no chão.

O MTur (2007a, p.42) segue a mesma abordagem de Beni, porém de maneira mais sintetizada, sem separar os impactos pelos empreendimentos, prestadores de serviços e turistas. Sugere que podem ser encontradas variáveis, como: a) má utilização do solo e dos recursos naturais; b) ocupação desordenada; c) desenvolvimento desordenado do turismo que venha a provocar degradação ambiental; d) aumento da poluição geral e do lixo produzido por excesso de carga ou saturação da região; e e) poluição sonora e visual.

Com inspiração nestas variáveis, são apresentados os impactos e/ou benefícios do turismo para as localidades onde os roteiros em estudo foram criados. A análise parte das falas dos diferentes atores entrevistados.

a) 'Caminho do vinho'

Sobre os aspectos positivos, com relação aos impactos ambientais foram citadas por Scrobote (2016), presidente da ACAVIM, questões como a melhoria da qualidade do esgotamento sanitário, da coleta e destinação do lixo e dos padrões de uso do solo. Conta ela que atualmente o 'Caminho do vinho' possui coleta seletiva de lixo para reciclagem e a maior parte dos empreendimentos possui Estação de Tratamento de Efluentes por Zona de Raízes (ETEZR⁵²).

Scrobote (2016) ressalta que a instalação das ETEZR⁵² nos empreendimentos se deu por meio de uma parceria da ACAVIM com EMATER e com o apoio da Secretaria Municipal de Agricultura de São José dos Pinhais. Foi um trabalho realizado em etapas. Inicialmente ocorreu a seleção das propriedades para implantação de unidades demonstrativas, depois foi realizada uma contextualização teórica para os técnicos da Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Abastecimento e Agricultura (SEMAG) e do Sindicato Rural. Por fim tiveram-se duas Oficinas para construção das estações (EMATER, 2017).

Neuman (2018), entrevistada representante da comunidade local, ressalta a importância da conscientização ambiental, bem como, a coleta seletiva realizada na Colônia Mergulhão após a implantação do roteiro. Os representantes do Poder público entrevistados mesmo questionados, não opinaram sobre os aspectos positivos ou benefícios decorrentes da implantação do 'Caminho do vinho' nos impactos ambientais (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018).

Com relação aos impactos negativos do turismo no 'Caminho do vinho' foi relatado pela presidente da ACAVIM e pelos representantes do poder público entrevistados, que teve aumento na geração de lixo. Para minimizar este impacto é

⁵² Os sistemas das ETEZR⁵² tratam as águas residuárias passando-as através de meios porosos contendo raízes de plantas, por meio de fluxos horizontais ou verticais. A água tratada e polida no sistema de Zona de Raízes pode ser 100% reciclada (SABEI, 2013).

realizada além da coleta seletiva, o encaminhamento deste para reciclagem (SCROBOTE, 2016; KUZMA, 2018; VANES, 2018; FILA, 2018).

A entrevistada da comunidade local concorda com aumento na geração de lixo, principalmente na Festa do vinho. Conta Neuman (2018) que “as ruas ficam forradas de lixo. O pessoal leva dois dias pra limpar toda sujeira que fica na rua. Agora que a prefeitura não quer mais bancar, diminuiu o tamanho da festa e o tamanho do impacto também”.

b) ‘Circuito rural Taquaral’

No ‘Circuito rural Taquaral’, conta Zanchetta (2016), que a ACAMP trabalha com projetos de conscientização e busca parcerias para melhorias ambientais no roteiro. Segundo ele, foi realizada “sinalização ambiental, que promoveu maior consciência. Diminuiu o lixo jogado nas beiras de estradas com a colocação de placas” (FIGURA 59). Acrescenta ainda que “melhorou a coleta do lixo, pois não existia coleta seletiva. Isso foi à Associação que trouxe. É cada 15 dias, mas passa o caminhão do lixo reciclável”.

FIGURA 59 – PLACA DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL NO CIRCUITO RURAL TAQUARAL



FONTE: A autora (2019)

Zanchetta (2016) fala também de um projeto chamado 'Ecomutirão', que foi uma iniciativa da ACAMP em parceria com várias entidades municipais para conscientização ambiental no roteiro. O presidente da Associação lamenta por procurar não ter mais a mesma receptividade ao projeto na atual administração municipal:

Criamos em 2012 o 'Ecomutirão'. A Associação chamou a Secretaria de Educação, Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Turismo, Instituto EMATER, a Escola e montamos uma comissão. Montamos um kit com orientações sobre a separação do lixo, rato, tratamento de água, sobre nascentes, compostagem. Organizamos 16 equipes e visitamos 250 casas. As equipes faziam a visita, orientavam e entregavam o material. Teve um impacto positivo. Foi tentado fazer com a nova gestão, mas infelizmente a prefeitura não topou.

Os representantes do poder público entrevistados mesmo questionados, não opinaram sobre os aspectos positivos do turismo em termos ambientais com a implantação do 'Circuito rural Taquaral' (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018).

Neste circuito, contam o presidente da ACAMP e os representantes do poder público entrevistados, que não são observados impactos ambientais negativos, pelo contrário, depois da instalação da ACAMP e do roteiro foi conquistada a coleta seletiva para reciclagem, o que antes não tinha (ZANCHETTA, 2016; KUZMA, 2018; VANES, 2018; FILA, 2018).

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas', conta Lima (2016), presidente da ATRCP, que todo ambiente do roteiro foi melhorado pensando no turismo e na preservação ambiental. Tem coleta de lixo seletiva. Na propriedade do Restaurante Nova Polska tem um moderno centro de reciclagem onde todos os resíduos produzidos, são tratados. O empresário proprietário da RF Orquídeas (GENARI, 2018), salienta que o empreendimento está localizado dentro da Área de Proteção Ambiental do Rio Verde e mais de 70% da propriedade conserva e protege remanescentes da Floresta Atlântica. A entrevistada representante do Poder público, Marcon (2018), desconhece benefícios ambientais positivos com a implantação do roteiro.

Lima (2016), presidente da Associação, conta que os impactos ambientais negativos em decorrência da roteirização são muito pequenos, pois aumentou a

geração de lixo. Apenas em dois empreendimentos - restaurante e café colonial - têm tratamento de esgoto e coleta seletiva. A representante do poder público acredita que o turismo não produz impacto ambiental algum na localidade (MARCON, 2018).

d) 'Verde que te quero verde'

Como o município de Campo Magro está localizado em áreas de mananciais e proteção ambiental, o roteiro 'Verde que te quero verde' já nasceu com o viés da conservação, vinculado ao projeto do Anel de Turismo Rural para a Região Metropolitana de Curitiba. A Usina do Lixo de Campo Magro é a maior da Região Metropolitana de Curitiba e propicia conscientização por meio de palestras sobre educação ambiental, viabilização do processo de reciclagem de resíduos sólidos, além de visitas acompanhadas (PMCM e UNINTER, 2012).

Existe um sistema de coleta de lixo orgânico semanalmente e reciclável mensalmente, no qual cada estabelecimento é responsável pela separação (PMCM, 2017). Martinhago (2017), turismóloga em Campo Magro entre 2012 e 2013, narra como o nome do roteiro dá identidade ao município:

Eu acho que um impacto positivo é a imagem do município enquanto município mesmo. O turismo ameniza a imagem negativa que as pessoas têm do município. Em Campo Magro o nome do roteiro passou ser referência para o município tipo 'a você é de Campo Magro onde tem bastante verde?' O nome do roteiro pegou. Mesmo a gente escutando críticas tipo, onde é que está o verde? As propriedades não são sustentáveis.

A representante do poder público entrevistado também relata sobre os empreendimentos que nasceram com o viés da conscientização ambiental e sobre o aproveitamento do ambiente ecologicamente correto para empreender, como é o caso da chácara de eventos Mangala Ekos:

O Mangala Ekos tem projeto social e sustentável e eu sou prova disso. Antes de abrir e se estruturar eles já tinham parcerias com vizinhos e estruturação de trilhas. Estavam tentando fazer a revitalização de um córregozinho que passava do lado, com a mata ciliar do córrego. Estavam recuperando o tanque, estavam fazendo atividades de educação ambiental com a escola próxima (MARTINHAGO, 2017).

O projeto "Parque das Pedreiras" surgiu da ideia de mostrar a verdadeira identidade do município e explorar comercialmente, por meio do turismo e de maneira sustentável, sua potencialidade ecológica por estar em área de mananciais

responsáveis por abastecer Curitiba. Como há restrições legais para construções de indústrias e, até mesmo, posto de combustíveis nestas áreas, o atual secretário municipal de turismo, idealizador do projeto, relata algumas das ações que são pretendidas.

A ideia é dar a verdadeira identidade ecológica de Campo Magro. Nós queremos mostrar que uma área totalmente degradada, que foi dinamitada, que você pode restaurar, pode fazer que volte para a natureza. Essa será a vocação, ecológica! A gente tem que saber tirar do município o que ele tem de melhor e apresentar de uma forma que restaure e não impacte ainda mais. Será feito um processo completo de restauro. Naquela região tem uma grande área de reflorestamento de pinus e eucalipto, nós vamos tirar e plantar árvores nativas, vai ter a escola ecológica onde a pessoa vai compreender todo o ecossistema da região (TOZETTO, 2018).

Atualmente o município sofre com constantes invasões de moradores em áreas de mananciais e, por isso, não tem conseguido o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços Ecológico (ICMS-E)⁵³. Segundo o secretário de turismo, a atual gestão está trabalhando para regularizar áreas afetadas e impedir novas invasões (TOZETTO, 2018).

Neste roteiro de turismo rural, entretanto, são relatados diversos exemplos de mau uso dos recursos ambientais:

(...) principalmente os trilheiros faziam impacto muito grande nas trilhas. Os motociclistas invadiam a área das Cachoeiras Gêmeas e destruíam a trilha de acesso até as cachoeiras de forma que, às vezes, os pedestres não conseguiam passar. As invasões não eram em propriedades do circuito, eram de outras propriedades particulares (MARTINHAGO, 2017).

Há ainda o impacto da erosão no acesso ao topo do Morro da Palha. A estrada já chegou na rocha, deixando-a exposta em função do tráfego dos veículos traçados, relata a turismóloga que atuou em Campo Magro entre 2012 e 2013 (MARTINHAGO, 2017).

Os moradores da localidade relatam que estes visitantes proporcionam degradação ambiental nas trilhas, além de deteriorar as estradas de chão, que são compartilhadas com a comunidade local. Eles se incomodam com a poeira e o barulho - poluição atmosférica e sonora - dos jipes e motos nos finais de semana

⁵³ O chamado ICMS Ecológico nasceu como forma de “compensação”, pois os municípios possuíam restrições legais para expandir suas atividades econômicas (clássicas) e assim gerar maior receita de ICMS. Essa restrição ocorria em virtude da presença de Unidades de Conservação e áreas de mananciais responsáveis pelo abastecimento de água para outros municípios. A experiência evoluiu e a lei passou de um conceito de compensação para o espírito de um real “incentivo econômico”, premiando os municípios que tivessem boa gestão de suas áreas naturais. Maiores detalhes em: <http://www.icmsecológico.org.br>.

(TOZETTO, 2018; DAL SANTOS, 2019). “É muito perigoso também, eles são abusados. Se acham donos da estrada”, desabafa uma moradora (DAL SANTOS, 2019).

A moradora Dal Santos (2019) relata ainda que a comunidade está se articulando para solicitar pavimentação nas estradas com colocação de lombadas para redução da velocidade, na tentativa de amenizar o conflito. Assiste-se, portanto, a uma situação de conflito entre aventureiros e comunidade local, que expressa uma necessidade urgente de intervenção para compartilhamento tranquilo do espaço entre as partes.

O atual secretário de turismo reforça:

Motoqueiro e jipeiro acha que é turista e não é. Só impacta. Nós trabalhamos a semana toda pra arrumar as estradas e eles num dia destroem tudo. O município reclama. Eles passam a 70 km por hora e enchem a cara do morador de pó. Tratam mal os moradores. Nós queremos fazer com que eles tenham conscientização com a população. Nós queremos fazer o jipeiro entender que a estrada não é só deles. Queremos que haja um compartilhamento (TOZETTO, 2018).

Esse conflito entre comunidade, jipeiros e motoqueiros é sentido tanto por Tozetto (2018) como representante do poder público, quanto como morador em uma das estradas mais procuradas por jipeiros e motoqueiros. Relata ainda a dificuldade em conseguir conciliar a atividade esportiva destes com o turismo e as tentativas de produzir eventos com as montadoras de jipe e moto.

O secretário de turismo relata a preocupação em amenizar os impactos com a comunidade por meio de uma conscientização da velocidade utilizada pelos aventureiros dentro do roteiro. Outro fato relatado é dessa modalidade de esporte não contribuir com a economia local:

Sempre tem os esportes de aventura e esse é o erro aqui, que é um problema geral brasileiro. Eles vêm, trazem o churrasco deles e vão embora. O jipe vem, degrada e vai embora. Eu já entrei em contato com a Jeep, Troller e Suzuki pra eles virem fazer os eventos aqui. É o mais próximo de aproveitamento que eu tenho conseguido fazer aqui. Mas é uma coisa que vai acabar, nós vamos fechar as portas pra isso (TOZETTO, 2018).

Este aspecto é contestado por Maeski (2019), que além de atual presidente da ATCM é proprietário de um restaurante rural que nasceu com a ideia de atender justamente este público de aventureiros. Ele conta inclusive que o turismo em Campo Magro surgiu exatamente por conta dos jipeiros e trilheiros que frequentavam o município e precisavam de infraestrutura.

Eles vêm sim, mas eles se sentiam melhor quando o restaurante estava bem no começo quando as mesas eram de pedra e ficavam do lado de fora, depois quando a gente mudou eles pararam um pouco de frequentar quando estão fazendo as trilhas, pois eles acham que ficou muito chique para entrarem sujos e tem clientes que não gostam de ver. Pra mim é indiferente, o restaurante foi montado por causa deles, pra esse tipo de público, eles que começaram o turismo em Campo Magro. Inclusive o Bar do Paulo só existe por causa deles e outros restaurantes surgiram por causa de motoqueiros, jipeiros e outros aventureiros. Eles não frequentam enquanto estão fazendo as trilhas, mas geralmente fazem as trilhas no sábado e no domingo vem com a família, a maioria é assim. Já fiz bastante eventos também pra motoqueiro, pra trilheiro, aí sim eles vem em peso. Agora estão fazendo na região de caminho pra São Paulo por falta de segurança nas trilhas de Campo Magro. Pra mim foi ruim, pois perdi eventos grandes. (...) Nós até temos um projeto que montar um salão só destinado a este público, futuramente talvez tenhamos um salão só pra isso (MAESKI, 2019).

Os impactos negativos decorrentes da geração de lixo são relatados por Martinhago (2017): “você passa perto dos restaurantes, numa segunda feira, pra você ver o tanto de lixo que tem na estrada”. É preciso, portanto, se adotar medidas mitigatórias e compensatórias para os impactos ambientais negativos que o turismo vem trazendo ao município, sobretudo as localidades onde se inserem.

e) ‘Circuito italiano de turismo rural’

Assim como Campo Magro, Colombo também está localizada em áreas de mananciais e proteção ambiental. O ‘Circuito italiano de turismo rural’ também nasceu com o viés da conservação do projeto do Anel de Turismo Rural para a Região Metropolitana de Curitiba. No roteiro existe um sistema de coleta de lixo orgânico semanalmente e reciclável semanalmente ou quinzenalmente em algumas comunidades, no qual cada estabelecimento é responsável pela separação (PMC, 2018).

Existe no roteiro a preocupação com a natureza e com o controle do turismo através de um Plano de Manejo e respeito à capacidade de carga nos atrativos naturais, principalmente no Parque Municipal Gruta do Bacaetava. Este atrativo possui uma agenda de visitação controlada, conforme relata a representante do poder público entrevistada (BONIN, 2018).

Os empreendedores entrevistados dizem que é efetuada separação do lixo nas propriedades (STRAPASSON, 2018; MIKOSKI, 2018). No restaurante É da Pam, o sócio-proprietário Mikoski (2018) relatou que é utilizado um produto

diretamente na saída do esgoto das pias da cozinha para tratar o esgoto com alto teor de gordura.

Neste sentido, o turismo apresenta-se como um aspecto positivo, garantindo a conservação da paisagem e a minimização dos seus impactos negativos ao meio ambiente na região. No ‘Circuito italiano de turismo rural’ não foi relatado pelos entrevistados nenhum impacto negativo ambiental, mesmo quando instigados sobre a produção de lixo, poluição sonora e visual. Porém, em campo foi constatado uma expressiva quantidade de lixo nas proximidades do Parque da Uva dois dias após o término da festa ocorrida em fevereiro de 2019 (FIGURA 60).

FIGURA 60 – LIXO NO ENTORNO DO PARQUE DA UVA APÓS A FESTA EM 2019



FONTE: Autora (2019)

5.2.2 Aspectos socioculturais

Sobre os impactos socioculturais positivos em decorrência da atividade turística, o MTur (2007a) indica que podem ser apresentados variáveis, como: a) valorização dos destinos turísticos de cunho etnocultural com aumento de intercâmbio entre regiões; b) valorização, divulgação e inclusão dos costumes, do folclore e de danças locais; c) reconhecimento do artesanato e da gastronomia local; e d) fortalecimento das comunidades locais, principalmente aquelas tradicionais com novos produtos turísticos.

Já com relação aos impactos socioculturais negativos em decorrência da atividade turística, Oliveira (2008) acredita que ocorre quando o cotidiano da comunidade é modificado e novos valores são introduzidos. Quando a cultura

importada passa a predominar, a cultura local perde seu valor, causando verdadeiros conflitos entre o turismo e a população que não consegue se adequar aos novos costumes (OLIVEIRA, 2008)

O MTur (2007a, p.42) sugere que podem ser encontradas variáveis, como: a) mudanças negativas nos hábitos e padrões culturais e de consumo (alcoolismo, consumo de drogas, prostituição); b) perda da identidade cultural pela influência externa; e c) ampliação das desigualdades sociais.

Com inspiração nestas variáveis, são apresentados os impactos e/ou benefícios do turismo para as localidades onde os roteiros em estudo foram criados. A análise parte das falas dos diferentes atores entrevistados.

a) 'Caminho do vinho'

Scrobote (2016), presidente da ACAVIM, falou da consolidação da identidade cultural e valorização das atividades características da comunidade no 'Caminho do vinho'. Exemplo disso é o 'Grupo Folclórico Italiano Cuore D'Itália' e o 'Coral Belvedere', que preservam a tradição e a história de seu povo. Scrobote (2016) menciona que "não pode deixar morrer a cultura. Porque uma região sem cultura é igual uma árvore sem raiz, ela morre, não frutifica".

Tem-se a valorização das festas típicas da comunidade - como a 'Festa do Vinho', a 'Mostra Folclórica' e o 'Jantar Italiano' - além de um museu no roteiro, que funciona na Vinícola Dom Roberto, e seis casas históricas preservadas em boas condições uso. Entretanto, os entrevistados representantes do poder público (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018) não fizeram relatos sobre os impactos socioculturais positivos no 'Caminho do vinho'.

Foi relatado por uma entrevistada da comunidade local que no roteiro houve a princípio uma descaracterização cultural e um tratamento excludente aos moradores das colônias vizinhas, que são de outras etnias, mas que com o tempo foram feitas correções:

Houve a descaracterização cultural sim. Quando perceberam que estava perdendo, foi incentivado a formação do coral e do grupo de dança. Tanto que tinha um rigor grande para fazer parte do grupo de dança, que tinha que ser morador exclusivamente da Colônia Mergulhão. Agora por falta de gente, abriram para comunidade externa.

Tanto que antigamente não existia escola em todas as comunidades e o pessoal da Colônia Muricy, que é de poloneses e fica ao lado, era tratado com indiferença. Até mesmo porque é reconhecível pela fisionomia quem é de uma colônia ou da outra.

Foi transformada a festa do colono em festa do vinho e a festa que era da comunidade foi aberta para o público externo, a prefeitura que começou a bancar isso (NEUMAN, 2018).

Os entrevistados, representantes da ACAVIM e do poder público, não relataram nenhum impacto sociocultural negativo em decorrência da atividade turística no 'Caminho do vinho'.

b) 'Circuito rural Taquaral'

Neste roteiro, conta Zanchetta (2016), presidente da ACAMP, sobre a consolidação da identidade cultural com o resgate e a valorização de atividades culturais características da região. Exemplo disso foi a criação e o fortalecimento do grupo folclórico, a festa Ítalo-Polonesa, as cavalgadas, o artesanato local e a preservação do patrimônio arquitetônico com projeto de restauração de duas casas históricas. Acrescenta ainda as aulas de violão, que passaram a ser ofertadas para crianças da comunidade Campina do Taquaral.

Moradora, nascida na comunidade Campina do Taquaral e residente hoje na Colônia Marcelino, comunidades que envolvem o 'Circuito rural Taquaral', Krefer (2019) fala da interação dos moradores com os atrativos do roteiro. Comenta que conhece todos os atrativos, que fica feliz com as evoluções do roteiro, com abertura de novos empreendimentos próximos de sua casa e que são utilizados tanto por turistas quanto pelos moradores do entorno.

Os entrevistados representantes do poder público (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018) nada relataram sobre impactos socioculturais positivos no roteiro. Também os moradores entrevistados não narraram impactos socioculturais negativos em decorrência da atividade turística. Isso não ocorreu mesmo quando instigados com questionamentos sobre mudanças negativas nos hábitos e padrões culturais e de consumo, perda da identidade cultural pela influência externa e ampliação das desigualdades sociais.

c) 'Turismo rural nas Colônias polonesas'

Nesse roteiro, Lima (2016), presidente da ATRCP, conta que “todos procuram seguir os ensinamentos de seus pais para manter viva a cultura polonesa”. Afirmar ela que a Associação buscou parcerias para “revitalizar as Cruzes e reformar os jardins” das localidades por onde passa o trajeto turístico. No roteiro aumentaram as ações voltadas para o resgate e preservação do patrimônio histórico e cultural por meio do Museu Etnográfico - Centro Histórico e Cultural Polska na Colônia Dom Pedro II. Esse espaço histórico e cultural é aberto ao público em geral, bem como, dos empreendimentos que mantêm as artes e artesanato polonês nas decorações, na arquitetura, além da culinária típica.

Com esforço das comunidades polonesas foi reativado o grupo folclórico adolescente e infantil Zabawe Polskie e são preservadas as festas típicas, bem como, os costumes poloneses. Na dissertação de mestrado da pesquisadora e moradora Sikora (2014), menciona-se que embora haja influências ocasionadas pelas transformações sociopolíticas e econômicas, além da globalização, ainda se mantém presente na vida de muitos as características polonesas na Colônia Dom Pedro II.

A entrevistada representante do poder público, Marcon (2018), desconhece impactos socioculturais positivos no roteiro e relata certa resistência de algumas famílias mais antigas nas comunidades em aceitar o turismo:

Ainda a gente tem resistência por parte de algumas famílias lá que não querem que passe na sua propriedade, que acha que o turista vem pra estragar. A gente sente que tem ainda no local algumas famílias que são mais antigas, mais resistentes em receber o turismo.

Porém, a representante do poder público entrevistada afirma: “Eu não vejo nenhum ponto negativo” para a comunidade relacionada à exploração turística. Outra moradora da Colônia Figueiredo (ALEX, 2018), que faz parte do roteiro ‘Turismo rural nas Colônias polonesas’, relatou que o turismo “pra nós não atrapalha em nada”.

As moradoras entrevistadas não apresentaram impactos socioculturais negativos em decorrência da atividade turística. Isso não ocorreu mesmo quando instigados com questionamentos sobre mudanças negativas nos hábitos e padrões culturais e de consumo, perda da identidade cultural pela influência externa e ampliação das desigualdades sociais.

d) 'Verde que te quero verde'

Neste roteiro, Martinhago (2017), turismóloga em Campo Magro entre 2012 e 2013, fala da influência do turismo no reconhecimento da própria população enquanto cidadã campomagrense e da valorização dos produtores rurais:

A questão da identidade do município enquanto munícipe campomagrense (...). O pessoal da área rural já tem um pouco mais essa questão da valorização da identidade e do campo mesmo, não tem mais vergonha. O pessoal que começou a trabalhar com turismo você vê que eles superaram muito aquela dificuldade do agricultor de sair da lavoura e entrar atrás de um balcão de venda e lidar com o turista. Eles se sentiam muito acuados. Essa questão da identidade, mesmo nas reuniões da associação, hoje você vê eles super articulados, com conhecimento de causa.

Os entrevistados representantes da ATCM (VALLIM, 2016; MAESKI, 2019) não relataram impactos socioculturais positivos no roteiro.

Impactos negativos foram relatados pelos representantes do poder público entrevistados e pelo atual presidente da ATCM sobre a questão das invasões a propriedades particulares por trilheiros para prática de *moto cross* (MARTINHAGO, 2017; TOZETTO, 2018; MAESKI, 2019).

Já os moradores entrevistados não apresentaram impactos socioculturais negativos em decorrência da atividade turística. Isso não ocorreu mesmo quando instigados com questionamentos sobre mudanças negativas nos hábitos e padrões culturais e de consumo, perda da identidade cultural pela influência externa e ampliação das desigualdades sociais.

e) 'Circuito italiano de turismo rural'

Neste circuito nenhum dos entrevistados relatou casos de impactos socioculturais positivos em decorrência do sistema turístico, mesmo quando instigados sobre questões relativas à consolidação da identidade cultural com resgate e valorização de atividades típicas, bem como outras preservações culturais. Porém, em campo foi observada a consolidação da identidade cultural pela temática

dos empreendimentos e das festas étnicas, que abrigam as apresentações folclóricas, inclusive o Jogo de Mora⁵⁴ que é típico italiano.

Notou-se ainda uma grande preocupação com a valorização cultural na preservação do museu municipal e das casas históricas que foram relocadas para o Parque da Uva com a finalidade de preservação, estando abertas ao público.

Os moradores entrevistados, todavia, não relataram impactos socioculturais negativos nos em decorrência da atividade turística. Isso não ocorreu mesmo quando instigados com questionamentos sobre mudanças negativas nos hábitos e padrões culturais e de consumo, perda da identidade cultural pela influência externa e ampliação das desigualdades sociais.

5.2.3 Aspectos econômicos

No que se refere aos impactos econômicos positivos em decorrência da atividade turística, Beni (1998) fala dos benefícios proporcionados para o setor público percebido nos impostos diretos e indiretos e no caráter estimulador do processo de abertura da economia. O autor fala ainda sobre os impactos econômicos diretos como: a) oportunidades de empregos (formal e informal); b) oportunidades de negócios. Além de apresentar um “Sistema Econômico Nacional” de turismo.

O MTur (2007a, p.42) indica que podem ser apresentados variáveis, como: a) incremento da criação de postos de trabalho no setor turístico e afim; b) aumento de fluxo de circulação de dinheiro; c) aumento nos investimentos locais em atividades turísticas e de apoio ao turismo; d) diversificação e ampliação das atividades econômicas na região; e) aumento e distribuição da renda média da comunidade local; f) inclusão socioeconômica dos segmentos da cadeia produtiva do turismo; g) aumento da demanda por produtos agrícolas locais; h) aumento do consumo de bens e serviços em geral pelas comunidades; i) aumento da

⁵⁴ O jogo da mora é uma tradição com origem na região italiana do Vêneto e trazida ao Brasil pelos imigrantes. O jogo tradicionalmente é realizado em língua vêneta ou italiana e consiste em acertar o número do conjunto de dedos da mão que os jogadores apresentam sequencialmente sobre uma mesa, batendo os dedos sobre ela (ASSOCIAÇÃO ITALIANA, 2019).

competitividade dos produtos gerados no setor; e j) contribuição do turismo para o equilíbrio da balança de pagamento.

Com relação aos impactos econômicos negativos em decorrência da atividade turística, Beni (1998) não faz alusão, já o MTur (2007a, p.42) alerta que podem ser encontradas variáveis, como: a) aumento da dependência local e regional da atividade turística em detrimento de outras atividades produtivas; b) sazonalidade da demanda turística, propiciando períodos de recessão econômica; c) aumento do custo de vida e especulação imobiliária; e d) ampliação das desigualdades econômicas.

Com inspiração nestas variáveis, são apresentados os impactos e/ou benefícios do turismo para as localidades onde os roteiros em estudo foram criados. A análise parte das falas dos diferentes atores entrevistados.

a) 'Caminho do vinho'

Foi relatado por Scrobote (2016), presidente da ACAVIM, que no 'Caminho do vinho' melhorou a diversificação e ampliação das atividades econômicas. Houve a valorização dos produtos e o aumento da empregabilidade da comunidade local, principalmente nos restaurantes e cafés coloniais. Observou-se também o aumento do consumo de bens e serviços em geral em função da geração de renda produzida pelo turismo. Scrobote (2016) relata o giro ocorrido em toda cadeia produtiva do turismo, segundo ela, "aumenta a renda até para terceiro porque, por exemplo, eu compro embalagem, eu compro garrafa, sacola, rolha, tudo! Aumenta a geração de renda. Gira a economia do país".

Um benefício notado é o fato de os filhos estarem "retornando para dar uma sequência melhorada no que a família começou", comenta o representante do poder público entrevistado (VANES, 2018). Para o Chefe de Divisão Apoio ao Turismo de São José dos Pinhais, "já se criou uma consciência do turismo na comunidade. Todos já entendem a importância do turista e já sabem que final de semana tem que ter paciência ao sair de casa, que os turistas andam devagar" (FILA, 2018).

Scrobote (2016), presidente da ACAVIM, relata que um aspecto negativo do turismo é que existem olheiros para especulação imobiliária, porém as famílias não têm intenção de vender ou lotear os terrenos. Existe também uma sazonalidade da

demanda turística, mas esses períodos são aproveitados para fazer formação e visitas técnicas a outros roteiros, para trocas de experiências.

Os entrevistados do poder público comentam que a sazonalidade do roteiro se restringe a produtos específicos, como o vinho, que vende mais no inverno e menos no verão, porém no mês de janeiro o que ocorre é uma mudança de público, não necessariamente uma ausência de turistas. O roteiro recebe público de fora que vem a passeio em Curitiba e aproveita para conhecer o 'Caminho do vinho' comenta um empreendedor associado à ACAVIM (KUZMA, 2018).

b) 'Circuito rural Taquaral'

Conta o presidente da ACAMP, Zanchetta (2016), que após a instalação do roteiro ocorreu a diversificação e ampliação das atividades econômicas. Teve aumento de postos de trabalho para a própria comunidade local, principalmente nos restaurantes e chácara de eventos, bem como, o aumento no consumo de bens e serviços em geral como consequência do aumento da renda.

Os entrevistados representantes do poder público (VANES, 2018; FILA, 2018; KUZMA, 2018) acreditam que ainda é cedo para relatar sobre impactos econômicos positivos no roteiro e que "a comunidade ainda não enxerga o turismo como uma atividade econômica".

Zanchetta (2016), presidente da ACAMP, relata que não foi visualizado nenhum impacto econômico negativo em decorrência da formação do roteiro. Isso, mesmo quando questionado sobre sazonalidade da demanda, aumento do custo de vida e especulação imobiliária. Também os entrevistados representantes do poder público não relataram nenhum aspecto econômico negativo em decorrência da atividade turística no roteiro.

c) 'Turismo rural nas colônias polonesas'

Neste roteiro, Lima (2016), presidente da ATRCP, afirma que com o turismo ocorreu diversificação e ampliação das atividades econômicas na localidade. Teve aumento de postos de trabalho para a própria comunidade local, principalmente no restaurante e no orquidário, aumentou o consumo de bens e serviços em geral e o

turismo contribuiu para geração de renda. Relata ainda que o turismo vem possibilitando a manutenção dos filhos no empreendimento da família.

Lima (2016) relata que seu empreendimento particular melhorou muito com a instalação do roteiro e, mesmo com a crise econômica, ele não foi atingido.

Econômico melhorou. Pra mim com as flores melhorou. Com esses dois anos de crise impactaram apenas para dois empreendimentos. Deu uma segurada. Pra mim até que não foi tanto. Os demais não tem se queixado.

Os atores entrevistados, de forma geral, não relataram impactos econômicos negativos no roteiro, mesmo quando questionado sobre sazonalidade da demanda, aumento do custo de vida e especulação imobiliária.

d) 'Verde que te quero verde'

Vallim (2016), ex-presidente da ATCM, relata a diversificação e ampliação das atividades econômicas com o roteiro 'Verde que te quero verde', o que propiciou o aumento da empregabilidade para a comunidade local. Com o turismo houve também o aumento do consumo de bens e serviços em geral, contribuindo na geração de renda nos empreendimentos do roteiro. Comenta Vallim (2016) que "nós tínhamos um problema que está combatido que é a evasão". Com a consolidação do roteiro e a empregabilidade, os moradores não precisam mais ir embora para conseguir emprego e melhorar a qualidade de vida.

Martinhago (2017) complementa essa colocação expondo outro aspecto positivo no 'Verde que te quero verde':

Outro fator é a nova geração, os filhos se envolvendo nos empreendimentos turísticos dos pais como no Pesque e Pague, que o filho é zootecnista e administra a parte dos tanques, no restaurante Pedra Chata é o filho (...) que toca, no restaurante Nova Polska também é o filho, o Pedra Sobre Pedra também tem a filha se envolvendo, Bar do Paulo também. (...) Grande parte está ficando na propriedade.

O modelo de turismo rural desenvolvido no 'Verde que te quero verde' tem gerado empregos em vários empreendimentos. O restaurante Pedra Chata Ecológico, que começou com mão de obra familiar, hoje oferece trabalho para 30 pessoas nos finais de semana. Com a implantação do 'Parque das Pedreiras', a expectativa é gerar mais de 1000 empregos diretos e estimular abertura de mais 20 empreendimentos novos, assim como aconteceu em Foz do Iguaçu onde o Parque Nacional do Iguaçu estimulou toda rede hoteleira e muitos equipamentos de lazer no

entorno, fala com entusiasmo o atual secretário de turismo de Campo Largo (TOZETTO, 2018).

A intenção é que dentro do ‘Parque das Pedreiras’ tenha uma extensão de empreendimentos atuantes no município. Que sejam servidos produtos do município e que tenha um percentual mínimo de mão de obra local. Conta o idealizador do projeto que “o dinheiro gerado aqui tem que ficar aqui. Será priorizado empreendimento com CNPJ no município” (TOZETTO, 2018). Acredita ele, que com essas medidas o recurso vai girar dentro do próprio município, gerando renda, dinamizando o comércio e melhorando o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M).

Martinhago (2017), turismóloga em Campo Magro entre 2012 e 2013, menciona um aspecto negativo na questão da “especulação imobiliária, principalmente na região da estrada da comunidade Ouro Fino, que é muito linda. Aumentou bastante o custo da propriedade lá”. Na região do Restaurante Pedra Chata Ecológico também foi relatado aumento do valor dos imóveis, porém não se sabe se é uma consequência do crescimento do empreendimento ou se o fato ocorreu em toda região (MAESKI, 2019).

O mesmo comentário apareceu na entrevista da moradora Dal Santos (2019), que é corretora de imóveis em Curitiba e Campo Magro. Ela diz que os imóveis tiveram uma grande elevação de preço nos últimos anos, mas que isso não tem relação com os empreendimentos de turismo e sim com outras melhorias, como a revitalização da Estrada do Cerne e mesmo o ciclo econômico. Acredita ela que “se for implantado o projeto ‘Parque das Pedreiras’ esse custo vai se elevar ainda mais, mas é um comportamento normal de mercado”.

O atual secretário de turismo e demais entrevistados não relataram aspectos negativos nos impactos econômicos em decorrência do turismo.

e) ‘Circuito italiano de turismo rural

No que se refere aos impactos econômicos, o representante do poder público (BONIN, 2018) e um empreendedor do ramo gastronômico (MIKOSKI, 2018) relatam a diversificação e ampliação das atividades econômicas com a implantação do roteiro, o que propiciou o aumento da empregabilidade para a comunidade local. Com o turismo houve também o aumento do consumo de bens e serviços em geral,

contribuindo na geração de renda nos empreendimentos do roteiro. Strapasson (2018), empreendedor vitivinicultor, fala também das transformações na questão financeira, quando diz que “mudou bastante a questão de renda. O turismo movimenta as pessoas da cidade que estão num *stress* e eles vem com um dinheirinho”.

Comenta ainda Bonin (2018) sobre a valorização das propriedades rurais e o benefício com estancamento do êxodo, pois várias famílias conseguem manter seus filhos nas propriedades em decorrência da atividade turística.

(...) o que a gente nota que o que eles mais queriam era manter os filhos na propriedade, evitando o êxodo rural. E a gente percebe que muitas propriedades os filhos se formaram e voltaram para trabalhar nos empreendimentos que hoje estão funcionando bem. Como a Franco Italiano, os dois filhos (...) do Morango Natural que o filho é agrônomo, a Vinícola Gasparin que a filha e o genro tomam conta e profissionalizaram a vinícola, a Vinícola Strapasson também vem acolhendo gerações e agora o filho está ajudando, na Vinícola Cavali também a filha se formou e está tocando junto, o É da Pam tocado pela mãe com os filhos.

Assim é possível notar que o envolvimento da nova geração nos empreendimentos garante a permanência de seus integrantes na propriedade e a continuidade nas atividades turísticas.

No ‘Circuito italiano de turismo rural’ existe, todavia, uma sazonalidade de público em meses de férias. No período letivo há o turismo pedagógico e os clubes da terceira idade, fala a turismóloga representante do Poder público (BONIN, 2018). Nas férias este público desaparece. Os demais entrevistados não relataram impactos econômicos negativos em decorrência do turismo.

Não foi relatado em nenhum roteiro problemas com aumento da dependência local e regional da atividade turística em detrimento de outras atividades produtivas nem ampliação das desigualdades econômicas.

SINOPSE CONCLUSIVA

A envolvente Teoria dos Sistemas perpassa por um campo amplo, até mesmo porque seu grau de aplicabilidade abarca muitas realidades que podem ser concebidas como sistema. Moesch (2004) lembra que foram as virtudes sistêmicas que permitiram ao turismo, enquanto ciência social, ser posicionado num nível transdisciplinário, ou seja, que concebe simultaneamente tanto a unidade como a diferenciação das ciências, transcendendo para além da natureza material de seu objeto. Desta forma, o turismo passou também a ser compreendido como um sistema aberto e orgânico, com conteúdo interdisciplinar e, até mesmo, transdisciplinar. Nesta associação teórica e empírica, o conceito de sistema aberto complexo evoluiu para ecossistema turístico (BENI E MOESCH, 2017).

Com base nesta abordagem sistêmica, buscou-se investigar a articulação do turismo a um projeto com capacidade de gerar sinergias positivas a partir da tríade pensada por Veiga (2002): recomposição dos territórios, sistemas produtivos locais e meio ambiente. Para tanto, associou-se o processo de criação de roteiros turísticos rurais à concepção de desenvolvimento territorial rural. Esta modalidade de desenvolvimento se caracteriza pela construção de um sistema de autogovernança capaz de promover a transformação produtiva das zonas rurais mantendo nelas seus protagonistas, ou seja, seus moradores e, mais que isso, melhorando as condições e qualidade de vida desses.

Considerando que a organização de governança local ou autogovernança é o primeiro passo para a criação de roteiros turísticos rurais que trilhem em direção a um projeto de desenvolvimento territorial, foram selecionados cinco roteiros turísticos no entorno rural do Aglomerado Urbano de Curitiba nos quais os atores locais tivessem papel de destaque em sua construção. A análise aprofundada dos processos de transformação desencadeados pelo sistema de autogovernança nos territórios destes roteiros constituiu-se no eixo central da investigação.

A trajetória de condução dos projetos de desenvolvimento nestes cinco estudos de caso foi diferenciada, o que enriqueceu a análise. Nessa diferenciação, destaque é o grau de envolvimento dos atores no desencadear da autogestão e também na mediação nas relações com o Estado (QUADRO 20).

QUADRO 20 - CRONOLOGIA DE CRIAÇÃO DOS ROTEIROS, ASSOCIAÇÕES E CONSELHOS DE TURISMO NOS MÚLTIPLOS CASOS

	Caminho do vinho	Circuito rural Taquaral	Turismo rural nas colônias polonesas	Verde que te quero verde	Circuito italiano de turismo rural
Oferta turística anterior à criação do roteiro	Sim	Sim	Sim	-	Sim
Iniciativa de criação do roteiro	COMEC, ECOPARANÁ, EMATER/Pr, Prefeitura e Empresários	Empresários	Empresários	COMEC, ECOPARANÁ, EMATER/Pr, Prefeitura e Empresários	COMEC, ECOPARANÁ, EMATER/Pr, Paraná Turismo e Prefeitura
Ano de criação do roteiro	1999	2015	2006	1998	1999
Ano de criação da associação	2004	2010	2007	2003	2006
Ano de criação do COMTUR	1998	1998	-	2014*	2002*

FONTE: Entrevistas

ORG: A Autora (2019)

NOTA: (-) inexistente *Com períodos inativos

Dos cinco roteiros analisados, quatro já tinham empreendimentos turísticos antes da criação dos roteiros. Exceção é o caso do roteiro ‘Verde que te quero verde’. Observa-se que a proposta de criação dos primeiros roteiros, aqueles que surgiram em 1998 e 1999, não parte da comunidade, sendo esta iniciativa do Estado através da ECOPARANÁ, COMEC e EMATER. Depois da organização da ADETUR – Rotas do Pinhão em 2003, a iniciativa passa a ser inteiramente dos empresários, sendo o poder público apenas coadjuvante. Esse é o caso dos roteiros criados em 2006 e 2015. Todavia, mesmo sem um sistema de autogovernança em sua fase inicial, estes foram se consolidando ao longo do tempo.

Dos cinco roteiros analisados, quatro seguiram um cronograma onde a criação do roteiro antecedeu a criação da associação. Nestes casos, a necessidade de uma instância de autogovernança foi se desenvolvendo a partir de questões concretas em um sistema já em funcionamento. Apenas o ‘Circuito Rural Taquaral’ teve a criação da associação anterior à criação do roteiro, o que demonstra uma capacidade diferenciada de planejamento dos atores locais. Essa capacidade pode ser atribuída a sua criação mais tardia, o que lhe permitiu incorporar as experiências dos que o antecederam. Neste circuito, diferente dos demais, a criação da associação antecedeu em cinco anos a do roteiro, demonstrando também uma

longa fase de planejamento, amadurecimento e insistência diante das questões burocráticas antes da implantação do roteiro.

No roteiro 'Turismo Rural nas Colônias Polonesas' o intervalo entre a oficialização do roteiro e da associação foi de um ano, nos demais este foi igual ou superior a cinco anos. Há, portanto, uma tendência de oficialização da autogovernança do sistema de roteirização posterior a sua criação, evidenciando uma fase anterior de experiência no coletivo antes de criação da associação. Exceção é o caso do 'Circuito rural Taquaral'.

Em relação aos Conselhos Municipais de Turismo, que fazem a ponte entre sociedade e Estado, apenas quatro roteiros tem conselhos ativos em seus municípios e participam nestes com assento. Em Campo Largo, município do roteiro 'Turismo Rural nas Colônias Polonesas', não há COMTUR. Os quatro roteiros com COMTUR ativo, tem distribuição paritária, ou seja, 50% dos membros são representantes da sociedade civil organizada e 50% dos assentos são preenchidos por representantes do poder público. Em Campo Magro, município de localização do roteiro 'Verde que te quero verde', a reativação do COMTUR é recente e a participação por parte da associação é baixa. No 'Circuito italiano de turismo rural' de Colombo em que o conselho não funciona sincronicamente, suas reuniões ocorrem de forma esporádica.

Assim, é possível notar tanto casos de funcionalidade como de disfuncionalidade nesta interrelação entre sociedade e Estado. Tanto na fase de formação inicial dos roteiros como em seu andamento posterior, ficam latentes as insatisfações dos empresários de turismo que integram os roteiros com relação ao poder público. Há uma forte expectativa de que este faça mais do que consegue ou do que deveria oferecer. Espera-se mais empenho em ações como as de sinalização, iluminação, asfalto e divulgação.

Uma categorização, apresentada no QUADRO 21, permite observar que os atrativos dos roteiros analisados são predominantemente empreendimentos de serviços e equipamentos, tanto em quantidade quanto em associados. Em segundo lugar aparecem os atrativos culturais, presente em todos os roteiros, porém nenhum deles participa das respectivas associações. Na sequência aparecem àqueles relacionados a atividades produtivas, sobretudo as agroindústrias familiares, com pouca participação. E, por fim, os atrativos naturais, que são em menor quantidade e se apresentam em apenas dois dos roteiros, sendo que nenhum deles é associado.

QUADRO 21 - CATEGORIZAÇÃO DOS ATRATIVOS QUE COMPOEM OS ROTEIROS TURÍSTICOS DO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA, SEGUNDO SUA PARTICIPAÇÃO NAS ASSOCIAÇÕES

Roteiro	Atrativos Naturais		Atrativos Culturais		Serviços e equipamentos		Atividades Produtivas		Total
	Sócios	Não sócios	Sócios	Não sócios	Sócios	Não sócios	Sócios	Não sócios	
Caminho do vinho	-	-	-	11	33	1	-	1	46
Circuito rural Taquaral	-	-	-	7	25	-	4	-	36
Turismo rural nas colônias polonesas	-	-	-	8	2	-	6	-	16
Verde que te quero verde	-	5	-	6	9	13		1	36
Circuito italiano de turismo rural	-	2	-	8	-	16	-	5	31

FONTE: Scrobote (2016), Zanchetta (2016), Lima (2017), Bonin (2018) e Maeski (2019)

ORG: A autora (2019)

NOTA: (-) inexistente

Trata-se, portanto, de um grande esforço local para aproveitamento do potencial endógeno em prol do desenvolvimento territorial. A cultura, a natureza e as atividades produtivas são refuncionalizadas para se adequar a nova atividade, o turismo. Nem todos os atrativos fazem parte desse esforço coletivo, há ainda um grande número destes que não se vinculam as associações dos roteiros. Há uma tendência maior dos atrativos de serviços e equipamentos se vincularem mais as associações do que aqueles ligados a cultura, a natureza e as atividades produtivas.

O ‘Caminho do vinho’ é o roteiro, entre os selecionados, que possui o maior número de atrativos e também aquele cuja associação apresenta o maior número de sócios. Na sequência, empatados com 36 atrativos, tem-se os roteiros ‘Circuito rural Taquaral’ e ‘Verde que te quero verde’, ambos os roteiros tem atrativos culturais não ligados à associação. Segue-se com o ‘Circuito italiano de turismo rural’, com 31 atrativos, cuja associação está inativa. Com menor número de atrativos aparece o ‘Turismo rural nas colônias polonesas’, no qual os atrativos culturais também estão fora da associação, apesar de atuarem em conjunto.

A viabilização de estudos, planos e projetos são passos importantes no processo de roteirização turística (QUADRO 22). Estes são fundamentais tanto na fase que precede a implantação do roteiro, quanto nas fases posteriores de consolidação, seja para produzir, ou para captar dinâmicas no sistema. A

participação de todos os atores envolvidos na roteirização, representantes da sociedade e do Estado, pode evitar situação de abandono ou de inviabilidade na execução das propostas.

QUADRO 22 – VIABILIZAÇÃO DE ESTUDOS, PLANOS E PROJETOS NOS MÚLTIPLOS CASOS

Roteiros	Estudos, planos e projetos
Caminho do vinho	INVTUR (1998, 2006 e 2019); PDT (1998)
Circuito rural Taquaral	INVTUR; Diagnóstico Participativo (2009/2012); Plano Técnico (2011)
Turismo rural nas colônias polonesas	-
Verde que te quero verde	Análise do Potencial Turístico (2002); PDT e INVTUR (2004/2005); PD (2006); INVTUR (2011/2012)
Circuito italiano de turismo rural	INVTUR; DC 2014/2015

FONTE: A Autora (2019)

NOTA: (-) inexistente

Dos cinco roteiros estudados, apenas o ‘Caminho do vinho’ e o ‘Circuito rural Taquaral’ tiveram estudos anteriores à oficialização dos roteiros. O roteiro ‘Verde que te quero verde’ já realizou três inventários desde sua criação, o que revela uma preocupação no acompanhamento da evolução da oferta turística, porém não foram notadas ações concretas e atualizadas em decorrência de tais estudos.

Outros dois roteiros realizaram estudos posteriores à oficialização destes. O ‘Verde que te quero verde’ passou por vários momentos de inventários, planos de desenvolvimento turísticos e análise potencial, já o ‘Circuito italiano de turismo rural’ teve seu primeiro inventário após quinze anos de funcionamento. O ‘Turismo rural nas colônias polonesas’ nunca fez nenhum tipo de estudo, plano ou projeto.

Um caso evidente de disfuncionalidade na operacionalização dos estudos realizados é o caso do ‘Circuito rural Taquaral’, onde estudos foram realizados e engavetados em função da mudança na gestão municipal. Isso retrata a importância da participação da comunidade em todo o processo turístico, o que representa envolvimento também nos estudos, planos e projetos. Neste caso, como a associação ainda estava se organizando e o roteiro não estava consolidado, não teve forças para dar continuidade efetiva do projeto que chegou a ter INVTUR, Diagnóstico Participativo (2009/2012) e Plano Técnico (2011) e foi encabeçado pela prefeitura que mudou de gestão.

A fase de implementação de planos e projetos costuma ser aquela com o maior índice de conflitos e dificuldades. Neste caso, torna-se fundamental, focar na

integração, compromisso e confiança entre os atores envolvidos, para que assim os problemas possam ser resolvidos de maneira mais assertiva.

Sobre as transformações nos sistemas produtivos dos territórios nos quais os roteiros foram implantados, notaram-se evidências positivas. Embora tenham mudado hábitos antigos, a nova realidade com o turismo permitiu maior qualificação profissional dos moradores, além de melhorias nos equipamentos, serviços e infraestrutura. Observa-se, nos múltiplos casos deste estudo, a agregação de valor à propriedade rural propiciada pelo turismo. Mantiveram-se características do sistema produtivo local, agregando-se a este as atividades turísticas, o que revela a preocupação de se utilizar o potencial endógeno da região na qual os roteiros se inserem. Revela-se também o potencial articulador e indutor do turismo para o crescimento e desenvolvimento local, que passa a atuar de forma integrada com as atividades econômicas pré-existentes.

Na capacitação e qualificação para o turismo, que além dos serviços prestados abrange também a gestão empresarial, foram encontradas várias (des)funcionalidades. A capacitação dos atores individual e coletiva ocorre de maneira contínua em apenas dois dos cinco roteiros estudados - 'Caminho do vinho' e 'Circuito rural Taquaral'. No roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' a capacitação ocorre de forma eventual, por busca individual do empresário ou por iniciativa coletiva. No circuito 'Verde que te quero verde' a capacitação ocorre apenas individualmente, ou seja, cada empresário procura isoladamente a formação que acha necessária para si ou para seus funcionários. No caso do 'Circuito italiano de turismo rural', a prefeitura de Colombo promove capacitações para o turismo, mas a participação é muito baixa. O 'Caminho do vinho' é o único roteiro que já possui no estatuto a "qualidade" como item obrigatório para ingresso na associação.

As visitas técnicas são vistas como uma das principais atividades formativas em dois roteiros, o 'Caminho do vinho' e o 'Circuito rural Taquaral'. É uma oportunidade para observar outras experiências e extrair delas ideias aplicáveis a cada realidade. A coordenação do roteiro 'Turismo rural nas colônias polonesas' já fez essa atividade no passado, porém atualmente não tem realizado. Os empreendedores do 'Verde que te quero verde' nunca realizaram visitas técnicas a outros roteiros. A coordenação do 'Circuito italiano de turismo rural' relatou uma experiência negativa neste sentido. Foi relatado que após a visita, alguns visitantes

queriam fazer cópia fiel de alguns itens que viram no roteiro visitado e que isso não era possível pelas características do roteiro visitante.

De maneira geral, dos cinco casos estudados, apenas o 'Caminho do vinho' se preocupa com a disfuncionalidade do sistema de roteirização. Esta é decorrente do aumento desordenado dos visitantes, identificando uma possível saturação aos finais de semana ensolarados. Isso é resultante tanto da expansão numérica de novos empreendimentos, da concentração espacial demasiadas dos atrativos e da falta de orientação aos turistas do uso de rotas alternativas. Para corrigir esta distorção, torna-se necessário a elaboração de um plano de monitoria e avaliação do roteiro.

No que se refere à promoção e comercialização dos roteiros, apesar de se entender que a iniciativa privada seja o principal agente responsável por estas, é também aceito que outros atores possam conduzir ou apoiar. O que se observa na realidade dos múltiplos casos estudados é a tendência desta ser proveniente da parte do poder público municipal, tanto na elaboração de ferramentas de divulgação quanto na realização de eventos dinamizadores.

Não é possível, entretanto, notar uma linearidade na forma de divulgação dos roteiros. Os roteiros 'Caminho do vinho', 'Turismo rural nas colônias polonesas' e 'Circuito italiano de turismo rural' possuem *site* próprio. Os roteiros 'Caminho do vinho', 'Turismo rural nas colônias polonesas' e 'Verde que te quero verde' possuem *folders* próprios. Já os roteiros 'Caminho do vinho', 'Circuito rural Taquaral' e 'Circuito italiano de turismo rural' tem suas divulgações também em *folders* coletivos promovidos pelas prefeituras. Apesar de páginas no *facebook* serem gratuitas, apenas dois roteiros – o 'Caminho do vinho' e 'Circuito rural Taquaral' - utilizam essa ferramenta de divulgação. O 'Circuito italiano de turismo rural' tem ainda como estratégia de divulgação o uso de adesivo perfurado nos ônibus intermunicipais, sendo esta, uma iniciativa da prefeitura municipal. O 'Caminho do vinho' é o que se utiliza de maior variabilidade de ferramentas de divulgação.

Os eventos são mecanismos que dinamizam a visitação nos roteiros e fortalecem as parcerias (QUADRO 23).

QUADRO 23 – EVENTOS PROGRAMADOS NOS ROTEIROS TURÍSTICOS EM ESTUDO NO ENTORNO DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA

Roteiro	Nº. Eventos	Modalidade	Organização
Caminho do vinho	5	Festas, Mostras, Caminhadas e Pedaladas	Prefeitura, ACAVIM e Grupos
Circuito rural Taquaral	12	Festas, Feiras, Cavalgadas, Caminhadas	Prefeitura, ACAMP, Comunidades e Igreja
Turismo rural nas colônias polonesas	3	Festas, Festivais, Caminhadas	Prefeitura, ATRCP e RF
Verde que te quero verde	12	Campeonatos, Encontros, Pedaladas, Caminhadas, Festas, Rodeios, Festivais Copas	Prefeitura, Clubes, Igreja, Empreendimentos
Circuito italiano de turismo rural	7	Festas, Caminhadas, Mostras, Romarias, Missas	Prefeitura, Igreja, Associações, Comunidades

FONTE: Scrobote (2016), Zanchetta (2016), Tozetto (2018), Bonin (2018) e Lima (2017)

ORG: A autora (2019)

As modalidades de eventos organizados são bem variadas, mas todos os roteiros estudados realizam caminhadas. Os roteiros ‘Caminho do vinho’ e ‘Verde que te quero verde’ fazem também pedaladas. Os roteiros ‘Circuito rural Taquaral’ e ‘Verde que te quero verde’ são os que mais organizam eventos.

Nos roteiros ‘Circuito rural Taquaral’ e ‘Turismo rural nas colônias polonesas’ a iniciativa da organização dos eventos é advindo da associação em parceria com a sociedade civil organizada, contanto com o apoio do poder público. No ‘Caminho do vinho’ a maioria dos eventos ocorre em conjunto entre a associação e a prefeitura. Já nos roteiros ‘Verde que te quero verde’ e ‘Circuito italiano de turismo rural’ não há nenhum evento organizado pela associação ou empresários de turismo, sendo todas as iniciativas da prefeitura e/ou outras entidades.

No que se refere a equipamentos, serviços e infraestrutura de apoio (QUADRO 24) notou-se disfuncionalidade quanto à sinalização na maior parte dos casos. Apenas nos roteiros ‘Caminho do vinho’ e ‘Turismo rural nas colônias polonesas’ a sinalização com placas está atualizada em virtude da cobrança da associação ao poder público. Em outros dois roteiros o ‘Verde que te quero verde’ e ‘Circuito italiano de turismo rural’ há sinalização, mas ela está defasada e precária. O ‘Circuito rural Taquaral’ nunca teve sinalização, mas está atualmente em implantação de localização do roteiro e das comunidades com recurso público municipal e dos atrativos associados com recursos próprios da ACAMP.

QUADRO 24 – EQUIPAMENTOS, SERVIÇOS TURÍSTICOS E INFRAESTRUTURA DE APOIO NOS ROTEIROS TURÍSTICOS DO ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA

Roteiro	Equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio
Caminho do vinho	Guia de turismo
	Ônibus que percorre o roteiro
	Site próprio
	Portal
	Sinalização turística padronizada com placas e postes dentro do roteiro e placas de localização na rodovia
Circuito rural Taquaral	Placas dentro do roteiro
Turismo rural nas colônias polonesas	Site próprio
	Sinalização com placas e postes dentro do roteiro
Verde que te quero verde	Sinalização (defasada e precária) com placas dentro do roteiro
Circuito italiano de turismo rural	Guia de turismo
	Posto de informação turística
	Site próprio
	Sinalização turística padronizada com placas dentro do roteiro (defasada e precária)

ORG: A Autora (2019)

O Posto de Informações Turísticas não é um equipamento obrigatório, estando presente apenas no ‘Circuito italiano de turismo rural’. Os roteiros ‘Circuito rural Taquaral’ e ‘Verde que te quero verde’ não o possuem postos de informação, não tem *site* próprio e nem sinalização. Sem estes serviços fica difícil o acesso dos visitantes às informações.

Dos cinco roteiros estudados, quatro reconhecem a força das associações e representatividade nos conselhos como fundamental na conquista de melhorias estruturais dos roteiros, tais como iluminação pública, pavimentação, sinalização, etc. Apenas em um caso, no ‘Circuito italiano de turismo rural’, a iniciativa das melhorias implantadas foi exclusivamente por iniciativa do poder público. A associação e o COMTUR não conseguiram imprimir uma representatividade significativa a ponto de ser ouvida.

Entre as principais articulações externas dos sistemas de roteirização está a procedência do público frequentador destes. Nesse sentido, todos os roteiros estudados possuem forte articulação com Aglomerado Urbano de Curitiba. Exceção é o ‘Circuito rural Taquaral’, cujo público advém, sobretudo, de seu próprio município. Isso se justifica por este ainda estar em fase de estruturação, mas se almeja atingir o público da capital futuramente.

Ainda em termos de público, uma característica que diferencia o roteiro 'Verde que te quero verde' é sua segmentação. O roteiro se volta ao turismo de aventura em um viés que articula esporte e ecologia, tendo como frequentadores assíduos: pilotos de voo livre, ciclistas, jipeiros e trilheiros. Há, todavia, uma tendência de negar este público, não lhes oferecendo espaço adequado, segurança, sinalização e restaurantes com áreas externas. Não existe um preparo nem para recebê-los e nem para integra-los entre si. Essa e outras disfuncionalidades poderiam ser facilmente percebidas se o roteiro passasse por constante monitoria e avaliação. Assumindo esta segmentação e se preparando para ela, seria possível resolver os conflitos existentes entre estes grupos e a comunidade local.

As variações no clima e no tempo afetam diretamente o público dos roteiros. Por serem em áreas rurais, os empreendimentos que não tem ligação por vias asfaltadas tendem a ter um percentual de perda maior, chegando a 70% a diminuição de público em finais de semana chuvosos. Não há, todavia, estudos atualizados que revelem tipo de público, tempo médio de visitação e gasto médio.

Aspectos importantes, característicos de cada um dos roteiros, possibilitam uma avaliação destes com relação aos impactos positivos que proporcionaram a suas localidades e seus municípios. No 'Verde que te quero verde' tem-se a construção de uma imagem turística ao município a partir de suas características ambientais e socioculturais. No 'Caminho do vinho' destaca-se a instalação de ETEZRs. No 'Circuito rural Taquaral' e no 'Turismo rural nas Colônias polonesas' a preparação para o turismo estimulou a conservação da paisagem local e da biodiversidade. No 'Circuito rural Taquaral' a elaboração de um plano de educação ambiental já apresentou efeitos positivos neste sentido.

Um panorama geral dos impactos e benefícios do turismo nos múltiplos casos estudados é apresentado no QUADRO 25. Observa-se, a partir das falas dos entrevistados, que os impactos positivos trazidos com os roteiros turísticos superam seus impactos negativos.

QUADRO 25– IMPACTOS DO TURISMO NOS MÚLTIPLOS CASOS

Impactos Positivos	Ambientais	Conscientização ambiental
		Identidade ecológica
		Preservação ambiental
		Coleta seletiva de lixo
		Plano de manejo e capacidade de carga
		Estação de tratamento de resíduos
		Usina/Centro de reciclagem
	Socioculturais	Consolidação da imagem e identidade cultural
		Valorização da comunidade e de suas atividades características
		Preservação do patrimônio histórico, cultural e arquitetônico
		Interação da comunidade
	Econômicos	Valorização dos produtos locais
		Diversificação e ampliação das atividades econômicas
		Geração de renda
		Geração de emprego local
		Manutenção da família no empreendimento*
Impactos Negativos	Ambientais	Aumento de lixo
		Erosão nas trilhas
		Degradação das estradas
		Poluição sonora (jipes e motos)
	Socioculturais	Descaracterização cultural
		Invasões por trilheiros
	Econômicos	Especulação imobiliária
		Sazonalidade

FONTE: Entrevistas

ORG.: Autora (2019)

NOTA: (*) itens identificados como 'benefícios' por estarem no plano pessoal.

Em termos ambientais, os proveitos com a implantação dos roteiros turísticos foram o aumento na conscientização para com a questão ecológica, a separação e coleta seletiva de lixo, a preocupação com a capacidade de carga dos atrativos, bem como, a implantação de estação de tratamento e centro de reciclagem. Por outro lado, o aumento no fluxo de pessoas e veículos levou ao aumento do lixo, a erosão nas trilhas, a degradação das estradas e a poluição sonora.

Em termos socioculturais, os impactos positivos com a implantação dos roteiros foram a consolidação da imagem e identidade cultural das localidades, a valorização das comunidades e de suas atividades características, uma maior interação e coesão social nestas, além da preservação do patrimônio histórico, cultural e arquitetônico existente. Por outro lado, o contato com os turistas vem

trazendo certa descaracterização cultural e uma invasão na vida cotidiana das comunidades.

Em termos econômicos, os impactos positivos com a implantação dos roteiros foram a diversificação e ampliação das atividades locais, a geração de emprego e renda, além do benefício da manutenção das novas gerações nos empreendimentos. Por outro lado, o preço da terra se elevou em função da especulação imobiliária e os empreendedores precisaram se organizar para uma atividade com sazonalidade, como é o caso do turismo.

Assim, a agregação do turismo ao sistema produtivo local de base agropecuária permitiu aos roteiros estudados, tornarem-se instrumentos indutores de desenvolvimento endógeno e territorial na zona rural de seus municípios. Tal indução se tornou viável, sobretudo, pela localização estratégica no entorno do Aglomerado Urbano de Curitiba, equilibrando oferta e demanda às atividades turísticas.

Para tal transformação social positiva, papel importante deve ser atribuído ao desenvolvimento de um sistema de autogovernança, de caráter autônomo, construído a partir da organização das associações e conselhos de turismo, bem como da integração destas a uma ampla rede externa de cooperação. As instâncias de governanças contribuem para gerar uma dinâmica produtiva, com competitividade e sustentabilidade, que articula a economia de seus territórios para mercados alternativos, ou seja, não apenas voltados à agropecuária e ao turismo convencional.

Neste contexto, o turismo no meio rural articulado nos roteiros pesquisados se apresentou como um instrumento versátil de 'desenvolvimento territorial' à medida que dinamizou os potenciais da produção agroecológica, das festas típicas, da gastronomia, da natureza e da arquitetura, agregando valor aos produtos e as propriedades rurais por meio de parcerias e qualificação dos empreendedores.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Agricultura familiar e Desenvolvimento Territorial**. IICA 940/98 Núcleo de Estudos Agrários para o Desenvolvimento do Ministério Extraordinário de Assuntos Fundiários. 1998.
- ACADEMIA ASSAÍ. **Prêmio Academia Assaí Bons Negócios**. Disponível em: <https://www.academiaassai.com.br/premio>. Acesso em: jun 2019.
- ACAMP – **Circuito rural Taquaral**. Disponível em: <https://www.facebook.com/Circuito-Rural-Taquaral-ACAMP-101377353830181/>. Acesso em: 13 out. 2017.
- AE – ALIANÇA EMPREENDEDORA. Missão. Disponível em: <http://aliancaempreendedora.org.br/>. Acesso em 08 out. de 2017.
- ALVES, F. dos S.; BRAMBATTI, L. E. Turismo de base comunitária: uma alternativa para a comunidade do Parati. **Anais...** VIII Fórum Internacional de Turismo do Iguassu. Realizado de 04 a 06 de junho de 2014 - Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil. Disponível em: <http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/14.-turismo-de-base-comunit%c3%81ria-uma-alternativa-para-a-comunidade-do-parati.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- AMAPA - Associação dos Moradores e Amigos da APA Estadual do Passaúna, em Campo Magro. **Zoneamento Ecológico Econômico da Área de Proteção Ambiental do Rio Passaúna e APA do rio Verde**. Disponível em: <https://amapadopassauna.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2017.
- APROVALE. Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos. Disponível em: <http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/conteudo.php?view=96&idpai=132#null>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- ASSOCIAÇÃO ITALIANA. **Settimana Italiana**. Disponível em: www.associacaoitaliana.org.br/. Acesso em: 25 ago. 2018.
- BAHL, M. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- BAHL, M.; NITSCHKE, L. B. Roteiros e itinerários turísticos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo. In: RAMOS, Silvana Pirillo. **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre, Asterisco, 2012. p. 37-54.
- BARRETO, R. R; OLIVEIRA, E. S; SICSÚ, A. B. Arranjo produtivo local e desenvolvimento endógeno: uma apresentação do APL de turismo no litoral norte do estado de Alagoas. In: XXVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2007. **Anais...** Foz do Iguaçu/PR, 2007.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 2ª Ed. Senac. 1998.
- BENI, M. C. Política e Estratégia do Desenvolvimento Regional: Roteiro Metodológico com base na Instrumentação e Operacionalização do Sistur – Sistema de Turismo Aplicado ao Projeto Costa Oeste – Estudo de Caso. **Turismo Visão e Ação**, 2(3), 51- 70. 1999.
- BENI, M. C. Sistema de Turismo – SISTUR: Estudo do Turismo face à moderna teoria de sistemas. **Turismo em análise**, 1(1) 1990.

BENI, M. C.; MOESCH, M. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Revista Turismo - Visão e Ação** - eletrônica, vol. 19 - n. 3 - set. - Dez. 2017.

BERNARDES, A. T; ALBUQUERQUE, E; RUIZ, R. M; RIBEIRO, L. C. **Modelling the role of national system of innovation in economical differentiation**. In: 8th Granada Seminar on Computational and Statistical Physics (Modeling Cooperative Behavior in the Social Sciences), 2005, Granada. Proceedings. New York: AIP, 2005.

BERRY, B. J. L. **City as Systems within Systems of Cities**. In: FRIEDMANN, J.; ALONSO, W. Regional Development and Planning, a Reader. Boston, MIT Press, 1964.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BIESEK, A. S. **Turismo de base comunitária e desenvolvimento territorial: políticas e práticas em Foz do Iguaçu e Região**. 331 f. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

BINFARÉ, P. W.; SONALGLIO, K. O sistema de turismo e sua possível ressignificação a partir da teoria da complexidade. In: XII Seminário ANPTUR 2015, 2015, Natal. **Anais do XII Seminário ANPTUR 2015**. Disponível em: http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DFP1_pdf/44.pdf. 2015. v. 1. p. 15-25.

BOISIER, S. **Em Busca do Esquivo Desenvolvimento Regional: entre a caixa-preta e o projeto político**. Planejamento e Políticas Públicas, n. 13. Brasília: IPEA, 1996.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do Espaço Turístico**. Tradução Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BOULLÓN, R.C. **Planificación del espacio turístico**. 3ª. Ed. México: Trillas. 1997.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRAGA, D. C. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BRAMBATTI, L. E. (org). **Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico**. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

Bruyne, P. de; Herman, J.; Schoutheete, M. de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica**. Tradução de Ruth Joffily. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

BURNS, P. M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. Traduzido por: Dayse Batista. São Paulo: Chronos. Tradução de: An introduction to tourism & anthropology. 2002.

CALDEIRA, T. P. do R. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp. 2000.

CAMINHO DO VINHO. **Caminho do vinho recebe 2º Pedal da Integração**. Disponível em: <http://www.caminhodovinho.tur.br/caminho-do-vinho-recebe-2o-pedal-integracao/>. Acesso em: 22 set. 2017.

CAMINHO DO VINHO. **Cantina Della Mamma**. Disponível em: <http://www.caminhodovinho.tur.br/cantina-della-mamma/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CAMINHO DO VINHO. **Site oficial do Caminho do vinho**. Disponível em: <http://www.caminhodovinho.tur.br/>. Acesso em: 15 fev. 2016.

CANDIOTTO, L. Z. P. **Turismo rural na agricultura familiar: uma abordagem geográfica do circuito italiano de turismo rural (CITUR), Município de Colombo - PR**. 439 fls. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. 4. ed. São Paulo: Impresso Brasil, 2000.

CEPP - COLÉGIO ESTADUAL PINHEIRO DO PARANÁ. Pesquisa de Demanda Realizada em Campo Magro. Curitiba, 2006

CHAMEL. **Quem somos**. Disponível em: <https://chamel.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 20 set. 2017.

CHORLEY, R. J.; KENNEDY, B. A. **Physical Geography: a systems approach**. London: Prentice Hall, 1971.

CHRISTOFOLETTI, A. **Análise de Sistemas em Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1979.

CISNE, R. de N. C. **Roteiro turístico, tradição e superação: tempo espaço, sujeito e (geo)tecnologia como categorias de análise**. 2010. 210f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/3/TDE-2010-1111T093314Z393/Publico/Dissertacao%20Rebecca%20de%20Nazareth%20Costa%20Cisne.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017.

CITUR. Manual de Normas e Procedimentos Internos do Circuito Italiano de Turismo Rural. Disponível em: <http://turismo.colombo.pr.gov.br/2017/02/01/circuito-italiano-de-turismo-rural/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

CÓDIGO CIVIL. “Das Associações”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm. Acesso em 01 abr 2019.

COLÔNIAS POLONESAS. **Mapa Rural**. Disponível em: <http://www.coloniaspolonesas.com.br/>. Acesso em: 21 set. 2017.

COMEC - Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba. **Núcleo Urbano Central**, 2012. Disponível em: <http://www.comec.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=89>. Acesso em: Ago. 2017.

COMEC. **Paraná protege mananciais para garantir água agora e no futuro**. Disponível em: <http://www.comec.pr.gov.br/modules/noticias/article.php>. Acesso em: 19 set. 2017.

COMEC. **Situação geográfica**. Publicado em 29/06/2015. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/comec/ormc.html>. Acesso em: 15 fev. 2016.

COOPER, C.; HALL, C. M.; TRIGO, L. G. G. **Turismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2011.

DREDGE, D. Policy networks and the local organization of tourism. **Tourism Management**, n. 27, pp. 269–280, 2006.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar Curitiba**, v. 2, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em: 21 Ago. 2017.

DUMKE E. M. S. **Clima urbano/conforto térmico e condições de vida na cidade – uma perspectiva a partir do Aglomerado Urbano da Região Metropolitana de Curitiba (AU-RMC)**. 432 fls. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2007

ECHEVERRI, R. Principípios básicos de la territorialidad rural y la economía del território. Palestra apresentada no seminário internacional Enfoque Territorial del Desarrollo Rural 2, Veracruz, México, SAGARPA e IICA, out. 2002.

ECOPARANÁ/COMEC/EMATER. **Projeto Região Metropolitana de Curitiba**. Versão preliminar. Curitiba, 1999.

EMATER. **Caminhada da Lua Cheia**. Disponível em: <http://www.ecobooking.com.br/site3/destinoEventoSimples.php?Xeven=g1b1wx15vdebm5vr5>. Acesso em: 28 set. 2017.

EMATER. **Tecnologia de Tratamento de Efluentes em São José dos Pinhais**. Disponível em: <http://www.emater.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3763>. Acesso em: 06 out. 2017.

FERRARINI, S. **O município de Colombo**. Curitiba: Champagnat, 1992.

FIGUEIRA, L. M. **Roteirização do turismo: Uma abordagem preliminar à “apresentação-interpretação” do território**. Revista Turismo & Desenvolvimento, nº20 de 2013a.

_____. **Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural**. Instituto Politécnico de Tomar, Centro de Estudos Politécnicos da Golegã - CESPOGA. 2013b Disponível em: http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2013/03/Manual_Roteiros_CESPOGA2013.pdf. Acesso em 26/06/2016.

FIRKOWSKI O.; MOURA R. **Metrópoles: território, coesão social e governança demográfica. Curitiba: transformações na ordem urbana**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2014.

FIRKOWSKI, O. L. C. A nova lógica de localização industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, IPARDES, n. 103, p. 79-100, 2002.

_____. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. 2001. 278f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Considerações sobre o grau de integração da Região Metropolitana de Curitiba na economia internacional e seus efeitos nas transformações socioespaciais. In: MOURA, R. e FIRKOWSKI, O. L. **Dinâmicas intrametropolitanas e produção do espaço na Região Metropolitana de Curitiba**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles: Observatório de Políticas Públicas Paraná; Curitiba: Letra capital Editora, 2009a. p.31-60.

_____. Localização industrial e extensão urbana em Curitiba. In: MOURA, R.; FIRKOWSKI, O. L. **Dinâmicas intrametropolitanas e produção do espaço na**

Região Metropolitana de Curitiba. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles: Observatório de Políticas Públicas Paraná; Curitiba: Letra capital Editora, 2009b. p.157-173.

_____. Urbanização, crise urbana e cidades no século XXI: um olhar a partir da realidade paranaense. In: José Borzacchiello da Silva; Luiz Cruz Lima; Eustógio Wanderley Correia Dantas. (Org.). **Panorama da geografia brasileira II.** São Paulo: Annablume, 2006, v. II, p. 57-66.

FRATUCCI, A. C. Os processos de turistificação do espaço e atuação dos seus agentes produtores. **Anais do X ENTBL**, João Pessoa - PB. 2007.

GAZETA DO POVO. **Colônia rural perto de Curitiba ganha uma das mais altas (e belas) igrejas ucranianas do Brasil.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/igreja-ucraniana-na-colonia-marcelino-e-uma-das-maiores-do-brasil/>. Matéria de 2017. Acesso em 25 mar 2019.

GBST - Guia Brasileiro de Sinalização Turística. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/41-guia-brasileiro-de-sinalizacao-turistica.html>. Acesso em: 25 jun 2019.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 49- 76.

GONÇALVES, L. M. RIBEIRO, R. M. Rota e roteiro: desafios para uma nova conceituação. **Caderno de Estudos e Pesquisa em Turismo** - Curitiba, v.5, nº 7, p. 4-18, jul/dez. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Lageo/Downloads/turismo-16119.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2017.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

HALL, C. M. Rural wine and food tourism cluster network development. In: HALL, D.; KIRKPATRICK, I.; MITCHELL, M. (Eds.), **Rural tourism and sustainable business**, p.149–164, Clevendon: Channel View, 2005.

IBGE - Dados do IBGE – **Censo 2010** (divulgado em maio de 2011). Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 15 fev. 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Áreas urbanizadas do Brasil: 2015.** Relatórios metodológicos, v. 44. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

ICOMOS - Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítio. **Carta dos Itinerários Culturais.** Tradução de Ana Paula Amendoeira. 2008. Disponível em: <http://www.icomos.fa.utl.pt> . Acesso em 17 ago. 2016.

IL – INSTITUTO LEGADO. Missão. Disponível em: <http://institutolegado.org/>. Acesso em: 08 out. 2017.

ITCG - Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná. **Relatório de cálculo de área dos municípios do estado do Paraná – ano 2015.** Curitiba, 2015.

IVARS, J. A. **Planificación turística de los espacios regionales en Españã.** Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

JAFARI, J. Toward a framework for Tourism Education. Periódico **Annals os Tourism Research**. 1981.

- JAPIASSU, H. **Introdução às Ciências Humanas**. Letras & letras. São Paulo. 2002.
- KNAFOU, R. Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.62-74.
- LAINÉ, P. Utilisation de La Théorie des Systems pour l'aménagement Touristique. In: SESSA, A. **La Scienza dei Sistemi per lo Sviluppo del Turismo**. Roma: Agnesotti, 1985, p-185-194
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- LEIPER, N. The Framework of Tourism: Towards a Definition os Tourism, Turist, and the Tourist Industry. In: **Annals of Tourism Research**. Great Britain: Pergamon, v.6, 1979, p.390-407
- LENCIONI, S. A metamorfose de São Paulo: o anúncio de um novo mundo de aglomerações difusas. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 120, p. 133-148, jan/jun 2011a.
- _____. Referências analíticas para a discussão da metamorfose metropolitana. In: LENCIONI, S.; VIDAL-KOPPMANN, S.; HIDALGO, R.; PEREIRA, P. C. X. (Orgs.). **Transformações socioterritoriais nas metrópoles de Buenos Aires, São Paulo e Santiago**. São Paulo: FAUUSP, 2011b.
- LIMBERGER, L. Abordagem sistêmica e complexidade na geografia. **Geografia** - v. 15, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/geografia>.
- LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOURENS, M. **Route tourism: a roadmap for successful destinations and local economic development**. Development Southern Africa, 24(3), 475-490. 2007.
- MARTINS, D. A; NETO, P. M. S; SANTOS, E. M; ARAÚJO, G. H. A; CAMPOS, A. J. M. Arranjos produtivos locais: retrospectiva e tendências na perspectiva das operações de serviços. XVI SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2009. **Anais...** Bauru/SP, 2009.
- MATOS, R. **Aglomeraciones Urbanas, Redes de Ciudades e Desconcentración Demográfica no Brasil**. 2000. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt4_3.pdf. Acesso em: 02 fev. 2016.
- MEYER, D. 2004 **Tourism routes and gateways: key issues for the development of tourism routes and gateways and their potential for pro-poor tourism**. London: Overseas Development Institute.
- MILL, R. C.; MORRISON, A. M. **The tourism system Kendall Hunt**. 7ª Edição. Kendall Hunt Pub, Dubuque. 444p. 2012.
- MOESCH, M. M. **Epistemologia social do turismo**. 502f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MOESCH, M.; BENI, M. C. Do discurso sobre a ciência do Turismo para a ciência do Turismo. **Anais do XIV Seminário da ANPTUR**. Natal: Rio Grande do Norte. 2015

Disponível em: http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DFP1_pdf/48.pdf. Acesso em 11 jul. 2017.

MOLETTA, V. **Comercializando um destino turístico**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MOLINA, E. S. **Turismo e ecologia**. Bauru: EDUSC, 2001, pp. 109-147.

MOLINA, S. **Conceptualización Del Turismo**. México: Limusa. 2000.

MORIN, E. **Para sair do Século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Ciência com Consciência**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.

_____. **O Método I: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOTO OFF ROAD. **Trilheiros tem encontro marcado em outubro na grande Curitiba (PR)**. Disponível em: <http://www.motooffroad.com.br/noticias/141-trilhao/1032-trilheiros-tem-encontro-marcado-em-outubro-na-grande-curitiba-pr>. Acesso em: 13 out. 2017.

MOURA, R. **Arranjos urbano-regionais no Brasil: uma análise com foco em Curitiba**. 2009. 242f. Tese (Doutorado em Ciências da Terra) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curso de Doutorado em Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MOURA, R.; KORNIN, T. A internacionalização da metrópole e os direitos humanos. In: MOURA, R.; FIRKOWSKI, O. L. **Dinâmicas intrametropolitanas e produção do espaço na Região Metropolitana de Curitiba**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles: Observatório de Políticas Públicas Paraná; Curitiba: Letra capital Editora, 2009. p.1- 29.

MTur - MINISTÉRIO DO TURISMO. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: **Módulo Operacional 7: Roteirização Turística**/ Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007a.

_____. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: **Módulo Operacional 8: Promoção e Apoio à Comercialização**/ Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. Brasília, 2007b.

_____. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: **Módulo Operacional 3: Institucionalização da Instância de Governança Regional** / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007c.

_____. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: **Ação Municipal para a Regionalização do Turismo** / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007d.

_____. Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: **Módulo operacional 9: Sistema de Monitoria e Avaliação do Programa** / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007e.

_____. **Inventário da Oferta Turística**. LIMA, A. C. G. (Coordenadora) – Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo** - Diretrizes. Brasília, 2013.

NASCIMENTO. E. B.; BELTRÃO. I. de C. **Implantação de circuitos de turismo em áreas rurais nos municípios da Região Metropolitana de Curitiba**. 2009. Disponível em <http://www.obsturpr.ufpr.br/artigos/plannat09.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

NITSCH L. B.; NÉRI L de F.; BAHM M. Organización local de itinerarios turísticos em La Region Metropolitana de Curitiba, Paraná, Brasil. **Revista Gest. tur**, N° 13, Jun. 2010, pp 93 – 112.

NOSCHANG, J. **O modelo teórico SISTUR diante da complexidade do fenômeno turístico**. 182f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo). Universidade de Brasília, 2014.

NU / OMT / CCE / OCDE - NACIONES UNIDAS, ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO, COMISIÓN DE LAS COMUNIDADES EUROPEAS, OCDE. **Cuenta satélite de turismo**: Recomendaciones sobre el marco conceptual, 2008. Estudios de métodos. Serie F, No. 80/Rev.1. Luxemburgo/Madrid/New York, Paris: OMT. 2010.

OLAVE, M. E. L.; AMATO NETO, J. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. **Gestão e Produção**, v.8, n.3, p.289-303, dez. 2001.

OLIVEIRA, E. S. **Impactos socioambientais e econômicos do turismo e suas repercussões no desenvolvimento local: o caso de Itacaré – Bahia**. 153 fls. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz e Universidade Federal da Bahia. Ilhéus, BA. 2008.

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Editora Roca. 2001.

ORTEGA A. C. Desenvolvimento territorial rural no Brasil: limites e potencialidades dos CONSADS. **RER**, Rio de Janeiro, vol. 45, nº 02, p. 275-300, abr/jun 2007 – Impressa em abril 2007.

PANOSSO NETTO, A. LOHMANN, G. **Teoria do Turismo**: conceitos, modelos e sistemas. Editora Aleph, 2012.

PARANÁ - Secretaria do Esporte e do Turismo. Turismo. Publicado em 15/06/2015. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/modules/noticias/article.php>. Acesso em: 10 set. 2017.

PARANÁ TURISMO. **Turismo rural aumenta em 30% renda de agricultores familiares**. Disponível em: <https://www.paranaturismo.com.br/?p=5100>. Acesso em: 02 out. 2017.

PEIXE. R. G., A atividade turística como potencial de desenvolvimento territorial. Estudo de caso: município de Botuverá (SC). **Anais... VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Saberes e fazeres no turismo.** Caxias do Sul. 2010.

PEREIRA, G. A natureza (dos) nos fatos urbanos: produção do espaço e degradação ambiental. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.3, p. 33-51, 2001.

_____. **Produção da cidade e degradação do ambiente: a realidade da urbanização desigual.** 229f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

PMC – PREFEITURA MUNICIPAL DE COLOMBO. Encarte turístico. 2017

PMC – PREFEITURA MUNICIPAL DE COLOMBO. Regulamento para empreendimentos turísticos de Colombo / PR. Disponível em: <http://turismo.colombo.pr.gov.br/download/regulamento-para-empreendimentos-turisticos.pdf>. Acesso em: 16 abr. de 2018.

PMC - PREFEITURA MUNICIPAL DE COLOMBO; UFPR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Inventário da oferta turística e diagnóstico Colombo – Pr.** 2014.

PMCL - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO LARGO. **Campo Largo notícias** Disponível em: <http://campolargo.pr.gov.br/site/noticias/id/4362>. Acesso em: 25 set. 2017.

PMCL - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO LARGO. **Programa de fortalecimento da associação de turismo rural das colônias polonesas.** Disponível em: <http://www.campolargo.pr.gov.br/site/noticias/id/2203>. Acesso em: 15 fev. 2016.

PMCM – PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO MAGRO. **Campo Magro Recicla.** Disponível em: <http://www.campomagro.pr.gov.br/meio-ambiente/>. Acesso em: 14 jul. 2017.

PMCM - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO MAGRO. **Campo Magro respira Turismo Rural.** Disponível em: <http://www.turismocampomagro.com.br/index.php>. Acesso em: 23 fev. 2016.

PMCM - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO MAGRO. **Inventário Turístico 2004/2005 de Campo Magro.** Departamento de Turismo – Prefeitura Municipal.

PMCM - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO MAGRO; UNINTER. **Inventário da Oferta turística de Campo Magro.** 2011-2012.

PMSJP – PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. **Turismo.** 2016 Disponível em: <https://www.facebook.com/TurismoSaoJoseDosPinhais/>. Acesso em: 22 ago. 2016.

PMSJP - PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. **Caminhada Noturna na Natureza reúne 4.500 participantes.** Disponível em: <http://www.sjp.pr.gov.br/caminhada-noturna-na-natureza-reune-4-500-participantes/>. Acesso em: 18 out. 2017.

PMSJP – PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. **Inventário da oferta turística.** São José dos Pinhais: Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, 2006.

PMSJP - PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. **5ª Caminhada na Natureza – Colônia Marcelino bate recorde de participantes.** Disponível em: <http://www.sjp.pr.gov.br/5a-caminhada-na-natureza-colonia-marcelino-bate-recorde-de-participantes/>. Acesso em: 11 fev. 2019a.

PMSJP - PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. **Recorde de caminhantes no Circuito Taquaral em São José dos Pinhais.** Disponível em: <http://www.sjp.pr.gov.br/recorde-de-caminhantes-no-circuito-taquaral-em-sao-jose-dos-pinhais/>. Acesso em: 11 fev. 2019b.

POUSADA MORRO DA PALHA. **Orçamento.** Disponível em: https://hbook.hsystem.com.br/booking?companyId=5a6b586bc19a3c08b4de55da&checkin=12/07/2019&checkout=13/07/2019&adults=2&utm_source=website&utm_medium=search-box&utm_campaign=website. Acesso em: 01 jul. 2019.

PRTUR - Paraná Turismo e SEBRAE PR - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e pequenas Empresas. **Paraná - estudo estatístico 20 anos de turismo.** Curitiba. 2014.

RIBEIRO, L. C.; RIBEIRO, M. G. **Análise Social do espaço urbano metropolitano: fundamentos teórico-metodológicos e descrição dos procedimentos técnicos.** Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia– CNPQ/Observatório das Metrópoles. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.observatoriodasmetropoles.net>

RODRÍGUEZ, T. O. **Bordando paradigmas para el desarrollo:** Metodología para abordar el turismo rural desde el sujeto social. DR 2009. Universidad Autónoma Metropolitana. 2009.

SABEI, T. R. **Implementação de uma estação de tratamento de esgoto por Zona de Raízes na comunidade rural Colônia Mergulhão, São José dos Pinhais – PR.** 30fls. (monografia) Especialização em Economia e Meio Ambiente do Departamento de Economia Rural e Extensão, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo, SP: Editora Hucitec, Quinta edição, 1997.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCHERER L. **Roteirização turística no espaço rural: estudo longitudinal da Rota Colonial Baumschneis - Dois Irmãos, Rio Grande do Sul.** 269 f. Dissertação (mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

SEABRA, O. C. de L. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. **Revista Cidades.** v.1, n.2, 2004.

SEBEN, R.; SILVA, T. F. de. **Rede de cooperação entre pequenas empresas do setor turístico.** [S. l.]: SEBRAE, 2003.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade.** SP: Companhia das Letras, 2000.

SESSA, A. **La Scienza dei Sistemi per lo Sviluppo del Turismo.** Roma: Agnesotti. 1984.

SIKORA, M. A. **As políticas de imigração no Brasil nos séculos XIX e XX e o desenvolvimento de territórios**: Estudo de Caso da Colônia Dom Pedro II - (Campo Largo – Paraná) 2014. 210 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

_____. **Festa da Batatinha e Cultura Polonesa da Colônia Dom Pedro II**. Disponível em: <http://culturartepolonesa.blogspot.com.br/2017/07/>. Acesso em: 27 out. 2017.

SILVA J. A. S. A Dimensão Territorial no Planejamento do Desenvolvimento Turístico no Brasil: modelo do pólo de crescimento versus modelo territorialista e endógeno. **Turismo em Análise**, v. 17, n. especial, p. 5-23, janeiro 2006.

SILVA, C. A. da. **Análise sistêmica, turismo de natureza e planejamento ambiental de Brotas: proposta metodológica**. 347fl. Tese (Doutorado em geografia) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP. 2006.

SILVA, M. N. da. Produção dos espaços informais de moradia e tendências de organização socioespacial do território na metrópole de Curitiba. In: FIRKOWSKI O.; MOURA R. **Metrópoles: território, coesão social e governança demográfica. Curitiba: transformações na ordem urbana**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2014.

SILVEIRA, M. A. T. da. **Política de Turismo. Oportunidades ao Desenvolvimento Local** In: Turismo Rural. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2001.

SÍTIO RECANTO NATIVO. Pousada Recanto Nativo. Disponível em: <https://www.sitiorecantonativo.com/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

SMICTT – SECRETARIA MUNICIPAL DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO, TURISMO E TRABALHO DE COLOMBO. **Relatório do fluxo e perfil dos visitantes ao Parque Natural Gruta do Bacaetava no período de janeiro a dezembro de 2017**. 2017

SONEIRO, J. C. **Aproximación a la geografía del turismo**. Madrid: Síntesis, 1991.

SOTCHAVA, V. B. O estudo dos geossistemas. **Métodos em Questão**. São Paulo, n. 6, 1977. 50p.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão de urbanos. 5ª. Edição. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. et al. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

STRAHLER, A. N. Equilibrium theory of erosional slopes approached by frequency distribution analysis, I, II. **American Journal of Science**, 248: 678-696. 1950.

TAVARES, A. M. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

TROPMAIR, H. **Biogeografia e Meio Ambiente**. 6ª edição. Rio Claro: Divisa, 2004.

ULTRAMARI, C. MOURA, R. **Metrópole – Grande Curitiba: teoria e prática**. Curitiba: IPARADES, 1994.

URANO, D. G; SIQUEIRA, F. de S.; e NÓBREGA, W. R. de M. Enfoques teóricos sobre Redes de Turismo Comunitário. **Anais...** Seminário da Anptur 2015. ISSN2359-6805. Disponível em: http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DPD1_pdf/90.pdf. Acesso em: 08 fev. 2017.

VASCONCELOS, D. A. L. de. Turistificação do Espaço e Exclusão Social: a revitalização do bairro de Jaraguá, Maceió - AL, Brasil. **Turismo em Análise**, v. 16, n. 1, p. 47-67, maio 2005.

VEADO, R. W. V. **Geossistemas de Santa Catarina**. 315 f. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

VEIGA, J. E. A face territorial do desenvolvimento. **Revista Internacional do Desenvolvimento Local**, v. 3, n. 5, p. 5-19, set. 2002.

_____. **Cidades Imaginárias**. O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. **Desenvolvimento territorial do Brasil**: do entulho varguista ao zoneamento ecológicoeconômico. 2000. Mimeografado.

_____. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Convênio Fipe-IICA (MDA-CNDRS/NEAD), ago. 2001 (Série Textos para Discussão, n. 1).

VELASQUEZ, G. G. **A relação turismo e meio ambiente: uma proposta de sistema flexível de turismo**. 305fl. Tese (doutorado em Turismo e Hotelaria). Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria. Universidade do Vale do Itajaí, Campus Balneário Camboriú-SC. 2016.

VELASQUEZ, G. G; OLIVEIRA, J. P. Teoria Geral dos Sistemas e Turismo: reflexão e trajetória. **Investigaciones Turísticas**, N°11, enero-junio 2016, pp. 165-195.

VERA REBOLLO, J.F., et al. **Análise territorial do turismo e planejamento de destinos turísticos**. Valencia: Tirant lo Blanch. 2011.

VICENTE, L. E.; PEREZ FILHO, A. Abordagem Sistêmica e Geografia. **Geografia**. Rio Claro: v. 28, n. 3, p. 345-362, set./dez., 2003.

YÁZIGI, E. (org.) **Turismo e paisagem**. São Paulo. Contexto, 2002.

ZAGHENI, E. S. da S. **Estrutura de cooperação para redes interorganizacionais do turismo: um estudo no município de Itajaí-SC**. (Tese) Doutorado em Engenharia de Produção – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2011.

ZAI, C.; SAHR, C. L. L. 'Circuito Italiano de Turismo Rural' de Colombo/PR: Estratégia de desenvolvimento territorial? In: VIII CIETA - Congresso Iberoamericano de Estudios Teritoriales y Ambientales, 2018, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2018.

_____. Roteirização turística e desenvolvimento territorial: experiências no Caminho do Vinho em São José dos Pinhais/PR. In: VIII SIMPGEO- Simpósio Paranaense de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2016, Marechal Cândido Rondon. **Anais...** Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2016. p.145-154.

FONTES DE INFORMAÇÃO VERBAL

ALEX, M. Entrevista concedida em 08/07/2018 em Campo Largo - PR.

BARBOSA JUNIOR, A. Entrevista concedida em 28/04/2018 em Campo Largo - PR.

BAUDY, S. Entrevista concedida em 22/04/2018 em Colombo - PR.

BIERNASKI, R. Entrevista concedida em 08/07/2018 em Campo Largo - PR.

BONIN, A. Entrevista concedida em 08/02/2018 em Colombo - PR.

BONIN, A. Entrevista concedida em 14/03/2019 em Colombo - PR.

BUSATO, G. M. Entrevista concedida em 06/07/2019 em Colombo - PR.

CORDEIRO, J. R. A. Entrevista concedida em 22/04/2018 em Colombo - PR.

DAL SANTOS, J. S. Entrevista concedida em 20/01/2019 em Campo Magro - PR.

FILA, S. M. Entrevista concedida em 07/08/2018 em São José dos Pinhais - PR.

GENARI, D. R. Entrevista concedida em 28/04/2018 em Campo Largo - PR.

GOMES, A. A. Entrevista concedida em 22/04/2018 em Colombo - PR.

HIRAIWA, V. L. T. Entrevista concedida em 28/04/2018 em Campo Largo - PR.

KADLUBISKI, J. N. Entrevista concedida em 08/04/2018 em Campo Magro - PR.

KLAINA, A. Entrevista concedida em 08/04/2018 em Campo Magro - PR.

KREFER, L. N. Entrevista concedida em 24/03/2019 em São José dos Pinhais - PR.

KUZMA, M. D. Entrevista concedida em 07/08/2018 em São José dos Pinhais - PR.

LIMA, A. I. de. Entrevista concedida em 22/02/2017 em Campo Largo - PR.

MAESKI, E. Entrevista concedida em 14/02/2018 em Campo Magro - PR.

MAIA, V. Entrevista concedida em 18/02/2018 em Colombo - PR.

MARTINHAGO, A. Entrevista concedida em 15/03/2019 em Curitiba - PR.

MARTINHAGO, A. Entrevista concedida em 29/08/2017 em Curitiba - PR.

MIKOSKI, M. F. Entrevista concedida em 14/03/2018 em Colombo - PR.

MODENA, A. Entrevista concedida em 20/05/2018 em São José dos Pinhais - PR.

NEUMAN, A. Entrevista concedida em 20/05/2018 em São José dos Pinhais - PR.

NOGOSEKI, M. M. Entrevista concedida em 14/12/2018 em São José dos Pinhais - PR.

ROSA, M. J. B. da. Entrevista concedida em 16/06/2019 em São José dos Pinhais - PR.

SANTOS, J. A. Entrevista concedida em 22/04/2018 em Colombo - PR.

SCHEFFER, E. Entrevista concedida em 28/04/2018 em Campo Largo - PR.

SCROBOTE, B. Entrevista concedida em 03/07/2016 em São José dos Pinhais - PR.

SCROBOTE, B. Entrevista concedida em 08/03/2019 em São José dos Pinhais - PR.

STRAPASSON, P. H. Entrevista concedida em 04/02/2018 em Colombo – PR.

TOZETTO, E. C. Entrevista concedida em 20/12/2018 em Campo Magro - PR.

VALLIM, J. M. da A. Entrevista concedida em 28/06/2016 em Campo Magro - PR.

VANES, F. P. Entrevista concedida em 07/08/2018 em São José dos Pinhais - PR.

ZANCHETTA, J. A. Entrevista concedida em 03/08/2016 em São José dos Pinhais - PR.

ZANCHETTA, J. A. Entrevista concedida em 23/03/2019 em São José dos Pinhais - PR.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE TURISMO E REPRESENTANTE DO PODER PÚBLICO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do Roteiro**
- **Nome da Associação do Roteiro**
- **Nome do(a) Presidente da Associação ou Gestor Público**
- **(Se gestor) Função do(a) Representante do Poder Público**
- **Dados de Contato** (endereço, telefone, email, site, etc)
- **Localização do Roteiro**

2. DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DO ROTEIRO (ATRATIVOS, POTENCIAIS E INFRAESTRUTURA)

- 1. Quantos empreendimentos compreendem o roteiro atualmente?**
- 2. Quais são os atrativos naturais que integram o roteiro?** (Montanhas, rios, cavernas, cachoeiras, clima, fauna, flora ...)
- 3. Quais são os atrativos culturais que integram o roteiro?** (artesanato, culinária, museus, festas folclóricas, casas históricas e outras manifestações)
- 4. Quais são os atrativos produtivos que integram o roteiro?** (Produção de frutas, verduras, agricultura, pecuária, piscicultura, extrativismo, vinícolas, restaurantes ...)
- 5. Existem atrativos de cunho técnico, científico e artístico que integram o roteiro?** (Museus naturais, observatórios, aquários, etc.) **Quais?**
- 6. Outros atrativos agregados ao roteiro?** (atividades esportivos, místicas, agropecuárias...)
- 7. Existem eventos especiais que mobilizam a visitação de turistas em determinadas épocas do ano? Em caso positivo, quais?** (Festas, Comemorações...)
- 8. Quais são os equipamentos, serviços e infraestrutura de apoio ao turismo que o roteiro possui?** (sinalização, transporte, guias, posto de informações....)
- 9. O roteiro possui rede pública de distribuição de água, rede pública de coleta e tratamento de esgoto e destinação pública de resíduos?**

10. No que este roteiro se diferencia de outros ofertados na Região Metropolitana de Curitiba? (diferencial do roteiro)

3. DADOS DE PLANEJAMENTO E GESTÃO (AUTOGOVERNANÇA)

1. Antes de iniciarem neste local os primeiros empreendimentos ligados ao turismo, que tipo de atividades econômicas eram desenvolvidas nas propriedades?
2. Em que ano começou a oferta turística neste local e quais foram os primeiros empreendimentos?
3. Estes primeiros empreendimentos foram de iniciativa local ou teve apoio de alguma ONG ou do Poder Público?
4. As atividades turísticas visaram substituir as atividades econômicas que eram empreendidas anteriormente ou se agregaram a estas?
5. Em que ano os empreendimentos começaram a se articular entre si e quem teve esta iniciativa? Teve apoio de alguma ONG ou do Poder Público?
6. Em que ano se criou a Associação do Roteiro e quem teve esta iniciativa? (poder público, empresários e sociedade civil) Teve apoio de alguma ONG ou do Poder Público?
7. Que transformações ocorreram no local em termos de infraestrutura após a implantação da Associação do Roteiro?
8. Que transformações ocorreram nos empreendimentos individuais após a implantação da Associação do Roteiro?
9. Qual é a situação atual da Associação?
10. (Se inativa) Qual foi a causa da desativação da Associação?
11. (Se inativa) De que outra maneira os empreendedores do roteiro se organizam atualmente?
12. Atualmente existem propriedades que sobrevivem apenas das atividades turísticas, tendo abandonado totalmente as atividades que empreendiam anteriormente? Em caso positivo, quais são elas.
13. Existe concorrência entre empreendimentos dentro do próprio Roteiro? Em caso positivo como são tratadas estas questões pela Associação.
14. Houve em algum momento a realização de um Estudo de Viabilidade Técnica do Roteiro? Em caso positivo indicar o ano, quem realizou, como

foi financiado e se foi uma iniciativa interna ou apoiada por alguma ONG ou Poder Público. (Estudos, Projetos, Inventários...)

15. Houve em algum momento a realização de atividades de Capacitação dos empreendedores? Em caso positivo indicar o ano, quem realizou, como foi financiado e se foi uma iniciativa interna ou apoiada por alguma ONG ou Poder Público. (Seminários, Cursos, Oficinas...)
16. A mão de obra utilizada nos empreendimentos é familiar ou externa? Qual o percentual de empregabilidade destes dois grupos.
17. Como sobrevive/sobrevivia a Associação do Roteiro em termos financeiros e quais atividades são/eram desenvolvidas por ela?
18. (Se inativa) Como sobrevive a organização atual em termos financeiros e quais atividades são desenvolvidas por ele?
19. Quantos dos empreendimentos do roteiro participavam/participam da Associação?
20. (Se inativa) Quantos participam atualmente da nova organização?
21. De que forma ocorre a participação do empreendedor nas atividades da Associação/ Conselho?
22. Há potencialidade para qualificar os empreendimentos que compõe o Roteiro? Em que pontos é possível haver melhorias.
23. Há potencialidade para expansão do roteiro e/ou dos empreendimentos no Roteiro? Em caso positivo, quais são estas potencialidades.
24. Quais são as ferramentas de marketing utilizadas pela Associação/Conselho para divulgar o roteiro?
25. A Associação possui/possuía parcerias com parceiros reais e potenciais, como o Sistema S (SENAI, SESC, SENAC, SEBRAE, SENAR e SESCOOP), instituições de ensino técnico e superior na área de turismo? (Se inativa) E a organização atual?
26. (Se inativa) A organização atual possui parcerias com parceiros reais e potenciais, como o Sistema S instituições de ensino técnico e superior na área de turismo?

4. RELAÇÕES COM O AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA

1. **A proximidade do Roteiro em relação ao Aglomerado Urbano de Curitiba traz benefícios à exploração comercial deste?**
2. **Há uma estimativa de quantos turistas visitam o roteiro?** (por final de semana, semana, mês, ano)
3. **Que tipo de turistas faz a visitação do roteiro e qual meio de transporte utilizado?** (ônibus, vans, carros particulares – idosos, jovens, crianças...)
4. **Como o turista tem acesso local as informações sobre o Roteiro – Percursos e Atrativos?** (folder, sinalização ...)
5. **Qual o tempo médio utilizado pelo turista na visitação do roteiro?**
6. **Qual o gasto médio do turismo no consumo das ofertas do roteiro?**
7. **Qual o percentual destes turistas que provêm do Aglomerado Urbano de Curitiba?**
8. **De que outras localidades provêm os turistas além de Curitiba?**
9. **Como é feita a comercialização do Produto Roteiro em Curitiba?**
10. **Existem parcerias entre a Associação/Conselho e Agências de Turismo em Curitiba ou outro local? Em caso positivo quais?**
11. **Há potencialidade para o aumento do número de turistas no Roteiro?** (articulação entre oferta e demanda)
12. **Existem períodos de sazonalidade no roteiro?** (alta e baixa temporada, picos de visitação.) **Quando?**

5. IMPACTOS/EFEITOS/CONSEQUÊNCIAS DO TURISMO NA LOCALIDADE

1. **Que tipo de efeito negativo pode ser observado em função da visitação dos turistas na localidade? Descreva.** (Ambiental - aumento da erosão do solo, poluição, geração de lixo, devastação dos ecossistemas locais..., Sociocultural - descaracterização cultural, aumento da criminalidade, prostituição ..., Econômico - aumento do custo de vida, amplo crescimento do fluxo de imigrantes, ampliação das desigualdades ...)
2. **Que tipo de efeito positivo pode ser observado em função da visitação dos turistas na localidade? Descreva.** (Ambiental, Sociocultural e Econômico)

APÊNDICE 2 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPREENDEDOR SÓCIO ATIVO/INATIVO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Nome do empreendimento
- Nome do(a) Empreendedor(a)
- Dados de Contato (endereço, telefone, email, site, etc)
- Localização do empreendimento
- Roteiro a que pertence(u)
- Associação de Roteiro da faz/fez parte

2. DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO (ATRATIVOS, POTENCIAIS E INFRAESTRUTURA)

1. Em que ano começou a oferta turística nesta propriedade?
2. Antes de iniciar as atividades ligadas ao turismo, que tipo de atividades econômicas eram desenvolvidas nesta propriedade?
3. As atividades citadas na questão anterior ainda se mantém (total ou parcialmente) na propriedade?
4. Qual é a principal característica de seu empreendimento turístico? (natural, cultural, produtivo)?
5. A mão de obra utilizada no empreendimento é familiar ou externa? Qual o percentual em cada um destes grupos?
6. Seu empreendimento turístico se mantém como na sua inauguração ou sofreu transformações durante a sua trajetória? (ramo, infraestrutura, mão de obra, qualificação) Em caso positivo quais foram elas?
7. Quais são as ferramentas de marketing utilizadas para divulgar o empreendimento?
8. Existe potencial para expansão de seu empreendimento? Como planeja tal ação?

3. DADOS DE PLANEJAMENTO E GESTÃO (AUTOGOVERNANÇA)

1. Seu empreendimento faz parte do roteiro turístico da localidade?

2. O senhor(a) participou da criação desse roteiro? Em caso positivo, de que forma?
3. Que benefícios ou malefícios a criação do roteiro trouxe para seu empreendimento?
4. Seu empreendimento encontra-se vinculado a associação do roteiro?
5. O senhor(a) participou da criação da associação do roteiro na localidade? Em caso positivo, de que forma?
6. Que benefícios ou malefícios a criação da associação trouxe para seu empreendimento?
7. Existem eventos especiais que mobilizam a visita de turistas em determinadas épocas do ano no roteiro? (Festas, Comemorações, caminhadas...) Em caso positivo, quais? Eles trazem visitantes para este empreendimento?

4. RELAÇÕES COM O AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA

8. A proximidade do empreendimento em relação ao Aglomerado Urbano de Curitiba traz benefícios à sua exploração comercial?
9. Há uma estimativa de quantos turistas visitam o empreendimento? Qual percentual destes provém do Aglomerado Urbano de Curitiba? Qual percentual vem de outras localidades? Quais localidades são estas?
10. Que tipo de turistas faz a visita do empreendimento? Quanto ao meio de transporte? (ônibus, vans, carros particulares) Quanto à faixa etária? (idosos, jovens, crianças...)
11. Qual o tempo médio utilizado pelo turista na visita do empreendimento?
12. Qual o gasto médio de cada turista em seu empreendimento?

APÊNDICE 3 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DA COMUNIDADE LOCAL

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do Roteiro**
- **Nome do entrevistado**
- **Dados de Contato do entrevistado (endereço, telefone, email)**

2. DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DO ROTEIRO (ATRATIVOS E POTENCIAIS, INFRAESTRUTURA)

- 1. Há quantos anos reside nesta localidade?**
- 2. Conheceu a localidade antes de existir nela atividades turísticas? Em caso positivo, descreva as características da localidade naquele momento.**
- 3. Conhece o roteiro de turismo em funcionamento na localidade?**
- 4. Conhece algum atrativo natural que integra o roteiro? Qual?** (Montanhas, rios, cavernas, cachoeiras, clima, fauna, flora ...)
- 5. Conhece os atrativos culturais que integram o roteiro? Quais?** (artesanato, culinária, museus, festas folclóricas, casas históricas e outras manifestações)
- 6. Conhece os atrativos produtivos que integram o roteiro? Quais?** (Produção de frutas, verduras, agricultura, pecuária, piscicultura, extrativismo, vinícolas, restaurantes ...)
- 7. Conhece algum atrativo de cunho técnico, científico e artístico que integra o roteiro? Qual?** (Museus naturais, observatórios, aquários, etc.)
- 8. Já participou de eventos especiais que mobilizam a visitação de turistas no roteiro? Em caso positivo, quais?** (Festas, Comemorações...)
- 9. Conhece os equipamentos e serviços turísticos, bem como de infraestrutura de apoio que o roteiro possui?** (sinalização, transporte, guias, posto de informações ...)

3. IMPACTOS/EFEITOS/CONSEQUÊNCIAS DO TURISMO NA LOCALIDADE

1 - NEGATIVO

Que tipo de efeito negativo ambiental pode ser observado em função da visita dos turistas na localidade? (Aumento da erosão do solo, poluição, geração de lixo, devastação dos ecossistemas locais ...)

Que tipo de efeito negativo sociocultural pode ser observado em função da visita dos turistas na localidade? (Descaracterização cultural, aumento da criminalidade, prostituição ...)

Que tipo de efeito negativo econômico pode ser observado em função da visita dos turistas na localidade? (Aumento do custo de vida, crescimento do fluxo de imigrantes para a localidade, ampliação das desigualdades ...)

2 - POSITIVO

Que tipo de efeito positivo ambiental pode ser observado em função da visita dos turistas na localidade? (manutenção das áreas verdes protegidas, aumento das atividades ligadas à educação ambiental, melhoria da coleta e destinação do lixo ...)

Que tipo de efeito positivo sociocultural pode ser observado em função da visita dos turistas na localidade? (consolidação da identidade cultural, valorização de atividades típicas locais - danças, música, folclore, artesanato, gastronomia -, recuperação do patrimônio histórico e cultural ...)

Que tipo de efeito positivo econômico pode ser observado em função da visita dos turistas na localidade? (diversificação das atividades econômicas na localidade, aumento dos postos de trabalho, aumento da renda média da comunidade ...)

APÊNDICE 4 – ROTEIRO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE VISITANTE

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- **Nome do Roteiro**
- **Nome do Atrativo que está visitando**
- **Nome completo do entrevistado**
- **Dados de Contato do entrevistado (endereço, telefone, email, site, etc)**
- **Município de residência do entrevistado**

2. DADOS DA VISITAÇÃO

- 1. Como ficou sabendo deste roteiro de turismo?**
- 2. Com que frequência vem a este roteiro?**
- 3. Conheceu esta localidade antes de existir nela atividades turísticas? Em caso positivo, descreva as características da localidade naquele momento.**
- 4. Já visitou outros roteiros de turismo rural na Região Metropolitana de Curitiba? Quais?**
- 5. Que atrativos naturais deste roteiro já visitou ou visitará hoje? (Montanhas, rios, cavernas, cachoeiras, clima, fauna, flora ...)**
- 6. Que atrativos culturais deste roteiro já visitou ou visitará hoje? (artesanato, culinária, museus, festas folclóricas, casas históricas e outras manifestações)**
- 7. Que atrativos produtivos deste roteiro já visitou ou visitará hoje? (Produção de frutas, verduras, agricultura, pecuária, piscicultura, vinícolas, restaurantes ...)**
- 8. Que atrativos de cunho técnico, científico e artístico deste roteiro já visitou ou visitara hoje? (Museus naturais, observatórios, aquários, etc.)**
- 9. Esta visitando o atrativo sozinho ou acompanhado? (companheiro/a, família, amigos, excursão ...)**
- 10. Que meio de transporte esta utilizando nesta visita? (carro particular, moto, ônibus de excursão ...)**
- 11. Qual seu grau de satisfação com este atrativo? Quais os aspectos positivos e negativos dele?**
- 12. Qual seu grau de satisfação com este roteiro? Quais os aspectos positivos e negativos dele?**

APÊNDICE 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____, CPF _____, RG _____, através do presente termo AUTORIZO a pesquisadora Clotilde Zai a fazer uso de minha imagem e/ou depoimentos obtidos na entrevista realizada no dia ____/____/____, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, com a finalidade de emprego em sua pesquisa de tese de doutorado intitulada “ROTEIRIZAÇÃO TURÍSTICA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: O ENTORNO RURAL DO AGLOMERADO URBANO DE CURITIBA/PR”, vinculada Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, bem como empregar em trabalhos e artigos científicos resultantes de sua tese.

Curitiba, ____ de _____ de 201__.

Clotilde Zai
Aluna do PPG Geografia da UFPR
Pesquisadora responsável pelo projeto

Entrevistado